

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA E SOCIEDADE

ANA LÚCIA BARBOSA MONTEIRO

**AS RELAÇÕES DE TRABALHO E AS RELAÇÕES AFETIVAS COMO VEÍCULOS
DE SOCIABILIDADE DO INDIVÍDUO, NA OBRA *ALGUÉM PARA AMAR A VIDA
INTEIRA*, DE RONIWALTER JATOBÁ**

TESE

CURITIBA
2021

ANA LÚCIA BARBOSA MONTEIRO

AS RELAÇÕES DE TRABALHO E AS RELAÇÕES AFETIVAS COMO VEÍCULOS DE SOCIABILIDADE DO INDIVÍDUO, NA OBRA *ALGUÉM PARA AMAR A VIDA INTEIRA*, DE RONIWALTER JATOBÁ

WORK RELATIONSHIPS AND EMOTIONAL RELATIONSHIPS AS CHANNELS FOR THE INDIVIDUAL'S SOCIABILITY IN THE NOVEL "SOMEONE TO LOVE A WHOLE LIFE", BY RONIWALTER JATOBÁ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Tecnologia e Sociedade.

Área de Concentração: Tecnologia e Trabalho.

Linha de Pesquisa: Trabalho e Sociedade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Angela Maria Rubel Fanini

CURITIBA
2021



<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Esta licença permite compartilhamento, remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que sejam atribuídos créditos à autora. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



**Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Curitiba**



ANA LUCIA BARBOSA MONTEIRO

AS RELAÇÕES DE TRABALHO E AS RELAÇÕES AFETIVAS COMO VEÍCULOS DE SOCIABILIDADE DO INDIVÍDUO, NA OBRA ALGUÉM PARA AMAR A VIDA INTEIRA, DE RONIWALTER JATOBÁ.

Trabalho de pesquisa de doutorado apresentado como requisito para obtenção do título de Doutora Em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).
Área de concentração: Tecnologia E Sociedade.

Data de aprovação: 11 de Fevereiro de 2021

Prof.a Angela Maria Rubel Fanini, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof Domingos Leite Lima Filho, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof Erike Luiz Vieira Feitosa, Doutorado - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (Ifpr)

Prof.a Marcia Dos Santos Lopes, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof Paulo Henrique Da Cruz Sandrini, Doutorado - Centro Universitário Campos de Andrade (Uniandrade)

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 15/02/2021.

Ao meu grande amor, meu pai, Edivalson Monteiro (*in memoriam*). A imensidão de tua bondade habita eternamente minha alma. Tantas saudades!

Ao meu inesquecível irmão, Josivaldo Monteiro (*in memoriam*). Tua doçura vive em mim.

AGRADECIMENTOS

Às tantas vezes que, em muitos momentos dessa longa caminhada de conhecimento, foram pontos e contrapontos de muitas interlocuções. Minha gratidão sempre.

À professora Angela Maria Rubel Fanini, minha orientadora, pelo apoio acadêmico e afetivo ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Muito mais do que me orientar, compartilhou comigo momentos de conhecimento pleno sobre a vida. Obrigada por ser essa pessoa iluminada, conduzindo-me com profissionalismo, tenacidade, ética, dedicação e competência na construção deste trabalho. Agradeço pelo aconchego, carinho, por tantos diálogos e, mais que tudo, pela convivência tão respeitosa e amorosa estabelecida entre nós.

À Universidade Federal do Piauí (UFPI) e ao Colégio Técnico de Bom Jesus/PI, por viabilizar as condições imprescindíveis para que eu pudesse participar do projeto DINTER UTFPR/UFPI.

Aos coordenadores do Projeto DINTER: Prof. Dr. Francisco de Assis Sinimbú Neto; Prof.^a Dra. Maria da Glória Carvalho Moura, Prof. Dr. Domingos Leite Lima Filho, Prof.^a Dra. Faimara do Rocio Strauhs, meus sinceros agradecimentos pelo apoio institucional necessário para que eu pudesse participar do projeto DINTER UTFPR/UFPI.

Aos membros da Banca de Qualificação: Prof.^a Dra. Márcia do Santos Lopes, Prof.^a Dra. Maria da Glória Soares Barbosa Lima, Prof. Dr. Paulo Henrique da Cruz Sandrini, Prof. Dr. Domingos Leite Lima Filho, pelas contribuições e sugestões dadas na qualificação, transformando esse momento discursivo em aprendizagens significativas para produção desta tese. E, ainda, ao jornalista Dr. Erike Luiz Vieira Feitosa, por aceitar prontamente fazer parte da Banca de Defesa.

A toda equipe do PPGTE, pelo acolhimento e carinho.

À minha grande e querida família: minha mãe Nevi, pelo apoio incondicional e pela compreensão nos momentos de ausência, às vezes, perseguidos por constantes dúvidas sobre o mundo acadêmico, tão diferente do seu; a meus irmãos e irmãs (Junival, Nida, Zia, Antonio Carlos, Cida, Edivalzinho, Carlim e Toíta), pelo apoio irrestrito e incentivo reiterado a cada encontro, amo muito vocês. A meus sobrinhos e minhas sobrinhas, por acreditarem em mim e pelos momentos de força e entusiasmo e amor compartilhado.

Aos amigos e amigas do CTBJ, pelo entusiasmo, incentivo e carinho, particularmente ao professor Tetuca, por ter-me viabilizado condições de trabalho para dedicar-me à tese.

Aos colegas da turma de doutorado que, em um momento ou outro de nossas interlocuções, enriqueceram-me com afetos e conhecimentos, especialmente a Cris e o Maurício que dividiram comigo noites de estudos, longas viagens distantes do convívio familiar, muitas tensões, alegrias...

As minhas amigas/irmãs Kathia, Margô e Dilva, pelas palavras de amor, carinho e muita amizade.

Ao Valmir, meu companheiro, por ser essa pessoa tão luz na minha vida.

À Deus, por ter me concedido, através de sua bondade infinita, a edificação deste projeto de vida: o doutorado. Muitas glórias meu bom Deus!

O excedente da minha visão contém em germe a forma acabada do outro, cujo desabrochar requer que eu lhe complete o horizonte sem lhe tirar a originalidade. Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê; devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo, fora dele; devo emoldurá-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento (BAKHTIN, 2000, p.45).

RESUMO

MONTEIRO, Ana Lúcia Barbosa. **As relações de trabalho e as relações afetivas como veículos de sociabilidade do indivíduo, na obra *Alguém para amar a vida inteira*, de Roniwalter Jatobá.** 2021. 181f. Tese (Doutorado Interinstitucional em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2021.

Esta tese analisa as relações de trabalho e as relações afetivas como veículos de sociabilidade do indivíduo, na obra *Alguém para amar a vida inteira*, de Roniwalter Jatobá, cuja produção literária tem se debruçado sobre a vida do trabalhador brasileiro, demonstrando que o universo laboral, embora funesto e árduo, também propicia amor, fraternidade e sociabilidade entre os trabalhadores. A narrativa apresenta personagens trabalhadores, cujas vozes têm foco no mundo do trabalho e nas relações afetivas, no interior da fábrica e nos ambientes e nos ambientes exteriores a ela. As questões relacionadas ao universo do trabalho avultam na obra desse escritor, dando sentido à vida dos personagens. Jatobá tem realizado importantes inserções na ficção contemporânea com temática pouco explorada na literatura brasileira canônica: condições de vida do trabalhador brasileiro migrante. Para Jatobá, a condição humana não deve se situar desvinculada, do ponto de vista social e político, da literatura. Vida e arte estão em constantes relações dialógicas. A pesquisa segue a orientação metodológica da Análise Dialógica do Discurso (ADD), presente em Mikhail Bakhtin e o Círculo, articulando-se discurso literário e vida. Quanto à problematização sobre o universo do trabalho, apoia-se, sobretudo, nas reflexões marxistas de Georg Lukács, Ricardo Antunes, Karl Marx e Friedrich Engels, Richard Sennett e André Gorz. No campo da literatura, as reflexões teóricas empreendidas se fundamentam em Alfredo Bosi, Antônio Candido e Bakhtin e o Círculo, vinculando-se literatura e sociedade. Os resultados obtidos apontam que o escritor, literariamente, constrói discursos críticos sobre o universo do trabalho, no conturbado contexto industrial da cidade de São Paulo, no Brasil urbano do século XX. As narrativas retratam uma identidade para o trabalhador brasileiro que é configurada em um cenário de confrontos éticos e luta pela sobrevivência, em que as tensões sociais manifestam severas relações de submissão e autoritarismo no mundo do trabalho. Concorrem, nesse universo, as relações de trabalho e as relações afetivas. Desta forma, o universo laboral, embora funesto e árduo, também propicia amor, sociabilidade e fraternidade entre os trabalhadores, possibilitando a educação sentimental das personagens, implicando, em certos momentos, redenção do caráter, como foi o caso do protagonista Jacinto, que mesmo imergido no amargo mundo do trabalho, após o intenso confronto ético, foi habilmente capaz de envolver-se por um sentimento puro, singelo e bonito, como o amor. Esse sentimento fez com que Jacinto quebrasse as amarras e refizesse a narrativa da própria vida, rendendo-se aos encantos de Emília Emiliano, *Alguém para Amar a Vida Inteira*. Assim, o trabalho opera como um meio a partir do qual o sujeito se constrói social e historicamente no cotidiano laboral, em conflito e em encontro com os pares. Andam a *pari* passo, a atividade laboral e a reflexão discursiva sobre o trabalho, demonstrando que as personagens não somente trabalham, como também empreendem uma reflexão sobre a vida. Linguagem e trabalho se inter-relacionam no universo literário jatobiano. O discurso literário não é estranho aos eventos do mundo. Há entre a arte e a vida uma corrente comunicativa, uma interlocução viva, mediada por posições axiológicas.

Palavras-chave: Discurso. Trabalho. Afetos. Roniwalter Jatobá. Literatura Brasileira Contemporânea.

ABSTRACT

MONTEIRO, Ana Lúcia Barbosa. **Work relationships and emotional relationships as channels for the individual's sociability in the novel "Someone to Love a Whole Life", by Roniwalter Jatobá.** 2021. 181f. Thesis (Interinstitutional Doctorate in Technology and Society) – Graduate Program in Technology and Society, Federal University of Technology – Paraná. Curitiba-Paraná, Brazil, 2021.

This thesis analyzes work relationships and emotional relationships as channels for the individual's sociability in the novel "Someone to Love a Whole Life", by Roniwalter Jatobá, whose literary production has focused on the life of Brazilian workers, demonstrating that the labor world, despite dreadful and arduous, provides love, fraternity, and sociability among workers. The narrative features hardworking characters, whose voices focus on the labor world and emotional relationships, within and outside the work environment. Issues related to the labor universe are prominent in the work of this writer, giving meaning to the characters' lives. Jatobá has made important insertions in contemporary fiction with an under-explored theme in canonical texts of Brazilian literature: living conditions of Brazilian migrant workers. For Jatobá, human condition should not have an innocuous status in literature, from a social and political point of view. Life and art are in constant dialogical relationships. The research follows the methodological orientation of the Dialogic Discourse Analysis (DDA), present in Mikhail Bakhtin and the Circle, articulating literary discourse and life. As for the problematization of the work universe, it is primarily based on the Marxist reflections of Georg Lukács, Ricardo Antunes, Karl Marx and Friedrich Engels, Richard Sennett, and André Gorz. In the field of literature, the theoretical reflections conducted are based on Alfredo Bosi, Antônio Candido and Bakhtin and the Circle, connecting literature and society. Results obtained indicate that the writer literarily constructs critical discourses about the work universe in the troubled industrial context of the city of São Paulo, in twentieth-century urban Brazil. The narratives portray an identity for Brazilian workers shaped in a scenario of ethical confrontations and struggle for survival, in which social tensions manifest severe relations of submission and authoritarianism in the labor world. In this universe, work relationships and emotional relationships compete. Therefore, the work universe, despite dreadful and arduous, provides love, sociability, and fraternity among workers, enabling the characters' sentimental education, implying, in certain moments, character redemption, such as the case of the protagonist Jacinto, which although immersed in the bitter labor world, after intense ethical confrontation, was skillfully able to get involved in a pure, simple, and beautiful feeling, like love. This feeling made Jacinto break the bonds and redesign his own life narrative, surrendering to the charms of Emília Emiliano, *Someone to Love a Whole Life*. Thus, work constitutes a means from which the subject is socially and historically built in daily work, in conflict and in harmony with peers. Both labor activity and discursive reflection on work go hand in hand, demonstrating that the characters not only work, but also ponder on material life. Language and work are interrelated in Jatobá's literary universe. Literary discourse is no stranger to world events. There is a communicative current between art and life, a lively dialogue, measured by axiological positions.

Keywords: Discourse. Work. Affections. Roniwalter Jatobá. Contemporary Brazilian Literature.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-----------------|---|
| ADD | Análise Dialógica do Discurso |
| ANPOLL | Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CNPq | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico |
| CTBJ | Colégio Técnico de Bom Jesus |
| DINTER | Doutorado Interinstitucional |
| ECA | Escola de Comunicação e Artes |
| FACAMP | Faculdades de Campinas |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| PCB | Partido Comunista Brasileiro |
| PPGED | Programa de Pós-Graduação em Educação |
| PPGTE | Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade |
| REDD | Revista Espaço de Diálogo e Desconexão |
| TCC | Trabalhos de Conclusão Curso |
| UESPI | Universidade Estadual do Piauí |
| UEC | Universidade Estadual de Campinas |
| UEM | Universidade Estadual de Maringá |
| UFPI | Universidade Federal do Piauí |
| UNESP | Universidade Estadual Paulista |
| UNICAMP | Universidade Estadual de Campinas |
| UNIOESTE | Universidade Estadual do Oeste do Paraná |
| USP | Universidade de São Paulo |
| UTFPR | Universidade Tecnológica Federal do Paraná |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1 DISCURSOS INICIAIS..... | 11 |
| 1.1 CONTEXTO E REFLEXÕES | 12 |
| 1.2 JUSTIFICANDO NOSSAS ESCOLHAS: CONTEXTO ENUNCIATIVO | 23 |
| 1.3 DIÁLOGOS COM A TEMÁTICA DA PESQUISA: CONTEXTO DISCURSIVO ... | 27 |
| 1.4 METODOLOGIA: ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO..... | 32 |
| 2 OS DISCURSOS QUE ENREDAM O ESCRITOR RONIWALTER JATOBÁ..... | 40 |
| 2.1 NARRATIVAS DE VIDA..... | 41 |
| 2.2 AS VOZES SOBRE A OBRA DE RONIWALTER JATOBÁ: UM CONTEXTO COMTEMPORÂNEO DE LEITURA | 54 |
| 2.2.2 Discursos acadêmicos | 64 |
| 2.2.3 O autor por ele mesmo: discursos do autorretrato | 70 |
| 3 O ROMANCE EM BAKHTIN: MANIFESTAÇÃO DE UM CIRCUITO DE VOZES, DIÁLOGOS ENTRE CONSCIÊNCIAS SOCIOIDEOLÓGICAS | 82 |
| 4 DISCURSOS SOBRE O MUNDO DA ARTE E O MUNDO DO TRABALHO | 99 |
| 4.1 ARTE DA PALAVRA | 99 |
| 4.2 O TRABALHO E SUA RELAÇÃO COM A ARTE LITERÁRIA..... | 107 |
| 5 CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS SOBRE AS RELAÇÕES DE TRABALHO E RELAÇÕES AFETIVAS EM JATOBÁ | 120 |
| 5.1 CONTEXTO ENUNCIATIVO E FORMAL DA OBRA | 120 |
| 5.2 TRABALHO E AFETO: CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS..... | 126 |
| 6 ENTRELACANDO DISCURSOS: CONSIDERAÇÕES FINAIS | 159 |
| REFERÊNCIAS | 163 |
| ANEXO A – CAPA DE <i>ALGUÉM PARA AMAR A VIDA INTEIRA</i>..... | 171 |
| ANEXO B - FOLHA DE ROSTO DE <i>ALGUÉM PARA AMAR A VIDA INTEIRA</i>... | 172 |
| ANEXO C - ENTREVISTA COM RONIWALTER JATOBÁ, PUBLICADA NO COMOEUESCREVO.COM (@COMOEUESCREVO) EM 18/8/2018 | 173 |
| ANEXO D – CARTA A SÃO PAULO, POR JATOBÁ..... | 177 |
| ANEXO E – ENTREVISTA COM RONIWALTER JATOBÁ, PUBLICADA NO JORNAL O ESTADO DE MINAS, EM PUBLICADO 14/09/2012..... | 178 |

1 DISCURSOS INICIAIS

Não é à toa que entendo os que buscam caminho. Como busquei arduamente o meu! E como hoje busco com sofreguidão e aspereza o meu melhor modo de ser, o meu atalho, já que não ousa mais falar em caminho. Eu que tinha querido. O caminho, com letra maiúscula, hoje me agarro ferozmente à procura de um modo de andar, de um passo certo. Mas o atalho com sombras refrescantes e reflexo de luz entre as árvores, o atalho onde eu seja finalmente eu, isso não encontrei. Mas sei de uma coisa; meu caminho não sou eu, é o outro, são os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro, estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada (LISPECTOR, 1968, p. 48).

Para trabalhar na produção desta tese, colocamo-nos em posição de interlocução com diferentes campos de estudo, vivências e experiências cotidianas. Para isso, lançamos mão de um embate dialógico povoado de diferentes vozes e línguas sociais. Assim, nesse evento elocutivo, mais que o clássico diálogo realizado de maneira direta, tomando por base os conceitos teórico/filosóficos de Bakhtin e o Círculo, aderimos ao grande diálogo. “[...] o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como uma comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 219).

Sob essa perspectiva, realizamos uma sucessão de leituras que transitava pendularmente, ora entre as de natureza científico/filosóficas, acadêmicas, sociológicas e pedagógicas, ora entre as de gêneros informais. Além disso, somando-se a esse horizonte discursivo, em um contexto sociointerativo, a elaboração dos enunciados desta tese também foi mediada por lembranças, telefonemas, *e-mails* e longas conversas, muitas vezes, puramente fortuitas. Experiências sólidas que nutriram gradativamente a formulação de nosso pensamento. Dito de outra maneira, a escrita desta tese resulta de um emaranhado de vozes vindo de diferentes contextos discursivos: fontes teóricas, pessoas de tempos, ambientes e lugares distintos.

Bakhtin (2014), ao tratar da amplitude contextual que envolve um processo dialógico entre as várias linguagens, afirma: “O diálogo das linguagens não é somente diálogo das forças sociais na estática de suas coexistências, mas é também o diálogo dos tempos, das épocas, dos dias, daquilo que morre, vive, nasce [...]” (BAKHTIN, 2014, p. 161). Em essência, isso significa que o filósofo russo concebe a linguagem e, por meio dela, os falantes, as relações sujeito/sociedade, a estética e a ética como

produto vivo, resultante de um processo de enunciação produzido em uma realidade heterogênea e pluridiscursiva em ampla temporalidade.

Portanto, é oportuno reiterar que a produção desta tese se deu no diálogo com esses diferentes campos discursivos. Em suas linhas básicas, neste capítulo introdutório, abordamos questões relativas ao nosso encontro com o objeto de estudo, objetivo geral, recorte temático da pesquisa, justificativas, estrutura da tese e metodologia de análise. Com vista a uma organização formal dessas questões, dividimos este texto em cinco seções: 1.1 Contexto e reflexões; 1.2 Justificando nossas escolhas: contexto e sentidos; 1.3 Estrutura da tese; 1.4 Diálogos com a temática da pesquisa: contexto discursivo; 1.5 Metodologia: análise dialógica do discurso.

Na primeira seção utilizamo-nos conceitual e metodologicamente das narrativas cujos sentidos expressam um posicionamento sociovalorativo da pesquisadora frente à vida e ao mundo. Desse modo, tomamos as vozes sociais que dialogam, em maior ou menor grau, com esta pesquisadora em busca da composição do objeto de estudo desta tese.

1.1 CONTEXTO E REFLEXÕES

Para Bakhtin (2000), nossos discursos são plenos de “palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado” (BAKHTIN, 2000, p. 314). O filósofo russo considera que não há discursos isolados da relação com o outro. Em grau maior ou menor, nossos discursos, textos e enunciados estão sempre ocupados pela presença substantiva de vários outros. Estamos constantemente em uma arena discursiva com outro, em que se entrecruzam várias vozes sociais com as respectivas valorações sobre o mundo e as coisas. Entram em cena nessa interação discursiva um conjunto de vivência, campos de conhecimentos e horizontes valorativos, marcados com tonalidades, ênfases, expressividades distintas do eu e do outro. Para Bakhtin (2000), nenhuma voz se pronuncia isoladamente, é na relação social com outro que sujeito se constitui.

Faraco (2009), ao discutir a importância da dimensão axiológica na significação do enunciado em Bakhtin (2000), observa: “todo enunciado emerge sempre e necessariamente num contexto cultural saturado de significados e valores e

é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição neste contexto” (FARACO, 2009, p. 25). Desse modo, as experiências vivenciadas nas situações e nos ambientes sócio-históricos pelo sujeito, quase sempre são povoadas de valores, crenças e ideologias. É por meio dessa forma dialógica que modelamos formalmente a construção dos enunciados que compõem o tecido discursivo desta tese.

Nessa ótica, reforçamos que a investigação se desenvolveu na dialogia, visto que se constrói em uma arena discursiva com outras pessoas e pesquisas produzidas também sob uma posição de interlocução com diferentes campos e saberes. Tudo isso produziu, de modo relevante, deslocamentos no nosso pensamento. Disso decorre o que Volochínov (2017, p. 126) afirma: “o centro organizador de qualquer enunciado, de qualquer expressão não está no interior, mas no exterior: no meio social que circunda o indivíduo”. A percepção do papel do meio social na constituição do sujeito é tomada por Bakhtin e Volochínov como princípio fundamental de seus estudos, à medida que assumem o sujeito como ser constitutivamente social. Ambos os estudiosos insistem na importância dos efetivos vínculos entre esses dois contextos: verbal e extraverbal.

Desse modo, acreditamos que tecer algumas considerações, a partir das narrativas que enredam, desde as primeiras vivências, com a leitura no âmbito pessoal até as do processo formativo da pesquisadora, possibilitará aos leitores desta tese a compreensão de como aconteceu nosso encontro com o objeto de estudo da pesquisa, que teve como objetivo central analisar as relações de trabalho e as relações afetivas como veículos de sociabilidade do indivíduo na obra *Alguém para Amar a Vida Inteira* (JATOBÁ, 2015). Ao longo deste estudo, trataremos como Jatobá.

Partimos do entendimento de que o interesse e a escolha por um tema de estudo não nascem aleatoriamente, pelo contrário, emergem de um universo de situações inquietantes organizados por um quadro sociovalorativo em que o falante se encontra inserido. No caso desta pesquisadora, no correr de alguns anos, de circunstâncias vividas no esteio da itinerância leitora, desde a escuta sensível da literatura folclórica no ambiente familiar, perpassando pela leitura acadêmica e de entretenimento no contexto escolar e extraescolar, respectivamente, até as práticas de leituras mais aprofundadas, transcorridas no processo formativo, como professora de Língua Portuguesa e enquanto aluna/pesquisadora na pós-graduação. À luz desse universo social, consideramos importante destacar alguns pontos e episódios que justificam, sustentam e estabelecem uma relação de sentido com esta pesquisa.

Essas experiências foram determinantes para sedimentação do percurso investigativo por nós empreendido, na condição de professora-pesquisadora, no âmbito do Doutorado Interinstitucional em Tecnologia e Sociedade, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), como instituição executora, e a Universidade Federal do Piauí (UFPI), como instituição receptora. Nos parágrafos seguintes, explicaremos o percurso pendular de nossas ideias e reflexões em busca da delimitação e sistematização do objeto de estudo que nos propomos analisar nesta pesquisa.

À luz de minha memória, especialmente a afetiva, lembro-me que por motivos culturais, sociais e econômicos de minha infância, até completar os sete anos, residi na zona rural, em uma pequena comunidade do pacato município de Santa Luz-PI¹. Filha de um humilde agricultor e de uma dona de casa exemplar, a quarta filha de uma família de nove irmãos. Meus pais tinham pouca escolarização, semianalfabetos. Morávamos em uma casa grande de propriedade de meus avós. Em tempos de lavoura, era natural a casa sempre cheia de gente, simples lavradores, trabalhando no plantio e na colheita das culturas anuais. Ainda permanecem vivas as lembranças, no entardecer na roça, a chegada sempre festiva de meu pai e do seu Antônio dos Reis, homem sábio, cheio de misticismo, uma figura folclórica. Sempre com espírito alegre e aconchegante, fazia uma grande roda, com meus irmãos e primos, em um evento interativo, com meu pai observando, contava-nos as “Histórias de Trancoso”², eram sempre histórias cheias de mistérios, grandes aventuras e desventuras, personagens astutos, com finais surpreendentes. Narrava também lindos contos de fada, príncipe encantado, bruxa malvada, o caçador valente, o cachorro, amigo fiel. Isso tudo era muito sedutor e prazeroso, produziam-se momentos de risos, deleite, suspense, interrogações. Um contar e recontar de histórias ou às vezes, repetiam-se as mesmas histórias, mas eram sempre apresentadas com uma nova roupagem discursiva e finais diferentes. Tempos memoráveis. Hoje, percebo que seu Antônio

¹O município se localiza, aproximadamente a 592 Km da capital estado, tem cerca de 5.513 habitantes (2010) e 1.186,839 km². Santa Luz é uma pequena cidade que devido à localização, fora da principal BR (136) que liga todo Piauí aos principais eixos de desenvolvimento econômico do país, os jovens eram obrigados, muito precocemente, a se deslocarem para o município de Bom Jesus/Piauí, situada a 38km da cidade de Santa Luz, para estudar.

²A expressão “Histórias de Trancoso”, usada nesta tese, refere-se às narrativas contadas pelo lavrador Antônio dos Reis. As Histórias de Trancoso representam a cultura e os saberes populares dos contadores de histórias.

era um grande contador de estórias. Foi por meio dessa literatura oral, que se despertaram, em mim, os primeiros sinais de gosto, laços ternos, empatia e amor pelas narrativas.

Na roça, tínhamos sempre a expectativa de que, ao completar sete anos, seria o momento adequado de deslocamento para a cidade em busca do “conhecimento escolarizado, para poder ter um bom emprego”, dizia meu pai. Por isso, somente aos sete anos, adentrei o espaço escolar na cidade de Bom Jesus-PI³. Posso dizer que foi na escola, no ensino fundamental, o então primário (1^a a 4^a séries), ginásio (5^a a 8^a séries) ainda que muito restrito, o meu primeiro envolvimento e convívio sistematizados com leitura, tendo como mecanismo pedagógico o livro didático. Minhas recordações dão conta de que as práticas escolares de leitura eram realizadas essencialmente na sala de aula, não se distanciavam do livro didático, único recurso didático-pedagógico que a escola dispunha. Não havia biblioteca e nem outro suporte de leitura. Lembro-me de longas leituras, muito repetitivas e maçantes. Vivia-se ali, principalmente, a rotina. As práticas de leitura literária priorizavam apenas fragmentos de textos. A obra como um todo não nos era apresentada, somente um recorte feito por algum teórico, com enfoque predominante na biografia do autor. De maneira descontextualizada, memorizavam-se as características das escolas literárias, na maioria das vezes, isolando os elementos absolutamente fundamentais para imprimir sentido amplo ao texto: autor e obra, sociedade e mundo representado, cultura e história, não oportunizando ao aluno o contato e o envolvimento com o mundo da ficção, de modo mais efetivo que o possibilitasse emitir um juízo estético sobre esse universo. De tudo isso, posso afirmar que, ainda que minhas preferências literárias, naquele momento, fossem indefinidas e imprecisas, a leitura literária, ali desenvolvida pela escola, não alimentava, nem mesmo minimamente meu gosto pela leitura.

Esse modelo mecânico, muitas vezes destituído de qualquer sentido, provocou em mim frustrações e desencantos. Ali, senti uma ampla lacuna, ambiente

³A cidade de Bom Jesus/PI está localizada a 640 km de Teresina-PI, capital do estado, ocupa posição privilegiada em relação aos municípios que compõem as microrregiões do Sul piauiense, uma vez que a região apresenta planície, com extensas áreas de cerrados, vales e baixões, propícias à agricultura e à pecuária. Geograficamente, encontra-se situada na região do Vale do Rio Gurgueia, no sul do Estado do Piauí, extremando com os municípios de Currais e Santa Luz, ao norte; Gilbués, Monte Alegre, Redenção do Gurgueia e Curimatá, ao sul; Santa Luz, Guaribas, Morro Cabeça no Tempo, a leste; Baixa Grande do Ribeiro e Gilbués, a oeste. De acordo com dados do último censo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), a população da cidade de Bom Jesus está estimada em 22.629 habitantes, com área de 5.469.156 Km² (UFPI - PROPOSTA PEDAGÓGICA DO CTBJ).

contrastivo com as minhas expectativas. A imagem de seu Antônio contando as “Histórias de Trancoso” ainda povoavam minha mente, era como se eu ainda quisesse viver no contexto escolar a riqueza e a intensidade discursiva que era o contar história de seu Antônio.

Entretanto, passaram-se alguns anos, fora dos muros da escola, o convívio social com um círculo de amizade com poder aquisitivo mais elevado, outro universo de leitura foi me apresentado: o enigmático, instigante, prazeroso e atrativo horizonte das revistas em quadrinhos/gibis – Júlia, Sabrina e Bianca –, a leitura de entretenimento. Embora esse tipo de leitura transitasse na contramão, fora do script da escola e das convenções tradicionais, por ser entendida como leitura furtiva, portanto “não aceita”, subvertendo-me uma proibição da professora de Comunicação e Expressão que dizia não serem leituras recomendadas para um bom leitor e, sobretudo, para as meninas. Fui uma leitora voraz desse gênero textual, que teve implicações cruciais no meu comportamento-leitor, com efeito, um novo caminho, nas trilhas da leitura, foi desvelado. Sobre isso, Bakhtin (2000, p. 315) elucida que “o enunciado, seu estilo e sua composição são determinados pelo objeto do sentido e pela expressividade, ou seja, pela relação valorativa que o locutor estabelece com o enunciado”. Podemos, ainda, completar que, no olhar bakhtiniano, a vontade discursiva do locutor se materializa na escolha adequada do gênero textual, uma vez que o gênero textual funciona como modelo comunicativo que produz uma expectativa no ouvinte, preparando-o para uma reação. O reconhecimento de que toda e qualquer forma de pronunciar um discurso requer do locutor, previamente, a definição do gênero do discurso que irá estruturar de maneira satisfatória suas intenções comunicativas, é, indiscutivelmente, para Bakhtin, condição e um dos meios necessários para que aconteça de forma razoável a interação discursiva entre os sujeitos socialmente organizados.

Contrariamente ao que ocorreu no ensino fundamental, no ensino médio, então escola normal⁴, as práticas escolares de leitura, nas aulas de Comunicação e Expressão, já contemplavam, em primeiro plano, um projeto de leitura mais amplo, o qual já incluía leituras de textos de diferentes gêneros, inclusive, literários, nas

⁴O Curso Normal, criado em 1835, tinha o objetivo de formar professores para atuarem no magistério de ensino primário e era oferecido em cursos públicos de nível secundário (hoje Ensino Médio). Por meio do Decreto n. 10 da Assembleia Provincial do Rio de Janeiro, datado de 1º de abril de 1835, que criou a escola normal de Niterói (NOGUEIRA, 1938, p. 20).

diferentes formas e configurações, como poesia, contos, dramas e romances, ainda que não fossem efetivamente os grandes clássicos representativos da literatura brasileira. Fato é que, aos poucos, fui me envolvendo nesse território literário, os vínculos foram se intensificando, os discursos sobre “escola espaço vibrante e privilegiado de encontro entre o livro e o leitor”, gradativamente, fortaleceram-se e edificaram-se. E aquela imagem de ambiente escolar, vivido no ensino fundamental, tomado por práticas rotineiras de leitura, foi se desfazendo nas minhas impressões de escola.

Nesse cenário, entra em cena a professora de Comunicação e Expressão que me apresentou o mundo da literatura, lia com fruição e muita liberdade expressiva, narrava lindas histórias com suas tramas, os poemas com musicalidade, trazia a beleza e a emoção do mundo subjetivo dos escritores para a sala de aula. Sempre nos sensibilizava e nos envolvia naquele universo. Isso foi fundamental para motivar e resgatar meu gosto, apreciação e amor contemplativo pela linguagem e pelo texto literário, e, com efeito, mesmo que em fase embrionária, alguns sinais de uma pretensa vocação para ser professora de Língua Portuguesa.

Sob fortes estímulos e motivação provenientes dos estudos na escola normal, no ano de 1997, ingressei no curso de Licenciatura Plena em Letras-Português na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). O meu viver na graduação me proporcionou um mergulho mais consciente no mundo da cultura e das artes, encontrei um professor de Língua Portuguesa que tinha fascínio pelas artes, leitor frenético, com fina sensibilidade artística. Surpreendente. Encantavam-me seu estilo discursivo e o modo de dizer o texto literário, sempre carregado de intensas emoções, despertando-me afetos, sedução e paixão pelo universo ficcional, não somente dos grandes clássicos da literatura brasileira, como também de outros estilos literários.

O meu percurso acadêmico na universidade foi, indubitavelmente, um território estratégico e sedutor para meu encontro com boa parte dos grandes poetas, contistas e romancistas nacionais. Viajei nas tramas de Graciliano Ramos, Machado de Assis, Castro Alves, José de Alencar, entre outros. Vivi o fazer poético de Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, portanto, foi esse ambiente enunciativo, habitado por um conjunto de vozes sociais, diversificado no conteúdo, temática, estilo e construção composicional que alimentou e dimensionou minha evolução intelectual, tornando meu interesse pelos estudos da linguagem uma opção consciente. A respeito desse discernimento, Travaglia (2010, p. 37) esclarece que “a literatura é a

porta de entrada e percepção de que a língua tem uma magia: a de dar forma e existência ao que sentimos e somos, ao que as relações grupais são, ao que e como o Universo é, os universos são”.

Após a conclusão do ensino superior, retornei, em 1999, para minha cidade, Bom Jesus-PI. No mesmo ano, prosseguindo a caminhada, entrando no percurso da docência, por meio de concurso público, ingressei como professora da educação básica de ensino médio da rede estadual de educação. Esse início de carreira foi marcado por momentos que se mesclavam, ora a dificuldade pedagógica em executar um planejamento que primasse pela formação leitora de meus alunos, não existia uma fórmula mágica, os desafios eram bastantes: número de turmas ultrapassava o limite previsto no projeto pedagógico da escola, além disso, as salas de aula com um número excessivo de alunos, resultando em uma carga horária semanal excessiva e desgastante. Ao passo que, também, totalmente em desacordo com o prescrito na matriz curricular, provocando o agravamento das condições físicas e psíquicas dos docentes. Outros aspectos que influenciavam negativamente a produção de um bom trabalho eram o fato de haver um enorme contingente de alunos com *déficit* grande de leitura; e o fato de a disciplina de Língua Portuguesa agregava os conteúdos de literatura, redação e gramática unificados em uma única matéria, ministrada em aulas de apenas 45 minutos, tornando difícil, não apenas, o estudo integrativo dessas linguagens, mas também a abordagem das especificidades de cada um desses campos de conhecimento. Obviamente, não estamos advogando a favor de um processo de ensino-aprendizagem que tome essas três linguagens como práticas estanques, ao contrário, posicionamo-nos na defesa do diálogo entre essas linguagens, para que o estudo do texto resulte em uma unidade de sentidos. Ainda nesse contexto, a escola tinha a infraestrutura bastante precarizada, poucos recursos didáticos para enriquecer as práticas de leitura. Contudo, apesar de tudo isso, viviam-se o diálogo, o encontro, a afetividade, o deleite, a alegria, as emoções que a sala de aula nos propicia, dimensões humanas inerentes ao processo educativo.

Passaram-se seis anos, já com esse percurso vivido/construído, com o projeto de expansão Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e Educação Superior em todo Brasil, implantado pelo governo federal, tendo como meta principal a interiorização do ensino médio e superior, atendendo às diretrizes

dispostas pelo Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/2001)⁵, surgiram novas oportunidades de concurso público, com abertura de vagas para docência nessas modalidades de ensino (BRASIL, 2001). Assim, nesse panorama, no ano de 2006, fui aprovada para compor o quadro de professor efetivo da rede federal de ensino. Após convocação oficial, deixei a rede estadual de educação e passei a integrar a esfera federal, como professora da Universidade Federal do Piauí, sendo lotada no Colégio Técnico de Bom Jesus (CTBJ), instituição que oferta educação profissional técnica de nível médio para adolescentes, jovens e adultos oriundos de todos os municípios do estado do Piauí, sobretudo, os das regiões do Médio Gurgueia e do Extremo Sul do Piauí, que são marcadas historicamente pelo quadro de pobreza e descaso público. Atraso secular que dificulta o acesso amplo à cultura letrada para aqueles que nascem nestas regiões e não têm condições favoráveis para migrarem para a capital piauiense, Teresina, localizada a 640 km da cidade de Bom Jesus, onde há amplo campo para se buscar uma formação educacional.

Posso dizer que, no primeiro momento, vislumbrei esse ambiente escolar, por um lado, como espaço díspar em relação aos demais já vivenciados por mim, tanto na condição de discente como de docente, propício para uma aproximação teórica e metodológica com as narrativas literárias, visto que no CTBJ contávamos com uma rica diversidade de recursos didático-pedagógicos capaz de permitirem, a partir do texto literário, realizar um trabalho cujos objetivos se constituíam em possibilitar a formação leitora dos discentes. Porém, após alguns anos, vivendo diariamente o fazer pedagógico em sala de aula, comecei a perceber a complexidade que é o processo de ensino e aprendizagem nesse ambiente. Mesmo com todo o aparato tecnológico e rica biblioteca que a escola dispunha, não se realizava um trabalho com resultados satisfatórios do ponto de vista pedagógico e cognitivo. Eram muitos entraves, muitos deles imputados por forças das exigências institucionais, que sob o arrimo azeitado de um ensino de nível técnico profissionalizante, produzia-se um discurso atravessado, estrategicamente, por um repertório de convencimento de que esta escola priorizava, em primeira instância, a formação técnica, com vistas ao mercado de trabalho. Nesse contexto, o mundo da ficção era suplantado pelas forças do mundo real, afrontando, muitas vezes, a autonomia do professor. Foi esse desconforto que me motivou a buscar outros horizontes formativos, em outros termos, crescimento

⁵ Lei que estabeleceu o provimento da oferta da educação superior para pelo menos 30% dos jovens na faixa etária de 18 a 24 anos, até o final da década.

profissional que viesse ao encontro de meus esforços intelectuais e inquietações pedagógicas, enquanto professora de ensino médio em uma escola técnica que tem suas bases curriculares organizadas sobre o eixo da formação profissional técnica de nível médio para a inserção, muito cedo, ao mercado do trabalho.

Em 2010, comecei o Mestrado em Educação, na Universidade Federal do Piauí. No início, fui tomada por uma grande dúvida e algumas incertezas. Tinha convicção de que para realizar uma pesquisa que viesse ao encontro de minhas inquietações formativas e aprendizagem atrativa e satisfatória de meus alunos teria que ser dentro de um Programa de Pós-Graduação em Letras. Mas, diante da oportunidade que me foi concedida, eu não teria escolha. Por isso, fiz o exercício de desapego de algumas ideias fixas que me perseguiram ao longo do meu trajeto educacional. Resolvi fazer Mestrado em Educação, linha de pesquisa: Ensino, Formação de Professores e Práticas Pedagógicas. Após alguns diálogos com a professora-orientadora, Maria da Glória Soares Barbosa Lima⁶, em uma atitude responsiva, chegamos ao entendimento de que trabalharíamos com professores de Língua Portuguesa do ensino médio, em um contexto da escola pública, analisando práticas de leitura como subsídio à formação continuada. Bakhtin (2000, p. 291) afirma que “a compreensão responsiva nada é mais senão a fase inicial e preparatória para uma resposta [...]”. Por meio de uma abordagem metodológica adequada, construímos uma interlocução entre dois campos de conhecimento: a leitura e a formação de professores.

Nessa perspectiva, tomamos a leitura como via privilegiada para se pensar a formação continuada de professores, tornando visível um caminho de buscas e interfaces entre leitura e formação. Assim, durante o percurso dessa pesquisa, pouco a pouco, um novo horizonte acerca da temática leitura foi se construindo, no final, houve a ampliação do modo de pensar as práticas escolares de leitura, formação de professores e a escrita acadêmica. Parafraseando Boff (1997, p. 09), “se a cabeça pensa a partir de onde os pés pisam”, pisei firmemente o chão da pós-graduação.

A retomada de minhas atividades docentes no CTBJ, após o término do mestrado, permitiu-me viver, de modo gradativo, novos confrontos educativos. O principal deles foi perceber que o modelo de trabalho com o texto literário orientado pela escola se voltava, em grande medida, para o estudo da gramática normativa,

⁶ Professora orientadora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

dando ênfase a toda sua estrutura, servindo-se do texto de ficção de forma utilitária e propedêutica, ou, quando muito, atendia minimamente aos pré-requisitos prescritos nos manuais de orientações curriculares para o ensino médio. Cabe assinalar que isso não quer dizer, conforme mencionamos anteriormente, que entendemos o ensino de gramática e literatura como fenômenos desvinculados. Suscitamos que ambas estão intrinsicamente relacionadas ao estudo social de uma língua, quando concebida como atividade sociointerativa entre sujeitos. O que se observa é que não havia ainda uma preocupação em se aprofundar, de maneira diversa, ampla e crítica na natureza, riqueza e possibilidades educativas e formativas do discurso literário, limitando, sobremaneira, a formação crítica, ética, estética dos alunos, de certo modo, restringindo as possibilidades de autonomia linguística, discursiva e sociointerativa. Esse discernimento e tomada de consciência se deve à natureza epistemológica, histórica, social e cultural das práticas de leitura que fundamentaram meu caminhar no mestrado.

Dessa forma, de modo mais sistemático, a leitura assumida, no contexto de minhas reflexões teóricas, voltava-se para uma prática pedagógica de ensino de literatura mais consciente em que os valores morais, sociais, culturais, artísticos e pedagógicos se convergem em uma teia discursiva, no intuito de proporcionar ao sujeito leitor condição para uma educação libertadora e intervencionista. Em síntese, uma prática sociocultural plural que possa assegurar uma formação integral ao indivíduo. Consubstanciada nesse novo modelo teórico e com a vital colaboração da coordenação pedagógica do CTBJ e outros colegas professores, em especial, os pares, consegui avançar consideravelmente em minhas aulas de literatura, ficando por um período muito confortável no meu desempenho pedagógico na escola.

Passando-se, aproximadamente, quatro anos, o sentimento de incompletude formativa, tantas vezes vivenciado, apresenta-se novamente. Guiada por essa inquietação, surgiu a possibilidade de ingressar no doutorado. Como no início do mestrado, novamente, veio-me a ideia de que talvez um programa na área de Letras fosse mais adequado para nutrir meus pensamentos verbo-valorativos sobre as várias linguagens do mundo. Ainda tomada por indecisões, era tudo muito abstrato, no entanto, mais uma vez, abandonei as expectativas de viver uma pós-graduação na área de Letras. No ano de 2016, ingressei na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE), de caráter interdisciplinar, totalmente novo para mim. Senti, nos primeiros

momentos, um turbilhão de sensações: medo, insegurança, silenciamentos, lacunas, derivas. Passados os primeiros encontros, aos poucos, fui me familiarizando com as diretrizes, a filosofia e os professores do PPGTE. No entanto, a tranquilidade, o rumo, a aproximação afetiva nesse novo contexto de estudo somente foram possíveis quando em um primeiro *e-mail* intitulado “as primeiras palavras”, encaminhado à professora Angela Maria Rubel Fanini, orientadora desta pesquisa, foram abertos os diálogos, levando-me à compreensão do universo que eu iria adentrar. Um novo caminho de leitura foi se construindo. Fui apresentada aos fundamentos teóricos e metodológicos da Análise Dialógica do Discurso (ADD), na perspectiva bakhtiniana e do Círculo⁷, assumindo os discursos que gravitam em torno da linguagem como categoria fundante na ontologia social do ser. Nessa etapa, definimos que buscaríamos também um diálogo com as teorias que advogam a centralidade do trabalho na relação social dos sujeitos com o universo. Assim, mobilizamos dois campos de saberes que, por um lado, dialogicamente aproximam e reiteram a centralidade da linguagem e do trabalho na ontologia social do homem, por outro lado, por meios de mediações epistemológicas, sociológicas, políticas e culturais, linguagem e trabalho são confrontados hierarquicamente como elementos produtores de sentidos na constituição do homem como ser social.

Portanto, o resgate das várias vozes que construíram social, cultural e intelectualmente a pesquisadora se apresenta como acontecimento que possibilita aos leitores desta tese o encontro com o território discursivo, em que foi se metamorfoseando o objeto de estudo desta pesquisa, o qual transita pelas relações de trabalho e as relações afetivas como veículos de sociabilidade do indivíduo, na obra *Alguém para Amar a Vida Inteira*, do escritor Roniwalter Jatobá. Assim, retomando uma passagem da epígrafe introdutória deste texto: “[...] meu caminho não sou eu, é o outro, são os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro, estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada” (LISPECTOR, 1968, p. 48). Posto isso, ratifico o que expressa literariamente uma das grandes escritoras brasileiras do século XX, Clarice Lispector, e reafirmo que não cheguei sozinha. Os discursos entranhados

⁷Círculo de Bakhtin compreende um grupo multidisciplinar de intelectuais que se reunia regularmente, de 1919 a 1929, primeiro em Nevel e Vitebsk e, depois, em São Petersburgo para debater variadas ideias a respeito de filosofia e autores de seu tempo. Era formado por membros advindos de diversificadas áreas como a biologia, filosofia, literatura, música, por exemplo. Os nomes de maior destaque são: Bakhtin, Volochínov e Medvedev (FARACO, 2009). Vale ressaltar que o conjunto da obra do Círculo de Bakhtin trabalha alguns conceitos basilares sobre os quais toda a concepção de linguagem se fundamenta: a interação verbal, o enunciado, o signo ideológico e o dialogismo.

na minha subjetividade e no posicionamento valorativo diante das questões de natureza individual, social, política e cultural não pertencem exclusivamente a mim, pois me constitui como sujeito, à medida que fui socialmente ao encontro do outro, o meu porto de chegada é atravessado por muitos outros. Para Bakhtin (2006, p. 115), “a palavra é um território compartilhado, quer pelo expedidor, quer pelo destinatário”. Compreender nossas subjetividades, intenções, identidades, o modo de ver e de conceber o mundo são sempre um exercício de negociação de sentidos e ideias, uma vez que os discursos que são aqui verbalizados, por intermédio de nossos diálogos, foram produzidos em processos de interlocução com a voz do outro, mediados pelas condições materiais e históricas de cada tempo, espaço e ambiente, logo, “a palavra do outro deve transformar-se em minha-alheia (ou alheia-minha)” (BAKHTIN, 2000, p. 381).

Diante do exposto, nosso intento, nesta seção, foi trazer à baila os caminhos que percorremos para o encontro do objeto de estudo da tese, apresentando, face seu caráter multifacetado, toda sua complexidade. Seguimos para a próxima seção com contexto enunciativo que justifica algumas de nossas escolhas para produção desta pesquisa.

1.2 JUSTIFICANDO NOSSAS ESCOLHAS: CONTEXTO ENUNCIATIVO

As razões que explicam o nosso interesse por desenvolver esta pesquisa envolvendo o mundo do trabalho e mundo da literatura, além dos anseios/inquietações vividos ao longo da trajetória pessoal, acadêmica, profissional e pedagógica da pesquisadora, reportados anteriormente na primeira parte deste capítulo, decorreram, dentre outras motivações, proeminentemente, de quatro motivos.

O primeiro se deve ao fato desta pesquisa estar inserida no âmbito do Doutorado Interinstitucional em Tecnologia e Sociedade, linha de pesquisa Trabalho e Sociedade. A maioria dos docentes vinculados a essa linha de pesquisa problematiza as discussões em teorias que advogam a centralidade da categoria trabalho na constituição social do homem. Nosso estudo assume esse ponto de vista. Porém, em um processo dialógico, problematiza-o, ao passo que consideramos a linguagem, também, como categoria central na constituição do ser social. Sendo assim, o nosso posicionamento agrega trabalho e linguagem como elementos constitutivos da sociabilidade humana. Somando-se isso, integramos o grupo de

pesquisa “Discursos sobre Tecnologia, Trabalho e Identidades Nacionais”, liderado pela professora Angela Maria Rubel Fanini. Esse grupo tem se fortalecido pela ênfase discursiva na abordagem do tema trabalho e linguagem, sempre em uma perspectiva dialógica.

O segundo motivo decorre que, diante do vasto campo das produções literárias no Brasil, ainda é lacunar um discurso que enfoque a vida urbana da classe operária. Por isso, a ideia de desenvolver essa investigação sobre as vozes sociais do trabalhador nordestino, no contexto industrial de São Paulo, no século XX, sob a perspectiva de uma das vozes mais densas da literatura brasileira contemporânea, Roniwalter Jatobá, ele mesmo, um ex-operário da indústria automobilística, evocando esse mundo social com a elegância de um grande escritor. Por meio do discurso-literário, vemos, em uma forma estranha de beleza saindo da rudeza da vida operária, a formação de consciência do trabalhador. O intelectual tem focalizado mormente o trabalhador brasileiro, dando voz ao homem simples do trabalho artesanal e industrial, de classes menos favorecidas, temática não muito comum nas Letras/literatura.

Jatobá faz uma imersão profunda no mundo do operariado, mapeando sonhos, angústias, rupturas, desencantos, derivas e frustrações de migrantes de vários estados do Brasil, majoritariamente, os nordestinos que se aventuram em busca de condições de vida favoráveis aos seus anseios socioeconômicos na cidade de São Paulo, vislumbrando sempre a crença no encontro com a felicidade. Em realidade, Jatobá capta como um radar aquilo que a literatura clássica negligenciou: “Pode-se dizer que, antes de sua palavra o trabalhador urbano era apenas entrevisto entre um e outro romance”, afirma Ruffato (2009, p. 176). O direito à voz, concedido ao trabalhador no projeto literário de Jatobá, é um dos eventos, notavelmente, que distancia esse autor de uma significativa parcela de outros autores que traz em suas narrativas esses personagens.

Jatobá persevera com entusiasmo e muita consciência ética, política e estética nesse campo literário, sem pretensões de migrar para outra temática, ao passo que explicitamente declara: “Sou um dos poucos autores que escrevem sobre o migrante nordestino. Não tenho intenção de mudar de assunto ou mesmo buscar modismos, o que é comum em grande parte dos escritores brasileiros” (JATOBÁ, 2018). Para exemplificar sua permanente opção pelo mundo do operariado, de origem nordestina, a fim de compor com autenticidade o enredo de suas obras, Jatobá aponta seu mais recente livro – obra *corpus* desta pesquisa - lançado pela Editora Positivo,

em 2015: *Alguém Para Amar a Vida Inteira*, que trata da bela história de amor entre dois operários: Emília e Jacinto, protagonistas dessa instigante e complexa saga amorosa. No capítulo 5, desta tese, *Construções discursivas sobre as relações de trabalho e relações afetivas em Jatobá*, apresentaremos minuciosamente a análise dialógica dessa obra.

No conjunto de sua obra, em boa parte, Jatobá dá visibilidade ao modo de vida, aos discursos e à subjetividade dos operários que, em grande fluxo, são nordestinos que migram para cidade de São Paulo. Desse modo, esse trabalhador assume o papel centralizado na obra de Jatobá, sendo apresentado em todas as suas nuances, desde a vinda dos confins do sertão em condições precárias até a rotina na fábrica, muitas vezes angustiante e conflituosa, até o comportamento frente às diversas situações as quais se encontram na cotidianidade. Em síntese, os dramas pessoais e sociais nesse novo contexto.

Assim, Jatobá, a partir de um ponto de vista pouco observado no mundo da ficção, redesenha e constrói o perfil do homem nordestino em lugar totalmente diferenciado, ao invés da paisagem seca e hostil do semiárido nordestino, tantas vezes colocada em evidência pelos grandes clássicos, como Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego. Porquanto é, “por sua causa, apenas no final dos anos setenta o proletariado brasileiro teria espaço aberto na literatura. Longe da idealização e aproximando o leitor de um mundo periférico que parecia exótico aos olhos de muitos observadores” (RUFFATO, 2009, p.15). Jatobá desloca esse trabalhador para um novo espaço e ambiente distinto: as atividades laborais no subúrbio industrial de São Paulo. É sobre esse universo que Jatobá se dispõe a escrever:

É a história de um homem que vive a dura e descarnada história vivida por milhões de brasileiros, aqueles que nascem e vivem bem longe até mesmo dos mínimos direitos de um cidadão, lutando duramente pela sobrevivência e sonhando sonhos que, embora pequenos, não têm qualquer chance de realização (JATOBÁ, 2018, p.1).⁸

⁸Trecho retirado da recente entrevista de Roniwalter Jatobá concedida a José Nunes, doutorando em Direito da Universidade de Brasília, publicada no portal “Como Eu Escrevo”, na plataforma *facebook*. Disponível em: <https://comoeuescrevo.com/roniwalter-jatoba/>. Acesso em: 14 ago. 2018.

Portanto, é nesse mundo desenhado nas tentativas de modernização do país, que o escritor Jatobá firma seu projeto literário. Isso justifica o escritor e o conteúdo discursivo por ele entrelaçado na sua literatura.

O terceiro motivo, não menos importante que os explicitados, é que, ao realizarmos um levantamento nos bancos de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (capes)⁹, dos últimos cinco anos, encontramos uma tese e duas dissertações de mestrado que tratam do projeto literário de Roniwalter Jatobá. De posse desse achado, ainda que, de maneira geral, já existiam vozes formalizadas sobre a obra desse escritor, partimos da ideia de que essa representação é bastante tímida, considerando a densidade, fecundidade e amplitude do trabalho de Jatobá. Outra questão relevante nessa busca é que, quando se refina a pesquisa, inserindo, especificamente, o nome da narrativa *Alguém para Amar a Vida Inteira*, obra de publicação recente, não se encontrou estudo científico sobre ela.

Em suma, essas constatações denotam, assim, um campo discursivo ainda pouco explorado, com possibilidades múltiplas para se estudar o homem e suas relações, especificamente do trabalhador nordestino, que ganha direito à voz na literatura de Jatobá. Bakhtin (2000, p. 313-314) considera que “[...] a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro”. Decorre dessa formulação que a construção de um processo enunciativo implica escutar outras vozes já discursivizadas sobre nosso objeto. Isso significa que para atingirmos uma compreensão mais sólida acerca desse objeto, carecemos fazer pontes com a teia discursiva em que ele se encontra inserido.

Em verdade, essas averiguações fortaleceram, em grande medida, nossa motivação e interesse pela realização deste estudo. Contudo, salientamos que, ainda que tivéssemos encontrado alguma investigação que abordasse o conjunto da obra desse autor, sobretudo, *Alguém para amar a vida inteira*, a nosso ver, provavelmente, o mirante explorado não seria o mesmo. Partilhamos do conhecimento de que um livro, em termos de leitura, apreciação e análise, é uma obra aberta e flexível. Logo, são permitidas infinitas possibilidades de leituras e pontos de vista, pois frente a uma mesma enunciação diferentes olhares, impressões e visões de mundo são possíveis.

⁹ Disponível em: <http://www.capes.gov.br/serviços/bancos-de-teses>. Acesso em 18 nov. 2017.

No capítulo 2, subseção: 2.2.2 Discursos acadêmicos sobre a produção literária de Roniwalter Jatobá, apresentamos uma descrição desses discursos.

Finalizamos os motivos que movimentaram nossas reflexões para a escolha dessa temática e destacamos aqui uma razão de cunho pessoal: o desejo de trabalhar com uma literatura que, em alguns aspectos, tem fortes ligações com a identidade regional, estadual e interiorana da pesquisadora - a vida no sertão nordestino com todas as suas implicações sociais, econômicas e culturais. Realidade comum para aqueles que nascem em qualquer um dos nove estados do Nordeste e que não são de origem abastada. Em Jatobá, não encontramos tão somente um narrador das histórias de vida dos trabalhadores nordestinos, ele vai além, vive com intensidade a narratividade de seus personagens. Logo, “será sempre conveniente lembrar que, como escritor, ele não inventou o país e nem inventou um país. Essencialmente viveu (e reviveu) o Brasil em seus livros”, assim salienta Arantes (2016, p. 261). É interessante notar que quem logo se aproxima e envolve-se com a obra jatobiana percebe sua vivência direta com o contexto do operariado.

Nesse contexto, apoiados nessas razões, é que formulamos o debate, em todo corpo desta tese, sobre a importância de se compreender o discurso literário como um evento estético totalmente articulado a uma realidade social, histórica e cultural da humanidade.

Na seção seguinte, propusemo-nos o desafio de dialogar com a temática da pesquisa, abordando o contexto discursivo de sua enunciação.

1.3 DIÁLOGOS COM A TEMÁTICA DA PESQUISA: CONTEXTO DISCURSIVO

O campo da literatura, pela riqueza temática e discursiva, tem produzido expressivos debates acerca das condições socioeconômicas, históricas, culturais e políticas dos diferentes grupos que compõem a sociedade, desde as civilizações primitivas às contemporâneas. Em virtude disso, tem se fortalecido como espaço teórico/filosófico e metodológico imprescindível para o desenvolvimento de pesquisas nas áreas de Ciências Humanas, considerando razoável número de teses, dissertações, monografias, trabalhos de conclusão de curso e periódicos produzidos nesse campo, o que evidencia que as narrativas literárias têm se apresentado como espaços enunciativos entre a vida e o mundo da arte. “[...] o encontro dialógico de duas culturas não lhes acarreta a fusão, a confusão; cada uma delas conserva sua

própria unidade e sua totalidade aberta, mas se enriquecem mutuamente” (BAKHTIN, 2000, p. 368). O texto literário, entendido como um posicionamento discursivo sobre o homem e a vida, nesta pesquisa, assumiu importante valor, no sentido de trazer olhar ético e estético sobre a realidade, recriando-a.

Jatobá vem desenvolvendo um projeto enunciativo, com fecundidade temática e discursiva relevante, oferecendo à crítica e ao leitor da obra a possibilidade de ler o Brasil do século XX, pelas lentes do discurso literário. O intelectual tem focalizado mormente o trabalhador brasileiro, dando voz ao homem simples do trabalho artesanal e industrial, de classes menos favorecidas, temática não muito comum na literatura brasileira. As questões relacionadas ao universo do trabalho avultam em sua obra, dando sentido à vida dos personagens. Bakhtin e demais autores do Círculo Russo são autores que interpretam o texto literário conforme o contexto social, histórico, cultural e econômico, compondo, deste modo, o quadro de referências que auxiliou no diálogo com as várias vozes desta tese.

Para as pesquisadoras Fanini e Santos que já vêm tratando desse assunto em outros trabalhos de pesquisa, “[...] no campo da crítica e dos estudos literários não temos material suficiente que explore o tema trabalho e linguagem na literatura brasileira” (FANINI; SANTOS, 2013, p. 89). Por isso, nossa empreitada sob um enfoque em uma área de investigação que ainda não foi bem desenvolvida. Essa constatação é que nos respalda a propor o desenvolvimento deste estudo, colocando-nos o desafio de retomar a reflexão sobre a vida e o mundo da literatura pelos discursos sobre trabalho e linguagem, diante do entendimento de que o escritor, por seu turno, vinculado a uma tendência literária a qual carrega especificidades linguísticas, históricas, culturais e conceituais concernentes a essa escola, e com seu estilo individual, é capaz de imprimir fabulosos discursos nesse universo. “O artista utiliza a palavra para trabalhar o mundo, e para tanto a palavra deve ser superada de forma imanente, para tornar-se expressão do mundo dos outros e expressão da relação de um autor com esse mundo” (BAKHTIN, 2000, p. 208). Assim, o eixo central de nossas discussões se movimenta em torno do mundo do trabalho como fator externo que, pelas lentes do escritor, é interiorizado discursivamente no mundo da literatura.

Ao seguir esse contexto de estudo sociológico da literatura, optamos, para esta pesquisa que trata da obra de Jatobá, por embasar em fundamentação teórica interdisciplinar que alia a literatura ao contexto social. “Uma obra artística, tomada fora

desta comunicação e independentemente dela, representa somente um objeto físico ou um exercício linguístico[...]" (VOLOCHÍNOV, 2013, p.73). Partimos do pressuposto de que o discurso literário não é alheio à produção material da existência. Em Jatobá, o trabalho é categoria central, é visto enquanto objeto de desejo e veículo de interação e sociabilidade entre os sujeitos, porém, muitas vezes, é percebido como atividade laboral alienante e capaz de infelicitar o homem. Bakhtin (2000), no texto *O estudo literário hoje*, defende que "(...) a literatura é uma parte inalienável da cultura, sendo impossível compreendê-la fora do contexto global da cultura numa dada época" (p. 362). É esse vínculo orgânico, concebido por Bakhtin, entre a arte e a vida que se encontra na literatura jatobiana. Volochínov (2013), ao tratar do nexos existente entre arte literária e a vida, reconhece que "A enunciação artística, isto é, a literária, é tão sociológica quanto a enunciação cotidiana" (VOLOCHÍNOV, 2013, p.156). Em função desse vínculo intrínseco entre arte e vida que tomamos o discurso literário como canal, por excelência, para se pensar a relação do homem com o mundo.

O mundo, a cultura, a realidade e o ser social, segundo Candido (2006), são processos que coabitam o universo literário. Para esse crítico, o escritor se apropria da linguagem literária, fenômeno tão característico e próprio da imaginação e fabulação criativas do artista, para construir simbólica e ideologicamente discurso social verberante no universo ficcional. "[...] as manifestações artísticas são inerentes à própria vida social, não havendo sociedade que não as manifeste como elemento necessário à sua sobrevivência, são uma das formas de atuação sobre o mundo e de equilíbrio coletivo e individual" (CANDIDO, 2006, p. 179). Notemos que as ideias de Candido conversam com o pensamento de Bakhtin e Volochínov, fortalecendo a relação entre a arte e a vida.

Em uma perspectiva dialógica, interessou-nos saber como o discurso literário, enquanto unidade de análise materializado verbalmente em diferentes composições textuais, formaliza as vozes sociais do mundo do trabalho, objeto cultural e social de manipulação e investimento ideológico das classes dominantes. Nossas reflexões têm nos direcionado para o entendimento de que o discurso literário é sempre o meio de compreender o homem e suas relações com mundo, com mais liberdade e profundidade que os discursos ditos no mundo real: discurso político, histórico, religioso e pedagógico, visto que esses discursos são produzidos sob uma base modelada pelos alinhamentos ideológicos que atende aos interesses, quase sempre, da classe dominante.

Por conseguinte, entendemos ser necessário evidenciar por qual viés tomamos o termo discurso nesta pesquisa. Bakhtin, no âmbito global da sua obra, constrói alicerces decisivos para se reconhecer o discurso, na vida ou na arte, como meio interativo entre sujeito e os respectivos valores axiológicos, apresentando-o como instrumento do qual o sujeito se utiliza para manifestar sua visão socioideológica de mundo, bem como inserir-se socialmente entre os homens. Na teoria bakhtiniana, o discurso é visto como um evento enunciativo de comunicação cultural complexo e multifacetado que, ao ser tomado por objeto de estudo, não deve ser compreendido fora do meio social no qual foi produzido. “Estudar o discurso em si mesmo, ignorar a sua orientação externa, é algo tão absurdo como estudar o sofrimento psíquico fora da realidade a que está dirigido e pela qual é determinado” (BAKHTIN, 2014, p. 99).

Desse modo, as percepções de Bakhtin dão conta de que o discurso verbal se articula com o contexto extraverbal que o engendra, sendo impossível dissociá-lo das entranhas contextuais nas quais foi produzido. Volochínov (2013) reforça essa construção bakhtiniana, à medida que o autor admite que todo discurso é dialógico. Essa definição de discurso é formalmente materializada por Bakhtin na obra “Problemas da Poética de Dostoiévski”, já que para esse autor o que tem importância e lhe atrai é “[...] o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso” (BAKHTIN, 2008, p. 207). Portanto, assumimos a categoria discurso como um processo elocutivo constituído em uma complexa rede de enunciados, que axiologicamente o falante diz o mundo, tencionando sempre a produção efetiva da comunicação concreta e viva.

Assim, nesta pesquisa, escolhemos o discurso literário como forma de penetrar na corrente dialógica da existência humana. Em “Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance”, Bakhtin, ao se reportar sobre a relação entre arte e vida, claramente afirma:

[...] a vida não se encontra só fora da arte, mas também nela, no seu interior, em toda plenitude do seu peso axiológico: social, político, cognitivo ou outro que seja. A arte é rica, ela não é seca nem especializada; o artista é um especialista apenas como artesão, isto é, só com relação ao material (BAKHTIN, 2014, p. 33).

Assim, a arte e a vida se encontram inter-relacionadas. Nesse clima, a criação intelectual/ficcional pode se vincular à vida, à política, à justiça social. Bakhtin ilustra o fazer do escritor que, de posse de uma dada realidade, constrói seus discursos. Para Bakhtin (2014), romance orchestra um plurilinguismo social introduzido pelas diferentes vozes sociais: autor, narrador, personagens e gêneros intercalados. “Cada um deles admite uma variedade de vozes sociais e de diferentes ligações e correlações (sempre dialogizadas em maior ou menor grau)” (BAKHTIN, 2014, p. 75). Importa-nos, portanto, a partir dos encaminhamentos propostos por Bakhtin e o Círculo, apropriarmos-nos do discurso literário como uma enunciação sociovalorativa em contínua relação entre a vida e a arte.

Nesta tese, discorreremos sobre as relações de trabalho e as relações afetivas como via de sociabilidade do indivíduo na obra *corpus* da pesquisa: *Alguém para Amar a Vida Inteira*. Um dos pontos que caracteriza o horizonte literário abarcado por esse autor se pauta em um imbricamento de questões políticas e sociais da classe proletária brasileira. Contudo, em Jatobá, essa preocupação com a realidade não faz de sua obra uma criação panfletária ou documentária, uma vez que o autor retrata, refrata e pondera sobre uma realidade, mas os valores éticos e estéticos da obra literária florescem na narrativa. “O escritor deve compreender os princípios e as condições sociais que na vida real criam as características e as situações que lhe interessam” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 168).

A partir desse princípio, cabe afirmar que a Jatobá interessa o complexo mundo em que vive o proletariado brasileiro, visto que esse mundo ganha tratamento literário ímpar na capacidade discursiva desse escritor. “Sou um escritor obcecado com o trabalho que me propus a fazer no começo dos anos 1970, que é dar voz ao trabalhador em São Paulo, principalmente o migrante mineiro e nordestino que vive na metrópole”, declara Jatobá em entrevista publicada no portal “Como Eu Escrevo”. É essa firmeza de propósitos do autor que nos leva a pensar que Jatobá não traz somente um mero debate sobre o universo proletariado. A obra jatobiana congrega um conjunto de questões fundamentais para se refletir com intensa profundidade sobre o operariado brasileiro, visto sua imersão pertinaz nesse contexto.

A seguir, apresentamos a base metodológica que fundamenta esta tese.

1.4 METODOLOGIA: ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

A pesquisa empreendida segue a orientação metodológica da Análise Dialógica do Discurso, ADD, fundamentada nos pressupostos teórico-filosóficos de Bakhtin e o Círculo. Na base conceitual e epistemológica da ADD, em fenômeno comunicativo, locutores, interlocutores e objeto de estudo se envolvem em relações dialógicas uns com os outros. “A relação dialógica tem de específico o fato de não depender de um sistema relacional de ordem lógica (ainda que dialética) ou linguística (sintático-composicional). Ela só é possível entre enunciados concluídos, proferidos por sujeitos falantes distintos [...]” (BAKHTIN, 2000, p. 345-346). Para a ADD, interessa essas relações, já que na esfera da comunicação verbal, a materialidade linguística apenas tem sentido quando relacionada com o contexto extralinguístico do ato discursivo, ou seja, a comunicação verbal entre sujeitos é operacionalizada via recursos expressivos que vão além de um conjunto lógico e concreto-semântico de ordem gramatical. Na prática discursiva pesa, além da situação imediata, o contexto social amplo de pertencimento do discurso.

A crítica contida da teoria bakhtiniana recai sobre limites formais impostos pelos métodos linguísticos para construção e análise do enunciado, cujo sentido global não pode ser construído nem explicado somente pelos constituintes verbais, pois, além do verbal expresso, há também o extraverbal, não expresso, que figura de modo interacional e imprescindível para construção do sentido na esfera global da comunicação, tendo em vista que

A realização efetiva da linguagem não é um sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 218-219).

A obra jatobiana tem como referência o contexto histórico dos trabalhadores brasileiros em situação de migração e labor. A obra de Jatobá mobiliza personagens cujos discursos estão dados em situações concretas de trabalho, luta pela sobrevivência material e encontros afetivos. O autor traz para dentro da narrativa vozes sociais concretas do mundo do trabalho e da família. A área da Sociologia, da História Social do Trabalho, da Filosofia da Técnica trata substancialmente da dimensão laboral há décadas. Karl Marx, com certeza, foi um dos mais célebres

estudiosos da vida explorada do trabalhador dentro do sistema do capitalismo ocidental. A obra desse autor tem sido recorrente nos estudos dessa dimensão, pois representam referência sobre a vida econômica do trabalhador. A tradição marxista destaca a atividade laboral tanto quanto degradada quanto como possível caminho de socialização e emancipação do ser humano.

Na literatura brasileira vemos muitas personagens trabalhadoras (em praticamente todos os romances, encontramos a labuta de mulheres e homens para sobreviver), mas a crítica não tem sido abundante em relação a essa temática. Jatobá nos traz esse universo laboral e de modo peculiar, visto que ele próprio vivenciou esse universo, recriando as vozes que ali escutou por tantos anos dentro das fábricas, das pensões, dos alojamentos, nos ônibus, nos trens e nas festas de periferia. Há em Jatobá liame forte com a vida e o mundo do trabalhador/operário brasileiro.

A linguagem ganha contornos diferenciados nos escritos bakhtinianos, sendo entendida sempre em perspectiva dialógica, confrontando, contudo, com a visão formalista da linguística tradicional que dá primazia aos aspectos formais da língua. Cumpre assinalar que “a língua, a palavra, são quase tudo na vida do homem. Essa realidade polimorfa e onipresente não pode ser da competência apenas da linguística e ser apreendida apenas pelos métodos linguísticos”, explica Bakhtin (2000, p. 346). Os fonemas, as palavras, as frases, os textos, para Bakhtin, somente têm sentidos quando tomados em contextos discursivos efetivos, reais e concretos na corrente da comunicação.

Em outras palavras, para Bakhtin, os enunciados formam-se na articulação entre os fatores linguísticos e extralinguísticos. A partir disso, não há como entender e explicar globalmente a comunicação verbal, interlocução entre sujeitos sociais, isolada desses nexos. Neste sentido, a literatura é fonte importante de estudo sobre as vozes sociais de certo contexto, pois, na literatura, as personagens representam, em grande maioria, o homem que emite certo discurso sobre a condição humana. A matéria prima da literatura é a palavra e a palavra de alguém sobre sua condição de vida. Por esse motivo, Bakhtin tomou o texto literário para tratar de linguagem e das vozes sociais, visto que o discurso literário traz e mobiliza os falares concretos de uma dada comunidade.

A obra jatobiana traz vozes sociais, recriando-as, cuja visão de mundo encerra uma perspectiva crítica sobre a realidade do trabalhador e a vida cotidiana deste. Texto e contexto se interpenetram, dando sentido às palavras. Isso ocorre porque a

linguagem “é o produto da atividade humana coletiva e reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade que a gerou” (VOLOCHÍNOV, 2013, p.141).

Convém enfatizar que as teses de Bakhtin e Volochínov se alinham na concepção de linguagem como fenômeno dialógico, funcionando, portanto, em contínua interação com as dinâmicas sociais, históricas, culturais, estéticas. Ambos os filósofos convergem na defesa de que a linguagem jamais terá sentido isolada dessas relações. Jatobá retrata migrantes e lhes dota de vozes próprias que se aclaram no interior das relações sociais que travam entre si, destacando que os homens e as mulheres simples vão adquirindo uma linguagem reflexiva, em meio à dureza do meio. As personagens não apenas trabalham, como também empreendem uma reflexão discursiva sobre o trabalho. As falas dos trabalhadores estão vinculadas ao contexto e a ele respondem. Elaboram profunda reflexão sobre a condição de classe, entendendo seu lugar no cenário social e cultural tanto da grande cidade quanto do local de onde vieram. Suas falas são produtos do embate com o meio.

A linguagem, tanto na concepção de Bakhtin como de Volochínov, não é um lugar neutro, em que o falante fácil e livremente construa o próprio discurso. A linguagem é um campo de tensões discursivas, referenciada pelas relações sociais, éticas e históricas dos sujeitos: locutor e interlocutor. “[...] ela só torna própria quando o falante povoa com sua intenção, com seu acento[.]” (BAKHTIN, 2014, p. 100). A exemplo dos protagonistas da obra jatobiana em foco, percebemos claramente essa constituição dual, pois Jacinto se constitui em ser humano mais complexo e motivado para enfrentar as agruras do meio social, à medida que entra em dialogia discursiva e de vida com Emília Emiliano. O próprio universo laboral, inóspito, degradante e estafante se beneficia do universo amoroso, sendo suportável em contato com este, à medida que a obra em tela destaca o ambiente laboral e amoroso em dialogia constante.

A análise sobre a obra em tela é uma perspectiva possível sobre a obra. A seleção da perspectiva do amor e do trabalho advém da obra, pois as personagens se situam existencialmente tanto no trabalho quanto nas relações afetivas. Entretanto, também partem do interesse das pesquisadoras sobre o estudo da sociabilidade do ser humano via amor e trabalho. Confluem na análise tanto o interesse das pesquisadoras quanto o de Jatobá que explicitamente, como trouxemos anteriormente, trata do operário fabril. Há, com certeza, outros temas a serem

abordados, pois outros estudiosos investigarão outros assuntos, sob diversas perspectivas, na mesma obra. Para a ADD, esse encontro da obra com o pesquisador é salutar, uma vez que não se reivindica a neutralidade do pesquisador.

Portanto, é pelo viés da ADD, de substrato bakhtiniano, que analisamos as relações de trabalho e as relações afetivas, na arquitetônica¹⁰ da obra *Alguém para amar a vida inteira*, entendendo-as como veículos de sociabilidade do sujeito trabalhador, bem como percebendo-as, na totalidade formal, como elementos que imprimem sentidos e especificam a obra desse escritor. Para tanto, usamos, nesta tese, algumas formulações conceituais postuladas por Bakhtin e o Círculo (em especial, Volochínov), para análise teórico/ metodológica dos aspectos composicionais, funcionais e materiais que compõem a arquitetônica da obra corpus desta pesquisa. A dialogia que se estabelece entre o amor e o trabalho, possibilitando que este seja menos degradante e inóspito, compõe certamente a forma arquitetônica de Jatobá, cuja visão de mundo credita ao amor a sobrevivência do trabalhador em situação que o degrada. O operário suporta o trabalho, amparado no outro que lhe é solidário.

A realização de pesquisa em ADD não se resume estritamente à metodologia e validação de campo de conhecimento. Ancorar-se na ADD, como teoria de análise de um *corpus* discursivo, demanda compreender que, enquanto teoria metodológica, tem especificidades. Fundamentamos na acepção de sujeito construído em uma malha social, cultural, histórica e política com os fios tecidos na perspectiva do princípio da dialogismo. A partir dessas considerações, observa-se que na ADD o

¹⁰ Nos apontamentos de Bakhtin, a relação entre ética (vida) e estética (arte/criação) ocorre pela forma arquitetônica (visão artística/ideológica). Para esse filósofo, na construção e estruturação do objeto estético, as categorias formais, o conteúdo e a materialidade discursiva se desenvolvem em movimentos dialógicos, formando um todo integrado. Pensar o objeto estético isolado dessa relação dialógica, para Bakhtin, é torná-lo algo mecanizado. Forma e conteúdo são orgânicos. A forma é a forma de um conteúdo, ou seja, os elementos formais plasmam certa visão de mundo, ou seja, a arquitetônica da obra. “Chama-se mecânico ao todo se alguns de seus elementos estão unificados apenas no espaço e no tempo por uma relação externa e não os penetra a unidade interna do sentido. As partes desse todo, ainda que estejam lado a lado e se toquem, em si mesma são estranhas umas às outras. (BAKHTIN, 2003, p. XXXIII). Observa-se, nas palavras de Bakhtin, ainda que não mencione concretamente o termo arquitetônica, a diferença entre relação mecânica e relação arquitetônica em uma composição de um todo. O autor entende que em um projeto de criação e estruturação de uma obra, a ligação entre os elementos éticos e estéticos é uma essencialidade. Assim, o plano arquitetônico de uma obra diz respeito ao modo como o autor/criador une em um todo de sentidos: forma, conteúdo e materialidade discursiva. As formas arquitetônicas são as formas dos valores morais e físicos do homem estético, as formas da natureza enquanto seu ambiente, as formas do acontecimento no seu aspecto da vida particular, social, histórica etc.; [...] são as formas de existência estética na sua singularidade (BAKHTIN, 2014, p. 25).

pesquisador é instado a adotar um comportamento dinâmico, livre de posicionamentos fechados e amarrados a uma somatória de técnicas.

Portanto, tratamos de uma análise teórico/metodológica dialógica do discurso, a qual não prescinde de fórmula ou modo de investigação rígida acerca de determinado *corpus* de análise. A ADD se alicerça na capacidade teórico-filosófica e metodológica de problematizar e analisar questões do diálogo, colocando em contato pesquisador e respectivo objeto de estudo. Ambos com marcas históricas e sociais dos contextos experienciados, em que incluem tempo, lugar e ambientes.

Convém lembrar que a ADD compreende que, na produção do enunciado: o discurso, a história, a cultura e os sujeitos, elementos imprescindíveis na teoria bakhtiniana, envolvem-se em relações dialógicas. E, ao fazer isso, tornam-se fontes de sentidos. Assim, os estudos sobre a narrativa *Alguém para amar a vida inteira* são uma perspectiva possível sobre a obra. No caso desta tese, focamos na relação laboral e amorosa por serem temáticas evidentes no romance.

Para tanto, usamos, nesta tese, algumas formulações conceituais postuladas por Bakhtin e o Círculo (em especial, Volochínov), para análise teórico/metodológica dos aspectos composicionais, funcionais e materiais que compõem a arquitetura da obra *corpus* desta pesquisa. A dialogia do amor e do trabalho aponta para a forma arquitetônica em Jatobá e as formas composicionais, ou seja, os diálogos, o léxico, as descrições, o encadeamento dos fatos, o modo de narrar é que constroem aquela. Desse modo, tomamos, preferencialmente, os conceitos de dialogismo¹¹, relações

¹¹ No geral, Bakhtin aborda o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem que explica a relação dialógica, extrínseca e intrinsecamente, que um enunciado mantém tensamente com outros enunciados. “A relação dialógica é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal” (BAKHTIN, 2000, p.346). O conceito de dialogismo extraído das concepções linguísticas/filosóficas bakhtinianas se estrutura a partir da compreensão do homem, segundo Faraco (2007), “como um ser que se constitui na e pela interação [...] sempre em meio à complexa e intrincada rede de relações sociais de que participa permanentemente (p.CI). Dialogismo é um conceito forte em Bakhtin, presente em toda obra desse filósofo.

dialógicas¹², enunciados¹³, vozes sociais¹⁴ que no conjunto auxiliam e fundamentam nossa compreensão dos aspectos composicionais e arquitetônicos da obra jatobiana.

Como forma de orientar a leitura desta tese, na sequência, apresentaremos formalmente a organização discursiva de cada capítulo.

1.5 ESTRUTURA DA TESE

O delineamento, a organização e estruturação desta tese foram pensados de modo a colocar em evidência as situações, as circunstâncias, as teorias, os processos sociais, culturais e históricos que consideramos necessários para discursivamente construir o diálogo com o objeto de estudo. Para tanto, no intuito de melhor orientar o leitor na leitura desta tese, destacamos que o presente trabalho se encontra estruturado em cinco capítulos, além das considerações finais, referências e anexos. No primeiro capítulo, Discursos iniciais, apresentamos, em suas linhas básicas, como se deu gradativamente o nosso encontro com o objeto de estudo, caracterização do problema de pesquisa, seguidos pelo objetivo geral, assim como a justificativa prático-teórica que fundamentou nossa opção pela temática, e a estrutura desta tese,

¹² Relações Dialógicas, segundo Faraco (2009, p.66), são entendidas como “relações de sentido que se estabelecem entre enunciados, tendo como referência o todo da interação verbal e não apenas o evento da interação face a face”. Assim, relações dialógicas funcionam como relações sociais de valor. Bakhtin, a despeito da abrangência das relações dialógicas, destaca: “as relações dialógicas – fenômeno bem mais amplo do que as relações entre as réplicas do diálogo expresso composicionalmente – são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, [...]” (BAKHTIN, 2008, p.101). No sentido bakhtiniano, o discurso humano só adquire sentidos quando é colocado em relações dialógicas, como o discurso dos outros, ou seja, “Somente quando contrai relações dialógicas essenciais com as ideias dos outros é que a ideia começa a ter vida, isto é, a formar-se, desenvolver-se, a encontrar e renovar sua expressão verbal, a gerar novas ideias” (BAKHTIN, 2008, p.LVI).

¹³ Enunciado (*viskázivanie*) é um elo na cadeia da comunicação discursiva e um elemento indissociável das diversas esferas ideológicas (literária, científica etc.). O enunciado sempre responde a algo e orienta-se para uma resposta. A análise do enunciado não pode ser feita dentro dos limites da linguística do sistema: aquela tendência do pensamento linguístico que, por meio de uma abstração, isola a forma linguística do enunciado (“objetivismo abstrato”) (GRILLO; AMÉRICO, 2017, p. 357-358). Para Bakhtin, adquirimos o saber linguístico propriamente dito “mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam” (BAKHTIN, 2000, p. 302).

¹⁴ O linguista Carlos Alberto Faraco, importante estudioso e tradutor da obra bakhtiniana, no Brasil, resume o conceito de vozes sociais em Bakhtin como “complexos verbo-axiológicos cuja existência decorre do fato inescapável de que as nossas relações com o mundo ao mesmo tempo que o refletem, o refratam. Nossa cognição é necessariamente historicizada e semiótica. Assim, nós nunca podemos alcançar uma relação direta e pura (não mediada) com o mundo; ele sempre é apropriado de forma refratada, isto é, no interior de horizontes sociais de valores (FARACO, 2007, p 47).

contexto discursivo da temática da pesquisa e esboço teórico-metodológico da Análise Dialógica do Discurso (ADD), fundamentada nos pressupostos Bakhtin e o Círculo.

No segundo capítulo, *Os discursos que enredam o escritor Roniwalter Jatobá*, para conduzir nossas reflexões, fizemos uma abordagem de cunho social, cultural, histórico e biográfico das narrativas que enredaram a vida do autor. Elaboramos um traçado da vida e obra de Jatobá, ressaltando a importância cultural e social que teve todo processo migratório vivido por Jatobá e a sua família no seu modo de fazer literatura. Além desse contexto narrativo, enfocamos as vozes sociais sobre a obra de Jatobá. Ou seja, a construção da obra sob o ponto de vista dos leitores. A partir de três pontos de enunciação: as vozes críticas, as vozes acadêmicas e a voz do autorretrato foram tomadas enquanto manifestação avaliativa sobre a vida e obra desse autor.

O terceiro capítulo, *O Romance em Bakhtin: manifestação de um circuito de vozes, diálogos entre consciências socioideológicas*, traz um conjunto de reflexões formulado no diálogo com a teoria bakhtiniana e do Círculo, no que diz respeito aos aspectos históricos, éticos e estéticos da linguagem do gênero romanesco, destacando a base conceitual, a forma composicional e o conteúdo discursivo.

O quarto capítulo, *Discursos sobre o mundo da arte e o mundo do trabalho*, tem como foco a relação entre o mundo da arte, em particular a literatura com o mundo real. Discutimos a problematização entre os aspectos externos do texto, representando fatores histórico-cultural concernentes ao contexto social de produção da obra com os elementos de composição da estética literária. O alicerce teórico para essa discussão se fundamenta em Bakhtin e o Círculo, Candido (2006) e Bosi (1992), vinculando-se literatura e sociedade. Para os discursos sobre trabalho, apoiamos-nos nas reflexões marxistas de Lukács (2013), Ricardo Antunes, Marx e Engels, apontando para uma centralidade da categoria trabalho na formação do ser.

No quinto capítulo, *Construções discursivas sobre as relações de trabalho e relações afetivas em Jatobá*, analisamos cuidadosamente a obra *corpus* da pesquisa: *Alguém para Amar a Vida Inteira*, de Roniwalter Jatobá, apresentando uma síntese da obra, dando enfoque para os aspectos composicionais, enredo, contexto histórico e personagens, sobretudo os protagonistas: Jacinto e Emília Emiliano, com vistas a perceber como o escritor formaliza os discursos sobre as relações de trabalho e as relações afetivas como veículo de sociabilidade do sujeito trabalhador, no contexto da fábrica.

Desde o capítulo inicial, apropriamo-nos da ADD, colocando-a a serviço do texto desta tese. Assim, essa análise já vem sendo aplicada. No entanto, nesse capítulo, os princípios da ADD foram de maneira mais efetiva interiorizados e operacionalizados dialogicamente na análise do *corpus* desta investigação, dentro de nossas possibilidades e maturidade discursivas.

E, por último, o sexto capítulo, *Entrelaçando discursos: considerações finais*, que não significa um pensamento definitivo e acabado acerca do tema desta pesquisa, mas uma posição verbo valorativa sobre a problemática levantada. Este estudo considera a existência de uma rede de vozes sociais em uma corrente de comunicação viva, dialogando tensamente sobre vários ângulos do discurso literário jatobiano, que certamente fomentarão novas contribuições ao debate acadêmico, no novo contexto da literatura brasileira contemporânea.

Portanto, optamos por organizar esta tese de doutorado no formato apresentado, no entendimento de que esse seria um modelo discursivo capaz de estruturar formalmente nossos propósitos neste estudo. Assim, a organização discursiva deste capítulo inicial contribuiu conceitual e metodologicamente para permanecermos em uma corrente dialógica responsiva com a rede de enunciados presentes em todo corpo desta tese.

2 OS DISCURSOS QUE ENREDAM O ESCRITOR RONIWALTER JATOBÁ

O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes (WALTER BENJAMIN *apud* FREDERICO, 2016, p. 11).

Este capítulo se estrutura em duas seções: na primeira, ressaltamos as narrativas de vida e algumas informações bibliográficas que cultural, social, histórica e artisticamente constituem espaços enunciativos sobre a vida e obra do autor. Na segunda, trataremos dos discursos sobre obra de Roniwalter Jatobá, ou seja, a construção da obra pelos leitores. As discussões empreendidas nesta segunda seção se centram em certa fortuna crítica sobre a obra de Jatobá. Desse modo, procuramos situar nossas abordagens a partir de três pontos de referência: o primeiro se refere aos discursos críticos sobre a literatura jatobiana. No segundo, abordaremos os discursos acadêmicos em torno da obra desse autor. Os estudos acadêmicos em torno de um objeto, em virtude da importância de seu local social de enunciação, partem de certa representatividade que esse objeto agrega no contexto discursivo. No último ponto, destacamos os discursos do autorretrato, considerando que o próprio Jatobá, ao longo de sua existência como intelectual da arte literária, tem se pronunciado sobre a natureza, temática, aspectos sociais, históricos e formais, papel e alcance de sua produção ficcional.

Assim, aduzimos para este debate o conjunto de fatos e vivências focado pelas narrativas de vida de Jatobá e os discursos da fortuna crítica sobre sua atividade estética e obra, no sentido de dialogar com eles e, ao mesmo tempo, dar visibilidade à obra, demonstrando esse movimento discursivo em torno do escritor, aclarando seu contexto de leitura. Para tanto, essas vozes são fontes elocutivas, ponto e contraponto para iluminar e expandir o debate a que nos propomos neste espaço de interlocução. Assim, sob a luz dos enfoques teóricos de Bakhtin e o Círculo e Candido, adentramos os hemisférios vida, atividade estética e obra jatobiana, problematizando as relações entre a literatura, histórias pessoais e contexto operário. A análise é uma entre as outras, focalizando a classe operária brasileira.

2.1 NARRATIVAS DE VIDA

“Escrevo sobre o que sou” (JATOBÁ, 2012). Dada essa afirmação de Jatobá, acreditamos ser importante recuperar os fios semânticos, sociais, históricos e ideológicos que teceram esse enunciado no contexto de sua enunciação. A partir desse pressuposto, julgamos oportuno valer-nos dos eventos intrínsecos e extrínsecos à vida e obra desse autor para proceder ao estudo em tela. Nesse intuito, pautamos como necessário fazer um recorte das narrativas que, cultural, social e historicamente, produziram sentidos no movimento de reflexividade no ato de criação artística do autor da obra *Alguém para amar a vida inteira*. Para isso, alguns questionamentos são tomados como cerne de nossas discussões nesta seção: Quem é Roniwalter Jatobá no plano pessoal? Que tipos de verdades são reveladas pelo movimento discursivo produzido nas relações interlocutivas entre as narrativas de vida de Jatobá e seu pensamento estético? Quais os discursos que emanam da voz desse autor que dimensionam seu posicionamento ético e estético no Brasil de hoje? Recorrer, dialogicamente, às narrativas de vida e algumas informações bibliográficas, via passado sócio-histórico, acervos artísticos e acontecimentos situados imediatamente no tempo presente desse escritor colocou-nos frente a dados, fatos e acontecimentos de natureza pessoal, profissional, éticos e estéticos que, sem qualquer pretensão de esgotar essa discussão, possibilitaram-nos entender uma ontologia crítica do ser Jatobá-pessoa/ Jatobá-escritor.

Antônio Candido, crítico literário e sociólogo, com convicções assumidamente socialistas, movimentando-se pelas convergências entre literatura e sociedade, no livro *A Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*¹⁵ (CANDIDO, 1959), especificamente na parte introdutória em que ele trata dos “Elementos da Compreensão” de um texto de ficção, orienta-nos sobre os caminhos pelos quais devemos percorrer na busca de sentidos de uma obra literária. Para o autor, conforme a perspectiva em que nos situamos, quando nos colocamos diante de uma obra, ou mesmo de uma sucessão de obras, são muitos os vieses de compreensão, análise e explicação possíveis para ela. Nesse intuito, Candido sustenta dois níveis importantes:

¹⁵ Livro produzido e organizado entre os anos de 1945 e 1951, em 1955, enviado para revisão final em 1956 (1ª versão) e 1957 (2ª versão), publicada a versão final originalmente em 1959.

Em primeiro lugar, os fatores externos, que a vinculam ao tempo e se podem resumir na designação de sociais; em segundo lugar o fator individual, isto é, o autor, o homem que a intentou e realizou, e está presente no resultado; finalmente, este resultado, o texto, contendo os elementos anteriores e outros, específicos, que os transcendem e não se deixam reduzir a eles (CANDIDO, 2006, p. 35).

Isso posto, se Jatobá diz-se vocacionado a escrever sobre o que ele é, nossa primeira via de investigação se deu na busca de informações da sua biografia, bem como dos acontecimentos experienciados na sua movência territorial nos eixos (Sudeste/Nordeste *versus* Nordeste/Sudeste) durante alguns anos de sua vida. Importa ressaltar que, em debate com a teoria bakhtiniana, nenhuma manifestação verbal é resultado de uma única voz, ninguém expressa um discurso sozinho. “Todas as palavras (enunciados, produções de discurso e literárias), além das minhas próprias, são palavras do outro”, argumenta Bakhtin (2017, p. 38). Desse modo, partiremos da ideia de que o eu jatobiano é enlaçado social, cultural e historicamente com o eu de vários outros. Em síntese, os elementos bibliográficos e os eventos discursivos circunscritos durante o período migratório no eixo supracitado, bem como suas experiências enquanto operário metalúrgico na fábrica, no território paulistano, são dados subsidiários que cercam e dialogam com o objeto de estudo desta pesquisa, servindo-nos de aporte conceitual e metodológico para efusivamente mergulharmos nos valores éticos e estéticos da obra desse escritor.

No entanto, cabe observar que, mesmo sabendo que as informações biográficas em si não se constituem elementos preponderantes para os estudos literários situados na contemporaneidade, aqui nesta tese, essas informações foram interessantes, se não necessárias, para nos aproximarmos do escritor Jatobá. Perquirição preconizada, explicadamente, nas palavras de Candido (2002, p. 35), “há casos [...] em que a informação biográfica ajuda a compreender o texto; por que rejeitá-la, estribado em preconceito metodológico ou falsa pudicícia formalista? Há casos em que ela nada auxilia; por que recorrer obrigatoriamente a ela?”.

Assim, conhecer o contexto biográfico em Jatobá é pertinente nesta investigação, face ter agregado sentido na sua literatura. Conquanto, vale enfatizar que os dados de cunho biográficos não são tomados como alicerce teórico basilar da pesquisa, mas como componentes que se aliam aos demais fatores externos, tanto os da situação imediata quanto do contexto amplo, com a finalidade de produzir sentidos no terreno literário regado por Jatobá.

Dessarte, nossas leituras, interpretações e análise da obra de Jatobá transcendem às fronteiras biográficas, pois fechar o sentido da obra, tendo como referência tão somente esses aspectos, independente de autor, é contentar-se a olhar para um ponto específico ou unilateralizar o estudo, colocando em uma zona periférica os elementos capazes de conduzir a uma análise integral, relacional e coerente, conseqüentemente, negligenciar o todo entremeado nas entranhas linguísticas, extralinguísticas e estéticas da obra. Nos termos de Candido (2000, p. 7), “[...] o elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros”. Vemos, então, conforme explicita Candido, concorrem na criação de sentidos da obra literária a dialética de várias línguas sociais. Cabe ressaltar que, nesta tese, alguns desses campos discursivos apontados por Candido serão tomados para um tratamento investigativo mais profundo, sem, contudo, isolar, renunciar ou negar outros.

Nesse sentido, ao seguir essa perspectiva, a nossa pretensão, inicialmente, foi realizar uma abordagem acerca das histórias pessoais, vivência e a experiência migratória desse autor, uma vez que esses fenômenos se constituíram como ponto de partida e base enunciativa para mediar um amplo e tenso diálogo com seu discurso literário, tendo em vista que o próprio Jatobá, em uma de suas formulações, é categórico em afirmar que “pertencço à ala dos ficcionistas brasileiros ligados à realidade” (JATOBÁ, 2012)¹⁶. Depreende-se, então, que há um todo sociocultural vivo e interligado na produção jatobiana, o que nos permite assinalar que a obra desse autor é cotejada por um universo de valores experienciados em uma realidade heterogênea e pluridiscursiva.

Bakhtin (2000), no texto “Os Estudos Literários Hoje”, inserido no livro “Estética da Criação Verbal”, além de apresentar interessantes reflexões sobre certos pontos e algumas exigências teórico/filosóficas da estética romanesca, traz também relevantes considerações no que diz respeito à sobrevida de uma obra, apontando a funcionalidade, principais conceitos, contexto histórico, social e cultural e o complexo jogo discursivo que envolve todos esses aspectos no processo de produção de sentidos do ato estético. Sob essa perspectiva, Bakhtin (2000) orienta ser indispensável perceber a correlação entre esses aspectos que compõem o ato

¹⁶ Essa afirmação é dada pelo autor em entrevista ao jornal *O Estado de Minas*. Disponível em: http://www.vermelho.org.br/noticia_print.php?id_noticia=193766&id_secao=11. Acesso em: 05 abr. 2018.

estético, pois se não observados, podem tornar a leitura de uma obra fragmentada, inconclusa e superficial. Nesse sentido, Bakhtin (2000) evidencia que:

Não é muito desejável estudar a literatura independentemente da totalidade cultural de uma época, mas é ainda mais perigoso encerrar a literatura apenas na época em que foi criada, no que se poderia chamar sua contemporaneidade. Temos tendência em explicar um escritor e sua obra a partir da sua contemporaneidade e de seu passado imediato (em geral nos limites da época tal como a entendemos) (BAKHTIN, 2000, p. 364).

Alguns estudos desenvolvidos no campo literário têm mostrado relação viva entre o panorama cultural em que o escritor se encontra inserido com a sua produção, e para que a compreensão ativa se efetive dinâmica e organicamente o seu entendimento é pressuposto fundamental. O filósofo russo reforça e sustenta essa necessidade, porém alerta sobre o risco de se monopolizar uma análise voltada somente para esses aspectos, pois isso resultaria no afastamento de outros elementos, de igual importância, postos linguísticos e extralinguísticos pela situação imediata de produção e pela “grande temporalidade”¹⁷. Em outras palavras, as cercanias históricas, espaciais, temporais, interculturais e sociais subjacentes à obra. Bakhtin (2000) ainda ressalta que o fenômeno literário não pode viver nos séculos posteriores se não se entranhou de alguma maneira nos discursos construídos nos séculos anteriores. Uma sociedade, uma cultura e uma civilização se configuram, identificam-se e vivem mediante os diversos discursos que as constituem em uma vastidão de espaço e tempo. Não obstante, não há como se reconhecer que, para Bakhtin (2000), o modo como a narrativa literária traz a refração desse grande tempo e espaço é, em grande medida, uma das proezas do fenômeno literário.

Assim, sem perder de vista as acepções postuladas por Bakhtin e o Círculo e as formulações de Candido, conforme as indagações postas nas considerações iniciais desta seção, concentraremos nossa atenção no desdobramento das possíveis respostas que julgamos ter relação de sentido com as questões que colocamos em discussão, com a finalidade de oferecer densidade a uma ontologia crítica da vida e obra de Jatobá. Para Bakhtin (2006), cada palavra verbalizada (falada ou escrita) carrega ideologicamente marcas enunciativas do meio social em que ela foi pronunciada. Se privada da relação com esse meio, torna-se um objeto neutro. “A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva

¹⁷ A expressão é usada pelo pensador para ampliar o conceito de temporalidade. Grande temporalidade é usada no sentido de rompimento de fronteiras de seu tempo.

das forças sociais” (BAKHTIN, 2006, p. 48). Logo, o homem, nos termos bakhtinianos, somente existe em dialogia com o mundo e a cultura, isto é, com os outros, com o outro.

Isso posto, para avançar em uma efetiva compreensão dos constructos sociais, históricos e culturais que envolvem as narrativas jatobianas, faz-se mister mergulhar nos contextos enunciativos que abordam a vida e a obra do autor, uma vez que esses enunciados são caminhos fulcrais para dar conta de entender o sujeito, sua relação com a sociedade e a natureza epistemológica, cultural e ontológica de sua obra. No campo enunciativo do discurso, os enunciados não significam por si ou por sua estrutura sintática/léxico-semântica, mas pela relação verbo-axiológica da língua viva. “Nenhuma característica puramente linguística é capaz de esgotar um enunciado em sua totalidade” (VOLOSHINOV, 2017, p.346).

Candido, mais uma vez, referindo-se ao grau de importância das circunstâncias contextuais na produção ficcional do artista, assume que “certas manifestações de emoção e de elaboração estética podem ser melhor compreendidas, portanto, se forem referidas ao contexto social” (CANDIDO, 2006, p. 79). Presumimos que um projeto literário se organiza na relação, seja em grande medida ou ainda que restritamente, intrínseca e extrinsecamente com a realidade extralinguística, ideologia e valores eleitos pelo escritor como essenciais para traduzirem moral e eticamente sua posição perante o mundo. No caso de Jatobá, pelas características contextuais de suas obras, percebemos que sua criação estética retrata e refrata as condições sociais, econômicas e políticas dos espaços, dos ambientes e do tempo em que experienciou na relação com o outro e com meio na sua itinerância migratória, como também nos lugares onde teve vivência orgânica. No trecho a seguir, o romancista aclara e justifica a gênese e a essência temática que pauta sua literatura, apontando os aspectos éticos e estéticos que dimensionam sua ficção e os interstícios discursivos abarcados por ele enquanto escritor:

Escrevo sobre a vida que conheci como nordestino migrante, motorista de caminhão, trabalhador de construção civil e fábrica, buscando condições melhores em São Paulo. Não tive nenhuma intenção de tratar cientificamente fatos e personagens, não levantei teses sociais. Minha partida, claro, foi a experiência real, porém não escrevi como historiador, antropólogo ou sociólogo, muito menos cultivando correções políticas – e sim como escritor (JATOBÁ, 2012, p.3).

Constatamos nesses fragmentos que, de maneira clara e inequívoca, a realidade vivida pelo autor é transposta para o plano artístico. É oportuno enfatizar que o contato com materiais impressos que falam sobre a vivência direta de Jatobá, o mundo do operariado e com parte significativa do seu legado literário, trouxe elementos discursivos por meio dos quais podemos afirmar que o autor não reproduz um decalque ou reflexo do mundo real. Ao contrário, observa o real, examina-o, classifica-o, analisa-o e constrói, literariamente, uma nova realidade que pode ser traduzida como uma tentativa de respostas às suas perturbações com o mundo e a vida. Claro está que não trata de uma simples transfiguração do real, mas de uma sensibilidade artística aprimorada, cujos refinamentos ético e estético explicam o seu estar e atuar no mundo. É por isso que esse autor desponta como ficcionista que se notabilizou, segundo o olhar crítico brasileiro, como um dos poucos no cenário contemporâneo que, com lucidez temática e comprometimento artístico, enformou em romances, contos e crônicas as questões de ordem política, sociais e dilemas pessoais da classe proletária, no Brasil, dos anos de 1950, 1960 e 1970.

Diante disso, entendemos ser necessário apresentar um recorte temático e cronológico das narrativas de vida do autor. Para nos apropriarmos do conteúdo semântico e ideológicos dos discursos que enredam essas narrativas. Em uma acepção dialógica da linguagem, fizemos uma leitura acurada sobre esses acontecimentos, os quais nos revelaram as tensões e coerções sociais, momentos de aprovações e reprovações, confiança e desconfianças, frustrações, derivas, apagamentos, buscas, enfim, as incompletudes e as obscuridades que povoam e ancoram, de alguma maneira, uma episteme do ser Jatobá. Essa eventicidade é bem explicitada por Volochínov (2013), na obra *A Construção da Enunciação e outros Ensaios*:

A palavra, como qualquer signo ideológico não reflete simplesmente a realidade, mas a interpreta no intercâmbio comunicativo, social vivo na interação verbal viva. Isso ocorre porque as relações de classe refratam-se nas palavras, impõem-lhes certo sombreamento e significado incluindo nela certo ponto de vista e dando-lhe certa avaliação. Com isso, as relações de classe entram na enunciação inteira como um fator, uma força objetiva com influência determinante sobre sua estrutura estilística (VOLÓCHÍNOV, 2013, p. 200).

Nesse sentido, na ação constitutiva do enunciado, seja na vida ou na literatura, mobiliza-se um grande processo de interação verbo-axiológico, cujos

sentidos decorrem da relação entre a face verbal dos signos com um quadro de valores assumidos axiologicamente pelo falante. “Na interação verbal, materializam-se a língua, os signos ideológicos, a intersubjetividade, a articulação entre fatores internos/externos à esfera”, afirma Grillo (2008, p. 144). Em tese, isso acontece porque na vida, igualmente na arte, o discurso verbal não é autossuficiente, ele é vinculado às situações textuais e às contextuais. Nos contextos de uso, o modelo teórico da língua é modificado pelas relações interlocutivas e valorativas entre sujeitos e objetos social e historicamente constituídos.

Para maior compreensão dos eventos que caracterizam a itinerância migratória de Jatobá, retomamos o caminho percorrido pelo autor, na companhia de seus familiares, que se inicia com o deslocamento de seus pais do Nordeste para Minas Gerais. Entretanto, após alguns anos, o desencanto com o grande centro é motivo para fazerem o caminho de volta. A história de vida dos pais do escritor traduz a saga, em grande medida, de nordestinas e nordestinos que, acossados pela seca atávica, fenômeno secularmente naturalizado na região, protagonizam a corrente mais expressiva de migrantes para o eixo Centro-Sul do país, em busca de condições favoráveis ao trabalho formalizado e, com efeito, melhoria na qualidade de vida e mobilidade social. Contudo, enlaçados e extirpados pela exploração capitalista no novo contexto, muitos têm seus sonhos de vida melhor obstruídos, refazendo o caminho de volta.

Assim, por uma perspectiva familiar, em 1960, Jatobá acompanha seus pais no percurso de retorno ao sertão baiano. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Nordeste foi a região com maior retorno de migrantes no Brasil na primeira década do século XXI, esse fenômeno ocorre devido “à saturação dos espaços do início da industrialização no Centro-Sul”, que “reduz a capacidade de geração de emprego e de novas oportunidades ocupacionais” [...] (PORTAL G1, 2011).

“Essa volta foi importante para mim” (JATOBÁ, 2012). Segundo o autor, o retorno dos pais para o Nordeste significou um período em que teve a oportunidade de iniciar seus estudos em um colégio presbiteriano, concluindo ali o ginásio. “Descobri ali a literatura” (JATOBÁ, 2012). Ao considerar o rigor pedagógico e curricular que tradicionalmente caracteriza as escolas de origem protestante, sempre fundamentadas em práticas de leituras consistentes, entendemos que essa fase representou para o autor o ponto de partida para se constituir como leitor. No ano de

2008, em entrevista a Giovanni Ricciardi¹⁸, Jatobá, ao relatar sua experiência como aluno no período em que estudou na escola protestante, afirmou que: “nesse colégio havia preocupação com esporte, com a literatura e a Bíblia. Eu era obrigado a ler a Bíblia pelo menos no domingo, no culto dominical e, para mim, foi fundamental tê-la lido, porque acho seus textos extremamente literários” (JATOBÁ, 2008, p.422).

Após o término do ginásio, devido à fragilidade das condições financeiras dos pais, o autor não via perspectiva de buscar um grande centro para dar continuidade aos estudos, por isso, com o propósito de contribuir no orçamento das despesas da casa, aos quinze anos, na cabine de caminhão, ao lado de seu pai, adentra pelos rincões nordestinos, tornando-se ajudante de caminhoneiro. Passados alguns anos, Jatobá atinge a maioridade, servindo o exército na cidade de Salvador-BA. Em 1970, iniciando um novo ciclo de vida, mais uma vez, deixa o Nordeste e aventura-se rumo à cidade de São Paulo, com o igual propósito de muitos nordestinos: firmar-se como operário no subúrbio industrial dessa metrópole. Transcrevemos a seguir um trecho de um artigo intitulado *Carta a São Paulo*¹⁹, em que Jatobá sintetiza a sua chegada e as primeiras impressões socioideológicas desse grande e desafiador centro econômico:

Cheguei aqui numa manhã do começo de 1970. Vinha da Bahia. A colorida rodoviária no centro, num entra-e-sai ligeiro de ônibus, também fervilhando de gente. Logo, o trem na estação da Luz e, depois o vagão cheio da composição da Central do Brasil rumo a São Miguel. Dinheiro minguado no bolso. Era carnaval. Nas ruas passavam foliões e o som de cantigas animava um pouco o bairro nordestino. Domingo. Mesmo assim, operários vestidos de azul desciam a rua da fábrica e, ao longe, três chaminés lançavam nas várzeas do Tietê uma lenta e amarelada fumaça de química (JATOBÁ, 1990, p.1).

A chegada de Jatobá, na capital paulista, nos anos 1970, redefiniu um novo caminho para o autor, ressignificando o seu viver do ponto vista social, econômico e cultural. São Paulo, nessa época, vivia um movimento de produção acelerado no setor industrial e econômico, representando o universo do trabalho nos moldes rígidos e violentos do mundo capitalista, em que a organização social estava condicionada a

¹⁸Giovanni Ricciardi é professor de Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade de Nápolis L'Orientale.

¹⁹ Artigo publicado no *Folha da Tarde*, do grupo Folha, em meados dos anos de 1990 (ANEXO D).

um modelo de produção. Jatobá foi morar no bairro São Miguel Paulista, onde havia numerosa concentração de imigrantes, sobretudo, nordestinos. Ele conheceu, nesse período, os extremos do que é viver em um grande centro econômico, sem uma profissão formalizada. Foi operário metalúrgico na indústria automobilística, sem especialização na área de montagem. Depois trabalhou na gráfica da editora Abril. Concomitantemente ao exercício de suas atividades laborais, conseguiu fazer o curso de jornalismo que foi pilar para tornar-se escritor. Vale citar mais um pequeno trecho do artigo *Carta a São Paulo*²⁰, em que Jatobá narra sua condição pária nos primeiros dias na cidade São Paulo, o que não apaga suas utopias:

Na primeira semana, percorri as ruas de São Miguel e Brás: “Não há vagas”. Jornal de classificados à mão, os escritórios do centro: “Só com experiência”. Voltava à tarde de trem, o nariz colado no vidro da porta, vendo a escuridão descer sobre bairros ribeirinhos e as luzes da Light piscando como árvore de Natal. Finalmente, a primeira ocupação do ABC e, toda manhã, olhos na cidade que se perdia de vista e estava sempre aberta ao sonho (JATOBÁ, 1990, p.1).

No final da década de 1970, por opção, viveu sete meses na Europa, em um exílio voluntário. O retorno para o Brasil lhe proporcionou viver o exercício do jornalismo. Foi um momento em que ele assumiu a redação de alguns jornais em São Paulo, criou e coordenou a Revista Memória. Nos anos de 1977 a 2003, atuou também como cronista semanal do jornal paulistano Diário Popular, publicando importantes obras. Em meados dos anos de 1990, foi gerente do Departamento do Patrimônio Histórico da Eletropaulo, sucessora da antiga Light, e editava livros e revistas sobre o passado paulistano. Essa trajetória de vida de Jatobá traz alguns elementos, cujas singularidades coloca-o em um nível privilegiado, se comparado com a história de muitos trabalhadores no contexto do Brasil nesse período. Tinha uma passagem relevante pela escola, ou seja, um grau de letramento formidável. “Durante toda a minha fase adulta, sempre sobrevivi de outra profissão, seja como operário no ABC ou jornalista na Editora Abril. Só me sobravam, portanto, as noites e os finais de semana. Horas sagradas para a leitura e a escrita”, enfatiza Jatobá (2018, p.1). Portanto, constatamos nas falas do autor realces da operacionalização da leitura como elemento fundamental na sua constituição enquanto escritor. Nesse novo

²⁰ Artigo publicado no *Folha da Tarde*, do grupo Folha, em meados dos anos de 1990 (ANEXO D).

contexto, as marcas culturais da escola e as experiências da vida interagem entre si na formação social do sujeito Jatobá.

Entre os vários títulos publicados sob sua autoria²¹, merecem destaque nesta pesquisa: *Sabor de Química* (JATOBÁ, 1977), primeira obra publicada de Jatobá, a qual ganhou o Prêmio Escrita de Literatura, em 1977. A inspiração do título dessa obra surgiu do fato de os personagens dos contos trabalharem na empresa Nitroquímica, de São Miguel Paulista, que realmente empregava muitos migrantes nos anos 1960 e 1970. *Crônicas da Vida Operária* (contos, 1978, finalista do Prêmio Casa de las Américas, em Cuba); *Paragens* (novelas, 2004, finalista do Prêmio Jabuti); *Tiziu* (1994 e reeditada em 2004) (JATOBÁ, 1978; 2004a; 2004b). Essas narrativas, embora formalmente organizadas em tipos de composições e gêneros textuais diferentes, partilham traços em comum: a vivência e as experiências migratórias do autor como lugar discursivo de constantes interlocuções para seu o pensamento estético, conforme podemos verificar nas palavras do próprio Jatobá: “Toda a minha literatura vem da reconstrução literária da vivência e da experiência nas constantes migrações entre Campanário (onde nasci), Campo Formoso e Bananeiras (onde vivi) e São Paulo (onde moro)”(JATOBÁ, 2012, p.12).

Nessa perspectiva, vale destacar que, com olhar situado na contemporaneidade, Jatobá, em todas suas obras, emoldura, literariamente, em páginas cheias de realismo, com muita propriedade discursiva, a trajetória sofrida dos trabalhadores brasileiros que idealizavam a cidade de São Paulo como espaço de possibilidades para libertar-se da marginalidade econômica e social vivida no Nordeste. Entretanto, para além do encontro entre a arte e uma realidade pluridiscursiva, nesse conjunto de obras, ganham visibilidade os efeitos simbólicos do discurso estético que reconceituam a imensa complexidade das vozes sociais do mundo do operariado nordestino. Nessa linha, o discurso estético de Jatobá vai ao encontro das reflexões Bakhtin/Voloshinov sobre enunciado. Faraco (2009, p. 45-46) reitera a tese de Voloshinov “de que os enunciados do cotidiano e os enunciados artísticos têm um chão em comum – estão ambos no interior da grande corrente da comunicação sociocultural e têm ambos uma dimensão axiológico-social em sua significação”. O discurso literário de Jatobá se nutre eminentemente da relação entre

²¹As informações e os dados biográficos foram extraídos das mais variadas fontes: seus livros (prefácios e introduções), entrevistas (algumas concedidas a portais, sítios e outras audiovisuais) que serão referenciadas mais à frente.

arte e uma realidade heterogênea e pluridiscursiva que tem como preocupação central a interlocução verbo-axiológica.

Assim, a vivência e a experiência migrante desse autor se constituem como realidade histórica e social que marcou profundamente seu projeto literário, anunciando-se como lugar de acesso ao mundo. Não seria exagero afirmarmos que, sem uma aproximação consciente das narrativas que retratam as andanças tantas de Jatobá pelos vários recantos do Nordeste e de sua marcante experiência como operário do ABC paulistana, década de 1970, qualquer leitura que se faça da ficção jatobiana pode se incorrer no distanciamento desses fenômenos, os quais são subsidiários na sua ficção. A nosso ver, Jatobá e os personagens que encenam seu universo ficcional se encontram enlaçados em vários momentos pelas suas narrativas de vidas. Cabe enfatizar que:

[...] Com a concepção dialógica, a análise histórica dos textos deixa de ser a descrição de uma época, a narrativa da vida de um autor, para se transformar numa final e sutil análise semântica, que vai mostrando aprovações ou reprovações, adesões ou recusas, polêmicas e contratos, deslizamentos de sentido, apagamentos, etc. A História não é exterior ao sentido, mas é interior a ele, pois ele é que é histórico, já que se constitui fundamentalmente no confronto, na contradição, na oposição das vozes que se entrecrocaram na arena da realidade. Captar as relações do texto com a História é apreender esse movimento dialético de constituição do sentido (FIORIN, 2017, p.65).

Por essa razão, o encontro e o diálogo com as vozes do mundo real que construíram discursivamente o cidadão Roniwalter Jatobá se apresentam como caminho viável que pode possibilitar aos leitores, analistas e estudiosos de sua obra uma aproximação mais articulada e produtiva com seu mundo artístico, visto que, ao falar literariamente, conforme mencionado, sobre a imersão do homem no mundo do trabalho, no subúrbio industrial da cidade de São Paulo, espaço pouco frequentado por gama significativa dos escritores brasileiros, não faz esse registro com o olhar distanciado do objeto, ao contrário, insere-se e embrenha-se nesse meio. O que Jatobá viu e viveu, tanto nas andanças migratórias, como o que experenciou na condição de operário em São Paulo, vicejam em suas obras. “Mas a vivência apenas não faz boa literatura. O que torna Jatobá um grande escritor é sua capacidade de transformar a matéria prima bruta da vida em Arte” observa Ruffato (2009, p. 14). De fato, é esse qualitativo ético/estético que pesa e atrai, fazendo circular pelas instâncias leitoras a obra jatobiana. No entanto, não há como negar que tudo isso ocorre a partir

de uma realidade extraliterária vivida pelo próprio autor. Neste sentido, tomamos as observações de Bakhtin (2014):

Todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas e se organizam no romance em um sistema estilístico harmonioso, expressando a posição socioideológica diferenciada do autor no seio dos diferentes discursos de sua época (BAKHTIN, 2014, p. 106).

Percebemos, portanto, que Bakhtin (2014) aponta para os elementos conceituais e valores sociológicos mobilizados pelo escritor que, na posição privilegiada de ficcionista, apropria-se das várias linguagens e sentidos que são permitidas na constituição do tecido discursivo do texto literário, incorporando, sobretudo, em um movimento pendular, as reflexões abstraídas do mundo material. O discurso literário carrega, na sua essencialidade, um distintivo papel perante as outras linguagens: tratamento livre, tanto do ponto de vista social e ideológico, como o das estruturas composicionais e nas abordagens temáticas relacionadas com as linguagens do mundo, sendo capaz de retratar e refratar o real sem o compromisso com a visão unilateralizada imputada pelas forças coercitivas das relações de poder em um país em que vigora a lógica perversa do capitalismo. A literatura recria a vida, confirmando no homem “aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber [...], a capacidade de penetrar nos problemas da vida, a percepção da complexidade do mundo e dos seres [...]” (CANDIDO, 2011, p. 180).

Conforme explica Candido (2011), o texto de ficção tem papel preponderante na formação intelectual humana, pois a literatura diferente das outras áreas do saber, até mesmo as do campo de humanas, por sua natureza constitutiva e integradora de várias linguagens, agrega, indiscutivelmente, um discurso capaz de possibilitar ao homem o conhecimento significativo, para entender os complexos processos de formação, organização e relação do homem em sociedade. É nesse âmbito que Candido (2011) diferencia o conhecimento literário do saber produzido pelas outras ciências.

Assim, entendemos que ao fazermos um recorte das narrativas que compuseram/influenciaram a vida de Jatobá, desde o ambiente sociocultural e econômico que caracterizou sua infância, inicialmente no estado de Minas Gerais, depois no sertão baiano, à vida adulta em São Paulo, estamos colocando em cadeia

interlocutiva sujeitos e espaços, tempos e contextos, ou seja, uma realidade múltipla e heterogênea de línguas sociais que notadamente identificam o mundo social, histórico e cultural ocupado por Jatobá que é *lócus* de mediações e interações com sua voz social de escritor. Portanto, o entrelaçamento entre esses horizontes pluridiscursivos são pontos de partidas para se estabelecer um diálogo pleno com a literatura jatobiana.

Conforme vimos, nosso empenho em apresentar uma síntese sobre as narrativas que enredam a vida do autor não consistiu somente em reportarmos à sua biografia, mas, especialmente, à luz dos princípios fundamentais da ADD, fazemos uma análise linguística e extralinguística dos discursos que ocupam o enredo dessas narrativas, ou seja, as relações valorativas instaladas na rede linguístico-textual e contextual do tecido discursivo das narrativas. Com essa linha teórico-metodológica e dialógica, avançamos consideravelmente no entendimento do sujeito jatobiano, de seu encontro com o outro, relações sociais, veios temáticos e os conceitos centrais que atravessam toda enunciação de seu projeto literário.

Cabe salientar que ao viajar dialogicamente pelas narrativas de vida desse escritor e, posteriormente, pelas literárias, não seria nem um pouco ousado afirmar que a literatura jatobiana traz densamente o registro, com muita percepção crítica e senso literário, dos episódios vividos na movência territorial e mais tarde na sua morada fixa em São Paulo, no importante contexto industrial e econômico. Não é sem razão que penetrar nesse campo de vivências desse autor nos possibilitou o contato direto com as vozes que ecoam pessoal e socialmente no sujeito Jatobá e que implicaram a construção do escritor Jatobá, confirmando o pensamento de que: “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (BAKHTIN, 2000, p. 292). Consistentemente, enlaçam-se com o escritor Jatobá as vozes, os rastros e as experiências extraídas dos diferentes momentos de sua vida.

Portanto, o leitor que se propõe a ler Jatobá é convidado a viajar dialogicamente pelas suas narrativas de vida, território discursivo que nos parece de extrema importância, se não imprescindível, para uma análise com qualidade do universo literário do autor, visto que as referidas narrativas se apresentam como um todo coerente, coeso e interlocutivo com características fundamentais do pensamento literário de Jatobá.

Na próxima seção, abordaremos a fortuna crítica de Jatobá, destacando sua importância enquanto manifestação avaliativa sobre a vida e a obra desse autor.

2.2 AS VOZES SOBRE A OBRA DE RONIWALTER JATOBÁ: UM CONTEXTO CONTEMPORÂNEO DE LEITURA

O contexto cultural de leitura de uma obra demonstra a importância da literatura como fonte de conhecimento sobre o homem. O texto somente adquire sentido quando transita pelo universo da leitura. Ou seja, os sentidos se dão na interação social. O ato de ler, interpretar, analisar, assim como emitir um juízo acerca do discurso literário, pode resultar nos mais diversos sentidos para a obra lida, destacando temáticas diversas. Nas palavras de Volochínov (2017):

Um livro, ou seja, um discurso verbal impresso também é um elemento da comunicação discursiva. Esse discurso é debatido em discurso direto e vivo, e, além disso, é orientado para uma percepção ativa: uma análise minuciosa e uma réplica interior, em como uma reação organizada, também impressa, sob formas diversas elaboradas em dada esfera da comunicação discursiva (resenhas, trabalhos críticos, textos etc.) (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 219).

A partir dessa observação, compreendemos que todo ato de leitura, explicação e interpretação de uma obra é uma avaliação sobre ela. “Qualquer palavra dita ou pensada não é somente um ponto de vista, mas um ponto de vista avaliativo” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 196). É nesse sentido que nos referimos sobre a importância de se tomar por base o já dito acerca da obra de Jatobá como meio e fonte de conhecimento para se debater a circulação, o alcance literário e o peso crítico da obra desse autor no contexto contemporâneo. A obra de Jatobá apresenta certa fortuna crítica, comprovando-se que tem circulado o que a mantém viva, pois apenas o contexto de leitura tem o poder de oferecer sentido à obra. Assim, este estudo apostou no diálogo com as vozes sociais que, em tons apreciativos e acentos avaliativos, recepcionou, leu com afinco, penetrou nas entranhas verbo-valorativas dos enunciados da obra de Jatobá, dimensionando abrangência, qualidade estética e humanizante. Esse movimento dialógico, com certeza abrirá a possibilidade de compreensão de uma ontologia crítica sobre a obra jatobiana, conferindo-lhe visibilidade.

Desse modo, seguindo os pressupostos que articulam a literatura à cultura, à sociedade e à vida humana, debatemos as vozes sociais que se posicionam valorativamente sobre a obra de Jatobá. Os pensadores russos do Círculo de Bakhtin, que embasaram nossas discussões, destacaram a importância dos enunciados

proferidos enquanto manifestações avaliativas. Todo ato de leitura e interpretação de uma obra é uma avaliação sobre ela.

Nesse sentido, pontuamos a importância de se tomar por base o dito acerca da obra de Jatobá, como meio e fonte de conhecimento para se debater a circulação e o alcance literário da obra desse autor no contexto contemporâneo. A enunciação sobre a obra entra em dialogia com as outras vozes, compondo um conjunto discursivo, em que a obra vai adquirindo sentido. Nas palavras de Bakhtin (2000, p. 375), "não pode haver enunciado isolado. Um enunciado sempre pressupõe enunciados que o precederam e que lhe sucederam; ele nunca é o primeiro, nem o último; é apenas o elo de uma cadeia e não pode ser estudado fora dessa cadeia". Motivo pelo qual dialogar com as vozes sociais enunciadas acerca desse objeto é um passo importante para alcançar o debate circunscrito na teia discursiva na qual ele está inserido.

Ao ler a obra de Jatobá, estamos imbuídos de certa avaliação sobre ela, advinda de outros contextos de leitura. "As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos" (BAKHTIN, 2000, p. 314). Tem-se a convicção de que o olhar crítico do outro sobre o objeto se torna um ponto de escuta e enunciação para sempre se iniciar um diálogo, dimensionar e redimensionar um juízo de valor sobre esse objeto.

A principal tarefa no espaço interlocutivo desta seção é promover um diálogo entre os enunciados formalmente ditos sobre Jatobá e o conjunto de sua obra, no sentido de apresentar o contexto de leitura no qual a obra se insere. Intentamos demonstrar o que cada contexto de leitura prioriza e como avalia a obra, tentando, desse modo, identificar e mapear certa fortuna crítica sobre o autor. Didaticamente, as discussões desenvolvidas foram organizadas em três subseções: 2.2.1 Discursos críticos; 2.2.2 Discursos acadêmicos e 2.2.3 O autor por ele mesmo: discursos do autorretrato.

2.2.1 Discursos críticos

As questões relacionadas ao universo do trabalho avultam na obra jatobiana, dando sentido à vida dos personagens. Bakhtin e demais autores do Círculo Russo e Cândido são autores que interpretam o texto literário conforme contexto social, histórico, cultural e econômico, compondo, deste modo, o quadro de referências que

auxiliou no diálogo com as vozes da fortuna crítica desse autor. Assim, reafirmamos que o eixo central das discussões expostas, nas páginas desta subseção, movimentasse em torno das construções discursivas da fortuna crítica do escritor Roniwalter Jatobá.

Caminhar sob o tecido discursivo em que enunciam as vozes sociais da fortuna crítica de Roniwalter Jatobá, posicionou-nos frente a um quadro de vozes atento, evidente e muito ponderado que, conforme suas entonações discursivas e ângulo abordado, examinaram os aspectos técnicos do ato criador: formais e composicionais da obra desse escritor, como também os econômicos, sociais, culturais e éticos, ou seja, a simbiose entre conteúdo semântico e elaboração estético-formal. Vozes sociais que se aproximam, confirmam, reforçam, matizam, sobrepõem-se. Acompanhar esse movimento de vozes ou línguas sociais sobre da obra de Jatobá foi fundamental na responsabilidade de organização e formalização dos enunciados desta subseção. Assim, sem qualquer pretensão de esgotar esta discussão, ter nos aproximado desse complexo conjunto de reflexões críticas sobre a obra jatobiana, possibilitou-nos entender uma ontologia crítica do ser Jatobá-pessoa/Jatobá-escritor no contexto contemporâneo da literatura brasileira.

Pensar as vozes acerca da obra de Roniwalter Jatobá, em um contexto contemporâneo de leitura, como objeto de estudo deste trabalho, a partir da perspectiva dialógica da linguagem, trouxe à tona a voz eloquentemente da professora Enid Yatsuda Frederico, ao prefaciar o livro *No Chão da Fábrica*, de Roniwalter Jatobá, publicado em 2016: "É trabalho literário que se reencontra com trabalho material de seus sofridos personagens. E isso é Literatura, com maiúscula!" (FREDERICO, 2016, p. 13). O pensamento da professora Frederico se explica, à medida que Jatobá, pelo conhecimento intelectual, inovador e fabulativo, percebe a linguagem como intenso processo de infinitas possibilidades discursivas, capaz de interativamente engendrar amplo diálogo entre o mundo da literatura e o do trabalho que, para Jatobá, é um território caracterizado pelas relações de luta e sociabilidade entre o indivíduo e o mundo circundante.

As palavras da professora vão ao encontro das ideias de Bakhtin (2014), no texto *O Problema do Conteúdo*, publicado em "Questões de Literatura e de Estética: a Teoria do Romance" : "[...] a vida não se encontra só fora da arte, mas também nela, no seu interior, em toda a plenitude do seu peso axiológico: social, político, cognitivo ou outro que seja" (BAKHTIN, 2014, p. 33). Esse fenômeno que movimenta e refrata

o real, o vivido, o experimentado para o mundo da arte, é o que caracteriza e identifica a obra de Jatobá como literatura com "maiúscula" e de peso literário. Enid Yatsuda Frederico torna evidente dois importantes aspectos na obra de Jatobá: o trato formal, semântico e estético, com a linguagem e a materialidade do trabalho em interface com a vida sofrida das personagens. Para Frederico (2016), o que assina a singularidade do projeto literário de Jatobá é a maestria com que ele se apropria desses dois aspectos no contexto da obra, transformando-os em uma unidade discursiva de alto padrão estético.

Para Fanini e Santos (2013, p. 198), que vêm desenvolvendo expressivos trabalhos sobre a obra desse escritor, Jatobá, "em boa parte de sua obra, tem recriado o mundo material do trabalho, apontando a importância e a centralidade do trabalho na vida e na vida das personagens". Notamos que as vozes de Fanini e Santos (2013) focalizam a materialidade do trabalho como ponto importante em Jatobá. O recorte apresentado pelas autoras eleva, na obra de Jatobá, a relação entre os aspectos estéticos e as circunstâncias sociais e históricas em que a obra se insere. Logo, para Fanini e Santos (2013, p. 198), a obra "não é entendida enquanto uma realidade autónoma, desvinculada de suas coordenadas históricas". Percebemos, assim, a similaridade e o intercâmbio entre as vozes de Fanini e Santos e a de Frederico.

Ao reavivar as vozes de Frederico (2016) e Fanini e Santos (2013), acrescentamos mais um enfoque: os aspectos reminiscentes e, sobretudo, a habilidade de aglutinar, em um mesmo modelo discursivo, as formas antigas de narrar e as técnicas da narrativa moderna, o professor e crítico literário Flávio Aguiar, por sua vez, na apresentação do livro *Paragem*, afirma que:

A arte de Roniwalter está em, a partir da crise social, construir uma visão da crise ética decorrente e conseguir uma solução estética consistente, através do recurso às reminiscências das formas velhas de narrar por trás das características da narrativa moderna (AGUIAR, 2004, p.14).

Notamos que, nas palavras do crítico literário, o que consagra Jatobá como grande escritor é o modo que ele tem de encontrar, a partir de uma realidade social sombria e crítica, possibilidades expressivas na linguagem literária que traduzem essas tensões. Esse arranjo discursivo/literário, em que o escritor mobiliza para construção composicional de sua obra, é entendido por Bakhtin (2014) como atividade dialógica em que o romancista "[...] acolhe em sua obra as diferentes falas e as diferentes linguagens da língua literária e extraliterária, sem que esta venha ser

enfraquecida e contribuindo até mesmo para que ela se torne mais profunda" (BAKHTIN, 2014, p. 104). Isso significa que Jatobá, nos acertos de sua intuição intelectual, mobilizando a sensibilidade perceptiva e discursiva, mediada pelas relações sociais e pela situação de produção, utiliza-se, tecnicamente, dos recursos e efeitos linguísticos inerentes às formas composicionais do gênero narrativo para materializar literariamente o pensamento.

O domínio dessas habilidades discursivas é também compreendido por Volochínov, segundo esse filósofo, isso somente é possível para o escritor que compreende a linguagem em todas as configurações discursivas dentro da realidade social, caso o escritor não se aproprie da linguagem enquanto fenômeno construído socialmente, não tem condição intelectual de "estudar corretamente o que chamamos estilística da arte verbal (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 134). Na voz de Flávio Aguiar, o social, o ético e os recursos das formas narrativas — velho e novo — ganham tratamento estético diferenciado em Jatobá. São esses lampejos inovadores que ordenam o esplendor narrativo de Jatobá.

O também crítico literário Fábio Lucas, ao prefaciar a terceira edição de *Sabor de Química*, ratifica os discursos dessas vozes pronunciadas sobre o domínio e a habilidade desse escritor com a construção composicional da narrativa. Para Lucas (2016, p. 189), "o ficcionista sabe valorizar muito bem os recursos da narrativa moderna, utilizando com naturalidade e maestria o estilo indireto livre, em que irrompem delicados movimentos interiores das personagens". A concordância do escritor, com uso sintático do discurso indireto livre, na construção dos registros de fala na trama, segundo Volochínov (2017, p. 270), deve-se ao fato de que "o discurso indireto livre ouve", diferentemente, o enunciado alheio, percebendo-o ativamente e atualizando, na transmissão, outros aspectos e tons em comparação com os demais modelos. Jatobá procura conscientemente alinhar pensamentos particulares a um modelo formal que produza dinamicidade e coerência discursiva, resultando em experiência bem lograda com os constantes diálogos envolvendo os discursos da vida e da arte. De modo mais preciso, o crítico literário Fábio Lucas acentua em Jatobá a maneira equilibrada de criar uma simbiose entre forma e conteúdo. "Roniwalter Jatobá sabe enredar seu relato, monta conscientemente a substância narrativa. E qualifica-se como um dos nossos melhores retratistas de ambientes e mudanças", entona Lucas (2016, p. 186).

Essa perspectiva descrita acerca da arquitetônica da obra Jatobiana posta por esta linhagem de críticos literários, como Flávio Aguiar, Fábio Lucas e a professora Enid Yatsuda Frederico, ganham reforços discursivos na voz do excepcional Arantes (2016) que firmemente pontua:

Procurarei ressaltar aqui alguns aspectos desse notável trabalho. Poderia inicialmente dizer do paciente e competente apuro de linguagem que caracteriza seu texto, sobretudo realizado a partir de um diálogo muito produtivo com grandes prosadores brasileiros do século XX. Trata-se de um autor que dá prosseguimento ao que temos de melhor em nossa prosa, mas sem perder a personalidade (...). O ficcionista Roniwalter Jatobá é exemplo convincente de escritor contemporâneo que jamais pode ser confundido com novidade, posto que sua obra seja sólida e o longo caminho que ele já percorreu atesta que seu lugar é dos mais honrosos (ARANTES, 2016, p. 256).

Essa habilidade com a escrita literária, destacada pelo conjunto de crítica aqui expressado, é fruto de um processo de reflexão e aproximação, como ressaltou Arantes (2016), de Jatobá com a prosa dos grandes escritores brasileiros. Logo, o ofício de escrever para Jatobá significa, com linguagem específica, traduzir e manifestar inquietude e inconformismo com a realidade a qual está embebido. O ver de Jatobá que repousa sobre as nuances da sociedade brasileira, não é de um historiador, nem muito menos de um sociólogo, mas de um sujeito que, na condição privilegiada de escritor, munido da afabilidade, agudeza crítica e compromisso ético, reconhece, na arte literária, o lugar propício para expressar, dialogicamente, a partir da experiência sensível com a vida, a cultura, a sociedade e o mundo, a visão particular humanista de sujeito escritor, que se enuncia ao lado dos sofridos personagens. Por isso, afirmar que Jatobá, utilizando-se da linguagem literária, atinge com êxito aquilo que as formas tradicionais de pensar não são capazes de alcançar. Deste modo, não há como negar que a forma de narrar em Jatobá constitui vertente muito bem qualificada.

Nesse contexto, Luiz Ruffato, escritor que, nas últimas décadas, tem produzido importantes trabalhos sobre a temática nuclear abordada na literatura de Roniwalter Jatobá: a classe operária, ao voltar o olhar crítico acerca do conjunto da obra jatobiana, Ruffato é bastante enfático ao reforçar a importante imersão de Jatobá no mundo proletário. Para esse escritor, no Brasil de hoje, Jatobá é uma das poucas vozes da literatura nacional que adentra o mundo proletário, em que as angústias

materiais se aglutinam com as inquietações pessoais para revelarem as identidades e subjetividades de personagens.

Para Ruffato (2009), em diversos momentos da obra de Jatobá, os operários são flagrados em enfrentamentos na atividade laboral e isso é o grande diferencial da obra. "Talvez o único autor que tenha feito deste tema o motivo de sua ficção seja Roniwalter Jatobá, ele mesmo, o ex-operário" (RUFFATO, 2009, p. 265). As palavras de Ruffato podem ser realçadas nos pensamentos de Bakhtin e Volochínov, nas reflexões de discursos na vida e na arte, esses dois pensadores russos assinalam que a situação extraverbal não se constitui tão somente como causa externa do enunciado, "a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação" (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p. 8). Em resumo, para ambos os pensadores, a comunicação verbal está, de maneira permanente, vinculada às diversas circunstâncias da vida social do homem, sendo impossível pensar o homem fora do conjunto de situações do mundo real.

O festejado autor de *Quatro Olhos*, o escritor e jornalista Renato Pompeu, no prefácio da segunda edição de *Sabor de Química*, obra de estreia de Jatobá como escritor, afirma que:

A partir do mundo operário da periferia de São Paulo, Jatobá chega ao nível da arte não pelo que em sua obra existe de documental, mas exatamente pelo que nela há de universal, de constatações sobre a condição humana sempre às voltas com as precárias condições da sociedade. E esse ímpeto artístico é em Jatobá tão intenso que o levou a criar uma forma própria, só sua, originada da linguagem popular, mas que com ela não se confunde (POMPEU, 2016, p. 183-184).

Pode-se entender, desse registro de Pompeu (2016), que a capacidade de Jatobá de elevar a trajetória crítica de uma vida em sociedade, atravessada por conflitos de ordem política e social, na cidade de São Paulo, ao patamar cosmopolita, é o que sistematicamente torna-o um intelectual que transita nas linhas de respeito, reconhecimento e admiração, manifestadamente pela crítica literária. Entendemos, deste modo, que a leitura de Jatobá serve, entre outras especificidades, para se pensar e analisar outras realidades urbanas que não se limitam ao proletariado brasileiro, logo, rompe as fronteiras de espaço e tempo, tornando-se universal. Pompeu (2016) reforça que, embora o ponto de partida linguístico tenha sido a linguagem popular, há na obra de Jatobá trabalho substancial com a linguagem e as preocupações literárias intensas, empenhadas em atender às exigências peculiares

do fazer artístico. Além disso, a obra de Jatobá carrega refinada e profunda sensibilidade artística, imprimindo marca própria. Por essa razão, afirmamos que para ele, a literatura se apresenta, potencialmente, como possibilidade de espaço discursivo, em que várias vozes se enunciam, mesclam, entrelaçam e interagem-se. Sobre isso, Bakhtin (2014) afirma que o romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente.

Nesse âmbito, quem também assinala a fortuna crítica de Jatobá é a voz social do professor Frederico. No prefácio de uma das obras de maior discursividade temática e vigor literário de Jatobá, *Crônicas da Vida Operária*, afirma, com precisão nas palavras, que Jatobá coloca sua capacidade e a sublimação discursiva para captar literariamente a precariedade vivida e a superexploração das forças de trabalho daqueles recém-chegados nordestinos no subúrbio industrial de São Paulo, cooptados pelo sistema de produção da lógica capitalista que ensejava, servilmente, a todo e qualquer custo, a industrialização do país. Frederico (2016) ressalta que "Roniwalter é um mestre na arte de narrar, um operário que trabalha com apuro das palavras e, com elas, traduz as aflições daqueles migrantes nos anos de aprendizagem, de adaptação ao mundo urbano e ao trabalho fabril" (FREDERICO, 2016, p. 194).

Em suma, Frederico (2016) prioriza, em análise, o que percebemos nas vozes supracitadas. Portanto, a construção discursiva do Jatobá-escritor, pelas lentes de Celso Frederico, retoma e reitera, continuamente, a questão da conexão entre a literatura e o mundo para além dela, sempre concedendo primazia aos aspectos composicionais da narrativa, que nunca é reduzida puramente ao reflexo de outra coisa.

O jornalista e escritor Fernando Morais, ao prefaciar a primeira edição do livro *Crônicas da Vida Operária*, com o título de "Operários", no Prêmio Casa das Américas, conta que tomou conhecimento da obra de Jatobá no ano de 1978, quando atuou como jurado do Prêmio Casa das Américas, em Cuba. Segundo Morais (2016), *Crônicas da Vida Operária* não foi vencedora do concurso pela rigidez interna do processo que definia critérios expressos acerca do gênero composicional a ser avaliado, no caso, o testemunho. Entretanto, Morais (2016) destaca que todo o corpo de jurado reconheceu com muito apreço literário a temática e a riqueza discursiva da obra jatobiana.

Para Moraes (2016, p. 247), "a temática de Roniwalter que tanto impressionou os latino-americanos ainda nos pega de surpresa". A afirmação do jornalista se deve ao fato de Jatobá, como mineiro, salvo raras exceções, não tomar como mote "a galinha que cisca minhocas no fundo de quintal de Belo Horizonte, nem mesmo a nostalgia das porteiras e carros de bois que até em Minas já foram engolidas pelo progresso" (MORAIS, 2016, p. 247). Isso tem explicação, conforme ideias de Moraes (2016), pelo fato de que Jatobá não ficou preso ao pensamento da maioria de jovens de sua geração que mantinha o olhar fixo nas angústias existenciais. Jatobá toma rumos diferentes: adentra o sertão baiano e depois vive as labutas do operariado em São Paulo, arrancando dessa experiência matéria-prima para sua literatura: "cada homem ao conhecer a realidade, conhece de um determinado ponto de vista" (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 198).

Como consequência do diálogo que empreendemos com os discursos críticos sobre o escritor Jatobá e sua obra, no espaço interlocutivo desta subseção, finalizamos nossas discussões, cientes de que cada voz, mesmo com enfoques analíticos diversos, por vezes, por mirantes diferentes, demonstrou confluência de ideias sobre os seguintes pontos: o modo como Jatobá estrutura no interior de sua obra os processos composicionais do texto, a simbiose entre forma e conteúdo discursivo e o fino trato e domínio com a linguagem e eloquência discursiva. A utilização, de maneira inovadora e surpreendente, dos aspectos e recursos das formas narrativas tradicionais e modernas se fez presente nas vozes de Flávio Aguiar, Fábio Lucas e Celso Frederico. O valor estético da obra e os valores sociais, culturais, políticos e econômicos foram destacados de formas mais intensa em algumas vozes e de maneira sutil por outras. Jatobá assinala declaradamente a essencialidade da relação orgânica entre o fenômeno literário e a realidade que a circunda. Para ele, nem os elementos do plano estético nem os acontecimentos extraliterários se situam em polos distintos, mas confluem na forma composicional. Em Enid Yatsuda Frederico, Fanini e Santos, Flávio Aguiar e Luiz Ruffato, os planos econômicos e sociais são recortados com mais ênfase, demonstrando intercâmbio visível entre suas vozes.

Ademais, a nosso ver, mediante os diversos contextos de leitura, aqui emergidos, observamos que os aspectos do plano formal foram tomados como lugar de entonações e avaliações críticas por um contingente significativo de intelectuais. Os elementos constituintes do contexto externo, priorizado em escala menor, mas não

menos importante, implicaram um olhar coerente, atento e bastante relevante, logo, esses dois aspectos se completam. De tudo, a voz dos discursos críticos sinaliza para a articulação entre vida e literatura na obra de Jatobá, que alia o ético ao estético, no sentido de que responde ao contexto, posicionando-se axiologicamente ao lado dos menos favorecidos pela sorte. Jatobá problematiza a realidade social, cultural e histórica que pesa sobre os marginalizados, respondendo a um contexto inóspito aos mais fracos. Apoiando-nos na qualidade intelectual das vozes críticas que trouxemos, vale afirmar que são avaliações que vão engendrando e assegurando ao conjunto da obra de Jatobá sentidos e indicações de leitura com referência no contexto da Literatura Brasileira Contemporânea. A partir disso, dimana nosso pensamento de que os as vozes críticas envoltas de Jatobá assumem importante valor, no sentido de fomentar interesse, na academia, em empreender investigação acerca de sua literatura.

É notável, no conjunto das análises empreendidas, que embora Jatobá tenha pensamento sofisticado, com grande esforço de redação, a narrativa recebe tratamento sintático maximamente simples. Para isso, o autor evita a nomenclatura excessivamente técnica e o hermetismo. Sem diminuir o rigor e a qualidade literária do texto, Jatobá transforma a matéria-prima de sua obra em material bastante compreensível, o que certamente facilita a compreensão, motivando o leitor a se envolver com esse universo literário. Isso decorre porque, em Jatobá, qualquer público pode se deleitar e viajar em suas tramas literárias. No entanto, seu público de eleição é o próprio proletariado. Desta forma, Jatobá faz da narrativa ficcional um instrumento refinado e moderno de estudo das vozes do mundo do trabalho, com olhar abrangente, por assim dizer, essencial, que o situa no nível dos grandes ficcionistas brasileiros contemporâneos.

O exposto dimensiona, de modo crítico, a qualidade e a seriedade em que Jatobá, a serviço de sua sensibilidade artística, exercita sua inteligência. O diálogo com as vozes sociais de diferentes críticos sobre sua produção literária confirma o que vem sendo discutido acerca do conjunto de sua obra. Não cabe qualquer dúvida, de que se trata de um escritor com "maiúscula", consoante afirmou a professora Enid Yatsuda Frederico, anteriormente. Na próxima subseção, abordaremos os discursos acadêmicos "já ditos", formulados e sistematizados acerca da obra de Jatobá circunscritos nos últimos cinco anos.

2.2.2 Discursos acadêmicos

Bakhtin (2000), no seu afã de estudar a interação entre a arte e a vida, aponta que “alguma coisa criada é sempre criada a partir de algo dado” (BAKHTIN, 2000, p. 348). Dessa afirmação, “algo dado” subjaz a acepção de que não há um pensamento que se possa caracterizá-lo em todos os seus aspectos como inédito. No entanto, Bakhtin não está afirmando que a “coisa criada” não seja elevada ao *status* de novo. De fato, o que ele coloca é que a criação de um evento novo está sempre em diálogo em algo já dado, mas isso não anula seu caráter de novo, em outros termos, a coisa dada transcende-se para a coisa criada. Nessa atmosfera do “já dito”, a proposta de Bakhtin é que o discurso de outrem tem onipresença no fenômeno criado. Visto desta forma, o objeto apreendido não se situa exclusivamente no mundo objetivo nem tão pouco no mundo subjetivo, mas em um processo relacional entre esses dois universos. Assim, um objeto nunca fala por si só nem permite um único olhar, é sempre mediado por um amplo processo enunciativo com a realidade circundante em que a presença de outrem é viva, responsiva e condicionante na criação do novo: “O mundo não nos é dado, mas construído”.

Geraldi (2013), inspirado nas abordagens discursivas, conforme ponto de vista de Bakhtin e Volochínov, acerca da construção do enunciado, assinala a seguinte assertiva: “Para construir o mundo, ninguém parte do nada!” (GERALDI, 2013, p. 7, portanto, a buscar algumas explicações para tal afirmação. A primeira é que, consoante acepção de Geraldi (2013), sobre a natureza dada, em uma relação dialógica, atuamos coletivamente, jamais agimos de maneira isolada. O resultado desse viver compartilhado é que somos seres erigidos na relação com o outro. A segunda explicação tem a ver com o fato de que, se somos seres nascidos socialmente no diálogo com o outro, há sempre, em qualquer momento, a possibilidade de revisitarmos um passado remoto ou um passado mais próximo, dando-lhes, em um novo contexto discursivo, novos sentidos nunca dados e jamais elaborados:

Isso significa que também este mundo cheio de sentidos que herdamos, o peso do passado que carregamos, é passado sempre revisitado, sempre ressignificado. Os fatos (como os elementos da natureza) não se modificam por si: são modificados pelo presente que lhes dá novas interpretações e novos sentidos (e novos usos) (GERALDI, 2013, p. 7-8).

Diante dessas considerações iniciais, para refletirmos sobre os discursos acadêmicos que abordam o conjunto da obra do escritor Jatobá, tomamos formulações teóricas e filosóficas de Bakhtin e do Círculo. No bojo de suas discussões sobre o “Discurso no Romance”, Bakhtin (2014) postula algumas ponderações sobre a linguagem e sua natureza dialógica, o entrelaçamento de vozes, o discurso de outrem. Para esse autor, a plenitude do ser somente acontece se o outro for constitutivamente parte integrante de suas relações. No dizer de Bakhtin (2014), ressaltando o mítico discurso adâmico²², o primeiro a dar nome às coisas, toda manifestação discursiva é orientada para uma resposta a outros discursos, logo, em literatura não é diferente. “Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva, intensa” (BAKHTIN, 2014, p. 88). Essa afirmação evidencia a atmosfera social da natureza dialógica da linguagem. Entendemos também o amplo movimento de entrelaçamento discursivo em que se apoia o objeto e a realidade social circundante a qual é caracterizada por uma realidade linguística múltipla, heterogênea e pluridiscursiva. Para Bakhtin (2014), nossos discursos estão solidamente ancorados no “já dito” e, quando avançam na discursividade, são sempre ocupados pelo discurso do outro.

No dizer de Bakhtin (2000), todo discurso se constitui na e pela relação interlocutiva entre o eu e o outro e todos os contextos verbo-valorativos que o cercam, ou seja, a rede de conhecimentos, línguas e vozes sociais que estão em constantes relações dialógicas. Essa rede de conhecimentos está materializada, em grande parte, em fontes científicas, literárias e ideológicas. Para o filósofo russo, “a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro” (BAKHTIN, 2000, p. 314). Por isso, uma produção discursiva resulta sempre do diálogo, seja ele pequeno, médio ou grande, com o próprio sujeito, com seu lugar no tempo, com sua cultura e especialmente, com “o outro”. Nessa perspectiva, por sua vez, discurso literário,

²² Na escrita de Bakhtin, a expressão “Adão mítico” é usada pelo teórico russo para robustecer seus postulados de que as relações dialógicas determinam todos os sentidos possíveis do discurso. Para Bakhtin, somente o Adão mítico poderia enunciar o discurso primeiro. “Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto” (BAKHTIN, 2014, p. 88). Ou seja, toda e qualquer enunciação resulta das relações enunciativas entre sujeito e interlocutor.

tomado aqui como objeto de estudo desta pesquisa, constrói-se a partir de outros discursos contemporâneos a ele ou apoiados na tradição.

Feitas essas considerações de traços propedêuticos, entendemos que para produzir um trabalho que possa alcançar o caráter de ineditismo, como assim estabelece o pensamento da academia, implica assumirmos as reflexões e observações sobre os traços definidores das condições que precedem e sucedem a produção do enunciado no discurso. Temos a convicção de que para se fazer trabalhos com essas características, não podemos nos furtar de alinhar um diálogo com outras pesquisas que também assumiram uma posição de interlocução com o discurso literário de autoria de Jatobá já pronunciado em outros contextos. Assim, essa nossa empreitada vai ao encontro do que expressa Bakhtin: "cada palavra evoca um contexto ou contextos nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções" (BAKHTIN, 2014, p.100). Cabe-nos sublinhar que, segundo Bakhtin, não existe finitude para o contexto dialógico, não se pode pensar a palavra sem antes evocar as veias discursivas do contexto em que ela viveu. Há sempre outros vieses já abordados sobre o tema, outras vozes que já o precederam

A arquitetura bakhtiniana é de caráter social e dialógico do discurso. Não se pode negar o fato de que as palavras estão distribuídas em um tecido vivo, formando um circuito de vozes sociais articulado com o contexto de produção do enunciado que, por seu turno, emerge de ambiente discursivo agitado de tensões, aceitações e recusas, convergências e divergências de uma realidade social e semiótica, em que as vozes sociais assumem posições valorativas que é base para produção de sentidos na grande corrente da comunicação humana.

Não pode haver enunciado isolado. Um enunciado sempre pressupõe enunciados que o precederam e que lhe sucederam; ele nunca é o primeiro, nem o último; é apenas o elo de uma cadeia e não pode ser estudado fora dessa cadeia (BAKHTIN, 2000, p. 375).

Entendemos, assim, que um falante ao construir discursivamente um objeto, em qualquer instância, esse objeto não foi pela primeira vez pensado, discutido, falado neste enunciado. Nesta perspectiva, compreendemos ser relevante buscarmos a interlocução com outras línguas sociais, outras pesquisas, outros saberes já formalizados na academia. Bakhtin (2000) formula teórica e metodologicamente o

encontro e o comportamento de um pesquisador com os discursos desenvolvidos acerca de um objeto a ser investigado.

O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto de discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, convertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões de mundo, tendências (BAKHTIN, 2000, p. 317-319).

De certo modo, o tecido discursivo de um texto é resultado de um amplo diálogo entre uma rede de enunciados em cadeia contínua de comunicação. Tendo em vista o grau de complexidade que incide sobre a produção dessa rede discursiva, é importante que se faça delimitação das perspectivas sob as quais o objeto será estudado, tomando consciência previamente que cada discurso é formado pela relação dialógica entre essa cadeia de enunciados. A partir dessas teorizações, apresentamos os trabalhos pesquisados e publicados que dialogam com o nosso objeto de estudo:

- a) “Vozes de Trabalhadores na Ditadura Civil-Militar: Ensaio Sobre Literatura, Memória e Testemunho”, de autoria de Ettore Dias Medina, tese defendida em 2015, sob orientação da Professora Doutora Eliana Maria de Melo Souza, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara. Ao analisar as condições de vida da classe trabalhadora no período da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), o autor afirma que voltou a atenção para narrativas que retrataram o período, procedimento que faz da pesquisa também uma investigação sobre as formas narrativas utilizadas para figurar o modo de vida dos trabalhadores durante a ditadura civil-militar no Brasil. Ettore Dias Medina, para realização da pesquisa, elegeu as narrativas e os depoimentos publicados pelos escritores Murilo Carvalho, Roniwalter Jatobá e Antônio Possidônio Sampaio;
- b) “Violência e Ditadura Militar: Uma Análise a partir das Obras de Plínio Marcos e Roniwalter Jatobá”, de Lúcio Fellini Tazinoffo, dissertação de mestrado, defendida em 2016, sob orientação do Professor Antônio de Pádua Bosi, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Marechal

Cândido Rondon/PR. O autor faz uma abordagem sobre o tema violência nas primeiras décadas da ditadura militar no Brasil, a partir de dois tipos de fontes: obras literárias e peça de teatro dos autores Plínio Marques e Roniwalter Jatobá;

- c) O artigo intitulado “Narrativa e Testemunho como Forma de Elaborar a Violência Policial: sobre Marildo, Martiniano e outros Trabalhadores”, autoria de Ettore Dias Medina, publicado em dezembro 2013, na Revista Espaço de Diálogo e Desconexão (REDD), Araraquara, v. 7, n. 1. Neste artigo, Medina (investiga, além de uma reportagem sobre o desaparecimento do trabalhador Amarildo de Souza, que aconteceu em julho de 2013, duas narrativas do escritor Roniwalter Jatobá, publicadas durante o período da ditadura civil-militar). O objetivo dessa investigação é dar visibilidade a formas de violência policial do passado e do presente, apresentando a semelhança entre situações que ocorreram em momentos históricos distintos, indicando uma continuidade histórica da violência;
- d) O artigo intitulado “Família Operária, Memória e Subjetividade em uma Narrativa de Roniwalter Jatobá”. Autoria de Ettore Dias Medina, publicado em Cadernos de Campo (UNESP), v. 18, p. 131-145, 2014. Neste artigo, Medina (2013) investiga a narrativa “O pano vermelho”, publicada no ano de 1978, por Roniwalter Jatobá. A ênfase da investigação está no processo de rememoração do narrador, que revê 25 anos de sua vida, período que se inicia em 1952 e termina em 1976. O autor ressalta que lançou mão de conceitos das ciências sociais, psicologia, história e teoria literária para interpretar a diversidade de temas que a narrativa levanta.
- e) O artigo intitulado “Um Acidente de Trabalho na Fábrica: Testemunho e Trauma na Narrativa “A Mão Esquerda””. Autoria de Ettore Dias Medina, publicado na Revista Espaço Acadêmico (UEM), v. 143, p. 23-30, 2013. Neste artigo, Medina (2013) investiga a obra *Crônicas da Vida Operária*, de 1978, do escritor Roniwalter Jatobá, com ênfase no conto “A Mão Esquerda”. Para realizar esta investigação, Medina argumenta que se serviu de estudos provenientes das ciências sociais, crítica literária, psicanálise, além da ênfase em estudos voltados para o universo da literatura de testemunho.

Ao considerar que a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), o Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE), como instituição executora e a Universidade Federal do Piauí (UFPI), é a instituição receptora desse Doutorado Interinstitucional (DINTER), fizemos uma busca no banco de teses e dissertações e periódicos dessas duas instituições. Como resultado, constatamos que a UFPI, principal instituição promotora de pós-graduação no estado piauiense, não tinha pesquisa voltada para o tema em tela. Na UTFPR, encontramos um artigo que versa acerca da obra de Roniwalter Jatobá.

Trata-se do artigo intitulado “Trabalho Artesanal e Trabalho Industrial como Elementos de Sociabilidade, Subjetividade e Tragédia em ‘A Mão Esquerda’”, de Roniwalter Jatobá, de autoria das professoras Angela Maria Rubel Fanini e Adriana Cabral dos Santos. Neste artigo, as autoras apresentam uma análise do texto “A Mão Esquerda”, do escritor brasileiro Roniwalter Jatobá, à luz da temática trabalho e tecnologia, que se vincula ao grupo de pesquisa da ANPOLL - Linguagem, Enunciação e Trabalho.

Conforme os trabalhos descritos, importa reforçar que o contexto sócio-histórico do mundo do trabalho e, principalmente, suas relações enunciativas com a lógica de produção do sistema capitalista, transposto para estrutura linguístico-discursiva do texto ficcional, apresenta-se como importante via para ser estudado, haja vista, concretamente, estarmos envolvidos em um complexo mundo movido pelos valores e pelas ideologias do capitalismo, em que sem o trabalho e a capacidade de interação social da linguagem isso não se concretizaria. Nessas circunstâncias, é que tomamos o discurso literário como alternativa de compreender traços da condição humana e sua universalidade, sobretudo a relação homem e mundo do trabalho.

Nas palavras de Bakhtin (2000, p. 375), “não pode haver enunciado isolado. Um enunciado sempre pressupõe enunciados que o precederam e que lhe sucederam; ele nunca é o primeiro, nem o último; é apenas o elo de uma cadeia e não pode ser estudado fora dessa cadeia”. Desse modo, dialogar com as vozes sociais enunciadas acerca desse objeto de pesquisa é um passo importante para alcançarmos o debate intrincado na teia discursiva na qual ele está inserido.

Ao lermos a obra de Jatobá, estamos imbuídos de certa posição axiológica sobre ela, advinda de outros contextos de leitura. “As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos” (BAKHTIN, 2000, p. 314). Temos a convicção de que o olhar crítico do

outro sobre o objeto se torna um ponto de escuta e enunciação para sempre se iniciar um diálogo, dimensionar e redimensionar um juízo de valor sobre esse objeto. A relevância da escuta atenta da voz do outro na negociação de sentidos sobre um dado objeto é, reiteradamente, definida por Bakhtin (2000) nas mais diversas situações:

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior da boca dos outros (da mãe, etc.) e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo (BAKHTIN, 2000, p.378).

Com isso vimos que todo e qualquer processo de enunciação é, pois, um elo na cadeia de comunicação e interlocução em fluxo contínuo sempre produzindo sentidos. É com base nesse entendimento que buscamos o intercâmbio com discursos produzidos nas instâncias acadêmicas sobre Jatobá. Na sequência, mais uma voz da fortuna crítica do autor: discursos do autorretrato: o autor por ele mesmo, amplificando a rede de sentidos sobre Jatobá e sua obra, conforme apresentados na próxima subseção.

2.2.3 O autor por ele mesmo: discursos do autorretrato

Nesta subseção, tratamos do significado das vozes do autorretrato, o autor por ele mesmo, na construção dos discursos críticos sobre sua ficção, à medida que a voz de Jatobá está localizada em pontos privilegiados — dentro e fora do contexto de produção — na ação de ler e analisar a própria obra, resultando em um leitor especial, sendo aquele que escuta as vozes do autorretrato, experiência singular, nela imerso, mas também distanciado. O autor é o leitor de si. Aqui, o fator exotopia²³ garante certo distanciamento de si, ao passo que o autor comenta a própria obra. Dialogicamente, Jatobá está imerso em sua ficção, pois é o autor organizador e criador, mas também fora, mediante sua voz crítica que concebe a totalidade da obra, imprimindo-lhe o acabamento proporcionado pela perspectiva de fora.

²³ Para Amorim (2006), na perspectiva bakhtiniana, exotopia é um conceito mobilizado para designar a relação tempo e espaço, com ênfase na dimensão espacial. [...] “exotopia que permite à pessoa situar-se num lugar que é a única a poder ocupar fora dos outros” (BAKHTIN, 2003, p. 103). A posição exotópica, ou seja, o distanciamento do objeto criado ou narrado permite ao autor um excedente de visão em relação a esses fenômenos. “O outro que está de fora é quem pode dar uma imagem acabada de mim e o acabamento, para Bakhtin, é uma espécie de dom do artista para seu retratado”, explica (AMORIM, 2006, p.97).

Nesse sentido, tomamos essas manifestações, de modo especial, como importante fonte de conhecimento sobre a obra. É o olhar do “eu” sobre o “eu mesmo” situado e imbricado interno e externamente a própria obra. Interessa-nos saber as formulações conceituais e avaliativas que os discursos do autorretrato revelam. Assim, situamos as abordagens sobre as vozes do autorretrato em dois momentos: no primeiro, apresentamos uma sequência de cinco entrevistas do romancista; o segundo é reservado para análise de duas postagens de Jatobá nas redes sociais.

A primeira entrevista selecionada para esse debate foi concedida a Ricciardi (2008). Dentre os vários veículos comunicativos que Jatobá teve a oportunidade de manifestar sua posição crítica sobre a própria obra, a entrevista concedida a Giovanni Ricciardi se constituiu em material bastante significativo para esta pesquisa. Entrevista que tem os registros no livro *Biografia e Criação Literária*, vol. 3, *Entrevistas com Escritores Mineiros*, de 486 páginas. Esse livro resulta da continuação de um projeto desenvolvido pelo pesquisador italiano Giovanni Ricciardi, organização de Dulce Maria Mindlin, publicado no ano de 2008, pela editora UFOP, de Ouro Preto-MG. A obra reúne uma série de entrevistas com os escritores mineiros com grande projeção literária, no contexto nacional e internacional. O livro é uma espécie de discurso autobiográfico, em que há grandes nomes, entre estes o de Roniwalter Jatobá. Em uma longa e densa entrevista, Jatobá fala ao entrevistador da formação de jornalista e escritor, das entranhas discursivas inerentes ao ato da composição literária, descreve também seu núcleo familiar, do sentido de ser escritor, bem como do papel e da missão perante as mazelas que acometem as classes menos privilegiadas no Brasil. Jatobá caracteriza social, político e culturalmente sua obra. Por último, traça, com precisão linguística, em um discurso honesto e lúcido o autorretrato, expondo com clareza as insatisfações com o mundo político, a justiça e a elite brasileira. Argumenta sobre a necessidade de viver em um país em que os mais pobres possam ter moradia digna, comida, escola e um mundo menos violento. Em síntese, nessa entrevista, Jatobá faz reconstrução do seu passado, sem perder o momento presente e o futuro. Essa entrevista, pela natureza temática, conceitual formal e metodológica, entre as várias fontes que se empreenderam as buscas, constitui rico acervo de informações de caráter pessoal e literário do autor. Quando solicitado para fazer um autorretrato, definiu-se como:

Sou um escritor solto em São Paulo, tentando refletir essa realidade que conheço, que é a do imigrante nordestino... às vezes me sinto magoado por não tentar compreender melhor o mundo que vivemos, um mundo de políticos incompetentes, num país de militares golpistas, num país de ricos que não tem coragem de dividir nem um pouco sua riqueza...num país onde 60% da população vive na miséria... É grande a luta do escritor. Eu quero participar dela de forma que torne o mundo melhor: que as pessoas tenham moradias dignas, comida, escola, sem tanta violência. Só podemos fazer isso através da luta e a luta do escritor é escrever tentando refletir a sociedade... Acho que também através do jornalismo a gente pode tentar transformar a sociedade, mas é através da literatura que a gente pode refletir com mais seriedade, mais honestidade esse mundo triste da sociedade brasileira (JATOBÁ, 2008, p. 444).

Essa passagem da entrevista é elucidativa e define com precisão o lugar no qual o escritor se posiciona para manifestar, com argúcia crítica, a posição política de inconformismo, aversão e repulsa contra um Estado omissivo e opressor, como também o modo de se insurgir contra um sistema social classista, perverso e desigual que assalta cotidianamente a dignidade do trabalhador brasileiro. Jatobá se mostra tocado e afetado com a violência física e simbólica contra aqueles que, devido à posição na obscura zona dos processos históricos e sociais brasileiros e à força coercitiva dos mecanismos de poder pela classe dominante, não conseguem romper com as travas das barreiras socialmente impostas. Percebemos, assim, que o discurso jatobiano aclara e demarca literalmente o território político e social, as referências, fronteiras e inquietações. Para esse autor, o mundo da ficção, privilegiadamente, apresenta-se como simbolização do imaginário social.

Nessas circunstâncias, o autor se apropria do texto literário e o constitui como espaço de diálogo, renovação e crítica das linguagens e sobre o mundo. Jatobá elege o mundo da literatura como meio viável para projetar as assimetrias sociais e as ideias em laboração dos sujeitos em sociedade. Assim, de maneira geral, desse fragmento de entrevista, compreende-se que Jatobá faz aguda reflexão filosófica, histórica, política e social sobre o estar no mundo, bem como o pensar literário diante das incongruências sociais e do estado de exceções institucionalizados na sociedade brasileira. "O ato estético engendra a existência num novo plano de valores do mundo; nasce um novo homem e um novo contexto de valores um novo plano do pensamento do homem sobre o mundo", proclama Bakhtin (2000, p. 205). Em resumo, a voz de Jatobá por ele mesmo dialoga fluentemente com as vozes supracitadas, quanto à materialidade do mundo. Em síntese, Jatobá por ele mesmo acentua que a relação

"forma e conteúdo estão unidos no discurso, entendido como fenômeno social" (BAKHTIN, 2010, p. 71).

A segunda entrevista está publicada na Revista Princípios²⁴. Jatobá faz um relato de suas convicções, realçando suas expectativas em políticas sociais que assumam como centro de suas ações a condição humana: "acredito no socialismo, na esperança de uma sociedade nova, avançada, baseada no ser humano" (JATOBÁ, 1995, p. 65). O Escritor também enfatiza dominação coletiva e a cultura de exploração dos mais pobres em que se impôs o fenômeno da globalização: "globalização significa vender sonhos a quem pode consumir e jogar no lixo a vida de quem não pode" (JATOBÁ, 1995, p. 65). Declara-se crítico e na contramão de muitos outros escritores que, segundo ele, produzem uma literatura eivada por um discurso alienante e corrompido. Esclarece e define as linhas mestras e interpretativas do universo por ele ficcionalizado. Destacamos, a seguir, dois momentos profundos dessa entrevista. No primeiro, Jatobá levanta questionamentos sociopolíticos sobre o pensamento crítico produzido e difundido na sociedade brasileira e estrangeira. No segundo, críticas jatobiana incidem sobre a ausência de espaços de debates, nas esferas acadêmicas, sobre literatura brasileira produzida e publicada nas últimas décadas, inclusive no que diz respeito ao complexo mundo do operariado.

(...) Para essa elite que procura abocanhar os recursos do Estado não interessa saber de temática social. Não interessa uma visão crítica da nossa sociedade, propositalmente "esquecida" pela cada vez mais furiosa colonização estrangeira, especialmente norte-americana. Não interessa, a essa gente, conhecer o complexo social em que o ser humano mora e moureja sem trégua. E a maioria dos intelectuais caminha nesse rumo, estão perdidos, achando que é um assunto fora de moda. Onde está a crítica das universidades brasileiras aos livros produzidos nas últimas décadas? Fechados em redomas, professores se debruçam na tese produzida lá fora. Com raríssimas exceções, grande parte não produz nem resenha. Nesse sentido fico com as ideias do linguista norte-americano, Noam Chomsky, que prega que os intelectuais devem se engajar pelos pobres e oprimidos [...] Num país que, nos últimos anos, tem produzido sobretudo uma "literatura" de alienação (magia, autoajuda, trapaçarias psicoterapêuticas etc.), busco uma literatura que olhe a vida de frente. [...] Quanto à ausência da problemática operária nas obras literárias, o que esperar de uma universidade, de uma grande imprensa, de dirigentes que voltaram as costas para a situação da maioria do povo brasileiro? Quanto à crítica, faço minhas as palavras do escritor inglês V. S. Naipaul: "Se as pessoas não leram meu trabalho, isto quer dizer que não precisam dele. Se precisassem, teriam encontrado" (JATOBÁ, 1995, p. 65).

²⁴ Disponível em: principios.revista@gmail.com, edição 36, fev./mar./abr,1995, páginas 62-65, seção "De Frente para o Brasil", datada em 01/02/1995, com o título *A vida rica, complexa e contraditória que vivemos no Brasil é a matéria-prima para a literatura deste escritor, que não se seduz por modismos e se comove com a causa de nosso povo*

Do ponto vista geral, na condição de cidadão crítico e de escritor consciente de seu papel no Brasil do século XXI, o romancista define e demarca seu lugar de fala no universo literário brasileiro, que é, abertamente, ao lado das vozes dos menos favorecidos social e economicamente. Além das reflexões assinaladas nas passagens de textos supracitadas, Jatobá descreve nessa entrevista o mundo ocidental, nos últimos tempos, como o ambiente que se firmou a partir das relações de poder regidas pelo acúmulo de riquezas. Um mundo tomado pelos interesses do capital. Para ele, esse fenômeno, paradoxalmente, produziu setores, por um lado profusamente ricos, por outro, uma grande massa de miseráveis, destacando também que, no Brasil, não é diferente, tal realidade se repete: “[...] Na Europa e nos Estados Unidos cresceu a desigualdade. No Brasil, convivemos com esse drama no dia a dia, basta olhar para as ruas, [...] dos centros urbanos, com seus milhões de Agostinhos. [...] Até quando?” (JATOBÁ, 1995, p. 65).

Por conseguinte, a terceira entrevista analisada, Jatobá concedeu ao Portal Vermelho (JATOBÁ, 2012), tendo como entrevistador o jornalista e escritor mineiro Carlos Herculano Lopes²⁵. Nessa entrevista, o romancista, conforme roteiro de perguntas elaboradas por Lopes, reitera o olhar crítico para o universo do operariado brasileiro, na cidade de São Paulo, temática nuclear em suas obras. Descreve suas vivências migratórias, enfatiza também sua proximidade com a literatura infanto-juvenil, citando as composições publicadas destinadas a esse público. Ao finalizar entrevista, o romancista fez um breve relato acerca de sua formação e atuação como jornalista, apontando a importância dessa experiência na sua escrita literária. No entanto, observamos as singularidades que caracterizam o processo de criação do texto de ficção, detalhando a dinâmica que ordena e sistematiza o ato composicional de uma obra literária, conforme atesta as falas que seguem:

Gosto do exemplo do norte-americano Ernest Hemingway. Ele dizia que fazer jornalismo leva o escritor a escrever com clareza e simplicidade. Mas é bom lembrar que a literatura exige algo a mais, pois nela é essencial entrar na consciência dos personagens, inclusive em suas idealizações. [...] O escritor precisa de tempo para observar, analisar, compreender e se aprofundar (JATOBÁ, 2012, p. 444).

²⁵ Carlos Herculano Lopes, jornalista e escritor, autor de vários livros, entre os que mais se destacaram estão: *Coração aos Pulos*, *Entre BH e Texas*, e *O Vestido*, romance baseado em um dos mais conhecidos poemas de Carlos Drummond de Andrade, *Caso do Vestido*.

A quarta entrevista foi dada ao Programa Leituras, da TV Senado²⁶, destinado à apresentação, análise e divulgação da literatura brasileira, apresentado pelo escritor, jornalista, crítico literário e documentarista Maurício de Albuquerque Melo Júnior. Semanalmente, esse crítico literário faz entrevistas com escritores e análises de obras literárias. O *Leituras* é um programa com espaço para todas as correntes literárias. No dia 26/10/2012, esse jornalista realizou significativa e esclarecedora entrevista com Jatobá. Na entrevista, mais uma vez, o escritor reafirmou o lugar de enunciação da sua obra, reforçando a forte carga social que caracteriza o conteúdo temático de sua literatura: a visão do mundo proletário que apurou na infância e adolescência. Verificamos que com muita naturalidade diante do entrevistado, o documentarista pincelou os elementos que compõem o tecido discursivo do projeto literário do escritor. Na interlocução, Jatobá falou sobre três obras lançadas naquele ano, caracterizando o período como um ano muito fértil, em que obteve rica produtividade, uma vez que, segundo o escritor, tirou quase tudo da gaveta: *Cheiro de Chocolate e Outras Histórias* (JATOBÁ, 2012); *Alguém para Amar a Vida Inteira* (JATOBÁ, 2015) e *Jovem Monteiro Lobato* (JATOBÁ, 2012). Para Jatobá, embora essas obras tenham chegado ao mercado editorial no mesmo ano, cada uma demandou uma pesquisa e trabalho artístico individualizados. Como exemplo, *Alguém para amar a vida inteira*, editado pela Editora Positivo, é um romance que escrevo e reescrevo há mais de cinco anos, e conta uma história de amor na periferia fabril de São Paulo” (JATOBÁ, 2012, p.3). Todo conteúdo dessa entrevista se encontra no Anexo C desta tese.

A quinta entrevista, intitulada *Como escreve Roniwalter Jatobá*, a mais recente concedida pelo escritor, foi realizada pelo doutorando em direito na Universidade de Brasília, José Nunes, no dia 14 de agosto de 2018, publicada no blog *Como eu escrevo*²⁷. Segundo esse pesquisador, o objetivo do *Como eu escrevo* é trazer ao leitor os bastidores do processo criativo de escritores e pesquisadores brasileiros. Motivado por sequência de perguntas muito bem elaborada, o escritor expressou todas as nuances e circunstâncias que, ao longo do tempo, tornaram-no o Jatobá/escritor do atual momento. Jatobá falou com tenacidade de questões peculiares e fundamentais que constituíram e constituem seu processo de criação

²⁶ Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/tv/>. Acesso em: 05 nov. 2018.

²⁷ Disponível em: <https://comoeuescrevo.com>. Acesso em: 05 abr. 2019.

literária, na condição de jornalista/escritor, detalhando o caráter metodológico de sua escrita. De maneira sintética, o que se pode abstrair dos discursos do autorretrato nessa entrevista é um Jatobá que se recolhe no “silêncio da solidão”, para dar vazão as suas intuições e elaborar sua escrita narrativa. “Na literatura é preciso muita paciência até encontrar o tom e o ritmo certos”, argumenta Jatobá (2018, p.3).

Quanto ao seu estado de consciência, quando a escrita trava, Jatobá se mostrou tranquilo e maduro. “Lido bem. Não fico angustiado se a inspiração não vem. Não tenho interesse em publicar um livro atrás do outro” (JATOBÁ, 2018, p. 2.). Nessa entrevista, o romancista falou sobre sua relação com o mundo da tecnologia, afirmou ser um homem, no momento, já adaptado com toda inovação que o advento da tecnologia trouxe para a modernidade. Entretanto, foi bastante tenaz ao se referir sobre a importância do legado cultural e social do livro. Embora o escritor tenha se declarado um homem de convivência harmoniosa com as novas tecnologias, o seu apreço pela materialidade física e intelectual do livro se sobrepõe ao mundo tecnológico. “Sou favorável à tecnologia, claro, mas gosto de ter em mãos o livro em papel. Me sinto gratificado em ter em mãos aquele objeto transformador”, assevera Jatobá (2018, n.p.1). E, por último, fala do seu projeto para o próximo livro, expressando o grande desejo de, em única obra, construir um grande diálogo entre o Jatobá-escritor e o Jatobá-jornalista. “Há anos, pesquiso um assunto para um possível romance histórico. A história se passa em 1926, na Chapada Diamantina, Bahia, durante a grande saga da Coluna Prestes na região. [...] Quero unir nesse livro o jornalismo e a literatura” [...], afirma Jatobá (2018, p.5). Assim, o romancista concluiu seu pensamento, reafirmando algo já pronunciado na terceira entrevista, no que diz respeito ao diálogo entre a profissão de jornalista e a sua formação de escritor

Portanto, nessas circunstâncias, é interessante observar que Jatobá apropria-se do texto literário e o constitui como espaço de diálogo e reflexão sobre a vida e o mundo. Ele elege o hemisfério literário como meio viável para materializar um mundo segregado, onde coexistem um universo de estabilidades e instabilidades sociais. Assim, de maneira geral, entende-se que o enunciar jatobiano, a partir do intercâmbio discursivo produzido nessas entrevistas, difunde uma aguda reflexão filosófica, política e social sobre seu estar no mundo, seu papel enquanto escritor e a função da escrita literária, deixando claro seu comportamento político diante das incongruências sociais e o estado de exceções institucionalizados na sociedade brasileira. Logo, “O ato estético engendra a existência num novo plano de valores do mundo; nasce um

novo homem e um novo contexto de valores — um novo plano do pensamento do homem sobre o mundo”, proclama Bakhtin (2000, p. 205). Nessa via, uma leitura atenta da obra jatobiana aponta para uma proposta de arte, cujos valores do mundo real são deslocados, reagrupados e ressignificados esteticamente, alcançando um novo nível de linguagens sobre o mundo, o homem e as coisas.

Destarte, o segundo momento desta subseção, reservamos para esboço reflexivo da voz de Jatobá nas redes sociais, uma vez que o romancista tem se pronunciado constantemente neste espaço interlocutivo. As postagens que circulam na página pessoal de “Roniwalter Jatobá”, na rede *facebook*²⁸, têm, com frequência, seus conteúdos linguístico-discursivos atualizados. Sempre com diálogos intitulados “amigos e amigas”, Jatobá está incitando seus “seguidores” para um embate discursivo, visto que, conforme observamos, os discursos que circulam naquele espaço de livre comunicação do romancista são, majoritariamente, de cunho político-social, bem atuais, destacando criticamente a ausência do poder público na vida daqueles marginalizados econômica e socialmente.

A voz de Jatobá nesse veículo de comunicação constitui um material passível de observação e análise sobre sua visão de mundo, relação com a sociedade, ideias e seus sentimentos. Na segunda parte do “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, no capítulo a “Interação Discursiva”, Volochínov (2017) considera que o centro organizador de toda e qualquer enunciação, de toda expressão, não se encontra no interior, mas no exterior, situando-se no meio social em que o sujeito circunda. O filósofo enfatiza que o enunciado, em sua plenitude, é um produto da interação social realizada em dois momentos: o primeiro, mais próximo, caracteriza-se pela situação de fala; o segundo, mais distante, define-se por todo um conjunto das condições da coletividade falante. Pois, “a situação social mais próxima e o ambiente social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 206). Isso implica uma análise consubstanciada na relação interlocutiva entre esses dois planos discursivos.

As duas postagens a seguir, feitas nas últimas semanas do mês de maio de 2018, foram selecionadas, porque entendemos que apresentam um conteúdo discursivo representativo para nossa análise. A primeira foi publicada dia 20 de maio.

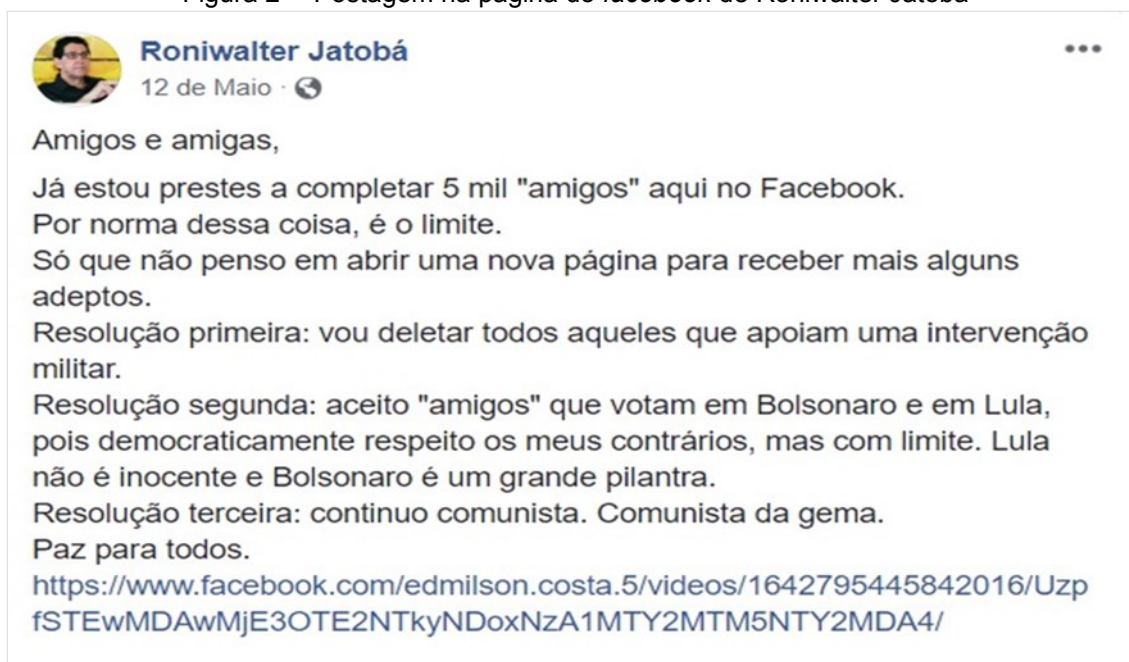
²⁸Endereço eletrônico do *facebook* de Roniwalter Jatobá: https://www.facebook.com/roniwalter.jatobal?ref=br_rs. Acesso em: 25 mai. 2018.

Figura 1 — Postagem na página do *facebook* de Roniwalter Jatobá



Fonte: JATOBÁ, 2020.

No *facebook*, a voz que verbera sob autoria do escritor, da pessoa e do cidadão Jatobá é de um sujeito que usufrui de inteira segurança de si, com expressão própria, capaz de imprimir com autonomia abertamente a realidade que o inquieta. Jatobá aclara sua consciência incomodada e insatisfeita com os velhos e os atuais sistemas sociais e políticos do país. “A consciência individual é um fato social e ideológico” (VOLOCHÍNOV, 2017, p.97). Hoje, já em um contexto de avanço e evolução de sua maturidade intelectual, quem fala é o protagonista de uma experiência de vida intensa, caracterizada por forte ciclo de itinerância. O sujeito Jatobá, que se desenha moral e eticamente nesse grande meio de comunicação e interação social, é alguém que conquistou com muita perseverança a liberdade da sua expressão pública e intelectualidade crítica. Na sequência, a segunda postagem publicada dia 12 de maio de 2018.

Figura 2 – Postagem na página do *facebook* de Roniwalter Jatobá

Fonte: Fonte: JATOBÁ, 2020.

Nessa outra postagem (Figura 2), observamos que as intenções de Jatobá estão bem firmes e coerentes com suas convicções éticas e morais, permitindo-nos presumir que, no momento, o romancista persevera na sua opção política, expondo seu comprometimento e firmeza com os valores defendidos pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), à medida que faz questão de reafirmar-se discursivamente “comunista da gema”. “O meio social deu ao homem as palavras e as uniu a determinados significados e apreciações; o mesmo meio social não cessa de determinar e controlar as reações verbalizadas do homem ao longo de toda sua vida” (BAKHTIN, 2001, p. 87). Por ser um sujeito que historicamente se constitui como um ser contestador da realidade social circundante, tendo ocupado, ao longo dos anos, diferentes posições enunciativas, não esconde que seu discurso é atravessado por outras vozes e situações tensas construídas pelo diálogo com as diversas linguagens.

Ao refletir sobre as indagações explicitamente nas linhas discursivas dessas postagens e ainda em muitas outras que lemos na *timeline*²⁹ de sua página no *facebook*, emerge de seu discurso um olhar atento, consciente e crítico sobre uma política brasileira deliberadamente amesquinhada, em uma nação governada em

²⁹ Expressão de origem inglesa que significa em português linha do tempo. Utilizada para acessar o perfil dos usuários do *facebook*. As fotos, histórias e publicações que juntas se postam nesta rede ficam arquivadas na *timeline*, para que, quando consultados, cronologicamente, ela apresente um histórico das postagens do usuário.

grande medida, principalmente por políticos corruptos. Jatobá questiona um país com muitos agravantes, além dos de natureza social, política e econômica, apontando também para os de ordem ambientais.

Assim, visto de forma interativa, complementar e não isoladamente, cada situação discursiva selecionada para esse debate, nesta subseção, foi vital na construção das vozes do autorretrato, cujos sentidos produzidos anunciam um Jatobá contemporâneo de um país desconjuntado social, econômica e politicamente que se estruturou depois da década de 1930, Brasil da servidão. “O autor por ele mesmo: discursos do autorretrato”, declara o Jatobá do passado e do presente, sinalizando ainda o Jatobá do futuro. Tudo que foi dito, indiscutivelmente, aproximou-nos de um cidadão/escritor que se construiu ético e esteticamente motivado pelas suas perturbações sociais e sentimentos de total recusa de uma realidade árida, vivida por aqueles que estão sempre trilhando nas veredas da subcidadania. Ou seja, homens e mulheres sabotados no direito à vida com dignidade.

Em resumo, a voz de Jatobá por ele mesmo dialoga fluentemente com as vozes supracitadas quanto à materialidade do mundo. O autor por “ele mesmo” acentua que a relação “forma e conteúdo estão unidos no discurso, entendido como fenômeno social” (BAKHTIN, 2010, p. 71).

Em suma, as reflexões sobre as narrativas de vida que enredam o escritor Jatobá e sua obra apresentadas neste capítulo revelam importantes contribuições para o conhecimento do discurso literário jatobiana. Em outras palavras, as narrativas de vida, ou seja, a história pessoal de Jatobá é um dado muito importante no exame do seu discurso de escritor. O leitor é chamado a ler a obra a partir desse mirante.

Quanto às vozes sobre a obra de Jatobá, vimos que em torno de Jatobá, não há uma fortuna crítica quantitativamente numerosa, mas significativa. Dessa concepção, advém nossa ideia de que a fortuna crítica de Jatobá assume importante valor, no sentido de fomentar interesse, na academia, em empreender investigação acerca de sua literatura. Neste sentido, a nossa perspectiva é que esse conjunto discursivo de leitura e análise vai, a cada dia, demonstrando as múltiplas interpretações da obra jatobiana. Tem sido lida e analisada, comprovando-se o seu valor literário e de testemunho histórico, ao responder ao seu contexto, sobretudo o cenário laboral, familiar e social das classes trabalhadoras. Deste modo, reiteramos nossas intenções em tomar esse contexto discursivo como um plano enunciativo para mediar nossa compreensão, no que tange à esfera de criação, aspectos estéticos e

extraestéticos da obra, na medida em que essa fortuna crítica é legitimamente um contexto de leitura literária.

Portanto, a fortuna crítica sobre o primado literário desse escritor não está concentrada especificamente em uma única obra. O conjunto da produção ficcional de Jatobá é todo contemplado pela apreciação crítica, intuindo que sua literatura frequenta todos os horizontes da nossa humana condição.

Por fim, tudo que dissemos a respeito dos discursos e, ao mesmo tempo, suas relações dialógicas, que enredam o escritor Jatobá, no percurso deste capítulo, consiste em construir uma interlocução verbovalorativa com sua literatura, em especial, com o romance *Alguém para amar a vida inteira*, obra *corpus* deste estudo.

No próximo capítulo, tendo por base as teorizações bakhtinianas e do Círculo, discutiremos os aspectos que dimensionam ética, social e historicamente a forma estética do romance.

3 O ROMANCE EM BAKHTIN: MANIFESTAÇÃO DE UM CIRCUITO DE VOZES³⁰, DIÁLOGOS ENTRE CONSCIÊNCIAS SOCIOIDEOLÓGICAS

O romance não apenas não dispensa a necessidade de um conhecimento profundo e sutil da linguagem literária, mas requer, além disso, o conhecimento das linguagens do plurilinguismo (BAKHTIN, 2014, p. 163).

No *Dicionário de Termos Literários*, de autoria do professor de literatura e escritor, Massaud Moisés, de 1974, o termo romance (provençal *romans*, do latim *romanice*) em vernáculo, semanticamente, designa dois tipos de composição: a primeira se refere a uma forma poética espanhola. Essa primeira acepção tem “origem popular, autoria não raro anônima e temática lírica e/ou histórica”, afirma Massaud (1974, p. 451). A outra compreensão de romance, abordada pelo professor de literatura e dicionarista, denota uma composição em prosa que é notadamente a mais miraculosa de todas, podendo assinalar traços distintivos das demais formas prosaicas, como é o caso do conto e da novela. Isso decorre devido ao romance apresentar “polimorfia ou convergência de inumeráveis facetas na estruturação de um organismo vivo” (MASSAUD, 1974, p. 452).¹

Desse modo, o romance, assim compreendido, se fortalece como gênero literário multiforme, com capacidade de aglutinar em um tecido discursivo vários estilos, formas, vozes, experiências humanas e visões de mundo concorrentes situadas em espaços e tempos, podendo se relacionar de dois modos: confluentes ou divergentes entre si. Historicamente, são muitos os intelectuais e pensadores que empreenderam pesquisas proeminentes em torno do gênero romanesco, apontando tradições, origens, fases, evolução, características identitárias, temas e, especialmente, sua função gnoseológica. Ressalvamos que nossos propósitos enunciativos, neste capítulo, não se circunscrevem em fazer uma discussão que verse sobre os aspectos etimológicos do termo romance. No entanto, buscamos na teoria do professor Massaud essas linhas introdutórias, no intuito de situar o leitor do significado básico da palavra romance.

³⁰Esse termo foi utilizado pela pesquisadora Ribeiro (2017, p.17) para sintetizar e definir “o modo como as vozes se encontram interligadas, enredadas no âmbito da narrativa. É a partir desse circuito de vozes, importante elemento composicional do romance, que desvelamos a visão de mundo do autor, ou seja, o enunciado de sua obra”. Nesta tese, “circuito de vozes” segue o mesmo conceito utilizado por Ribeiro (2017).

Feitas essas considerações iniciais sobre a definição do termo romance, dicionarizada por Massaud (1974), destaca-se que, dentre as inúmeras pesquisas, bem como substratos teóricos-filosóficos e os vários métodos de análise sobre o romance na contemporaneidade, buscamos debater, desenvolver e sistematizar nossos estudos sobre o gênero romanesco, à luz do pensamento e das perspectivas críticas de Bakhtin e do Círculo.

A proposta elaborada por Bakhtin para conceituar e analisar a estrutura formal e conteúdo desse gênero discursivo constitui material aberto e diferenciado que ultrapassa as fronteiras da teorização, implicando composição literária caracterizada pela “sua plasticidade, um gênero que eternamente se procura, se analisa e que reconsidera todas as suas formas adquiridas”, frisa Bakhtin (2014, p. 227). O que se encontra em Bakhtin é um conjunto de apontamentos, capital para a compreensão da dimensão ética, política e histórica do romance. Forma e conteúdo se comportam e se revelam no discurso romanesco, fenômeno social, com elementos constitutivamente inseparáveis. Por conseguinte, o romance, para Bakhtin, é um gênero literário que compõe um todo, com formas narrativas estilizadas do autor e dos personagens. São diferentes linguagens, vozes e estilos retratados por diálogos do cotidiano, ou melhor explicando, da informalidade, bem como dos contextos artísticos, filosóficos, científicos e institucionais, concorrendo enunciado e discurso na cadeia de comunicação.

Em outras palavras, na acepção bakhtiniana, o romance resulta de um grande diálogo construído em um contexto sociointerativo que, por seu turno, abrange e coexistem tempo, espaço, vidas, contextos e situações distintas. É fundamental deixar claro que, para Bakhtin, o social, o histórico, o cultural são elementos imanentes do objeto estético. O filósofo da linguagem tem se empenhado em mostrar que o estético, sem perder as especificidades formais, está entranhado organicamente na história e na cultura. Nesse passo, “o ato estético envolve, assim, um complexo processo de transposições refratadas da vida para a arte” (FARACO, 2011, p. 24).

Faraco (1998) considera que as abordagens bakhtinianas, concernentes ao gênero romanesco, apresentam certas peculiaridades pelo fato, principalmente, de que elas não constituem um corpo teórico formalizado e acabado. Para Faraco (1998), o romance, segundo Bakhtin, agrega um conjunto bastante diversificado “de reflexões produzidas a partir de variados achegamentos ao gênero romanesco: são múltiplas as entradas e diferentes as ênfases que Bakhtin utiliza para desenvolver suas

discussões sobre o romance” (FARACO, 1998, p. 21). Neste sentido, presumimos que, teórica e metodologicamente, Bakhtin, para alinhar de forma consciente um conceito substancial e extensivo para essa modalidade discursiva, percorre caminhos múltiplos, permanentemente com entradas e saídas abertas, caracterizados por reflexões e refrações. “A ossatura do romance enquanto gênero ainda está longe de ser consolidada e, não podemos ainda prever todas as suas possibilidades plásticas” (BAKHTIN, 2014, p. 397). Isso porque ele incorpora um conjunto de formas discursivas em um movimento dialógico contínuo.

Assim, o romance se configura no pensamento do filósofo russo como gênero textual capaz de, discursivamente, apresentar, por meio da linguagem artística, um processo de enunciação da realidade social, formal e não formal, situada em um contexto extraliterário. Na verdade, de modo bastante original, Bakhtin percorre dois caminhos cruciais. O primeiro refere-se ao seu empenho em aproximar o romance dos fatos e acontecimentos da vida cotidiana da qual ele se encontra inserido. Ao construir pontes entre os discursos da arte e os discursos da vida, Bakhtin se distancia da tradição formalista que advoga a necessidade de se estabelecer dicotomia entre arte e vida. A linguagem em sua realidade viva é base concreta do pensamento bakhtiniano. O outro caminho prosseguido por Bakhtin está relacionado às origens do gênero romanesco. Para Bakhtin, as origens e as condições históricas foram indispensáveis ao seu desenvolvimento e operam como mecanismos forçosos para estruturação de um conceito fluente e orgânico desse gênero. A correlação entre esses dois pontos é importante para esclarecimento do surgimento dessa espécie narrativa. No entanto, o próprio Bakhtin, faz questão de frisar que:

Não construirei uma definição do cânone do romance que atue em literatura (na sua história) como um sistema de índices de gênero invariáveis. Porém, tentarei descobrir as particularidades estruturais e fundamentais do mais maleável dos gêneros, particularidades que determinam a orientação da sua própria versatilidade, de sua influência e de sua ação sobre o resto da literatura (BAKHTIN, 2014, p. 403).

Bakhtin, em toda sua obra, faz fluir o pensamento de que o romance na contemporaneidade se tornou uma das formas de expressão exponencial para se refletir a história completa do homem, enfatizando sua complexa e tensa relação com o mundo e os seres que nele habitam. Bakhtin (2014) estabelece, com clareza e nitidez discursiva, a inter-relação entre a vida e a arte no espaço romanesco. O filósofo

da linguagem comenta que, pela sua especificada enunciativa, “o discurso romanesco reage de maneira muito sensível ao menor deslocamento e flutuação da atmosfera social ou, como foi dito, reage por completo em todos os seus momentos” (BAKHTIN, 2014, p. 106). Essa abordagem expressa a concepção de que o romance, para o filósofo russo, não deve ser visto como trama de enredo básico que conta uma história sobre as sociedades humanas, o romance é, se não, uma forma verbal de sociedade, que é caracterizado pela expressão do diálogo entre consciências socioideológicas. Para ele uma das características excepcionais da forma romanesca é que “o homem no romance é essencialmente o homem que fala, o romance necessita de falantes que tragam seu discurso original, sua linguagem” (BAKHTIN, 2014, p. 134), razão pela qual o princípio do dialogismo, da heteroglossia e do plurilinguismo, e todos os elementos estruturantes desses três eixos, apresentam-se como fonte de apegamentos para se mergulhar no projeto enunciativo do gênero romanesco sob a ótica bakhtiniana.

De modo mais amplo, observamos que estudos sobre o gênero romanesco, na perspectiva bakhtiniana, expressam um campo de saberes que abarcam tanto o conhecimento de base histórica e científica, como o de natureza empírica, podendo ser percebido como uma forma de epistemologia, pois, conforme acentuações desse filósofo, o escritor para construir discursivamente seu objeto toma como referência os discursos já pronunciados por várias fontes acerca desse objeto. Isso acontece porque ao redor de qualquer objeto se entrelaça uma multiplicidade social de linguagens. Segundo Bakhtin (2000), a construção discursiva de um objeto não ocorre fora de um movimento dialógico entre o conhecimento de mundo do eu e do outro.

Compreender é cotejar com outros textos e pensar num contexto novo (no meu contexto, no contexto contemporâneo, no contexto futuro). Contextos presumidos do futuro: a sensação de que estou dando um novo passo (de que me movimente). Etapas da progressão dialógica da compreensão; o ponto de partida — o texto dado, para trás — os contextos passados, para frente — a presunção (e o início) do contexto futuro (BAKHTIN, 2000, p. 404).

De fato, o escritor romancista pode mobilizar todas as formas de diálogo, fala e linguagem verbal por ele escolhida para cravar o discurso e a imagem enunciativa sobre seu objeto. Nessa relação dialógica com os discursos alheios, o princípio da alteridade se fortalece, logo, “a palavra da língua é uma palavra semi-alheia”, ratifica Bakhtin (2014, p.100). Nesse processo interlocutivo, Bakhtin (2014) esclarece que as

intenções do outro povoam responsivamente a atitude discursiva do enunciador, pois não existe dúvida de que “a linguagem não é um meio neutro que se torne fácil e livremente a propriedade intencional do falante ela está povoada e superpovoada de intenções de outrem” (BAKHTIN, 2014, p. 100). O autor parte do pressuposto de que a língua funciona histórica, social e culturalmente.

Bakhtin (2000) constrói sua teoria a partir da vida. É na relação com o meio e com o outro que o sujeito se constitui. Assim, a ação discursiva, a alternância entre falantes sobre o objeto é dinâmica e responsiva. Neste sentido, “as palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos” (BAKHTIN, 2000, p. 314). O eu do enunciador mantém uma relação viva e produtiva com o eu do outro. É com base nesse jogo discursivo, palavra e contrapalavra do eu e do outro, que não se percebe a construção discursiva do objeto pelo sujeito apartada do dizer do outro. O sujeito tem sempre suas falas ocupadas pelas vozes do outro acerca do objeto discursivizado e essa voz alheia, por sua vez, como define Volochínov (2017, p. 249) “é o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado”. Por isso, pode-se afirmar que o romance, conforme orientação bakhtiniana, constitui espaço de entrelaçamentos de discursos, pluralidade de vozes, cruzamentos e pontos de encontro, heteroglossia, resultando, portanto, em uma rica produção e socialização de saberes, ou seja, o encontro dessas realidades discursivas converte-se sempre em uma nova realidade.

A discussão epistêmica sobre a esfera da criação e interlocução do gênero discursivo, de modo mais especial o gênero romanesco, tem ocupado espaço amplo nas preocupações estéticas da escrita bakhtiniana. O texto “O Discurso no Romance”, escrito entre 1934-1935, inserido em “Questões de Literatura e de Estética – A Teoria do Romance” (BAKHTIN, 2014, p. 71-210), dedica-se a uma abordagem aprofundada quanto aos processos composicionais da estrutura e funcionamento do romance, colocando em uma grande pauta a dimensão ético-política do discurso literário.

O diálogo com esse texto permite ver – no sentido mais expressivo do termo – muito sobre a constante fluidez conceitual do discurso no romance. Sobretudo, para Bakhtin (2014), a forma romanesca se apresenta como meio qualificado para colocar em um movimento reflexivo e especulativo o discurso da vida e o discurso da arte, isto é, a realidade literária e a realidade extraliterária. Isso se explica no pensamento bakhtiniano porque, a seu modo, a escrita literária transcende as

fronteiras do mundo da vida e assume os valores éticos-políticos e sociais da linguagem artística que, por suas características arquitetônicas, aporta um conjunto de saberes e valores que não se restringe a tão somente dizer o conteúdo e assunto discursivos, mas revelar que modelo formal, estilístico e recursos composicionais, o escritor acolhe para imprimir sua consciência ideológica de mundo. Vale lembrar aqui que “as formas arquitetônicas são formas dos valores morais e físicos do homem estético, as formas da natureza enquanto seu ambiente, as formas do acontecimento no seu aspecto de vida particular, social e histórico” (BAKHTIN, 2014, p. 25). O pensamento arquitetônico de obra pondera a interação entre o material, o formal e o conteúdo.

Para Bakhtin, todo sistema comunicacional de linguagem, quer falado ou não, constitui-se elemento que estrutura e propicia a relação do homem com o mundo das coisas e pessoas. Em Bakhtin, escuta-se sempre: a linguagem constrói discursivamente o ser. Sem linguagem não há mundo. O sujeito se diz por meio da linguagem. Essas assertivas ocupam e dimensionam amplamente as ideias bakhtinianas, constituindo-se também ponto comum com o pensamento do Círculo. Volochínov (2013, p.149), reconhece que, “sem a linguagem, sem enunciação bem definida, verbal ou gestual não existe expressão, assim como, não existe expressão sem uma real situação social com participantes reais”.

Nesse sentido, muitos estudiosos, pesquisadores e debatedores da obra bakhtiniana afirmam que o estudo da formação e dos aspectos socioideológicos da linguagem brotam, ramificam e solidificam, implícita e explicitamente, a base do pensamento de Bakhtin. É justamente por isso que recorreremos às reflexões produzidas e organizadas sistematicamente no esteio das ideias bakhtinianas para assentar as bases gerais e sentidos de nossas discussões, tendo em vista que a linguagem constitui núcleo forte e central em toda sua produção, seja pertencente ao mundo real ou mundo artístico, ultrapassando as fronteiras do universo da linguística tradicional, pois nas palavras de Voloshínov (2017, p. 179), “o aspecto constitutivo de uma forma linguística enquanto signo não é sua identidade em si como sinal, mas sua mutabilidade específica”.

Dialogicamente, em dado contexto ou situação conversacional, os falantes são envolvidos em um movimento discursivo pleno de sociabilidades, em que florescem responsivamente as relações entre centro de valores do eu e do outro. Considerando que, “a linguagem e o pensamento, constitutivos do homem, são

necessariamente intersubjetivos”, afirma Todorov (2000, p. 15). Eis que, para Bakhtin e Volóchinov, a consciência linguística do falante e de seu interlocutor, em um contexto discursivo, falado ou escrito, na prática elocutiva viva, não se realiza “com um sistema abstrato de formas linguísticas normativas e idênticas, mas com a linguagem no sentido do conjunto de diferentes contextos possíveis em que essa forma linguística pode ser usada” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 180), tendo em vista que a palavra não se encontra encarcerada a nenhuma estrutura ou código linguístico. A palavra, que, no embate dialógico do cotidiano assume carga ideológica, por meio das relações sociais entre sujeitos historicamente situados, é um produto e, ao mesmo tempo, a base material da consciência humana, assumindo importante função na formação discursiva do ser: refletir todos os aspectos, acontecimentos e fenômenos vinculados à vida social da humanidade. A lógica da realidade da consciência, para Bakhtin, constitui a lógica da comunicação socioideológica engendrada semioticamente nos enredos sociais da vida humana. Logo, os elementos situados nos contextos verbais e extraverbais constituem, em essência, abrigo pleno e único da consciência. Isso ocorre devido ao fato de que a consciência, nas palavras de Volochínov (2017, p. 97), é um fenômeno que “se forma e se realiza no material sógnico criado no processo de comunicação social de uma coletividade organizada”. Não obstante, Volochínov (2017) reforça oportunamente que se privarmos a consciência de seu conteúdo signo ideológico, não sobrar absolutamente nada dela “[...] fora desse material, resta um ato fisiológico puro, não iluminado pela consciência, isto é, não iluminado nem interpretado pelos signos” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 98).

Tudo isso que explanamos tem a ver com as ideias bakhtinianas de que o centro organizador e formador da língua não se situa no interior do sujeito isolado, segregado da vivência social e histórica. Logo, a influência do território social, espaço de tráfego externo e vivência coletiva desse indivíduo e das situações históricas na formação e definição da consciência humana é basilar. Esse meio sócio-histórico se define como lugar amplo, concreto, ideológico e em constante construção, em que os sujeitos sociais vivem, interagem, labutam, elaboram suas atividades e assim por diante. Tudo isso é determinante na criação das metáforas, imagem semiótica, tonalidades criativas, acentos avaliativos: expressão verbal do homem no meio circundante. A forma de apreender e anunciar realidade social, por Bakhtin, realiza-se sempre fundamentada no princípio do dialogismo e da heterogeneidade. Para o teórico russo, na realidade e na ficção, as sociedades históricas, cultural e socialmente

são formadas por grupos bastantes distintos, com percepções ideológicas plurais e comportamentos variados. Grupos que estão em constantes relações de tensão, discordâncias entre si e negociações de sentidos.

Para bem entender a temática, a forma, os elementos composicionais, as vozes que se manifestam, as linguagens confluentes e divergentes entre si e os gêneros intercalados no romance nas conceituações e formulações de Bakhtin e o Círculo, o leitor não pode se furtar da compreensão de que, sendo o romance uma composição artística que acompanha as metamorfoses da realidade do mundo, deixa entrever em sua malha discursiva que a consciência linguística-ideológica do sujeito se forma em um processo de ordem social nutrido por um universo de signos que tem seu sentido, metodologicamente, engendrados pelo movimento de aproximação entre o signo apreendido e outros signos conhecidos e partilhados.

A rigor, Bakhtin propõe que a dinâmica constitutiva da linguagem toma os sujeitos e suas valorações, o tempo histórico e o espaço social de interação como elementos estruturantes do processo comunicacional. De tal modo que é a relação dialógica entre esses elementos que permite a produção de sentidos possíveis para um dado discurso. Sob essa perspectiva, o diálogo se integra como característica decisiva da linguagem humana. Assim, o diálogo do sujeito com seu objeto de estudo se realiza por meio de uma relação dialógica com o discurso do outro que, por um lado, pode estar situado em um contexto social amplo e atemporal, e, por outro, em um mais imediato.

Nesse âmbito, o conceito de diálogo, entendido por Bakhtin e o Círculo, caracteriza-se como forma autêntica e privilegiada de comunicação viabilizada pela interlocução entre a palavra e a contrapalavra, visto que o diálogo se concretiza materialmente pelo dizer, ao mesmo tempo, do eu e do outro. Locutor e interlocutor posicionam suas falas dialogicamente mediante inflexões contextuais resultantes de vivências, experiências, afinidades, atitudes valorativas e ideológicas de cada um. Decerto, “qualquer palavra dita ou pensada não é somente um ponto de vista, mas um ponto de vista avaliativo” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 196). Isso ocorre porque, no sentido bakhtiniano, o sujeito se constrói discursivamente no diálogo com o outro. Na cadeia comunicativa, o ato de criar e recriar diálogos se realiza sempre em constantes relações que são modeladas e ressignificadas na arena discursiva entre os interlocutores responsivamente. Equivale reiterar que o locutor, empenhado em construir discursivamente seu objeto, entra dialogicamente em um jogo discursivo

elástico, ativo, agitado e tenso. Os diálogos são costurados por fios avaliativos e acentos do outro. Nesse encontro dialógico entre o eu e o outro, os enunciados passam por um filtro linguístico e semântico, em que se estabelece congruência e incongruência com uns, desconsidera outros, relaciona-se com terceiros. A realidade efetiva é que “as tonalidades dialógicas preenchem um enunciado [...]” (BAKHTIN, 2000, p. 317). O fiar e o tecer da trama discursiva, no que diz respeito ao objeto, segundo Bakhtin (2000), está forçosamente atrelado à relação mútua entre a palavra do eu e do outro, todavia, privar o objeto desse convívio e embate discursivo é isolá-lo do diálogo com as diversas consciências socioideológicas.

Em síntese, para Bakhtin e o Círculo, na arte e na vida, tudo se passa no diálogo das linguagens, no qual duas forças verboideológicas opostas entram em atividade: as forças centrípetas e as forças centrífugas. Aquelas, segundo Bakhtin (2014), preocupam-se em unificar e homogeneizar a linguagem, enquanto as centrífugas se inclinam para descentralização, buscando sempre resguardar a dissonância, a diversidade, o conflito, as lutas entre as vozes sociais. Podemos afirmar que esses dois conceitos assumem funções importantes nas situações concretas de enunciação. Na lógica bakhtiniana, tanto as forças centrípetas como as centrífugas, em certa medida, “cruzam-se nesta enunciação, e ela basta não apenas à língua, como sua encarnação discursiva individualizada, mas também ao plurilinguismo, tornando-se seu participante ativo” (BAKHTIN, 2014, p. 82).

Fanini (2013), ao discutir sobre aspectos formais, éticos e políticos do romance sob a ótica bakhtiniana, observa, por exemplo, que “todo ato comunicativo é, na realidade, uma tradução, ou seja, o falante compreende e reacentua a palavra do outro a partir de suas matrizes culturais, políticas e sociais” (FANINI, 2013, p. 24). São essas questões que nos permitem elucidar que o romance suscitado pelo pensamento bakhtiniano é, pois, além de uma forma robusta do conhecimento epistemológico, um modo expressivo muito original e especulativo de construir um campo discursivo de verdades por meio do discurso artístico. Tudo isso acontece na composição romanesca, na medida em que o escritor, a partir de seu posicionamento político e axiológico, tem liberdade enunciativa para dar um tratamento linguístico e estético no discurso artístico. “A arte pode escolher tudo quanto a ideologia dominante esquece, evita ou repele” (BOSI, 1996, p.16). Isso pressupõe que o modo de apreensão artística dos discursos da vida passa, necessariamente, por um filtro

linguístico, ético e estético, fecundado na consciência socioideológica do escritor, cujas origens e formação repousam nas forças sociais de seu convívio em sociedade.

Por isso, destacamos que o escritor, sempre em atitude de dialogização com os aspectos externos e internos ao texto, em uma primeira etapa, extrai do mundo da vida matéria-prima, informações e conhecimentos veiculados socialmente. Na segunda etapa, em um processo de transfiguração para o mundo da arte, utilizando-se de sua consciência socioideológica: acolhe, recorta, aceita, rejeita e ultrapassa essas verdades e, finalmente, usando a enunciação artística, para chegar a uma imagem totalizante de sua criação literária, faz uma ordenação sistemática desses acontecimentos, convertendo e submetendo-os às leis da linguagem, ao estilo e à forma do discurso ficcional. Essa estruturação do discurso literário no romance pelo prosador, segundo Bakhtin (2014), acontece porque para o escritor “não há mundo além de sua conscientização social e plurilíngue, e não há linguagem além das intenções plurilíngues que o estratificam” (BAKHTIN, 2014, p. 132).

Nessa perspectiva, o discurso do romance é construído sob a percepção de que a arte literária se nutre organicamente dos elementos que reproduzem e representam a história do mundo e das sociedades nele organizadas. À vista disso, o romance constitui uma forma verbal, ainda que ficcional, da realidade social da vida humana. É esse contato vivo com a realidade do mundo que, segundo Bakhtin, repousa na base do romance um autêntico microcosmo de linguagens. Nesse movimento, as fronteiras entre literatura e vida social, linguagem literária e não literária são diluídas, tornando-se cada vez mais permeáveis.

Para entender como se deu diacronicamente a formação do gênero romanesco, Bakhtin recorreu aos fatores históricos. O gênero romanesco, no contexto das reflexões teóricas e práticas de Bakhtin que, ora se situam no contato com uma rede de interlocução com uma base conceitual complexa, ora dialoga responsivamente com conceitos abertos e flexíveis, apresenta-se como forma narrativa circunscrita em uma ampla temporalidade que se “perde nas profundezas dos séculos e milênios” (p.371). Isso porque suas sementes germinaram, floresceram e amadureceram nos gêneros discursivos de origem:

Familiar ainda pouco estudados, da linguagem popular falada, e do mesmo modo em alguns gêneros literários e folclóricos inferiores. No seu processo de surgimento e desenvolvimento inicial a palavra romanesca refletiu a antiga luta de tribos, povos, culturas e línguas, ela era uma ressonância completa dessa luta (BAKHTIN, 2014, p. 371).

Assim, fundamentando-nos nos pressupostos teóricos-metodológicos da arquetônica bakhtiniana, observando por um prisma diacrônico, o romance para Bakhtin (2014) é um gênero advir, sensível a todas as mutações do mundo real, que tem suas raízes indelevelmente ligadas às manifestações de cultura popular da tradição grega. A pré-história do romance é uma história de oposição à cultura oficial e subversão do sério. Deste modo, conforme afirma Fanini (2013, p.26), “segundo Bakhtin, da prosa romanesca, cuja pré-história o pensador russo vai localizar na Grécia Antiga, sobretudo nos diálogos socráticos, nas sátiras menipeias e nos gêneros cômicos. Nesse contexto, Bakhtin (2000, p.374) reforça a potência do riso popular enquanto forma de libertação da consciência social do homem, posto que “A seriedade deixa mais pesadas as situações sem saída, o riso eleva-se acima delas. O riso não entrava o homem, libera-o”. O riso é também uma transgressão dos acontecimentos da vida, emergindo como uma força expressiva de possibilidades para criação de uma realidade nova. O riso denuncia as situações de arbitrariedade, de seriedade, de ditadura, de cultura oficial que insiste em se prolongar por períodos indeterminados. As reflexões teórico-filosóficas bakhtinianas enaltecem o riso como prática social libertadora e democrática, pois, além de criar possíveis obstáculos contra a ditadura do sério, é capaz de contradizer as tensões limitadoras impostas pelo medo.

Esse enfoque de Bakhtin sobre o surgimento do romance transita em um percurso que se contrapõe à visão de muitos outros pensadores, como é o caso de Lukács que afirma na “Teoria do Romance” que as origens e os fundamentos do gênero romanesco estão intrinsecamente ligados e fortalecidos à ascensão da classe burguesa ou às grandes narrativas (epopeias). Todavia, Bakhtin (2014) ressalta que o contexto de surgimento e formação desse gênero discursivo está associado às grandes metamorfoses do mundo real e dos complexos conflitos das línguas europeias, logo “o discurso romanesco nasceu e se desenvolveu não num processo estritamente literário de luta, de tendências, de estilos, de concepções de mundo abstratas, mas no meio de um conflito complexo e secular de culturas e línguas” (BAKHTIN, 2014, p. 396). Convém destacar que as forças que impeliram “o nascimento e formação do gênero romanesco realizam-se em plena luz da História”, reitera Bakhtin (2014, p. 397). O também linguista brasileiro Fiorin, outro importante debatedor da obra bakhtiniana, ao traçar importantes pontuações teóricas sobre o romance, afirma que em Bakhtin essa composição discursiva não se constitui um

gênero qualquer e que seu aparecimento não está associado à burguesia. “Na realidade, o romance perpassa, segundo ele, toda a história da literatura ocidental, da Grécia até nossos dias. O romance, tal como o conhecemos hoje, é apenas uma das formas históricas da expressão do gênero”, ressalta Fiorin (2017, p. 127). Em virtude dessas condições, fica claro que a vida do romance atravessa toda a história de nossa civilização, não se fixando às coordenadas históricas dos demais estilos literários.

Isso posto, podemos avançar em nossas discussões, afirmando que o conhecimento desse percurso histórico romanesco, guiado pelo ver bakhtiniano, levamos ao entendimento de que, além de narrar uma história, o processo de enunciação presente no romance traz primacialmente uma pluralidade de vozes simultâneas dispostas em um mesmo enunciado, veiculando em uma forma composicional que valoriza a tônica discursiva da temática abordada, tornando-se um gênero em adequado para verbalizar o mundo. Para Bakhtin, o romance é uma criação estética das vozes sociais do mundo real.

Nesse sentido, o filósofo russo fala de romance como um evento elocutivo com um horizonte de possibilidades de práticas discursivas, as quais são povoadas por uma realidade linguística plurilinguística, pluriestilística e plurivocal. A capacidade expressiva e comunicacional da forma romanesca tratar das questões de cunho social, cultural e histórico das sociedades e de seus falantes é o que, segundo Bakhtin, torna o discurso do gênero romanesco um circuito de vozes que se movimenta e se organiza em um tecido social marcado pelo fenômeno da heteroglossia. A maneira como o romance faz uma ordenação dos acontecimentos da vida é o que, conforme as ideias bakhtinianas, o torna uma composição particular, um fenômeno discursivo de maiores implicações no mundo da arte, podendo ser utilizado como um filtro para se investigar a história de uma civilização e a vida social e cultural do ser. Isso nos possibilita afirmar que no perímetro do romance trafegam todas as mutações da vida real, assim como múltiplas e variadas línguas e linguagens sociais, discursos e tipologias textuais. Ou seja: uma heteroglossia dialogizada.

Nessa perspectiva, nota-se que Bakhtin (2014) dedica-se a explorar profundamente elementos composicionais do romance. O propósito desse autor é claramente reconhecer na forma romanesca uma larga teia dialógica em que ressoa as vozes sociais do ponto de vista de cada enunciadador: autor, narradores, personagens e demais gêneros que o filósofo russo reúne no interior do tecido discursivo do romance. Sendo que “cada um deles admite uma variedade de vozes

sociais e diferentes ligações e correlações (sempre dialogizadas em maior ou menor grau)” (BAKHTIN, 2014, p. 75). Isso ocorre pelos modos discursivos por ele pesquisados, mobilizados e operacionalizados, por exemplo, discurso direto, indireto, indireto livre e outras modalidades discursivas. Bakhtin (2014) faz questão de ressaltar que “é graças a este plurilinguismo social e ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance orquestra todos os seus temas, todo seu mundo objetual, semântico, figurativo e expressivo” (BAKHTIN, 2014, p. 74).

Desse modo, a teoria do romance proposta por Bakhtin capta amplamente com qualidade e intensidade discursiva as múltiplas e heterogêneas linguagens que circulam socialmente, bem como as outras espécies de gêneros discursivos: conto, novela, poesia, epopeia.

Por isso, vale afirmar que o foco das orientações bakhtinianas para estudo do gênero romanesco não está circunscrita apenas na leitura dos elementos formais e estilístico do discurso, ela avança consideravelmente, no sentido de compreender o sistema da “consciência ideológico-linguística do homem”. A relação sujeito/objeto na estética romanesca é dada no social discursivo. Entre o sujeito e o objeto há múltiplas vozes muitas vezes dissonantes. O estudo do romance referenciado na visão bakhtiniana se apresenta, para o pesquisador ou pesquisadora, como um conjunto de categorias e conceitos em devir. Isso ocorre devido ao caráter histórico e à condição suscetível a um processo de mutação, convergindo em seu tecido discursivo, além de um amplo circuito de vozes sociais, diferentes formas e gêneros discursivos estruturados, integralizados e entranhados em um todo único subordinado a um complexo de leis próprias e específicas da forma composicional do romance. De acordo com Faraco (1998):

Em qualquer momento, essa realidade é sempre constituída de um conjunto indefinido de linguagens sociais que se distinguem não exclusivamente (ou necessariamente) por um rol de marcas lexicogramaticais (não se trata, portanto, de dialetos ou registros no sentido tradicional destes termos), mas como modos específicos de ver o mundo organicamente entrelaçados com os elementos verbais que lhe dão expressão; ideologemas sociais fundidos com seu discurso (FARACO, 1998, p. 23).

A posição de Jatobá imprime uma literatura de resistência, conduzida pelo olhar contestador, tenso, combativo e de imaginação frutífera. Jatobá se define escritor, não somente pela sua sensibilidade e intuição plástica, mas também pelo papel social de sua trama que busca se opor, sustentado por um posicionamento

político-social, a uma sociedade que nega, entre outros valores, principalmente, as relações de amor, liberdade, lealdade, justiça, sinceridade e solidariedade: o direito de viver.

Nas palavras de Bosi (1996, p. 15), “o romancista poderá levar ao primeiro plano do texto ficcional toda uma fenomenologia de resistência do eu aos valores ou antivalores do seu meio”. Todo esforço de Jatobá se concentra em criar, conforme suas percepções de homem e de mundo, uma literatura que, tal como seus personagens, definam-se pela ética da resistência e da consciência social, não obstante as relações intra e interclasses sociais. O esclarecimento dessas intenções do escritor dá-se “a partir do momento em que o romancista molda o personagem, dando-lhe aquele tanto de caráter que lhe confere alguma identidade no interior da trama, todo o esforço da escrita se voltará para conquistar a verdade da expressão” (BOSI, 1996, p. 16).

Como mencionamos, escrever bem, dentro dos moldes jatobianos, passa, decididamente, por alguns condicionamentos éticos, estéticos, sociais e políticos, resultando em uma escrita literária resistente e pertinente. A propósito, entender a materialização do signo linguístico na arena discursiva do romance jatobiano, impera, ao leitor, caminhar paulatinamente no percurso subjacente das várias linguagens e vozes sociais ecoadas das diferentes visões ideológicas de mundo retratadas e refratadas em solo romanesco por esse ficcionista. Bakhtin (2014) assegura que:

Todo o romance, em maior ou menor escala, é um sistema dialógico de imagens das linguagens, de estilos, de concepções concretas e inseparáveis da língua. A língua do romance não só representa, mas ela própria é objeto de representação. A palavra romanesca é sempre autocrítica (BAKHTIN, 2014, p. 371).

Isso posto, vale ressaltar que a leitura da narrativa jatobiana, à luz da teoria bakhtiniana sobre o gênero romanesco, implica ao pesquisador não apenas conhecer e dominar os recursos e mecanismos linguísticos e extralinguísticos da linguagem literária, a necessidade de entender que o “romance requer uma expansão e aprofundamento do horizonte linguístico, um aguçamento de nossa percepção das diferenciações sociolinguísticas”, orienta Bakhtin (2014, p. 163). É nesse sentido que o próprio Bakhtin alerta, portanto, para o fato de que o prosador já faz uso dos discursos de outrem, várias vozes coabitam, em fluxo constante e simultâneo, sua consciência e seu pensamento socioideológico e linguístico, fenômeno que provoca

mudanças contínuas e relevantes em suas intenções e na relação sujeito/objeto, sob diferentes mirantes.

Essa dialogização entre o dizer do eu e o dizer do outro, operacionalização e formalização discursiva da linguagem literária pelo prosador acontece “segundo o caráter socioideológico de outrem, segundo o reforçamento e a objetivação das linguagens que refratam o plurilinguismo” (BAKHTIN, 2014, p. 105). Esse complexo de linguagens adentram o universo do romance, formando uma grande rede enunciativa que se acomoda prodigiosamente em um sistema literário harmonioso. Em síntese, há que se considerar que “são faces dessa complexa realidade linguística que vão encontrar representação artística no romance” (FARACO, 1998, p. 23).

É necessário pontuar, nessas circunstâncias, que os enunciados, na condição de unidades de comunicação verbal, valem-se dos conteúdos semânticos, axiológicos, políticos e sociais, veiculados nas inúmeras situações e facetas da atividade e comunicação humana para formar um amplo processo de enunciação. Nesse intercâmbio enunciativo, graças aos recursos expressivos e específicos, disponíveis no âmbito da linguagem literária, o escritor cria e reproduz na malha discursiva romanesca uma totalidade das metamorfoses do mundo real. Ao fazer isto, o escritor cria relações com os organismos vivos da realidade do mundo. De fato, conforme considera Bakhtin (2000, p. 282), “o romance em seu todo é um enunciado, da mesma forma que a réplica do diálogo cotidiano ou a carta pessoal (são fenômenos da mesma natureza); o que diferencia o romance é ser um enunciado secundário (complexo)”. E qual sentido disso? Para Bakhtin (2014), significa afirmar que as vozes que falam no romance resultam de uma reflexão e refração de eventualidades, fatos, acontecimentos e contingências históricas, ou seja, uma heterogeneidade de fenômenos que ocupam a cotidianidade da vida social do homem, representado pelos vários tipos de seres ficcionais que, juntos e orientados pelo narrador, são também partícipes da trama romanesca, ao passo que são senhores das várias vozes que ecoam e retumbam na narrativa.

Ao refletir sobre isso, é possível elucidar que o escritor munido de atitudes responsivas e ciente das forças discursivas que devem ser mobilizadas para construção de seu projeto enunciativo, penetra no mundo literário como sujeito social cuja capacidade e competência linguísticas, utilizando-se das tonalidades expressivas da linguagem artística, coloca em intercâmbio comunicativo uma rede de acontecimentos da vida real e do mundo da arte. Em outras palavras, na construção

da obra como um todo – personagens, enredo, linguagem artística, espaço e tempo – “o escritor não pode esquecer por nenhum instante que a força expressiva artística depende, em medida considerável, da força da verdade da vida contida na obra”, reafirma Volochínov (2013, p. 168). Essa atividade dialógica vivida com intensidade e produtividade entre vida e arte no discurso romanesco é também percebida com eficácia, sobretudo, no tocante à curva de sua existência e aos modos de ser dos personagens, conforme Candido (2007).

Em um importante e significativo estudo sobre a personagem do romance, no livro “A Personagem de Ficção”, Candido (2007) destaca que o romancista, soberanamente, com sua capacidade de clarividência e poder inventivo, ao tomar a realidade do mundo como modelo e estreitar vínculos com ela, produz seres ficcionais que psicologicamente acrescentam e agregam seus desejos humanos e incógnitas pessoais, motivo pelo qual se aproxima do ser real copiado. Para esse autor, uma das funções capitais da literatura repousa nesse contato vivo e dialógico entre essas duas forças: vida e arte. O romance, segundo entendimento de Candido (1970, p. 55), “se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através do personagem, que é a concretização desta”. Pelas formulações de Candido (2007), parece bem claro que a razão disso está no fato de que, o escritor, utilizando-se da forma artística, constrói a relação sujeito-objeto de modo a responder adequadamente a um desejo humano de chegar infalivelmente a uma vivência harmoniosa.

Na realidade, o escritor apreende o mundo em sua heterogeneidade. Pode-se pontuar que a atividade estética emerge das relações dialógicas do escritor com a realidade estética e extraestética. Ou seja, a partir de suas percepções simbólicas e posições socioaxiológicas resultantes de seu diálogo com as vozes sociais situadas histórico e culturalmente, o autor renitentemente cria, recria e instaura um novo mundo – realidade estética – no tecido discursivo do romance. “O ato estético engendra a existência num novo plano de valores do mundo; nasce um novo homem e um novo contexto de valores – um novo plano do pensamento do homem sobre o mundo”, proclama Bakhtin (2000, p. 205).

Assim, vê-se que nas ideias bakhtinianas o romance enquanto forma literária, por excelência, conjuga verbal e axiologicamente uma recriação de mundos. Nessa esteira, nutrimos a crença de que, por meio do diálogo com os contextos enunciativos do romance, o homem toma ciência dos estratos sociais em que vive parte da

humanidade. Com efeito, do ponto de vista sociológico da linguagem literária, podemos admitir que isso venha fomentar senso de solidariedade, liberdade, amizade, amor, tornando o agir do ser mais sensível e flexível na vivência individual e coletiva.

Dessa conjuntura, assumindo as coordenadas filosóficas presentes na teoria da linguagem e nas formulações pluridiscursivas sobre o gênero romanesco pensadas por Bakhtin, procede nossas intenções e tentativas em realizar uma análise dialógica da obra *Alguém para Amar a Vida Inteira*.

4 DISCURSOS SOBRE O MUNDO DA ARTE E O MUNDO DO TRABALHO

Movidos pela perspectiva dialógica da linguagem de viés bakhtiniano e do Círculo, tomamos os discursos do mundo da arte/literária como possibilidade e via expressa para se refletir sobre o universo do trabalho. Esta tese parte do pressuposto de que a categoria trabalho tem sido tematizada em número considerável de pesquisas acadêmicas, em diferentes áreas do conhecimento (História, Sociologia, Direito), mas que, no campo da literatura, ainda são tímidas as pesquisas que adentram esse universo.

Entendemos que o trabalho, pelo caráter histórico, social, cultural e econômico, tem possibilidades de apresentar um mosaico discursivo e multifacetado da gênese, formação e organização socioideológicas da condição humana. As personagens de *Alguém para amar a vida inteira*, em contexto laboral, refletem sobre essa situação e, também, contribuem para importante problematização sobre o *homo faber*. Nas Letras, essa reflexão ainda é mínima, o que justificou, em partes, como mencionado no capítulo I, o interesse em desenvolver estudo enfocando essa temática. Encontramos o trabalho como situação literária em quase todos os romances do século XIX e XX, no Brasil, no entanto, essa temática ainda é pouco explorada pela crítica. Assim, cabe informar que, no presente capítulo, nossas intenções são deixar sobressair as vozes discursivas que abordam a literatura e o mundo do trabalho. A ideia central é construir um diálogo entre ambos os mundos: literatura e trabalho. Este capítulo está estruturado em duas sessões: 4.1 Arte da palavra e 4.2 O trabalho e sua relação com a arte literária.

4.1 ARTE DA PALAVRA

A perspectiva de compreender a literatura enquanto lugar discursivo e constitutivo de sentido, para se retratar e refratar o mundo, a linguagem e a própria condição humana, foi aludida sobejamente por Bakhtin e o Círculo, em muitos de seus trabalhos.

Assim, recorrer aos estudos bakhtinianos como espaço teórico/metodológico de significação e sentidos, como chave de leitura, para entender o discurso literário, consiste em, dentre várias escolhas, compreender que o mundo da arte e a realidade social do homem estão em constantes diálogos. Bakhtin (2000) considera que a

compreensão do discurso literário, face à rede de discursos, colocada em situações interlocutivas, no processo de criação artística, deve ser conduzida com olhar aberto para história sociocultural que envolve a arquitetônica de seu ato composicional, conforme evidenciado nas seguintes passagens:

[...] a forma não é significativa apenas do mundo das formas. O contexto de valores em que se realiza e é pensada a obra literária não se reduz apenas ao contexto literário. A obra de literatura deve procurar às apalpadelas a realidade em seus valores, a realidade do acontecer do herói (BAKHTIN, 2000, p. 214).

[...] não se pode separar a Literatura do resto da cultura e, passando por cima da cultura, relacioná-la diretamente com os fatores socioeconômicos. Esses fatores influenciam a cultura e somente através desta, e junto com ela, influenciam a Literatura (BAKHTIN, 2000, p. 362).

Notamos que, em seus postulados, Bakhtin (2000) admite a existência de amplo e denso diálogo entre o contexto histórico, social e cultural (os elementos externos) e os elementos internos da obra de arte, reforçando concepção culturalista e civilizatória do evento literário, o que envolve as relações dialógicas entre a literatura e outros campos do conhecimento. “É fascinante, por exemplo, entre muitas outras coisas, o modo como Bakhtin torna o social, o histórico, o cultural elementos imanentes do objeto estético”, assinala Faraco (2011, p. 21), interpretando Bakhtin.

É a interação discursiva entre esses elementos e o objeto estético que Bakhtin coloca em relevo na produção do enunciado literário. O fenômeno literário, enquanto produção discursiva, relaciona-se com o mundo da cultura e das civilizações, logo, coloca-se em condição material de análise e apreciação crítica. Por isso, não se constitui matéria autônoma e desvinculada dos cenários políticos, sociais, históricos e culturais da vida do ser humano, mas, como criação artística, é essencialmente caracterizada pela relação dialógica entre textos e contextos. “Diferentemente do que sucede em outros países, a literatura tem sido aqui, mais do que a filosofia e as ciências humanas, o fenômeno central da vida do espírito” (CANDIDO, 2006, p. 137). É nesse sentido, que se pode pensar o discurso literário como voz estético-social, e como todas as outras linguagens, participa do grande diálogo com a vida, o homem e sociedade. Portanto, uma posição verbo-valorativa diante do mundo.

A arte literária, como bem propõem, dentro de seu tempo e espaço de atuação filosófica, formalmente, os estudos do filósofo russo Bakhtin e de Candido, ainda que não possa ser entendida, na sua integridade, como recriação verbal do mundo real, marcada pelo princípio dialógico, suas raízes repousam nos eventos

sociais, históricos, econômicos e culturais de uma vida construída em uma dada sociedade. Assim, de um modo ou de outro, com perspectivas mais próximas ou situadas em horizontes teóricos mais distanciados, encontram-se nesses pensadores fundamentos teóricos e metodológicos sólidos para se pensar dialogicamente a relação entre arte/vida e literatura/sociedade, especialmente. A propósito, convém destacar que para Candido (2002, p. 136) “[...] as melhores expressões do pensamento e da sensibilidade têm quase sempre assumido, no Brasil, forma literária”.

O reconhecimento da literatura como terreno exponencial capaz de permitir ao sujeito a reflexão e tomada de posição perante o mundo, as coisas e a sociedade, como professa Candido (2002), é o que nos respalda declarar que, neste estudo, a literatura é entendida como uma necessidade capital à formação crítica do ser. No texto “Direitos Humanos e Literatura”, Candido (1995) compreende a literatura como um amplo conjunto de linguagens que abarca todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis de uma sociedade e manifestações culturais, sendo, portanto, uma manifestação universal inerente ao mundo dos homens em todos os tempos, constituindo-se em um direito básico e indispensável à formação do ser visto que ela se dá sob o signo do questionamento, do pensar, refutar, debater, confirmar e formular imaginariamente uma situação.

Nessa perspectiva, segundo esse crítico, tem “sido um instrumento poderoso de instrução e educação” (CANDIDO, 1995, p. 175), atuando incisivamente na personalidade, liberdade de expressão, formação e humanização dos sujeitos. É devido à força desse exercício de reflexão produzido pelo discurso literário que, conforme explica Candido (1995), o texto literário tem um papel insubstituível na formação intelectual humana. Constituindo-se, por vezes, uma experiência, um aprendizado ontológico.

Em Candido (1995), a dialética entre ficção e realidade sempre foi preocupação salutar no conjunto de seus escritos, constituindo-se traços distintivos de seu pensamento. Em *Literatura e Sociedade* (CANDIDO, 1965), obra clássica, fonte de referência essencial e consulta primordial para os estudos literários vinculados à realidade social, esse crítico deixa sobressair proeminentemente essa interlocução. Diálogo que pode ser assimilado pelo leitor/pesquisador como possibilidade de encontro com os constructos teóricos-chave para discussão e entendimento do pensamento de Candido. A obra compõe-se, em linhas gerais, segundo revela o autor,

de formulações gerais que ele próprio considerava etapa primeira para os ensaios analítico-interpretativos elaborados desde 1964 e publicados a partir de 1970. Candido (1965), problematiza, teórico-metodologicamente, nesta obra, as atribuições da crítica, a dialética entre texto e contexto, a inextrincável relação entre obra, autor e público, o papel da obra literária e, sobremaneira, os limites e a abrangência da arte literária frente ao conhecimento do escritor diante das circunstâncias contextuais em que ele está embebido.

Como se sabe, o diálogo entre literatura e sociedade em Candido é um discurso em que orbita as fronteiras de seus pensamentos não somente no livro *Literatura e Sociedade*, mas na maioria de seus escritos. Desse modo, o crítico busca analisar como a realidade social se transforma em elemento de composição da estrutura interna da criação estética. Para tanto, Candido (2006) desenvolve uma agudíssima reflexão sobre a relação texto e contexto, especialmente, nos ensaios *Crítica e Sociologia* e *A Literatura e a Vida Social*, deixando aclarado o grau de relevância e complexidade que recai sobre o ângulo sociológico no processo de criação e análise da arte literária. “A literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais” (CANDIDO, 2006, p. 21). Visto dessa maneira, o viés sociológico postula organicamente a atividade estética-discursiva.

[...] saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica [...] (CANDIDO, 2006, p. 17).

Dessa forma, sob as impressões de Candido, os aspectos sociais que enredam a obra atuam como condicionantes externos, interferindo direta ou indiretamente para a constituição de sua estrutura, podendo, assim, serem assimilados como internos. No entanto, Candido adverte que esses aspectos não podem ser compreendidos como elementos, em primeira instância, determinantes, critério único de validade, ou mesmo preferenciais para construção de sentidos, uma vez que “aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la, é correr o risco de uma perigosa simplificação causal” (CANDIDO, 2000, p. 13).

Candido (2000) com uma visão global e bastante equilibrada dessa interlocução, preocupa-se em demonstrar metodologicamente caminhos possíveis

para realização de estudos do terreno literário, apontando para a perspectiva da não supervalorização dos elementos internos nem dos elementos externos a obra (socioculturais). O autor sugere que a forma, o conteúdo ou a relação com o mundo converge-se no complexo processo de criação e análise da obra. Como crítico literário e sociólogo, insiste o quão é importante para o analista, diante da incumbência de conhecer com profundidade uma obra de arte, não se deixar impressionar ou seduzir-se unicamente pelos aspectos estruturais (formalismo) ou sociais (sociologismo). O importante é manter um olhar que possa congrega ambos os contextos em um todo substancial e indissociável.

Para Candido (2006), uma análise bem-sucedida deve estar em sintonia e aberta para a relação existente entre realidade estética e realidade social imediata e situação social mais ampla da obra. “[...] sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra [...]” (CANDIDO, 2006, p.13).

Desse modo, em Candido (2006), todos os elementos que atravessam o texto e o contexto da obra merecem de maneira sensata uma leitura analítica. Por isso, moderadamente, ao tratar dos encaminhamentos de análise, orientação de leitura crítica e formativa da obra literária, pondera que as relações de sentido de um texto ficcional não podem centralizar-se, nem tão pouco se esgotar, nos fatores de ordem social, política e cultural inerentes às condições de produção, dado que existe outro universo formulado, com autonomia e fruição discursiva nas estruturas internas do texto, do ponto de vista linguístico, filosófico, psicológico e, em especial, o estético, que em função da especificidade e essência do fenômeno literário, identifica literariamente a obra.

Candido (2006) assevera que o entendimento de uma obra literária se efetiva sobremaneira quando há grande diálogo entre esses dois universos. Observemos neste excerto como esse crítico descreve a operacionalização da relação entre texto e contexto:

[...] fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo (CANDIDO, 2006, p. 13).

Assim, de todo modo, a análise crítica dos discursos literários deve, com muita acuidade, respeitar o processo verbal interno, como também manter olhar atento para os sentidos dos discursos extraverbais que o autor toma como aporte para situar, social e temporalmente, a produção artística. Em consonância, continuando o diálogo com a teoria de Candido, são constantes as observações de Bakhtin (2003), para quem “o processo literário é inalienável do processo cultural” (BAKHTIN, 2003, p. 376). Entendemos, portanto, que o sentido de uma obra literária não se encerra separadamente, há dialogia predominante no fazer do artista com esses dois universos que impõem um movimento de encontro/confronto de ambos os fatores: externo e interno. Desse ponto de vista, os nexos existentes entre literatura e o mundo da vida postulam a atividade estética do escritor.

Como se vê, há em Candido e Bakhtin, cada um com seu modo discursivo, a percepção de arte literária como fenômeno social, cujo substrato (elementos internos) encontram-se em um movimento dialógico com as circunstâncias de produção (elementos externos). Deste modo, a situação de produção não é tomada somente como elemento que se relaciona com o contexto interno da obra ficcional, mas também como elemento social que interfere constitutivamente na organização e construção de sentido da obra literária. A seguir, construímos um diálogo entre as teorias destes dois grandes estudiosos da relação entre o mundo da arte e o mundo da vida:

A arte, também, é iminentemente social; o meio social extra artístico afetando de fora a arte encontra resposta direta e intrínseca dentro dela. Não se trata de um elemento estranho afetando outro, mas de uma formação social, o estético, tal como o jurídico ou o cognitivo, é apenas uma variedade do social (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1926, p. 3).

[...] sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (CANDIDO, 1980, p. 4).

[...] a obra literária significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real, nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele (CANDIDO, 2002, p. 85).

Portanto, na sua abrangência, fazendo sùmula da aproximação da linha de pensamento de Candido e Bakhtin, é possível pontuar que, embora não se tenha informação de que ambos os teóricos interagiram entre si, os escritos dos dois

mostram, ainda que virtualmente, um profícuo diálogo de suas teorias, especialmente, na abordagem da relação entre literatura e sociedade e literatura/vida. Candido e Bakhtin apresentam interativamente ideias análogas em torno dos seguintes pontos:

- Admitem a existência de um amplo e denso diálogo entre o contexto histórico, social e cultural (os elementos externos) e os elementos internos da obra de arte;
- Reconhecem o diálogo de uma obra literária com obras do passado e do futuro, especialmente, Bakhtin que advoga a “grande temporalidade”;
- Reforçam uma concepção culturalista e civilizatória do evento literário, o que envolve relações dialógicas entre a literatura e outros campos do conhecimento;
- Contrapõem-se à visão formalista da crítica literária como método único de construção e análise da obra literária.

Consideramos, assim, a arte literária como forma autêntica de expressão de uma compreensão de mundo materializada, via linguagem artística. “O artista utiliza a palavra para trabalhar o mundo, e para tanto, a palavra deve ser superada de forma imanente, para tornar-se expressão do mundo dos outros e expressão da relação de um autor com esse mundo” (BAKHTIN, 2000, p. 208). É interessante notar que Bakhtin não hesita em pensar o escritor e o discurso literário por ele produzido como forma mais aguçada e intensa de perceber o universo dos homens, isso porque “a palavra tomada isoladamente, como fenômeno puramente linguístico, não pode ser verdadeira, nem falsa, nem atrevida, nem tímida”, esclarece Volochínov (2013, p. 77). Em função disso, a palavra, matéria-prima do fazer literário, vai além de uma simples compreensão linguística dos fatos, assumindo dimensões socioideológicas. Justamente porque é prodígio do discurso literário o florescimento das várias linguagens.

A leitura que fizemos até aqui das discussões de Bakhtin, demonstra que as reflexões desse autor não se constroem, tão somente, acerca da linguagem e seu caráter dialógico e a literatura, mas, igualmente em torno do homem, ser histórico que, na condição de ser de diálogo, produz-se, edifica-se, transforma-se sempre na sua relação com o mundo e os outros seres humanos, bem como com ele mesmo. É por isso que Bakhtin caracteriza o homem como ser substancialmente construído pelo diálogo social.

De fato, as narrativas literárias, em Jatobá, constituem-se lugar com diferentes possibilidades para manifestações, representação e enfoque das vozes discursivas do universo do trabalhador, primordialmente, o operário. No contexto discursivo da obra jatobiana, em cada texto, enunciado e palavra ressoam vozes do eu, do escritor, de vários outros, oferecendo-nos condições para entabular um encontro material e imaterialmente com o mundo do trabalhador brasileiro. “O principal objeto do gênero romanesco, aquele que o caracteriza, que cria sua originalidade estilística é o homem que fala e sua palavra” (BAKHTIN, 2014, p.135). Assim, podemos, mais uma vez, ir ao encontro do que postula Candido (2006), para quem a literatura, na categoria de fenômeno formativo de uma civilização, para se constituir e se caracterizar, apresenta forte dependência no entrelaçamento de vários fatores sociais. Candido (2006) ressalta sempre em seus escritos essa dialética, que faz mediações entre a literatura e o contexto extraverbal.

Outro grande estudioso que também encampa e faz sobressair sobejamente o diálogo aqui proposto tanto por Bakhtin quanto por Candido é o crítico e historiador da literatura brasileira Alfredo Bosi, que também tem desenvolvido com densidade e amplitude teóricas estudos nesse campo, partilhando da concepção de que na criação do fenômeno literário, em uma aproximação sucessiva, dois mundos coadunam-se: o mundo da vida e o mundo da arte, em especial a literatura na categoria do romance. No artigo “Caminhos Entre a História e a Literatura”, ao discorrer sobre essa relação, afirma que:

[...] romances podem ser significativos do ponto de vista sociológico ou político, mas essas suas qualidades não os elevam, por si mesmas, ao estatuto de obras de arte. De todo modo, as melhores obras de todas as literaturas valem sempre pelos dois critérios, o representativo e o estético (BOSI, 2000, p. 322).

Observamos nos apontamentos de Bosi (200), que dois importantes aspectos se fundem na construção dos enunciados do texto literário: o representativo, fator eminentemente externo, refere-se aos elementos vinculados a certa cultura; enquanto o estético, sem abandonar suas especificidades formais as quais estão assentadas nas categorias gramaticais e nos recursos estilísticos, apoia-se nos aspectos da linguagem, como por exemplo: contemplativos, intuitivos, figurativos e expressivos do conhecimento literário. Bosi (2000) reconhece, que em uma cadeia relacional, esses dois universos se mesclam.

Assim, a partir dessas conceitualizações assinaladas por Bakhtin e o Círculo, Candido e Bosi, o fenômeno literário coaduna em um grande diálogo entre a vida e a arte. Um encontro de várias vozes sociais. Por isso, concebido como prisma discursivo para compreender a categoria trabalho.

4.2 O TRABALHO E SUA RELAÇÃO COM A ARTE LITERÁRIA

No conjunto conceitual do pensamento do filósofo alemão Friedrich Engels, o trabalho “[...] é a condição básica e fundamental de toda a vida humana” (ENGELS, 1876, p. 4). De modo que, sendo o trabalho fundamento do complexo processo civilizatório do homem, partimos da ideia de que o mundo do trabalho se constitui cenário material da formação, organização e socialização do homem. A obra de Jatobá evidencia a saga das personagens em situação laboral. Neste sentido, aposta-se no discurso literário como território fértil para se pensar a lógica do mundo capitalista e as relações de trabalho por ele regidas. Nesta tese, analisamos a obra de Jatobá, cuja narrativa compreende os anos de 1960, contexto da engenhosa civilização industrial, visto que o romance *Alguém para amar a vida inteira* põe em evidência o impacto causado pelo mundo objetivo (realidade urbana) na subjetividade e nas afetividades das personagens que enredam essa trama discursiva.

A professora Suzana Albornoz, no livro *O que é trabalho*, com linguagem simples, mas com conotações filosóficas densas, apresenta síntese conceitual do caráter polissêmico em que a categoria trabalho, material ou imaterial, assume, conforme objetivos e contexto de uso dos sujeitos, em grande temporalidade.

Na linguagem cotidiana a palavra trabalho tem muitos significados. Embora pareça compreensível, como uma das formas elementares de ação dos homens, o seu conteúdo oscila. Às vezes, carregada de emoção, lembra dor, tortura, suor do rosto, fadiga. Noutras, mais que aflição e fardo, designa a operação humana de transformação da matéria natural em objeto de cultura (ALBÓRNOZ, 1992, p. 8).

Assim entendido, compreendemos que o trabalho, como mencionado, está inerentemente atrelado a todas as atividades do mundo dos homens, constituindo-se como um dos elementos centrais que media as relações sociais em diferentes contextos da existência humana. Nesta perspectiva, a autora conduz ao entendimento de que os sentidos do trabalho repousam ideológica e axiologicamente no plano

cultural, social e histórico, em que o ser humano se encontra inserido. Jatobá retrata essas relações, mobilizando personagens trabalhadoras que refletem sobre os próprios labores e ultrapassam a condição alienante e degradante, à medida que se apoiam uns aos outros. O universo do trabalho, embora inóspito, possibilita o encontro, muitas vezes fraterno, dos trabalhadores, seu sustento material.

Lukács (2013), filósofo de tradição marxista, advoga que a categoria trabalho se define como atividade central que caracteriza e identifica, em primeira instância, o ser em suas especificidades humanas. A centralidade do trabalho, na constituição da gênese social do homem, em termos ontológicos, constitui linha mestra dos estudos lukacsianos. Na obra *Para uma ontologia do ser social*, publicada em 2013, no capítulo *O trabalho*, o filósofo húngaro aborda, em perspectiva materialista histórica, os sentidos do trabalho, destacando-o como categoria ontológica do ser social.

Nesse sentido, na vasta história da ação humana, na sua árdua luta pela sobrevivência, pela busca da dignidade, da felicidade e da realização pessoal e social, enfim, tudo que imprime sentidos à vida, mediada pela linguagem, a categoria trabalho, atividade distintamente humana, tem se apresentado como algo imprescindível. Afirmar, pois, que o trabalho é uma ação inerentemente humana, é reconhecê-lo como fenômeno complexo ponderado pela intencionalidade. Assim, trabalho e linguagem são elementos centrais e estruturantes das relações sociais, uma vez que o trabalho, em todas as suas modalidades, exige do sujeito trabalhador o desenvolvimento das capacidades imaginativas, cognitivas, comunicacionais e interativas. Postular essa enunciação é ter ciência de que linguagem e trabalho se tornam elementos, não somente necessários, mas vitais e orgânicos para a sociedade.

Volochínov (2013), ao analisar o surgimento da linguagem e seu papel no processo de desenvolvimento da vida social humana, compreende-a como produto vivo da atividade humana coletiva. Ao refletir sobre *A Linguagem e a Classe Social*, Volochínov (2013) argumenta que a linguagem foi determinante para a sistematização do trabalho humano. Para esse pensador russo, nenhuma civilização poderia se edificar privada da linguagem.

Em termos gerais, para melhor entendimento, os discursos sobre a categoria trabalho vistos por esse prisma serão discutidos conforme perspectivas de autores marxistas, como Engels, Sennet, Lukács e Antunes, bem como pela escritora e educadora Albornoz. Dessa forma, os fundamentos que caracterizam o mundo do

trabalho, nesta seção, ganharam reforço discursivo. Contudo, a linguagem, categoria de igual importância em nossas discussões, não será posta em segundo plano, e sim, faremos mediações nas formulações e nas bases conceituais, sempre que necessário e recorrente, no contexto do mundo do trabalho. Para Lukács (2013, p.41), embora tenha posições firmes quando se trata da centralidade do trabalho na ontologia do ser, “nenhuma dessas categorias deve ser vista isoladamente”.

Portanto, são postas em um processo relacional. Volochínov, sobre materializar significativamente a relação entre as origens da linguagem sonora e os aspectos do trabalho na vida primitiva do homem, afirma que “os primeiros elementos da linguagem sonora humana [...] eram elementos de um processo de trabalho, estavam ligados a necessidades econômicas e representavam o resultado da organização produtiva da sociedade” (VOLOCHÍNOV, 2013, p.137).

Lukács (2013) defende a tese de que o mundo dos homens e da natureza se diferenciam por dois processos basilares: teleologia e casualidade. Esta é iminentemente do mundo natural, enquanto aquele pertence ao mundo dos homens. “O trabalho é formado por posições teleológicas que, em cada oportunidade, põem em funcionamento séries causais” (LUKÁCS, 2013, p. 03). Entretanto, para o autor, o homem, na condição de ser social, somente alcança essa distinção ontológica da natureza, à medida que vai criando meios e entremeios de se relacionar com ela, permitindo responder a suas necessidades básicas e, com efeito, sobrepor-se ao mundo natural. “É preciso, pois, ter sempre claro que se trata de uma passagem que implica um salto – ontologicamente necessário – de um nível de ser a outro, qualitativamente diferente” (LUKÁCS, 2013, p.3). Nessas circunstâncias, o pensamento desse autor é firme na defesa de que o trabalho ocupa a centralidade na formação do homem, dado que é por intermédio da atividade consciente do trabalho que o indivíduo fundamenta e constrói suas relações de sociabilidade, bem como produz seus meios de sobrevivência, tanto em sentido material como social e, à medida que essas relações vão evoluindo, transcende-se como ser da natureza orgânica. E, no bojo desse processo, vai criando estratégias que possam transformar a si o e ao mundo em seu entorno. Assim, a categoria trabalho, na acepção lukacsiana, apresenta-se como princípio mediador entre homem e natureza.

Conforme elaborações desse filósofo, o homem para se constituir como ser social se utiliza das forças do trabalho. Para isso, são acionados os processos fundamentais: os pores teleológicos. Convém extrair dessas considerações, que se

esses pores teleológicos passam por estágio de formulação do pensamento, não há como negar que a linguagem é um fenômeno mediador de todo labor do ser humano. Subjacente a nossas explicações estão aportadas nas observações do próprio Luckács (2013, p. 63): “[...] esses dois momentos implicam simultaneamente o surgimento da apreensão conceitual dos fenômenos da realidade e sua expressão adequada através da linguagem”. Na compreensão desse teórico, o trabalho é uma atividade vital que singulariza a espécie humana.

No entanto, Lukács (2013) afirma, também, que há um complexo de categorias que se atrelam e coexistem no universo do trabalho, em especial, a linguagem. Trabalho e linguagem se interpenetram. Isso significa que, desde os primórdios, a linguagem atua como elemento mediador da sociabilidade humana. Pensamento é coerente com as ideias de Volochínov (2013, p. 145): “a comunicação verbal sempre esteve ligada [...] à situação real da vida, às ações reais dos homens: laborais, rituais, lúdicas e outras mais”.

Nessa contextualidade, o pensamento ontológico lukacsiano dialoga com o que expressou o sociólogo marxista Ricardo Antunes:

O trabalho é, portanto, elemento mediador introduzido entre a esfera da necessidade e da realização desta. Dá-se uma vitória do comportamento consciente sobre a mera espontaneidade do instinto biológico quando o trabalho intervém como mediação entre a necessidade e satisfação imediata. Nesse processo de autorrealização da humanidade, de avanço do ser consciente em relação ao agir instintivo, bem como do seu avanço em relação à natureza. Configura-se o trabalho como referencial ontológico fundante da práxis social (ANTUNES, 1999, p. 139).

O trabalho nas formulações de Antunes (1999) assume relação de caráter sociometabólico entre o homem e a natureza. Isso pressupõe, vitalmente, que a intervenção do homem no meio ambiente ocorre pela sua capacidade de organizar dialogicamente a ação laborativa, com vistas a gerar materialmente produtos que venham a responder satisfatoriamente às necessidades básicas de sobrevivência.

Para Antunes (1999), a ação instintiva é suplantada pelo agir inteligente, proposital e planejado inerente ao mundo dos homens. Percebe-se que para Antunes (1999), a organização do trabalho se dá pela intervenção da linguagem: “O trabalho tem, portanto, quer em sua gênese, quer em seu desenvolvimento, em seu ir-sendo e em seu vir-a-ser, uma intenção ontologicamente voltada para o processo de humanização do homem em seu sentido amplo” (ANTUNES, 1999, p. 142). Se há uma

intenção pensada para o processo de humanização do ser, deduzimos, obviamente, que essa elaboração mental acontece por meio da linguagem. “Ao pensar e refletir, ao externar sua consciência, o ser social se humaniza e se diferencia das formas anteriores de ser social”, sintetizou Antunes (2005, p. 68). Percebemos, explicitamente, na voz de Antunes (2005), uma vinculação estreita e vital da linguagem no processo de evolução do homem, deixando claro que o homem é um ser social ativo.

Sob esse prisma, Albornoz (1992), ao discutir os meios e as ações do homem sobre a natureza para dela extrair sua sobrevivência e realizar-se enquanto humano, declara que “[...] o que distingue o trabalho humano do dos outros animais é que neste há consciência e intencionalidade enquanto os animais trabalham por institutos programados sem consciência” (ALBORNOSZ, 1992, p. 12). O trabalho, mesmo que em fase embrionária das relações sociais de produção, é, inevitavelmente, ocupado pela linguagem e a cultura. Por essa razão, a vinculação entre as atividades humanas e a linguagem é um acontecimento natural do mundo dos homens.

Para Bakhtin, o mundo humano é um mundo de sentidos, um mundo em que os sujeitos estão em constante processo de interação: “é evidente que se o homem tivesse levado uma existência isolada, não só teria tido necessidade de criar uma linguagem, como não teria criado qualquer cultura em geral”, defende Volochínov (2013, p. 139).

Nessas condições, o trabalho, segundo Antunes (2005, p. 68), revela-se, então, “[...] como momento fundante de realização do ser social, condição para sua existência; é, por isso, ponto de partida para humanização do ser social”. Foram essas asseverações que influenciaram Lukács a colocar como centro de sua obra o trabalho como categoria fundante do ser social, defendendo que “o trabalho é formado por posições teleológicas que, em cada oportunidade, põem em funcionamento séries causais. Basta essa simples constatação para eliminar preconceitos ontológicos milenares” (LUKÁCS, 1978, p. 06).

A imbricação entre as categorias trabalho, linguagem, natureza e relações sociais de produção é também analisada, entre outros estudiosos, por Engels (1876), no texto *Sobre O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*. O autor destaca que a necessidade de o homem dominar a natureza para extrair dela sua sobrevivência foi crucial para sua evolução como ser racional e social. Nesse intercâmbio entre a espécie humana e a natureza, surge a categoria trabalho.

“Primeiro o trabalho, e depois dele e com ele a palavra articulada, foram os dois estímulos principais sob cuja influência o cérebro do macaco foi-se transformando gradualmente em cérebro humano [...]”, afirma Engels (1876, p. 3). Segundo esse autor, com a evolução do trabalho, houve, inevitavelmente, a carência de se multiplicar as atividades em grupos e, concomitantemente a esse gradativo aumento, surgiu a necessidade de comunicação, pois os homens precisavam dizer algo uns aos outros. Foi a partir dessa necessidade básica que o homem se constituiu como ser social e se distanciou cada vez mais dos animais. Inclusive, o autor destaca que o homem utilizou a mão como ferramenta para o desenvolvimento do trabalho, diferenciando-se bem dos outros animais. Desse modo, o autor estabelece uma essencialidade na articulação entre o trabalho e a linguagem, caracterizando-os como elementos importantes na constituição de uma gênese do ser social, uma vez que deram origem à cultura e à história humana. Isso demonstra que o homem, ao produzir seus meios de vida, produz de maneira indireta oportunamente sua vida material. Por isso, o autor destaca:

Toda riqueza provém do trabalho, asseguram os economistas. E assim o é na realidade: a natureza proporciona os materiais que o trabalho transforma em riqueza. Mas o trabalho é muito mais do que isso: é o fundamento da vida humana. Podemos até afirmar que, sob determinado aspecto, o trabalho criou o próprio homem (ENGELS, 1876, p. 19).

A máxima do trabalho como fundamento da vida humana, assim como em Lukács, é reafirmada em Engels. É a partir desse entendimento que a literatura, enquanto lugar discursivo, tem se prestado como via discursiva para se pensar dialogicamente o emblemático mundo trabalho.

Portanto, nas elaborações de Engels (1876), Lukács (2013), Antunes (2005) e Albornoz (1992), o trabalho matriza o homem na sua relação com a natureza, mas sua estruturação e evolução, em graus mais complexos, somente se efetivam pela intermediação da linguagem. É nesse sentido que advogamos trabalho e linguagem como categorias correlatas e centrais na constituição do ser social. Apoiamo-nos nesses autores por entendermos que suas teorias sedimentam um caminho para se tomar a categoria trabalho e a linguagem como princípios que definem o homem em suas especificidades, sendo impossível configurar e dimensionar ontologicamente o ser alheio ao trabalho e a linguagem. Do que se discorreu até aqui, fica evidente que o trabalho humano, enquanto atividade social, constitui fenômeno indissociável da

linguagem. Assim, poderíamos afirmar que o trabalho é instituído a partir do instante em que o ser humano elabora mentalmente os objetivos e as finalidades de suas atividades.

Em nossas conclusões, fica claro, também, que a linguagem teve papel determinante na organização social do trabalho, pressuposto muito claro na teoria bakhtiniana. Logo, para esse filósofo, a linguagem é caracterizada, em sua essencialidade, pelo dialogismo, princípio constitutivo do enunciado. Os enunciados são entendidos, na acepção de Bakhtin, como construções discursivas produzidas no processo de interlocução entre, pelo menos, dois locutores em condições sociais concretas na esfera da comunicação humana. Essa perspectiva dialógica que fundamenta toda a teoria bakhtiniana é questão bastante difundida entre os debatedores da obra de Bakhtin.

Barros (1996), ao instigar os organismos temáticos sobre os quais repousam a teoria bakhtiniana da linguagem, elaborou a seguinte indagação: “Qual o tema dominante em Bakhtin? Sem dúvida o do dialogismo, o do princípio dialógico, qualquer que seja o objeto de sua reflexão” (BARROS, 1996, p. 22). (FIORIN, 2017) em análise acerca natureza constitutivamente dialógica da linguagem em Bakhtin, inequivocamente, argumenta que “O dialogismo são relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados” (FIORIN, 2017, p. 22).

Admitimos, dessa maneira, que o dialogismo atua como um conjunto de elementos interligados entre si que instaura e confere a interdiscursividade da linguagem. É precisamente por esses aspectos que Bakhtin concebe o princípio do dialogismo como fator que produz sentidos na discursividade no campo da enunciação. Nesse sentido, linguagem e trabalho se entrecruzam de tal modo que temos dificuldade de, seja qual for a circunstância, colocar essas duas categorias isoladamente.

O mundo das palavras e o mundo das coisas são sempre ocupados pela linguagem e pelo trabalho. É preciso deixar claro que a concepção de linguagem que aqui se adere é a que já, desde o capítulo inicial desta tese, vem-se discutindo: a teoria de linguagem presente na base conceitual dos pressupostos de Bakhtin e o Círculo, para quem o homem somente existe na relação com o outro.

Desse modo, não há como se pensar um conceito restrito e estático de linguagem em Bakhtin e o Círculo. Conceito que se refira somente ao contexto da linguagem literária ou a alguma teoria linguística, já que, em suas teorias de

linguagem, o homem é percebido como ser social, cultural e histórico. O sujeito, portanto, que emana da concepção bakhtiniana é um ser que tem amplamente suas atividades indissociáveis da linguagem. É, portanto, “um sujeito que encontra no mundo não apenas objetos, a realidade material a qual deve ser imposto ordem e sentido, mas outros sujeitos-outras pessoas concretas, corporal e temporalmente situadas [...]” (BAKHTIN, 2017, p. 52).

Por isso, o foco na natureza inerentemente social da linguagem, sendo impossível construir um conceito de linguagem desvinculado das relações humanas. É com isso que Bakhtin (2000, p.179) afirma que “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Nessas condições, sendo o trabalho, em todas suas configurações, uma atividade do mundo dos homens, deve-se entendê-lo como atividade humana mediada pela linguagem. Por tudo isso é que nossas intenções nesta pesquisa é, embora se entenda o trabalho com importante centralidade na construção da ontologia social do ser, tomarmos trabalho e linguagem como categorias que se encontram e se relacionam na centralidade do ser social.

De acordo com Lukács (2013), para se entender a complexidade que envolve o universo das relações sociais, é preciso primeiramente tomar o trabalho como elemento central mediado pela linguagem. Dessa assertiva de Lukács, entendemos que o nascimento social do homem se concretizou pela intermediação da linguagem. Equitativamente está o raciocínio de Engels (1876), ao colocar que o trabalho se realiza quando “sua influência sobre a natureza adquire um caráter de uma ação intencional e planejada, cujo fim é alcançar objetivos projetados de antemão” (ENGELS, 1876, p. 22).

Podemos destacar, por fim, que nos discursos proclamados pelas vozes de Engels (1876), Lukács (2013), Antunes (2005) e Albornoz (1992), o trabalho se caracteriza como um processo por meio do qual o homem, diferentemente dos animais que se acomodam e se adaptam ao mundo natural, atua e modifica a natureza e o próprio homem. Isso denota que o homem, ao construir as condições necessárias à sua sobrevivência, não se constitui somente como um ser individual, mas, sobretudo, como humanidade.

Em suma, o trabalho humano, como atividade consciente, constitui o campo da teleologia, afastando-se da casualidade. Disso decorre o entendimento de que o trabalho não é qualquer tipo de atividade. Daí se dizer que está sob o signo da opção,

distinção, iniciativa, escolha e liberdade. Envolto em todas essas circunstâncias do universo do trabalho, o homem produz linguagem, que é o fenômeno que nasce da necessidade do homem primitivo desenvolver atividades conjuntas orientadas por um objetivo comum.

Em resumo, os homens em formação chegaram a um ponto em que tiveram necessidade de dizer 'algo uns aos outros. A necessidade criou o órgão: a laringe pouco desenvolvida do macaco foi-se transformando, lenta, mas firmemente, mediante modulações que produziam por sua vez modulações mais perfeitas, enquanto os órgãos da boca aprendiam pouco a pouco a pronunciar um som articulado após outro (ENGELS, 1876, p. 3).

Dessas considerações e tantas outras leituras que empreendemos, presumimos que a linguagem está muito imbricada nas relações de trabalho, recusando qualquer entendimento dissociativo entre o homem e a linguagem e suas atividades laborais. “Trabalho é um ato de pôr consciente e, portanto, pressupõe um conhecimento concreto, ainda que jamais perfeito, de determinadas finalidades e de determinados meios,” complementa Lukács (2013, p. 9). Assim, de tudo que discutimos até aqui, fica evidenciado que a organização social do trabalho, a germinação e o desenvolvimento da linguagem foram construções sociais que em uma relação de dependência, atuaram na formação e organização das sociedades.

Volochínov (2013), ao analisar a origem e o desenvolvimento da linguagem, desconsidera qualquer explicação que a traga como dom divino ou mesmo presente da natureza. Para ele, a linguagem “é o produto da atividade humana coletiva e reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade que gerou” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 141).

Com o advento da lógica de produção do mundo capitalista, em um contexto mais moderno, a relação entre trabalho e as forças sociais de produção adquire novas configurações que se redefinem, modificando as formas de trabalho e, com efeito, determinando novos modelos para organizações de classes. Para Antunes (2005), a desconsideração desse novo dimensionamento do mundo do trabalho pode resultar em alguns equívocos, como defender o fim do trabalho e das atividades laborativas: “[...] podemos dizer que, por um lado, o trabalho é uma atividade central na história humana, em seu processo de sociabilidade, posteriormente, com o advento do capitalismo, deu-se uma transformação essencial que o alterou e complexificou” (ANTUNES, 2005, p. 78).

Esse novo contexto regido pela lógica do capitalismo impôs aos trabalhadores mudanças de atitudes, comportamentos e valores. O trabalhador precisava se adaptar aos modelos de produção do capitalismo para ser inserido nessa nova ordem, tendo em vista conseguir ou manter seus postos de trabalho. O homem gestor de suas competências e habilidades inatas é tragado pela força motora que caracteriza esse mundo em transformação: a máquina. Ao ser suplantado de modo perverso pela era da produção em grande escala, o trabalhador perde sua identidade. Nessa nova ordem, a produtividade é a palavra de ordem. Isso provoca uma luta constante do trabalhador para se manter empregado e, com efeito, homens e mulheres vivem cotidianamente atormentados por uma crise de identidade e consciência de si.

Essa conjuntura obscurece o sentido da categoria trabalho tomada com o sentido ontológico como meio que matriza o ser social. O americano e sociólogo Richard Sennett acredita que essa nova realidade a que o mundo do trabalho é submetido é materializada pelo discurso do trabalho a curto prazo, realização de projetos e na flexibilização. Sennet (2016), no livro *a Corrosão do Caráter*, traz uma discussão inequívoca sobre as relações humanas nesse ambiente moderno de trabalho. Para esse autor, esse contexto de flexibilização produz novos paradigmas de valores que, conseqüentemente, geram mudanças profundas no comportamento dos indivíduos. Isso ocorre principalmente porque a “flexibilidade consiste em três elementos: reinvenção descontínua de instituições; especialização flexível de produção; e concentração de poder sem centralização”, conclui Sennet (2016, p. 54). Esse fato impede que os trabalhadores edifiquem suas experiências ou mesmo construam uma narrativa compreensiva e coerente com seus ideais de vida: “Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos?” (SENNET, 2016, p. 27).

Esse cenário, conforme a percepção de Sennet (2016), é marcado, sobretudo, pela instabilidade e imprecisão de tempo. “As condições de tempo no novo capitalismo criaram um conflito entre caráter e experiência, a experiência do tempo desconjuntado ameaçando a capacidade das pessoas transformar seus caracteres em narrativas sustentadas” (SENNET, 2016, p. 32).

Para Sennet (2016), trata-se, pois, de um trabalho caracterizado pela volatilidade e superficialidade, gerando graus elevados de instabilidade identitária do indivíduo. Isso fomenta alterações negativas no caráter pessoal e social do trabalhador, já que para esse sociólogo a formação do caráter humano está atrelada

ao desenvolvimento estável de qualidades, como lealdade, confiança, respeito, espírito colaborativo, entre outras. “[...] caráter são traços pessoais a que damos valor em nós mesmos e, pelos quais buscamos que os outros nos valorizem”, define Sennet (2016, p. 10). No entanto, mesmo que essa nova configuração do sistema capitalista produza efeitos perversos e desastrosos no comportamento e personalidade do homem, o autor considera que em alguns aspectos, podemos reconhecer o capitalismo como sistema positivo que dinamizou a economia.

Nessa perspectiva, o que Sennet (2016) avulta centralmente nas suas reflexões é que o trabalho humano no capitalismo flexível coloca, por um lado, em pontos opostos, o caráter regado no ser ontológico, visto como ferramenta que relacionou e integrou de modo confiável e verdadeiro o ser social. Por outro, o caráter fragmentado, leviano e instável do homem moderno. “[...] o poder exercido sem reivindicações de autoridade, está muito distante da ética de responsabilidade própria que caracterizava a velha ética do trabalho, com seu ascetismo leigo, de uma seriedade mortal” (SENNETT, 2016, p. 139).

Outro grande estudioso das transmutações do trabalho é André Gorz. Para esse teórico, no contexto moderno, o trabalho se aparta das teorias que o definem como essência do ser. Em *As Metamorfoses do Trabalho*, primeira parte do livro: *Metamorfoses do trabalho: Crítica da razão econômica*, Gorz (2007) descreve minuciosa da sociedade atual. Nessas circunstâncias, coloca em destaque as transmutações do trabalho transcorridas nos três séculos, período em que o trabalho se constitui como meio vital de sobrevivência e ferramenta de coesão social do ser, principalmente, daqueles oriundos das classes menos favorecidas economicamente. Nesse estudo, Gorz (2007), além de mostrar os modos de articulação social do trabalho na era industrial, como uma espécie de reconstrução histórica, apresenta uma concepção teórica de como se constitui o trabalho na modernidade, aludindo que:

[...] não se confunde, nem com os afazeres, repetidos dia após dia, necessários à nossa manutenção e à reprodução da vida de cada um; nem com o labor, por mais penoso que seja que um indivíduo realiza para cumprir uma tarefa da qual ele mesmo e seus próximos serão destinatários e dos beneficiários; nem com o que empreendemos por conta própria, sem medir nosso tempo e esforço, cuja finalidade só interessa a nós mesmos e que ninguém poderia realizar em nosso lugar. Se chamarmos esta atividade “trabalho” – o “trabalho doméstico”, o “trabalho do artista”, o trabalho de autoprodução-, fazemo-lo em um sentido radicalmente diverso do sentido que se empresta à noção de trabalho, fundamento da existência da sociedade ao mesmo tempo sua essência e sua finalidade última (GORZ, 2007, p. 21).

A tese de Gorz (2007) se centra em conceber o trabalho como atividade de invenção moderna exercida na esfera pública que se atrela a uma profissão, demandando remuneração, ou seja, salário. Para esse autor, o trabalho nessa era moderna tem sua existência avivada pelo surgimento da industrialização capitalista, implicando formação da sociedade de trabalhadores, fato importante nas etapas do processo de socialização do trabalhador na sociedade atual.

Para Gorz (2007), as contradições do mundo do trabalho vão se modelando na longa história da humanidade. Por exemplo, na sociedade moderna, capitalista, o trabalho se tornou uma moeda de troca, cujo valor está associado às forças produtivas do trabalho que é correspondido em salário.

Portanto, envolta nessa realidade ontológica, cultural, social, econômica e ideológica do mundo do trabalho, a literatura tem produzido expressivos discursos, tornando-se um meio de acesso a esse universo. Artisticamente, os escritores criam um mundo em que a materialidade física e espiritual do homem ganha efeitos simbólicos no universo estético da arte: “[...] entende-se que a literatura, sendo uma produção cultural, aproxima-se do mundo do trabalho, representando-o a partir de um prisma que lhe é peculiar e específico” (FANINI, 2012, p. 47). Assim, por seu turno, o trabalho como realidade social inerente ao mundo dos homens tem representatividade nas narrativas literárias. Entretanto, o que se tem percebido é que o mundo do trabalho não tem ocupado, de forma exponencial, o centro das discussões teórico-metodológicas nas pesquisas no campo das Letras.

Desse modo, nosso propósito foi convidar para o diálogo dois campos do conhecimento: literatura e trabalho. Lembrando que o diálogo é entendido sempre conforme os postulados bakhtinianos: que não nega o diálogo como espaço harmônico de interação mútua. Contudo, além dessa relação simétrica, diálogo para Bakhtin e o Círculo alcança um nível mais avançado de discussão: lugar díspar ocupado por tensões e contradições, ou seja, arena de vozes. Implicando, sem dúvida, além da situação imediata de interlocução/interação, sujeitos em movimentos discursivos situados em temporalidade histórica, social e cultural. Existe sempre uma réplica, uma atitude contestatória, uma contrapalavra na ação discursiva entre os sujeitos: locutor, aquele de quem ela procede e, interlocutor, aquele para quem ela se dirige. Esse embate discursivo se dá porque “[...] nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante (VOLOCHÍNOV, 2017, p.

181). De certo modo, deve se considerar que a palavra discursivizada está sempre impregnada de juízos de valor. A palavra está sempre sentada em uma base repleta de sentido e significação ideológica ou vivencial.

Nesse sentido, a categoria trabalho é atividade tipicamente humana. Entretanto, a linguagem também o é. Afirmar, pois, que o trabalho é uma ação inerentemente humana, é reconhecê-lo como fenômeno complexo, ponderado pela intencionalidade. Mas, somente se pode assegurar isso a partir de uma linguagem. Postular essa enunciação é ter ciência de que linguagem e trabalho se tornam elementos, não apenas necessários, mas vitais e orgânicos à organização das sociedades e do homem nelas inserido.

As personagens de Jatobá emitem suas falas sobre suas atividades laborais, articulando o universo simbólico ao material. Vida e pensamento estão entrelaçados e a reflexão existencial surge dessa interação.

Pode se dizer, portanto, que o universo do trabalho, material e imaterial, é culturalmente uma categoria retratada e refletida nas narrativas literárias. Logo, “a ciência literária deve, acima de tudo, estreitar seu vínculo com a história da cultura” (BAKHTIN, 2000, p. 362). Observa-se, assim, que Bakhtin persegue esse importante diálogo que a literatura mantém com contexto cultural mais amplo. Desse modo, face às postulações de Bakhtin, bem como de Candido, somos convencidos a entender os discursos do mundo da ficção como lugar de diálogos e debates com as várias linguagens das diferentes culturas materialmente organizadas. Por isso, a nosso ver, o discurso literário se constitui território fértil para se pensar a lógica do mundo capitalista e as relações de trabalho por ele regidas. O discurso literário não é estranho aos acontecimentos do mundo. Há entre a arte e a vida uma corrente comunicativa, uma interlocução viva mediada por posições axiológicas.

Em meio a essas circunstâncias, no capítulo seguinte, analisaremos como o escritor Roniwalter Jatobá formaliza literariamente as relações de trabalho e as relações afetivas no *corpus* da obra estudada.

5 CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS SOBRE AS RELAÇÕES DE TRABALHO E RELAÇÕES AFETIVAS EM JATOBÁ

Depois de certo tempo, a única certeza que temos em nós é a da implacável beleza das mulheres que amamos um dia, loucamente e até, em casos mais graves, eternamente... (JATOBÁ, 2015).

Este capítulo, conforme reportamos em algumas passagens precedentes desta tese, foi reservado para a análise da obra. Como substrato teórico-metodológico, servimo-nos da Análise Dialógica do Discurso (ADD), sob a perspectiva de Bakhtin e o Círculo. A ADD entende enunciação como processo produtivo de linguagem viva e responsiva entre falantes quer seja em contexto contemporâneo, quer seja em uma situação sócio-histórica situada em uma grande temporalidade.

As reflexões aqui empreendidas resultaram dos diálogos entre um conjunto de vozes sociais. Colocamos em uma corrente discursiva orgânica várias fontes teórico-práticas vindas do mundo do trabalho e do universo literário. Desse modo, analisamos os enunciados sobre as relações de trabalho e as relações afetivas como forma de sociabilidade das personagens da narrativa *Alguém para amar a vida inteira*. Assim, consideramos que mais do que uma análise literária, esta é uma análise da linguagem, tendo em mente que o homem é um ser de linguagem e toda sua vivência está centrada no plano das relações discursivas. “Toda vida interior do homem depende dos meios que lhes servem para expressá-la. Sem a linguagem interior não existe consciência, assim como não existe linguagem exterior sem a linguagem interior” (VOLOCHÍNOV, 2013, p.155).

A linguagem acompanha o sujeito em todas suas atividades e existência. Vale ressaltar, que neste capítulo, nossas pretensões foram delimitadas acerca de analisar na obra alguns pontos importantes sobre a relação trabalho e afetos. Duas seções estruturam as discussões deste capítulo: 5.1 Contexto enunciativo e formal da obra e 5.2 Trabalho e afeto: construções discursivas.

5.1 CONTEXTO ENUNCIATIVO E FORMAL DA OBRA

Contista, romancista e cronista, Jatobá destaca a saga dos migrantes dos estados do Nordeste que, compelidos a abdicar de sua cultura, lançaram-se rumo ao projeto industrial de São Paulo das décadas de 1950, 1960 e 1970, impulsionados

pela crença de que a vida lhe fosse mais digna. Jatobá conta histórias de trabalhadores que têm as vidas fustigadas pelas judiações dos sertões que, em grande medida, adestra-os social e economicamente, logo no nascedouro, condicionando seu lugar na zona marginalizada da sociedade. Espaço de muitos padecimentos e restrições sociais. O Nordeste para esses trabalhadores é território de insuficiência e impedimentos sociais e econômicos. Jatobá traz à ribalta as narrativas desses trabalhadores que, instados pelos sonhos de prosperarem na vida, deixam o Nordeste e vão em busca da inserção no mercado de trabalho, no setor fabril, no grande centro industrial da cidade de São Paulo. Transcrevemos a seguir mais um trecho da *Carta a São Paulo*³¹:

Nos anos 50, quando em suas ruas murmuravam mais intensamente o tráfego de veículos, chegamos nós, cerca de 500 mil por ano, nas estações de trens e rodoviárias. Novas fábricas nos aceitavam para o trabalho duro, erguemos prédios nos seus vales, charcos e espigões. Abrimos buracos para passagem rápida de metrô. Limpamos seu lixo dia e noite e, depois, cansados, voltamos para lugares insalubres e distantes (JATOBÁ, 1990, p.1).

Esse trecho da carta, umedecido por constatações e impressões, configura o relato vivo da experiência de quem conheceu por dentro, diuturnamente, como trabalhador, a vida social de labuta dessa gente. Para Jatobá, esses operários têm, quase sempre, suas crenças em uma vida melhor frustradas, em virtude da exploração capitalista que pesa sobre eles. Em síntese, “a dialética da esperança e a descoberta do desencanto, que permitiram ao autor a definição estrutural e genealógica de sua narrativa”³². É, nessa perspectiva, que Jatobá produz sua obra. O concreto, o real, o histórico e social são elementos constituintes da voz estético-social jatobiana.

É oportuno enfatizar que Jatobá não reproduz um decalque ou reflexo do mundo real. Ao contrário, observa o real, classifica-o, analisa-o e constrói, literariamente, uma nova realidade a qual pode ser traduzida como uma tentativa de respostas às suas perturbações com o mundo e a vida. No trecho a seguir, o romancista aclara e justifica a gênese e a essência temática que pauta sua literatura, apontando os aspectos éticos e estéticos que dimensionam sua ficção e os interstícios discursivos abarcados por ele enquanto escritor:

³¹ Artigo publicado no *Folha da Tarde*, do grupo Folha, em meados dos anos de 1990 (ANEXO D).

³² *Jornal do Brasil* 22/10/1994. Paulo Amador, jornalista e escritor.

Escrevo sobre a vida que conheci como nordestino migrante, motorista de caminhão, trabalhador de construção civil e fábrica, buscando condições melhores em São Paulo. Não tive nenhuma intenção de tratar cientificamente fatos e personagens, não levantei teses sociais. Minha partida, claro, foi a experiência real, porém não escrevi como historiador, antropólogo ou sociólogo, muito menos cultivando correções políticas – e sim como escritor (JATOBÁ, 2012, p.3).

Depreendemos, desta forma, que o homem e a condição deste no mundo são refratados ética e esteticamente na literatura jatobiana, assegurando ao leitor visão profunda do nordestino/operário. Seus personagens são seres que conduzem os leitores a uma análise mais apurada do Brasil urbano. Jatobá entende que a literatura é um meio viável para se conhecer a multiplicidade de “brasis” existentes no grande Brasil. Para ele, é obrigação do escritor fazer essa análise: “Por que amaciar ou maquiar a realidade do país? Isso seria uma desonestidade intelectual”, salienta Jatobá (2018, p. 62). Esse esboço reflexivo do autor responde diretamente a uma questão de sentido mais amplo: como fazer literatura em um país marcado pela pobreza, pelo analfabetismo funcional e pelas agressões sociais, trazendo o horizonte complexo em que estão mergulhadas as personagens de suas obras como componente deste contexto?

O modo como Jatobá problematiza a temática, por ele eleita como central em suas obras, é bastante convincente de sua apropriação desse capital intelectual, bem como da missão da escrita literária que, entre vários sentidos e interfaces que o discurso literário produz e relaciona, nenhum deles diga tanto e seja tão crucial como a missão de conferir ao sujeito conhecimento amplo sobre a realidade circundante externa e internamente ao próprio ser. Portanto, o discurso literário é meio pelo qual Jatobá se apossa para dizer sobre a sociedade, a vida e o mundo.

Alguém para amar a vida inteira apresenta estrutura ágil. Divide-se em três partes de extensão semelhante. Composta por 36 narrativas, sistematizadas em 116 páginas com capítulos concisos, alguns curtíssimos, mas com intensa carga expressiva, encimados por títulos breves. A narrativa não segue uma linha pontual e cronológica, nem do tempo nem dos acontecimentos. Percebemos pelos títulos que a trajetória de lutas e a vida laboral difícil, os encontros e desencontros dão o tom das narrativas. As narrativas são sintéticas, marca formal da escrita jatobiana. O número de personagens é mínimo, considerando a intensidade discursiva da obra. A linguagem é arquitetonicamente ativa, atrelada ao modo de vida da personagem.

Os discursos são construídos com variação de pontos de vista, em que, constantemente, o leitor é surpreendido pela incursão do narrador, que ora está em terceira pessoa, ora em primeira. Para dar vida à diversidade dos tipos discursivos formalizados na tessitura da obra, o autor recorre aos mecanismos de registro, a saber: discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre e em forma de relato. O narrador é ora mais distanciado, ora mais próximo ao trabalhador representado. São discursos simples, vem do cotidiano da vida operária e das relações afetivas.

O espaço e o tempo justificados pela situação conflitiva da história, estão indissolúvelmente orquestrados no enredo da narrativa. O bairro São Miguel Paulista e a cidade de Bananeiras, na Bahia, apresentam-se como cenários físicos da narrativa. Embora geograficamente expressos, esses espaços são definidos pelos aspectos subjetivos produzidos pela vivência individual e coletiva dos trabalhadores. O tempo, por sua vez, dá-se de forma pontual e cronológica, tecido por fios rememorativos urdidos pelas vias da afetividade do amor entre Jacinto e Emília Emiliano.

Para Bakhtin (2014, p. 211), “[...]o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história”. Esse pressuposto é assinalado por Bakhtin, quando ele afirma que no cronotopo artístico literário os demarcadores espaciais e temporais se fundem em um todo compreensivo e concreto, de modo que o cronotopo funciona como meio adequado de objetivação do tempo e do espaço na narrativa.

Dois núcleos familiares concentram parte importante do enredo, ocupando espaço discursivo considerável: o dos protagonistas, Jacinto e Emília Emiliano. Neste, Emília Emiliano tem, em boa parte da narrativa, suas falas, organicamente ligadas a Jacinto. Em várias passagens, a voz social de Emília se associa também aos sonhos contra o coronel Gercílio (seu pai e estuprador), em resposta a uma vida toda entremeada de coerção, violência e injustiças. Naquele, sobressaem-se as tensões discursivas entre Jacinto e seu pai e a figura resignada da mãe. Jacinto e Emília protagonizam uma história de amor que sobrevive a vários acontecimentos, como: pobreza, ressentimentos, censuras, impedimentos, falta de perspectiva de trabalho honesto nos lugares em que viveram parte de suas vidas. Depois, o processo migratório para São Paulo, em busca de emprego e bem-estar social.

Somando-se a essas duas células familiares, um terceiro núcleo de agrupamento de personagens é o da fábrica, espaço onde as pessoas vivem em um

clima de disputas, concorrências, humilhações, mas também espaço de relações afetivas. A partir de uma linguagem esteticamente bem elaborada, Jatobá (2015) constrói o perfil das personagens com veracidade. Embora o texto exponha, por vezes, de forma dura e violenta a degradante vida dos trabalhadores nos ambientes das fábricas, Jatobá investe, de modo mais enfático, no universo afetivo e relacional.

A obra conta a história de Jacinto e Emília Emiliano e de como essas personagens são também genéricas, visto que retratam homens e mulheres do cotidiano nacional. A relação dos dois ocorre de modo a fortalecê-los para enfrentar as contrariedades da vida. No geral, o próprio título da narrativa *Alguém para amar a vida inteira* é chave de leitura para compreensão da obra.

Resumidamente, o enredo de *Alguém para amar a vida inteira* se centraliza na história de duas vidas: os jovens Jacinto e Emília Emiliano, primacialmente, no difícil cenário industrial de São Paulo. Jacinto convivendo cotidianamente ao lado de um pai autoritário e opressor e de uma mãe resignada e submissa. Emília Emiliano embevecida pelo ardente desejo de vingar-se do Coronel Gercílio (este a violentara). Contudo, a mesma fábrica que macera e embrutece sentimentalmente o trabalhador, constitui cenário para o nascimento de um amor honesto e bonito entre Jacinto e Emília Emiliano. Ambos, a partir da socialização advinda do encontro amoroso, poderão plenamente enfrentar as agruras do trabalho e da vida.

Miguel Sanches Neto³³, no prefácio introdutório de *Alguém para amar a vida inteira*, constrói um parágrafo sintético e expressivo sobre o enredo da obra:

Jacinto vai se adaptando a um destino podre-como a própria situação do país naquele período-até se apaixonar por uma mulher sofrida, mas corajosa. Esse amor o modifica completamente, redimindo-o da covardia dos que não tem voz nem caráter. [...] Jatobá constrói um vitral do nascimento do Brasil urbano que vivemos hoje, num livro que é uma lição de humanidade, de história e literatura (SANCHES NETO, 2015, p. 1).

Em face do contexto assinalado, para além desse campo de batalha e crueza dos fatos, o texto de Jatobá mostra também que as relações articuladas dialogicamente no mundo do trabalho que, por um lado, o sujeito vive e sobrevive, luta, cria uma idealização vida; por outro lado, pode também se alienar. Porém, por

³³ Miguel Sanches Neto, escritor, crítico literário e professor, publicou vários romances, entre eles, *Chove na minha infância*, além de livros infanto-juvenis, contos e ensaios.

outro, inclusive, é a partir desse universo tenso do trabalho que o indivíduo se posiciona e reposiciona criticamente em relação ao próprio trabalho.

Em Jatobá, o trabalho é uma categoria central, operando como dispositivo enunciativo capaz de permitir a convivência de duas instâncias, por vezes, contraditórias de um lado a opressão e a individualização; de outro lado, cria laços de sociabilização e a humanização das personagens. Podemos inferir que, embora Jatobá apreenda o trabalho como atividade laboral do mundo material e imaterial com possibilidades alienantes, pois pode oprimir e infelicitar o homem, para ele existe a outra face do trabalho: objeto de desejo e veículo de interlocução e sociabilidade entre os sujeitos.

Como pontua Bakhtin (2014, p. 135), “uma linguagem particular no romance representa sempre um ponto de vista particular sobre o mundo, que aspira a uma significação social.” Assim, os sentidos e a significação da vida, das relações sociais e da realidade circundante que o sujeito se encontra inserido está atrelado ao modo como ele concebe e se relaciona com o trabalho. Em *Alguém para amar a vida inteira*”, apesar das condições de trabalho estafantes, as relações afetivas entre os indivíduos se constroem, sociabilizam, enfrentam, fortalecem, desfazem, irrompem e se solidificam. É, nesse tecido, nessa arena discursiva, que a narrativa é alinhavada fio por fio. “– Pra que tanta pressa? Já perdeu o domingo mesmo. O barulho das prensas nas chapas de aço estremecia o assoalho da fábrica. - Boa tarde, Jarrê - brincou um prensista. [...] -Vamos lá, Jacinto - disse Felipe” (JATOBÁ, 2015, p.58).

Entretanto, nesse contexto de adversidades do mundo do trabalho, recorte temático que o escritor constrói a obra *Alguém Para Amar a Vida Inteira*, Jatobá cria um romance amoroso entre dois filhos de operário: os jovens Jacinto e Emília Emiliano, mulher trabalhadora que desde a infância, em Bananeiras, depois adulta em São Miguel Paulista, foi sempre acometida pelas intempéries da vida, mas isso não a fez fraquejar, pelo contrário, transformou-a em mulher forte e destemida. É nesse sentido que objetivamos analisar como o discurso literário, de autoria jatobiana, formaliza as relações de trabalho e as relações afetivas como veículos de sociabilidade do indivíduo na obra *Alguém para amar a vida inteira*. Nas palavras do próprio autor, a obra *Alguém para amar a vida inteira* nasceu da periferia paulistana:

[...] Sempre tive o desejo de contar a história de dois personagens - Jacinto e Emília Emiliano - no cenário industrial de São Paulo, às voltas com uma vida

difícil, mas descobrindo que, mesmo no mundo amargo, pode surgir um sentimento puro e bonito como o amor (JATOBÁ, 2015, p. 118).

Essa narrativa é mais uma obra que representa e identifica o grande projeto literário de Jatobá. Ele nos convida a conhecer, em um cenário difícil, ameaçador e cheio de contradições, a força de um amor entre as personagens protagonistas: Jacinto e Emília Emiliano. Esse é o diferencial de Jatobá, mostrando que mesmo a vida sendo árdua e um campo de disputas, o bem é possível. O amor entre Jacinto e Emília Emiliano é o eixo temático em que se concentra importante teia discursiva do enredo, constituindo-se contexto de leitura para se pensar e analisar as relações de trabalho e os vínculos afetivos como veículos de sociabilidade do sujeito.

Para Volochínov uma forma de enunciação eficiente depende do modo como o autor dispõe no interior da enunciação os elementos constitutivos da mesma, “sobretudo o som expressivo da palavra, quer dizer a entonação e, também a seleção” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 174). Vê-se que Jatobá cria em plano estético uma cadeia discursiva das narrativas de vida desses trabalhadores, determinando sua visão arquitetônica desse universo.

5.2 TRABALHO E AFETO: CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS

Na parte I dessa obra, todos os acontecimentos estão centrados no eixo familiar de Jacinto, Jarrê. Jatobá lança um olhar acurado para a trajetória migrante da família de Jacinto, abordando as relações afetivas partilhadas nesse núcleo familiar e nos círculos de amizades construídas na convivência cotidiana, nas atividades laborativas, nos espaços da fábrica e extralaborativas. Mesmo que de forma ainda não muito esclarecedora para o leitor, Jatobá traz o enigmático desfecho do relacionamento afetivo entre Jacinto e Emília Emiliano: *Alguém para amar a vida inteira*.

Jatobá coloca em cena sujeitos que, dentro de uma temporalidade e espaços narrativos, dia a após dia, fazem desses ambientes um lugar social de permanentes diálogos. Para Bakhtin (2014, p. 30), “[...] a obra é viva e significativa do ponto de vista cognitivo, social, político, econômico e religioso em um mundo também vivo e significativo”. A obra é uma arena discursiva.

O capítulo inicial, *Fim da história e começo de tudo*, é estruturado em jogo metafórico bastante instigante e significativo, exigindo do leitor, logo no primeiro

momento, o diálogo com as situações verbo-valorativos que constituíram os enunciados ali entrelaçados. “O enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro e, provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica” (BAKHTIN, 2000, p. 320).

Estão envolvidos nesse encontro discursivo, de forma direta, a voz de Jacinto e de Velho Galdino e, indiretamente, a de Emília Emiliano. “[...] – Ela espera o senhor, sim. Onde ela vive? - Lá” [...] (JATOBÁ, 2015, p.11). Imagens e acontecimentos emergem na evocação dos tempos: pretérito, presente e futuro. Paradoxalmente, *Fim da história e começo de tudo*, localizado fisicamente no início da obra, remete a continuidade do capítulo *Imagens do Futuro*, o último do livro, que é fio condutor e contexto para entendimento do conteúdo expresso nos enunciados deste primeiro capítulo. Fim, começo e futuro evocam imagens, palavras e contrapalavras que costuram os sentidos e dão força discursiva à narratividade dos acontecimentos reportados neste primeiro capítulo.

Densamente, *Fim da história e começo de tudo*, narra o desfecho de *Alguém para amar a vida inteira*: amor verdadeiro entre Jacinto e Emília Emiliano, personagem da narrativa que também vai cobrar do leitor um movimento, sob o percurso da obra, em busca de sua origem e sua marcante história de vida: quem é Emília Emiliano?

Na parte II do livro, no segundo capítulo intitulado *A presença de Emília*, narrado em primeira pessoa pelo próprio Jacinto, descreve o contexto do primeiro encontro entre ele e aquela mulher, Emília Emiliano. Tacitamente, Jacinto vai deixando algumas pistas linguísticas/enunciativas que, mais à frente, interligam-se a outros enunciados para imprimir sentido preciso à identidade da mulher, Emília Emiliano, e seu importante papel na reconstrução da consciência individual e coletiva, reeducação afetiva e ressignificação da vida de Jacinto.

A figura da mulher brilhou no vagão lotado. Sobre o ombro das pessoas fiquei procurando o olhar da moça. Fiz força no cheio do trem e me aproximei. Ela muito perto. Cheirava a banho tomado, lábios finos, rosto sem pintura, liso. *Que tempo feio* foi a primeira fase entre nós dois. Depois de duas semanas, saindo nos domingos de folga, ela me chamou de bonito; e ficou alisando os calos dos meus dedos, os pelos dos braços, a mão dela passando de leve pelos meus cabelos. Numa tarde domingueira e fria lhe beijei a boca, salgada e quente. E amei Emília Emiliano (JATOBÁ, 2015, p. 48).

Essa passagem da narrativa, regada por uma discursividade poética, demarca o ponto de partida da relação afetiva entre os protagonistas. A simbiose entre interlocutores, vida, tempo, lugar dão sentidos as reflexões de Jacinto. Aqui, constatamos a naturalidade do florescer do afeto, do amor.

Nesse sentido, por meio de *flashback*, fio condutor de um jogo de imagens e um entrecruzamento de um conjunto constituído por fatos e acontecimentos que vão pensadamente se desembrulhando aos olhos do leitor, tem-se o início, meio e término de *Fim da história e começo de tudo*, parafraseando o título: aqui termina a história e começa tudo. Os trechos seguintes formalizam o diálogo entre Jacinto e velho Galdino:

- Vem de São Paulo?
 - Como sabe? Conhece Emília Emiliano?
 - Quem não conhece? Jacinto sentiu a carta de Emília Emiliano no bolso da calça, relida muitas vezes na cansativa viagem.
 - Sim. Me chamo Jacinto. Ou Jarrê, assim até gosto mais.
 - Vim encaminhar o senhor.
- Ela me disse em carta recente: espero por você, Jarrê. Estou só. Não muito só, um filho seu me brota no corpo... (JATOBÁ, 2015, p. 11).

O encontro entre velho Galdino, homem de boa conduta, mas de esperanças e dignidade ruídas pelas circunstâncias e aviltamentos da vida, e Jacinto, o Jarrê, como assim era chamado pelos colegas da fábrica, é selado com diálogo rememorativo, marcado por reticências que vão responsivamente, ao passo que a conversa avança, transmutando-se. “A estrutura semântica da palavra interiormente persuasiva não é terminada, permanece aberta, é capaz de revelar sempre todas as novas possibilidades semânticas em cada um dos seus novos contextos dialogizados” (BAKHTIN, 2000, p. 146).

O encontro de velho Galdino e Jarrê representa, também, na narrativa, o entrelaçamento de dois mundos, hemisférios humanos, fustigados pela aspereza da vida. Jacinto, em suas reflexões, resgata, seleciona e evoca alguns episódios que possam justificar, frente a velho Galdino, seu desembarque naquela cidade, antes conhecida somente pelas longas narrativas de Emília Emiliano. À medida que o diálogo entre ambos os interlocutores vai progredindo, emergem pistas objetivas e afetivas em direção ao reencontro dos protagonistas. Jacinto, agora em uma fase de amadurecimento psicológico e educação sentimental, com o discurso humanizado entremeado por um passado de arrependimento e saudades, vive ali um presente

tenso e repleto de expectativas, com vistas a um futuro muito próximo: a possibilidade de reencontrar e reviver o grande amor, fortalecendo-se para o inóspito mundo laboral da fábrica. “Não vim para ficar. A vida tem sido difícil, mas isso tudo é resto, coisa passageira. Vim buscar Emília Emiliano e meu filho. - Sei. Vai voltar a ser operário nas prensas. - Sim” (JATOBÁ, 2015, p. 12). Jacinto reflete sobre a vida passada e reafirma o retorno para fábrica. A personagem volta para buscar Emília Emiliano que espera um filho dele. Voltarão para São Paulo. A vida do trabalho árduo persistirá, mas suavizada pela fortaleza do encontro, da rede familiar.

Uma outra questão enigmática emergida no encontro de Jacinto e velho Galdino é o episódio da morte, o assassinato, desaparecimento material da voz autoritária do carrasco coronel Gercílio. A sinuosa imagem do coronel se impõe com forte carga discursiva nesse primeiro capítulo. Emília Emiliano sempre se mostrou muito aversa à figura patronal e impiedosa do coronel, guardando mágoas profundas, desprezo e ódio abstruso por ele. A seguir, no diálogo entre Jacinto e velho Galdino, a morte de coronel Gercílio Batista é aludida e retomada concretamente para o contexto narrativo do capítulo inicial:

- Conhece Gercílio Batista? – indagou Jacinto.
- Coronel Gercílio?
- Sim
- Que o inferno seja seu purgatório. Apareceu por aqui, um animal dele parado perto, os cachorros cheirando o defunto perfurado de tiro. Chumbada de pedras miúdas. Ninguém até hoje sabe quem foi. Tinha muitos inimigos, deve ter sido algum. Mas qual? (JATOBÁ, 2015, p. 12).

As informações sobre o que aconteceu após a morte do coronel estão armazenadas na memória de velho Galdino que não esboça nenhum tipo de pesar pelo episódio, ao contrário, mostra-se aliviado. Ainda que não se tenha mais o que fazer, nenhuma providência pode ser tomada, velho Galdino, em uma linguagem de tom irônico e denunciativo, conta a Jacinto os atos de crueldade do coronel Gercílio, insinuando que a voz silenciada do coronel não apagou sua narrativa de afronto e desrespeito à dignidade humana. No entanto, em clima de mistério, a autoria do crime permanece desconhecida. “Em cada ato discursivo, a vivência subjetiva é eliminada no fato objetivo da palavra enunciada dita, já a palavra dita, por sua vez, é subjetivada no ato da compreensão responsiva, para gerar mais cedo ou mais tarde uma réplica responsiva” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 140). Isso decorre porque, na linguagem

literária, além daquilo que é dito explicitamente, há sempre algo mais profundo implicado nas entranhas da enunciação estética.

Para finalizar o enredo desse capítulo, Jacinto afirma para velho Galdino que irá retornar para o trabalho na prensa em São Paulo, acrescentando-lhe que a vida tem sido muito difícil, mas veio somente buscar a família: Emília e o filho. Velho Galdino se despede de Jacinto, demonstrando-se um sujeito de esperanças e dignidade ruídas. Vem à tona, via diálogos de despedidas, o sentimento de nulidade que toma conta de velho Galdino diante daquela vida tão miúda e agredida ruidosamente pelas condições de trabalho e pelas relações entre empregado e empregador. Por isso, ressalta o quanto é pesado o fardo de viver ali em Bananeiras: “aqui também trabalho com as mãos, conheço a terra. Qual outra tarefa se pode fazer sem que seja preciso barganhar a dignidade da gente?” (JATOBÁ, 2015, p. 12).

A realidade de velho Galdino se afasta, por um lado, das tiranias do meio moderno do trabalho que vive Jacinto, mergulhando em um universo em que as formas de trabalho identificam uma época caracterizada pela resignação e rudeza de uma vida padecida aos padrões do estatuto da terra, modelo vicejado em ambientes de grande miséria humana. Coronel Gercílio é a representação expressiva, soberana e real dessa época. Por outro lado, essa realidade vivenciada, embora situada em espaços e paisagens distintas, por esses dois personagens, aproximam-se e se identificam em um ponto comum: o fator de desumanização que acomete essas duas vidas, exemplificação genérica de tantas outras que, diante das circunstâncias, sociais, econômicas e culturais de um sistema político, são impelidos a vender a força do próprio trabalho para assegurar mediocrementemente a sobrevivência.

Assim, essa vida material difícil é um drama humano pelo qual padecem os migrantes nordestinos na grande metrópole, temática tantas vezes repetidas no conjunto da obra jatobiana. A questão da centralidade do trabalho na construção estrutural das relações sociais e das identidades dos trabalhadores é avivada nos dois contextos em que estão inseridos ambas as vozes dos personagens: Jacinto e velho Galdino. Essa realidade ressoa discursivamente ao que disse Antunes (2009), que quando se coloca o trabalho como uma atividade vital, na qual o homem associa sua existência quase que exclusivamente a ela “como muitas vezes ocorre com o mundo capitalista e sua sociedade do trabalho abstrato, ela seria também expressão de um mundo penoso, alienante, aprisionado e unilateralizado” (ANTUNES, 2009, p. 12).

Na sequência, os capítulos *Eles se chamavam nós*; *Animais Observam a Noite*; *Sinfonia Noturna*; *Manhã da Mudança*; *Estradas Esburacadas*; *Viagens e Lembranças*; *São Miguel: Linha Leste e Fim do Mundo*, no conjunto, narram, em uma cronologia, desde as expectativas na véspera da mudança, o dia da viagem, o trajeto, até a chegada da família de Jacinto no bairro São Miguel Paulista. São oito narrativas, com linha sucessiva de acontecimentos, com alternância de foco narrativo que, ora está em terceira pessoa, ora Jacinto, personagem principal, assume o papel de narrador-personagem. O efeito semântico/linguístico e discursivo desse modo narrativo é que o leitor, mesmo que indiretamente, é deslocado de posição, por vezes, mais próximo, por vezes, mais distante. Observemos as duas passagens, a seguir, para melhor compreender essa situação:

Na calçada da casa um homem, uma mulher e um menino nessa hora. Não se olhavam, mudos na tarde morna. Perto, um cachorro magro e velho sonhava deitado na rua. Nesse instante, a mulher resolveu entrar e o homem a seguiu com o olhar até quando ela deu o primeiro passo no degrau da porta (JATOBÁ, 2015, p. 13).

Bem cedo, o caminhão, com seu brilho de turvar a vista na pintura, chegou sacolejante, parou no calçadão. Buzinou. Botei a cabeça de fora pela janela e soletei as palavras que, mal- escritas, borradas, tomavam quase toda porta: MUDANÇAS (JATOBÁ, 2015, p. 19).

Os excertos foram retirados respectivamente dos capítulos *Eles se chamam nós* (narrado em terceira pessoa) e *Manhã da mudança* (narrado em primeira pessoa). Traçando uma conexão de sentido entre o título, *Eles se chamam nós* e a posição do narrador (3ª pessoa), é importante perceber que o narrador apresenta o núcleo celular da família de Jacinto: João (pai), Elvira (mãe), o próprio Jacinto e o cachorro Peri. Esta família é imagem e símbolo de tantas outras. Há nessa composição familiar um modelo que identifica os demais núcleos familiares que integram o enredo da narrativa. *Eles se chamam nós* está relacionado à parte que representa o todo, o particular e o genérico.

No segundo trecho (narrado em primeira pessoa), Jacinto dá um tom sutilmente poético a chegada do caminhão para transportá-los rumo ao bairro São Miguel Paulista, aproximando sentimentalmente o leitor desse evento que ele tentava resistir. A ida para a nova morada era motivo de muita insatisfação para Jacinto, que tentou por todas as vias argumentativas convencer seus pais a não se mudarem. Por

último, agarrava-se a convivência com Peri, cachorro que integrava a família. Mas, João, muito senhor de si, já antecipava o destino de Peri:

[...]

– Pai e o nosso cachorro? Vamos levar ele?

O homem notou o animal. Encostou o bico do sapato nas costas do cachorro deitado em frente e empurrou-o. O animal ganiu baixo e novamente se deitou.

– Vamos deixar essa praga por aí. Amanhã no caminhão nem vai dar pra caber a mobília. Só se você quiser ficar e ele ir. Quer assim? [...]

– E a casa pai? Como é lá?- perguntou Jacinto.

O homem coçou-se, tossiu e cuspiu na rua.

– É minha – retificou –, é nossa. Já dá para morar [...] (JATOBÁ, 2015, p. 13-14).

O diálogo entre Jacinto e João, seu pai, acentua e revela, logo no início da narrativa, relação truncada sempre em tom seco e de poucos vínculos afetivos. Jacinto entende que Peri não partirá com a família e que também não tem outra forma de se livrar da nova moradia em São Paulo. Neste sentido, tudo se esclarece para Jacinto, agora era o momento de esquecer as tentativas frustradas de resistir a esta viagem, concentrando-se na certeza da mudança. João, a cada instante, mostrava-se convicto de suas escolhas: trabalhador obediente e muito disciplinado a um padrão de vida de submissões. São Miguel Paulista, idealização de sonhos prestes a se concretizar. Filinto, amigo com o qual João, há muito, não mais convivia, aparece no início da noite para se certificar da mudança:

[...]

– Ainda acordado nessa hora, homem?

– Na arrumação, amanhã vou me mudar.

Calaram-se. Ouviram o apito das dez horas de uma fábrica ao longo da estrada de ferro. Da calçada, Filinto olhou para dentro da casa certificando-se da mudança.

– Vou sair desse purgatório – disse João.

Filinto nada respondeu. Um passado não muito distante chegou às lembranças dele, sentiu um princípio de raiva de si próprio por ter parado ali [...].

– Boa viagem resmungou Filinto, voz fria e seca (JATOBÁ, 2015, p.15- 16).

No capítulo seguinte, *Sinfonia Noturna*, o narrador em terceira pessoa descreve as lembranças que povoam a mente de João na noite véspera do dia da mudança. A imagem solitária de Filinto acenava para o silêncio da noite no pensamento de João. A memória de João recupera a figura de um sujeito malgrado em seu projeto de luta por uma vida social alinhada com o princípio da liberdade e da dignidade humana. Filinto era o reverso de João. Quando o assunto fosse a subversão

nas relações patronais, João insistia na empreitada de se manter na retaguarda, logo, tinha outros propósitos. No registro textual que segue, o narrador constrói um discurso entremeado pelas falas, pelos pensamentos e comportamentos de João, contundente de identificação de Filinto e do próprio João, como também as cruzeiras de um sistema político, econômico e social que atuava desfavoravelmente contra aqueles de origem humilde, as agremiações sindicais e, sobretudo, o pensamento livre:

[...] Esses tempos estão mudados – disse João para si próprio.

– Um sujeito que era pra ter um grande futuro.

Achou estranho aquele homem ter lhe dirigido a palavra depois de tanto tempo. João o conhecia desde quando aquele mesmo homem aderiu a todos os movimentos na fábrica e saíra perdedor em suas reivindicações. Seus líderes tinham sido mortos, alguns expulsos do país, o sindicato sofrido intervenções, tornando um homem solitário. Mas João sabia do respeito das pessoas por Filinto que ele invejava para si próprio.

Lembrou-se da prisão de Filinto depois da grande greve e que, agora, era um homem marcado pelos patrões daquelas pequenas fábricas que existiam ali perto, havendo em todas as mesmas recomendações, como se houvesse no saguão de entrada um grande letreiro: “Se entrar em politicagem, já está despedido”.

[...] Sentia-se satisfeito por nunca ter participado de nada e nada ter acontecido com ele.

– Cada um é dono de si – pensou sem remorsos[...] (JATOBÁ, 2015, p. 17).

Notamos, nessa passagem, que João se retraiu muito cedo no medo. A ação coercitiva do sistema teve consequências relevantes no seu adestramento, transformando-o em um homem medíocre, de personalidade vulnerável e espírito fraco, que não resistiu, citando Sennet (2016, p. 31), “[...] à ácida erosão daquelas qualidades de caráter como lealdade, compromisso, propósito e resolução”. Percebemos que as labutas, as humilhações e a falta de perspectiva faziam dele um homem com emoções embrutecidas, frio, obediente e resignado. Um sujeito que se adaptou à convivência servil, um operário que se disciplinou, muito cedo, à subalternidade do patrão, compreendeu e aceitou viver com essa situação. Para João, uma inversão das posições nos aspectos socioeconômicos, na relação empregado e empregador, era impossível. A materialidade do trabalho e a subserviência ao patrão estavam para João sempre em primeiro plano. Por isso, afastava-se dos colegas, criticando-os e abominando qualquer atitude insurgente por parte do trabalhador. Como era o caso de Filinto, sujeito de ideias emancipatórias.

Para Antunes (2004), quando o trabalho se caracteriza como atividade vital e se encobre de atitude alienante, submetendo o sujeito a uma convivência servil ao empregador e, até mesmo, seu próprio trabalho, tem-se aí “[...] o ser social tornar-se

um ser estranho a ele mesmo: o homem estranha-se em relação ao próprio homem, tornando-se estranho em relação ao gênero humano” (ANTUNES, 2004, p. 10).

Nos capítulos seguintes, *Manhã da mudança; Estradas esburacadas; Viagens e lembranças; São Miguel: Linha leste; Fim do mundo*, Jatobá coloca em ação, respectivamente, em uma sequência enunciativa, os discursos que vão traçar e marcar, de modo objetivo e subjetivo, o dia da mudança e, posteriormente, o perímetro geográfico percorrido por Jacinto e a família rumo à São Miguel Paulista:

[...] Nem levantei palha que fosse. Logo, não tinha pingo de vontade de ir. D. Zélia [...] comentou que o bairro São Miguel que a gente ia morar só dava bandido, fábrica de química fedorenta, uma perdição: Deus me livre e guarde (JATOBÁ, 2015, p. 19).

No final, caminhão já pronto, Seu Filinto passou largo, sem cumprimentar, nem olhou para ninguém, no piso duro dele, olhar parado no que vem em frente. Fui em cima da carroceria. Arregalei os olhos no ajuntamento pouco gente que veio se despedir, vendo Peri lá embaixo, assustado, ganindo, passear entre as pernas das pessoas ou arranhar as unhas na roda do caminhão (JATOBÁ, 2015, p. 20).

Com as rodas rangendo levemente as pedras o caminhão desceu a ladeira da rua. [...] o sol brilhava sobre os trilhos da estrada de ferro e rajadas frias e fortes de vento na velocidade do caminhão assanhavam o cabelo dele. (JATOBÁ, 2015, p. 21).

Abanei a mão até o carro entrar na estrada no fim da rua, já longe. Peri desceu a ladeira correndo, caindo nas pedras, sendo coberto pela poeira fina, a velocidade do carro me distanciando dele. E foi sumindo. [...] dei para pensar-Como era lá? –, a saudade veio, nas lembranças fui acompanhando Peri, ele longe, mas perto agora no pensamento [...] (JATOBÁ, 2015, p. 22).

[...] E ali estava São Miguel. Do alto do morro o bairro aparecia em toda sua extensão, as curvas do rio Tietê desembocando pelo vale aberto, e bem próximo, se repartindo em dois. Perto do bairro o rio unia as duas partes e subia com suas águas sujas e podres de resíduos de indústrias (JATOBÁ, 2015, p. 23).

O lugar, ainda me acostumando, parecia o fim do mundo. Lameira ou poeira se o tempo se desconfitasse na rua descalça. Pai desaparecendo de manhã, nem bem clareando, seguindo o apito que acordava o mundo logo cedo. Mãe calada, cuidando da casa sem se lastimar, pois era assim, prosava pouco[...] (JATOBÁ, 2015, p. 25).

Consideramos que os excertos acima são uma linha narrativa, em que os episódios se movimentam em uma ordem cronológica que abarca desde o dia da mudança até a chegada da família de Jacinto em São Miguel Paulista. Cada excerto foi retirado obedecendo a ordem de disposição dos capítulos, atendendo à semântica dos textos. São episódios e imagens que se interligam e se comunicam. O narrador em primeira pessoa, Jacinto, é recorrente nesse conjunto de narrativas. Jacinto

exprime o desalento e a insatisfação com as circunstâncias na proximidade da viagem, presumindo a nova morada. A chegada do caminhão da mudança é vista com muito otimismo pelo pai e pela mãe de Jacinto, em contrapartida, é um momento triste e de muita afetividade para Jacinto que se mostra profundamente tocado pela separação de Peri. A imagem singela de Peri ficou gravada na memória pura e amorosa de Jacinto.

Logo na chegada em São Miguel Paulista, Jacinto começa a viver um conflito com o mundo desenhado antes mesmo de sua chegada. O capítulo *Fim do Mundo* reflete a transição espacial e o modo subjetivo de Jacinto conceber esse novo cenário. São Miguel Paulista figura na construção mental e social de Jacinto como uma realidade urbana contaminada pelo avanço do progresso da máquina: “[...], mas eu estava mesmo era pelos monturos, perto dos trilhos da linha de São Miguel, olhando do outro lado da fábrica do bairro, acinzentado de sempre, sentado num canto, presenciando a fumaça de química que subia amarelada todo dia” (JATOBÁ, 2015, p. 25). Nesse primeiro momento, há o estranhamento de Jacinto com tudo que acontece ali, suas expectativas negativas com São Miguel Paulista se confirmam. Enquanto para João, pai de Jacinto, a mudança territorial traz a crença de mudança social e rompimento de um passado amargo e obscuro. João parece ter saído de uma vida traduzida em desencantos, silêncios e isolamentos, para uma vida mais significativa em termos socioeconômicos. Por isso, não se conta em esboçar a sua satisfação com aquele lugar: “[...] — Só por ser meu, aqui é muito melhor — disse para si próprio olhando o sorriso satisfeito de Elvira como se escutando seu pensamento” (JATOBÁ, 2015, p. 25). A posse da casa própria se materializa.

O eixo da mudança, retratado na obra *Alguém para amar a vida inteira*, e todas as causas que o motivam e, conseqüentemente, os efeitos desse processo, é reiteradamente abordado no projeto literário jatobiano. Jatobá, segundo Lucas (2016, p. 186), “qualifica-se como um dos nossos melhores retratistas de ambientes e mudanças”. O fenômeno da mudança em Jatobá é um prisma enunciativo comum e consolidado em suas obras que reflete o movimento do sujeito em busca de possibilidades de uma vida mais equilibrada socialmente que responda às suas necessidades básicas enquanto ser humano. Portanto, espécie, simbólica, de lugar em trânsito, com possibilidade de muitas refrações. Convém destacar aqui que Jatobá tematiza a mudança sempre como uma necessidade vital para os trabalhadores nordestinos. Isso acontece porque há expectativas positivas do operário em, mesmo

que dolorosamente, deixar para trás uma cultura, torrão natal e uma narrativa de vida, tem esperança de encontrar uma vida com mais dignidade que possa lhe trazer felicidade.

Os capítulos *No passar de dias*; *O Grandalhão Teodoro*; *Histórias de Teodoro*, são contados, seguindo o mesmo padrão dos anteriores, com o narrador alternando, ora em terceira ora primeira pessoa. A narrativa intitulada *No passar dos dias* marca o encerramento dos acontecimentos que enredaram a fase da mudança da família de Jacinto da cidade de Osasco para São Miguel Paulista, dando início a um novo ciclo de vida dessa família. Jacinto não esconde sua insatisfação com o contexto que ali se apresentava. O descontentamento de Jacinto era visível. A forte poluição gerada via processo de operacionalização da fábrica de química era motivo de queixas constantes de Jacinto, ainda que só pudesse reclamar para sua mãe, Elvira, pois João não dava espaço para lamentações do filho e mesmo quando Elvira se dirigia ao esposo, era de modo muito cauteloso, dado o comportamento rude do marido e sua maneira intransigente de se posicionar a favor das instituições e dos patrões.

Nas ruas de São Miguel a tarde começa a embaraçar, o vento aumenta soprando forte na direção das casas próximas ao Rio Tietê. Nas menores frinchas penetra o cheiro fétido da fumaça de química, que, toda tarde, sai das grandes chaminés erguidas no centro do bairro. O sol se confunde com a fumaça e mais se amarela, amarelo-ouro, doentio e bonito. Domingo. [...] – Qualquer dia desse morre gente com esse cheiro de gás. João apumou-se na cadeira, olhou para Jacinto que roía as unhas e fez que não ouviu as observações da mulher (JATOBÁ, 2015, p. 26).

É importante observar nessa passagem discursiva que Jatobá, ao encerrar o decurso da mudança, coloca as personagens frente a um novo movimento: as dificuldades materiais e imateriais em que elas se esbarram, como os apuros de conviver diariamente com a poluição provocada pela produção em grande escala do setor fabril. Todos aqueles que habitavam o entorno das fábricas estavam vulneráveis e totalmente expostos aos efeitos maléficos desse processo, fato que afetava o comportamento de Elvira e Jacinto, comprometendo o convívio diário em família, inclusive com sinais refletores na relação afetiva entre Jacinto e seu pai. Desse modo, o novo ambiente era refúgio de diferentes problemas sociais que afetavam diretamente a vida de quem ali residia. A partir daí, temos, portanto, uma realidade dramática que atesta o princípio de uma saga repleta de contratempos, desrespeito,

desgosto, arrependimento, frustrações dos sonhos dantes acalentados, agora são realidades agredidas pelo avanço decorrente do sistema econômico vigente.

Os capítulos *O Grandalhão Teodoro* e *Histórias de Teodoro* narram os primeiros conflitos diretos entre Jacinto e João: “[...] Elvira segurou a ponta da saia e apertou-a fortemente quando Jacinto enfrentou a violência de seu pai [...]” (JATOBÁ, 2015, p. 28). As tensões entre Jacinto e o pai, aos poucos vão se intensificando. Paralelamente, figura nesse terreno conturbado Teodoro, sujeito do bem, espírito agregador e socialmente bem relacionado com os colegas operários. Teodoro tinha como diversão predileta se reunir com um grupo de trabalhadores em um bar, aos domingos, para contar muitas histórias, a maioria delas, versava sobre o cotidiano no labor da fábrica, as mulheres, os feitores. Jacinto sente em Teodoro a presença amiga, abrigo agradável para fuga da imagem sólida, áspera e opressora do pai. A relação de Jacinto com Teodoro já inquietava e era totalmente reprovada por João que via em Teodoro o símbolo da transgressão e rebeldia em um contexto que, segundo suas ideias, a obediência e a servidão não eram somente condutas base, mas essenciais

Destarte, vejamos os fragmentos abaixo retirados dos capítulos *O Grandalhão Teodoro* e *Histórias de Teodoro*, respectivamente:

[...] João deixou o copo fumegante sobre a mesa, levantou-se e foi até o quarto. Quando ele voltou foi logo gritando para Elvira:

– Cadê Jacinto?

A mulher se fez de desentendida.

– Estava aqui agora mesmo.

[...] Deparou-se com Jacinto, sentado na calçada em frente ao bar, escutando conversas de Teodoro.

[...] – Eu avisei que não quero você aqui na rua. E ainda mais na frente desses bares

[...] Perturbado, levantou-se e saiu correndo de volta para casa (JATOBÁ, 2015, p. 28).

– Jarrê, aquele chamamento já das amizades.

Agora, rondando os bares. Passando na pensão de Teodoro.

Num quarto tinha Tino, tinha Fernando, que se agrupavam ali no apego deles e contava para quem quisesse ouvir os fatos das fábricas; e de mulheres; e de feitores-amigo como seu sulino lá no Matarazzo, feitor desgraçado como seu Nelito lá na Nitroquímica [...]

[...] Teodoro contava sorrindo suas lembranças, histórias passadas dele aqui, onde eu escutava calado aquelas conversas tão diferentes das prosas de pai. De mãe nem se fala. Calada, sempre na tristeza dela, só o olhar de culpa:

– Jacinto, teu pai mata (JATOBÁ, 2015, p. 30).

O conteúdo temático expresso nos fragmentos acima, evidencia, tanto na voz do narrador quanto na de Jacinto, narrador-personagem, como as relações afetivas entre Jacinto e o pai e Jacinto e os colegas se dão por vias opostas. Aquela é

caracterizada pela ausência de uma interlocução, estranhamentos, distâncias resultando quase sempre em um embate discursivo tenso entre pai e filho. Enquanto esta se identifica pelo diálogo mais harmônico, pela afeição e pelo respeito entre Jacinto e o grupo de operários, em especial, Teodoro. De antemão, percebemos que, fora do ambiente de trabalho, há pessoas com sentimentos fortalecidos pelo espírito da convivência coletiva, exemplo disso temos a figura de Teodoro que age com uma força motriz no grupo de amigos. Utilizando-se da habilidade discursiva em recontar fatos da cotidianidade da vida dos próprios operários e das outras pessoas em seu entorno nos espaços sociais de convivência, cria momentos de risos, afetividades, companheirismos e sociabilidades. Isso nos põe diante da constatação de que há em Jatobá a preocupação em deixar que os sentidos das relações de trabalho e das relações afetivas na vida do sujeito estão associados às circunstâncias e ao lugar de enunciação.

No acurado estudo sobre a construção da enunciação, após refletir sobre o importante papel da situação contextual na criação da enunciação, Volochínov (2013, p.173) postula que “se os falantes não tivessem unidos por essa situação, se não tivessem uma compreensão comum do que está ocorrendo e uma clara atitude a esse respeito, suas palavras seriam incompreensíveis, insensatas e inúteis”. Nessas conversas, há entre os envolvidos alguma identidade que dá significado ao relacionamento.

Os capítulos *O Clube da Fábrica de Química e A Partida de Futebol*, ocupando as páginas 31 a 34, retratam os momentos singulares na vida das famílias de Jacinto e demais operários que trabalham na fábrica. É nesse espaço de entretenimento que a socialização dos sujeitos acontece com mais leveza. Contudo, mesmo nos momentos de descontração, amizade e alegria, João não consegue se envolver integralmente. Ali também para ele é terreno de articulações sobre trabalho: “o homem olhou para Jacinto sentado junto com Elvira, João continuou: –Tem quase dezesseis anos. Arruma emprego? [...] – Me procura semana que vem – disse ele” (JATOBÁ, 2015, p. 34). As implicâncias, a birra, a insistência em conseguir logo um trabalho para o filho é ideia fixa em João, pois nem mesmo em um ambiente de descontração, Jacinto tinha sossego.

Os capítulos *A Presença da Morte; A Fábrica do Brás; A Prensa de Felipe*, páginas 35 a 42, finalizam a parte I do livro. O descaso, a falta senso de humanidade, a objetivação do homem, a expansão dos espaços físicos das fábricas em detrimento

dos espaços de lazer: diversão *versus* trabalho, o crescimento do fluxo de trabalhadores, avolumando, dia após dia, nas fábricas e a ascensão de João, operário comum, para feitor, formam um painel de sucessivos acontecimentos que vão dar contornos a narratividade desses capítulos.

No capítulo *A presença da morte*, o narrador-protagonista, Jacinto, concentra-se no relato de quatro fatos que implicariam de forma direta na sua vida. O primeiro foi a confirmação de que ele já ia começar a trabalhar “[...] o homem daquele no clube tinha arrumado alguma coisa. Não disse nada. Mãe falou que era cedo, logo agora que era para findar os estudos no grupo. Pai replicou [...] que se eu quisesse continuar os estudos que fosse à noite [...]” (JATOBÁ, 2015, p. 35). A imposição de João, para que Jacinto trabalhasse, a fim de ajudar no sustento da família, já vinha se arrastando há meses. Elvira não era a favor de que Jacinto abandonasse os estudos em detrimento do trabalho, mas não tinha voz ativa perante o marido, sua posição pouco importava a João.

O segundo episódio se refere à invasão dos espaços de diversão, em especial, o campinho de futebol, pelo avanço e pela ampliação da fábrica, que conforme Jacinto, há muito não estava mais se prestando aos objetivos e finalidades, pois o “terreno cheio de valetas, lugar de monturos, escoamentos de casas vizinhas [...]” (JATOBÁ, 2015, p. 35). O campinho de futebol, ambiente, por excelência, de entretenimento e socialização das famílias aos domingos encerrava definitivamente seus propósitos. Agora, roncões dos caminhões descarregando, apito de hora em hora avisando. O bairro crescendo “[...] enchendo de gente. A fábrica cada dia mais se alargando como teia de aranha, pegando viajante de carteira em branco” (JATOBÁ, 2015, p. 36). O encerramento do lugar de primazia para construção das relações afetivas entre os trabalhadores evidencia os interesses capitais que identificavam, por excelência, esse modelo de produção: a materialidade do trabalho trazendo a desumanização do sujeito. “Operários-proletários totalmente despossuídos, reduzidos a nada mais que força de trabalho indefinidamente intercambiável, sem nenhum interesse particular a defender” e sem “qualquer atributo humano” (GORZ, 2007, p. 28).

O terceiro é que João concretiza um sonho que, há tempo, era engenhado nos seus pensamentos: se tornar feitor. “Pai, agora feitor, de veneta repetia as falas dele assim pra Elvira, e riam” (JATOBÁ, 2016, p. 36). Ser feitor remete-lhe a ideia de que socialmente tinha alcançado uma posição privilegiada com relação aos colegas.

O cargo de feitor o legitimava abandonar a voz de operário comum e subalterno e assumir poder sobre os mais fracos. Lidar com essa situação hierárquica privilegiada dava a João um discurso situado, do ponto de vista social, econômico e ético, em uma fronteira. De um lado, dominava e exercia poder e aviltamento diante das vozes inferiores, sua imagem simbolizava, entre a classe, refúgio da tirania; do outro, cumpria rigorosamente ordens, sempre à escuta da voz forte do patrão.

O quarto fato que Jacinto, enquanto narrador-personagem, vivencia e conta é como aconteceu, em uma tarde sombria, um acidente de trabalho-morte de um operário, visto pelo feitor, indivíduo alienado aos ditames patronais e com graves fraturas éticas, como fato banal que não podia alterar, em nada, a rotina da fábrica. A ação de higienização daquele ambiente remete ao apagamento de uma narrativa. “Horácio escreve que o caráter de alguém depende de suas ligações com o mundo” aponta Sennett (2016, p. 10). O feitor Nelito é o protótipo de todos que alcançavam a posição de feitor, inclusive João. Para Jacinto, a morte do “outro” e seus desdobramentos naquele contexto sinalizam a face perversa e o que há de mais sombrio na alma humana nesse complexo e sinuoso mundo. Um homem e uma alma se desfazem físico e espiritualmente, transformando-se em nada. Uma vida ceifada representando no curso rotineiro da fábrica somente “mais um”:

Um dia na tarde vi, por essa luz que me alumia, um homem soltar um balde de cimento, escorregar no andaime mais alto, cair em piruetas, abrir os braços no ar e se chocar no chão com baque surdo entre matos. Quis correr para lá mais fiquei receoso. Houve ajuntamento de outros operários que estancaram o serviço, mas não puderam fazer mais nada. Um feitor Nelito, gritou que podia deixar, ele cuidava de tudo, que fossem trabalhar não queria paradeiro ali, arrastou o corpo pelos braços sujando o mato de sangue e entrou com esforço na construção puxando o defunto (JATOBÁ, 2015, p. 36).

O tema acidente de trabalho, resultando quase sempre em mutilação ou morte de um operário, tem sido outro eixo reiteradamente refratado nas narrativas de Jatobá. Para o autor, simbolicamente, isso expressa no discurso literário uma voz coletiva silenciada. A descontinuação e o aniquilamento de sonho social. Um estrato que representa a sina de muitos outros neste cenário. Em medida considerável, os elementos que envolvem a presença da morte no labor da fábrica alcançam literariamente contornos expressivos no enredo da obra jatobiana. A morte, neste sentido, perde sua natureza metafísica, torna-se algo naturalizado, concreto, acontecimento comum na vida daqueles trabalhadores, confirmando que, no universo

literário de Jatobá, as agressões não se limitam somente às necessidades que são inerentes à essência da humanidade: a sobrevivência, pois tanto a violência física como a simbólica são conjugadas diariamente na lida do operariado. A voz sobre a morte é do trabalhador que a vê e vivencia diuturnamente, perdendo um tanto de sua tragicidade e de seus aspectos culturais. Em resumo, o capítulo *A presença da morte* é um marco na trajetória de Jacinto nessa nova morada, significando uma fase de transição: de menino-rapaz para rapaz-homem. Assinala, também, o princípio da transmutação de seu comportamento e caráter.

Em *fábrica no Brás*, o capítulo que sequencia *A presença da morte*, com o foco narrativo posicionado na terceira pessoa, o narrador descreve a nova fase da vida de Jacinto: “[...] pulou fora da cama e, rapidamente, vestiu a roupa. João – já na hora? tossiu lá de dentro do quarto [...]” (JATOBÁ, 2015, p. 38). Aqui, começa a forte vigilância de João sobre Jacinto. Como uma espécie de radar, João mapeava todos os movimentos de Jacinto: físicos e psicológicos. “– Vou entrar primeiro – pensando nas recomendações de seu pai: sem carteira fichada por enquanto. Tudo que lhe mandarem fazer, pois faça. É bom ir se acostumando nessa sua idade, ajudando em casa... la fazer dezesseis anos” (JATOBÁ, 2015, p. 39).

A partir desse momento, duas responsabilidades pesavam sobre Jacinto. A primeira era cumprir rigorosamente com as funções no trabalho: “nos dias seguintes, às quatro da manhã, acordava e corria aflito pelas ruas; esperava o trem que surgia na curva [...]. Depois, vestido na farda azul, a marca da firma costurada no bolso [...]” (JATOBÁ, 2015, p.39). Para João, que sempre teve preocupações em inserir o filho muito cedo no mercado de trabalho, tudo isso significava uma identidade, um passaporte para progredir na vida, em outros termos, a possibilidade de uma vida com mais sentidos e funcionalidade materiais: “uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho (ANTUNES, 1999, p. 173). Elvira sentia orgulho em Jacinto ter conseguido trabalho e, mais ainda, alívio das pressões cotidianas de João, para que Jacinto adentrasse logo o universo das fábricas. A segunda incumbência de Jacinto diz respeito ao cumprir com estudos no turno da noite. “[...] já em casa a correria de pegar os cadernos, livros. – Já vou mãe – sem esperar o pai que todo dia chegava mais tarde, sempre em hora extra na fábrica de química” (JATOBÁ, 2015, p. 39). Especificamente, no que se refere à personalidade de Jacinto, a insistência e a labuta de João em projetar sobre Jacinto suas aspirações materiais e, porque não dizer, a sua condição moral começa a ganhar contornos.

Em A prensa de Felipe, último capítulo da parte I de *Alguém para Amar a Vida Inteira*, narrado em terceira pessoa, temos, logo no início, a constatação de que as investidas de João em transformar Jacinto em um operário que fosse seu espelho, começam, mesmo que ainda acanhadamente, a se rabiscar.

Começou a trabalhar com Felipe, operador de uma velha prensa, agora como aprendiz. Então devolveu o uniforme azul e recebeu um macacão também azul. A marca da firma bordada nas costas. Tarde da noite, na volta à casa, João: está progredindo ligeiro na firma (JATOBÁ, 2015, p. 40).

Jacinto, aos poucos, vai se identificando com o ambiente da fábrica, começa a galgar posições, iniciando uma longa história ao lado de Felipe na operacionalização da prensa. Toda narrativa que envolve a relação entre Jacinto e Felipe começa e termina tendo como mote principal a prensa. A prensa é, no princípio, o dispositivo que urde a relação de amizade entre Jacinto e Felipe. Entretanto, mais tarde, atua como ferramenta, pivô, que provoca a finitude da relação dos dois. A história de Jacinto, Felipe e a prensa ganham relevo, não somente neste capítulo, mas ao longo do enredo da narrativa, delineando-se em vários capítulos da trama.

Felipe desde moço trabalhava ali, no manuseio daquela prensa: *A Prensa de Felipe*. A chegada de Jacinto, na condição de aprendiz de operador de prensa, para partilhar com Felipe a rotina de trabalho, foi de início visto com muito ciúme por parte de Felipe, trabalhador muito dedicado, conhecido entre os colegas como sujeito rigorosamente disciplinado na labuta diária na fábrica. Homem de pouca conversa e muitos silêncios.

Mais tarde, os dias foram passando e os dois começaram a trocar conversas nos horários de almoço, sempre afastados do grupo operários. Após o vínculo de amizade já parecer confiável entre os dois, Felipe, ainda que receoso, faz algumas confissões de sua vida privada. Diz a Jacinto que já conhecia seu pai de outros tempos e lugares, revelando a origem de João. Fato que, até então, era desconhecido para Jacinto. “– Teu pai subiu no caminhão, vinha de Bonfim – disse ainda. – Aquela lona protegendo a gente de chuva e de poeira. A Rio-Bahia só cortada por trechos, a lama cobrindo o chão. Jacinto permanecia calado [...]” (JATOBÁ, 2015, p. 41). Nesse trecho, Jatobá faz o registro discursivo do percurso Nordeste-São Paulo. Trabalhadores imbuídos pelo forte desejo de inserção no trabalho fabril no setor urbano em São Miguel Paulista, embarcava em caminhão, o tradicional “pau-de-

arara”³⁴ tão comum e bem característico da realidade do povo nordestino. Abrigado por um caminhão e uma lona, o trajeto era marcado, quase sempre, por inconstâncias climáticas: chuvas fortes, sol tórrido, ventos e tempestades.

Outro fator bastante incômodo eram as estradas em péssimas situações. Esse conjunto de fatos acobertados por uma simples lona denotam um universo de descaso e de pouco zelo pelo bem-estar do outro. Contudo, essa mesma lona que pouco protege das intempéries e desacertos climáticos nas longas viagens, guarda também sonhos, expectativas de vida melhor, desejo de mobilidade social, enfim, a vontade de agir sobre uma vida tão seca e agreste tal como o próprio território nordestino. Portanto, dois quadros se desenham neste trajeto: o primeiro, a paisagem seca e árida, sol causticante, terras pouco produtivas; depois, abre-se o cenário industrial de São Paulo, onde sobram expectativas e faltam concretizações de sonhos.

Após o relato de Felipe acerca da origem de João, Jacinto observa Felipe, faz uma leitura mais atenta sobre o labor diário desse cidadão, sobretudo, o seu manejo com a prensa. “No decorrer da tarde Jacinto olhou curioso para aquele homem estranho e trabalhador. Agora em horário de trabalho, com pouca conversa e sempre preocupado com o manejo da prensa. “Sua prensa” (JATOBÁ, 2015, p. 41). Em uma ótica marxista, Gorz (2007, p. 08) acentua que “o trabalhador se torna um simples acessório da máquina; dele se exige a operação mais simples, a mais rapidamente aprendida, a mais monótona”. A imagem de Felipe já passa a ser vinculada à materialidade da prensa e sua afetividade com ela. Já se percebe que Felipe se apropria daquele objeto como se fosse uma extensão de sua existência. Um homem tragado pelo contexto do trabalho. Sutilmente, o espírito da concorrência começa a se refugiar na mente de Jacinto. Parte daí um longo processo de vulnerabilidade do caráter do protagonista.

Na parte II do livro, os relatos da cotidianidade de Jacinto na fábrica, os momentos de amor entre os protagonistas e todas as suas complexidades, as histórias de Jacinto e Felipe e os constantes desafetos entre João e Jacinto constituem largamente o contexto enunciativo destas narrativas.

³⁴O termo pau-de-arara designa um meio de transporte irregular, caminhão velho adaptado para o transporte de pessoas e animais, muito utilizado nas cidades nordestinas. Conhecido como meio de transporte substituto de ônibus convencional. Geralmente, o pau-de-arara não oferece segurança para os passageiros.

Dessa forma, a parte II se inicia com os capítulos *Anos depois, Presença de Emília e Terra vermelha*. Essas narrativas mostram as labutas de Jacinto na fábrica, agora com dezenove anos, deixando para trás uma infância limitada pelas investidas do pai em torná-lo o seu protótipo, como também o início da relação amorosa entre os protagonistas: “Numa tarde domingueira e fria lhe beijei a boca, salgada e quente. E amei Emília Emiliano” (JATOBÁ, 2015, p. 48). A natureza poética desse encontro remete às diretrizes de um grande amor.

Então Jacinto chegou aos dezenove anos.
Fazia três que começara a trabalhar na fábrica do Brás, onde aprendia com Felipe o jeito de fazer as peças, a hora certa de apertar os botões da velha prensa. Nunca deixar a produção cair, dizia sempre, como se estivesse de pai para filho aqueles pertences, a sabedoria de movimentar a máquina (JATOBÁ, 2015, p. 47).

Era julho. Um domingo de julho. Seis meses exatos que Jacinto conhecera Emília Emiliano no caminho de volta, no fim da tarde escurecendo, um trem cheio e sujo que partira do Brás para São Miguel (JATOBÁ, 2015, p. 49).

No primeiro fragmento, temos a totalidade humana de Felipe que empaticamente vê em Jacinto a possibilidade de uma grande amizade, mas que logo vê a relação dois foi ruída pela ambição do pai de Jacinto. Paralelamente, a relação de Jacinto e Felipe, os protagonistas, mesmo vivendo a estafa das atividades laborais, fortalecia-se afetivamente.

Os capítulos seguintes, *Imaginações do juízo; Emília Emiliano; Filhos do medo*, retratam uma trajetória de medos e sofrimento vividos pela personagem, Emília Emiliano, bem como a continuidade da saga de Felipe. Emília Emiliano faz sérias confissões a Jacinto que parece aturdido com essas revelações, não apresentando força discursiva para responsabilmente plasmar um diálogo, mesmo assim, ela não se recusa de contar-lhe de onde veio, suas pelejas, especialmente, o selvagem episódio do crime físico e moral sofrido em Bananeiras. Seleccionamos trechos enunciativos que revelam esse ato de violência e as circunstâncias motivadoras:

[...]
Na caminhada Emília respirou forte e parou. Soltou a mão de Jacinto olhando firme nos olhos dele.
- Está me ouvindo Jacinto? – disse-me meigamente, abriu o bolso e tirou de dentro folhas de papel amarrotados, separou duas e dobrou-as – Aqui Jacinto, está cheio de coronel Gercílio (JATOBÁ, 2015, p. 56).

[...] Aí eu juntei todas as minhas forças, segurei o pote de barro no alto da cabeça, me bambeando com o puxão do cachorro. Decidida, joguei o pote

com coragem na cabeça do animal, ele foi soltando devagar o pano do vestido, soltou, o seu pelo cinza tremeu então tombou quieto. Quietos e mortos. Meu nome: Emília Emiliano. Mas tanto poderia me chamar Maria Emiliano, Zuza Emiliano, que nada no mundo poderia me fazer escapar daquelas mãos que largaram as bridas do cavalo e, depois, seguraram no pelo molhado e morto do cachorro e em mim. Então, o coronel Gercílio Batista puxou o resto da minha saia e foi gritando moleca desgraçada, desgraçada, o grito dele penetrando em mim, aquelas mãos peludas me segurando nos cabelos e nos braços e em todo canto. Depois, subi a ladeira, corri em direção a minha casa. Escorregava nas pedras, a roupa em tiras. O pescoço, os braços, tudo me doía e, como adivinhando, meu pai me esperava vestido naquele jeito dele, as alças remendadas, camisa aberta no peito. Parei e olhei na raiva dele. Então, ele veio ao meu encontro, agarrou em meus cabelos e me arrastou até o quarto. Sangrava. Ele segurou uma correia de couro cru que ficava sempre detrás da porta e desceu com força em minhas costas. Nem escutei os gritos de mãe, que correu assim você mata a menina, não faça assim. Duas pessoas odiei para sempre. O pai por ser fraco, medroso, que me bateu por temer ao coronel como se teme a Deus. E o coronel por... Eu tinha doze anos, Jacinto (JATOBÁ, 2015, p. 56).

No seu íntimo, Emília Emiliano ainda vive o constante entrelaçamento da voz autoritária e mutiladora de coronel Gercílio Batista. As marcas desse ato bestial e a fragmentação comportamental do pai ocupam de sobremodo seus pensamentos, aprisionando sua consciência, seu imaginário e sua alma. O relato de Emília Emiliano confirma a brutalidade contra a mulher como construção social. A postura do pai frente a tudo isso poderia causar um certo estranhamento, porém, os motivos subjacentes a esse comportamento são naturais das relações patronais espoliativas naquele contexto. Zuza Emiliano, pai da protagonista, porta-se segundo os valores consagrados pelo meio em que vive. “A obra artística é um potente condensador de valorações sociais não expressadas: cada palavra está impregnada delas. São justamente essas valorações sociais as que organizam a forma artística enquanto sua expressão imediata” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 198).

Há que pontuar que o relato de Emília é um esgarçamento da essência feminina e da sensibilidade da alma humana. É também um momento de emoção e de boa literatura, criada por um escritor que não se recusa a olhar a realidade e refratá-la para denunciar aquilo que nela agride o ser humano, confirmando a tensão criadora da atividade estética: aquilo que se dá na vida vai alcançar a literatura, e aquilo que se dá na literatura, vai alcançar a vida.

A história conflituosa de Emília Emiliano e coronel Gercílio Batista ainda se estende em várias partes do enredo da obra. As tensões e os conflitos entre esses personagens não se limitam somente, portanto, à selvageria do estupro, conforme discutimos no capítulo anterior

Os capítulos seguintes: *Rugas são como ferrugem; Acidente na prensa; Máquina parada, Ato desleal; Silêncio dos mortos; A fábrica vazia; e Rua cavalheiros*, são tematizados pela concretização do plano ultrajante de Jacinto e seu pai contra Felipe. A sequência narrativa dos trechos abaixo mostra que Jacinto, sempre atendendo aos desejos do pai, protagoniza uma sucessão de atos sombrios, em que o encobrimento da verdade e a covardia são praticados no seu sentido máximo, resultando na mutilação física, rompimento da amizade e morte de Felipe.

Vida boba. Tudo na prensa eu sabia fazer, mas... tinha Felipe ali. Em casa pai cobrando: Quando vira operador? Eu: Tem Felipe lá, pai. Em voz baixa, meu pai: Está na hora de você se virar, rapaz. Procure tua sorte. [...] assim imaginações no juiz, um jeito de virar operador no lugar de Felipe (JATOBÁ, 2015, p. 50).

[...]- Desliga a prensa Felipe se cortou.
Agora toda gente em volta da prensa, outros chegando mais perto, todo mundo no alvoroço.
Seguram Felipe, ele ainda se esperneando, sangrando muito, foram levando pra fora da fábrica, procurando um carro (JATOBÁ, 2015, p. 59).

Tarde. Mais de três horas. Desde retorno da rua, Jacinto ficou ali em frente à prensa. Viu as outras máquinas subirem e descerem no toque rápido das mãos dos operários e se sentiu desgostoso em ter aquela máquina parada, agora sem nenhuma serventia (JATOBÁ, 2015, p. 60).

[...] – Até a volta de Felipe você toma conta da máquina. Tem condição?
- sim- respondeu Jacinto.
Os dentes de Jacinto se abriram num grande sorriso. Levantou os olhos. Calado, só olhavam para eles (JATOBÁ, 2015, p. 61).

Aí eles viraram as costas já no jeito de irem embora. Nisso foi me dando aquele ímpeto, aquele plano que se arquiteta de cabeça na hora, quem sabe pensamento que só vive escondido, só basta uma oportunidade pra se botar pra fora.

- Seu Guilherme – eu chamei.
Os dois homens se voltaram. Nenhum perguntou o que era nada, só se voltaram.
- Felipe cortou o dedo de propósito – eu disse (JATOBÁ, 2015, p. 62).

- Escute, Jacinto. Você soube? Felipe, conhecido de seu pai, foi enterrado hoje.

Jacinto sentiu um intenso calor no rosto.

- Jura, mãe?

[...]Ele tinha saído há dias da fábrica onde você também trabalha. Aposentado, era?

Sim, mentiu (JATOBÁ, 2015, p. 63).

Percebe-se que para Jacinto tirar Felipe do caminho, passa a ser o meio mais prático para conseguir uma ascensão na fábrica. O plano sai dos rabiscos de suas abstrações e vai se desenhando, ganhando contornos mais avivados em suas ações cotidianas, materializando-se. Jacinto, traiçoeiramente, cria uma narrativa falsa

sobre o colega Felipe, no intuito de tomar concretamente o lugar do outro, revelando sua fraqueza de caráter. Caráter é "o valor ético que atribuímos aos nossos próprios desejos e às nossas relações com os outros" (SENETT, 2016. p. 10). Logo, em um ambiente em que todos lutam pela sobrevivência primária, a solidariedade entre os operários não se manifesta de modo substantivo, antes ocorre a concorrência, petrificando a sensibilidade e sepultando em muitos casos a dignidade. Vida e a morte são banalizadas. O ato pérfido de Jacinto contra Felipe macula sua integridade. O pressuposto "não há longo prazo", difundido nas sociedades pós-moderna ou contemporânea, assim compreende Sennett (2016, p. 24), "[...] corrói a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo".

Os capítulos *Domingo em São Miguel; Tempos de sonho; Sonhos de um casamento; Estranho amor; Maldita terra; e Sentimento de vergonha* finalizam a sequência narrativa da segunda parte de livro.

Na Rua 3 bares já estavam cheios de homens. Ali, entre goles de bebidas eles comentavam os dias inteiros passados nas fábricas dali mesmo, do Brás, Guarulhos, Suzano. [...] – Domingo caminha tão ligeiro, as informações - *Firma tem tal emprego* -, passando de boca em boca[...] (JATOBÁ, 2015, p.68).

[...]João levantou-se da cama.
- Não seja besta mulher.
Olhou para Elvira com aqueles olhos cinzentos e passou pela porta do quarto pensando no filho.
-Agora que começou ajudar em casa...casamento? -resmungou (JATOBÁ, 2015, p.68).

Passei apressado perto da rua da estação, pensei que fazia muitos meses que todos os domingos eu via Emília Emiliano. Tinha certeza de que gostava muito dela, mas era um gostar amedrontado (JATOBÁ, 2015, p.72).

[.] – era um passar infinito sobre a ponte que divide as terras de Gercílio Batista do começo da rua. Parecia que aquelas vidas estavam separadas pelos pedaços de madeira podre[...] (JATOBÁ, 2015, p.73).

[...] – Senta aí rapaz.
Jacinto olhou- se e viu o macacão sujo de óleo.
-A demora é pouca seu Guilherme.
[...] -Algum problema rapaz?
O rosto de Jacinto brilhava de suor, pensou em Emília Emiliano.
Pedro Leno, aquele rapaz que anda me ajudando na prensa, já não vem aqui há dois dias.
[...] Jacinto não sabia o que falar estava confuso e envergonhado [...] (JATOBÁ, 2015, p.75).

A sequência dialógica supracitada indica o domingo em São Miguel como lugar de encontros, descontração, risos. O domingo é espaço estético-social na obra

jatobiana, mas também mostra a vida desses trabalhadores sempre ligada ao ambiente das fábricas. Jacinto sonha com o casamento, mas logo é desapontado pelo discurso do trabalho enquanto forma material pronunciado pelo seu pai. A voz do pai e a voz de Emília se encontram no imaginário de Jacinto. As inclinações verbo-valorativas de João perseguem Jacinto. O protagonista ora pensa em Emília Emiliano, ora se deixa contaminar pelo discurso do pai. No último fragmento, Jacinto põe em atividade os desejos do pai, denunciando sorrateiramente o colega de prensa. Quando o patrão, seu Guilherme, não entende o teor da conversa, Jacinto pensa em Emília Emiliano e se curva de vergonha.

A síntese da trajetória, incluindo, sobretudo, a transformação do comportamento moral e ético de Jacinto, o Jarrê, constituem eixo orgânico dos capítulos da III parte do livro.

O primeiro capítulo da terceira parte é *Sombras Noturnas*. Nesta narrativa, os atos de intensa violência praticado por coronel Gercílio à protagonista e sua família é um contexto petrificado de humilhações e agressões à honra, à ética, à moral e à materialidade humana: “Agarrou-se à roupa da minha mãe implorando que ela gritasse nos seus ouvidos. No desespero dele disse: Grita que não presto, pelo amor de Deus. Me diga alguma palavra de ódio. Nada minha mãe disse” (JATOBÁ, 2015, p.83). Assim, a frieza e obscuridade do caráter do coronel são mais uma vez trazidas à tona:

[...] Em resposta, Zuza também libertou sua raiva. Um grito surdo, com os olhos petrificados em minha direção: Não sou teu pai. Teu pai é coronel Gercílio Batista. Ele sim é teu pai. Minha mãe baixou os olhos e se sentou no chão de terra de casa. Ficou como morta-viva [...] sem abrir a boca, dela brotavam lágrimas como as águas fiozentas do Rio Bananeiras. Zuza Emiliano gritando mais agora: Não sou teu pai. Não sou teu pai. A cabeça foi rodando, pagando naquela hora as penas do purgatório que era a vida ali. Vim para São Paulo para fugir de tudo (JATOBÁ, 2015, p.83).

As várias formas de abusos crônicos manifestados no capítulo *Sombras noturnas* expõem abertamente uma cadeia de situações estafantes de puro desrespeito à condição humana dessa família. A mãe que foi abusada, o marido, Zuza Emiliano, assujeitado a circunstâncias inevitáveis, a filha que teve a mesma sina da mãe, pesando sobre ela o terrível agravante: estuprada pelo próprio pai. Por fim, um núcleo familiar chacinado na sua essência humana. A vileza de coronel Gercílio traduz as relações patronais naquelas cidades. O fardo impositivo que recai sobre Emília é

motivo para a personagem deixar aquele lugar e tentar talvez a superação desse contexto de infelicidade e abusos em outro lugar.

Dando sequência, os capítulos *Um amor verdadeiro*, *Cheiro de alfazema*, *Emília Emiliano vai partir* e *Lembranças das palavras* narram o momento de entrega amorosa entre os protagonistas, bem como o retorno de Emília para Bananeiras. Profusão de sentimentos. Relação afetiva entre Jacinto e Emília Emiliano cresce de importância no enredo dessas narrativas:

[...]- Quero ser sua, Jacinto!

Jacinto se assustou com as palavras de Emília, ficou vermelho como se todo o sangue tivesse lhe subido ao rosto.

- O quê?

- Isso mesmo que você escutou.

Ali parados recebendo o ar fresco da noite. Ele não sabia o que dizer. Ela segurou em suas mãos.

Emília abriu a porta: a cama arrumada de solteiro, um vaso de flores já murchas sobre a mesinha. Sentaram-se na cama e ela começou a tirar a camisa de Jacinto. A luz de um toco de vela branca bruxuleava no quarto (JATOBÁ, 2015, p. 85).

Nessa noite ela cheirava a mato, a ervas selvagens, tudo misturado ao leve perfume de sabonete. Os cabelos exalavam um cheiro outro de alfazema.

Meu corpo tremia. Um barulho qualquer vindo do escuro da casa entrava explodindo em alturas na cabeça (JATOBÁ, 2015, p. 86).

Entrou em casa e trocou de roupa no quarto. Daí a pouco já tomava o ônibus em frente o mercado (JATOBÁ, 2015, p. 86).

Quando o ônibus pegou a linha reta da Avenida Celso Garcia, no Brás, vieram à mente as palavras que Emília Emiliano tinha me dito na semana passada: Que esperança vou ter? *Vai ser difícil conviver lá, sabendo que meu pai é Gercílio Batista.*

A lembrança das palavras dela foi sumindo quando cheguei perto da rodoviária, que brilhava com o sol quente nas estrias coloridas do teto (JATOBÁ, 2015, p. 90).

Nessas passagens, Jacinto e Emília Emiliano vivem momentos de entrega um ao outro, mas também vivem a separação. Emília Emiliano tenta se reconstruir enquanto sujeito e mulher, deixando a forte impressão de que as feridas começam a criar cascas. Entretanto, apesar de ter fincado ali a esperança da felicidade, confirma que vai voltar para Bananeiras, onde ela teve uma vida de aviltamentos, servidão e desonras. Abusada sexualmente pelo coronel Gercílio. Esse retorno suscita múltiplas interpretações. Diante de todas as perturbações vividas no difícil cenário de Bananeiras, por que voltaria? Teria Emília algum sonho vingativo com Bananeiras, por toda uma vida de degradação moral? Há uma sequência simbólica de episódios em toda obra de caráter muito subjetivo que nos impede de decifrar esse contexto

enigmático. Essas sutilezas linguístico-discursivas dimensionam esteticamente a obra jacobiana. No ato artístico, especificamente, a realidade vivida “[...] é transposta para um outro plano axiológico (o plano da obra): o ato estético opera sobre sistemas de valores e cria novos sistemas de valores” (FARACO, 2009, p.90).

O capítulo *As negações de Jacinto*, narrado em terceira pessoa, aborda a temática da greve no interior das fábricas. Jacinto com a postura antigreve, orientado sempre por João, seu pai, e tomado pelo medo de perder o emprego, não se junta à coletividade. Selecionamos algumas passagens exemplares desse capítulo que comprovam a negação de Jacinto com o movimento grevista e com ele mesmo.

[...] Atravessou a rua paralela à fábrica e parou na esquina. Uma tumultuosa multidão estava junto ao prédio, sobre a calçada, como em um antigo ajuntamento popular – há muito tempo não se podia fazer esse tipo de manifestação. Ali, as pessoas exigiam que se abrissem os portões da fábrica para que entrassem.

[...] Jacinto sentiu vontade de chegar junto à multidão, mas sentiu medo. Atravessou a rua, porém ficou de longe, procurando escutar as discussões. [...] (JATOBÁ, 2015, p. 91).

[...]- Você não trabalha lá?

Jacinto negou:

- Não. Nem sei que fábrica é aquela (JATOBÁ, 2015, p. 92).

Jacinto atravessou a rua e, quando se viu livre do aglomerado de pessoas, algo estranho tomou conta dele. Não viu, mas pareceu ver Felipe junto à multidão[...] sentiu-se arrasado (JATOBÁ, 2015, p. 92).

Jacinto observa o movimento, ato plural da classe, colocando-se de forma singular e indiferente à situação. Nega com veemência qualquer vínculo com a própria fábrica. Entretanto, por alguns instantes, temos a impressão de que Jacinto vai se inserir no movimento da categoria, mas ele recua. Essa conduta neutra que domina Jacinto reflete a longa convivência, desde sua chegada em São Miguel, com o pai antigrevista, que lhe convenceu, dentre outras fragilidades, ocupar matreiramente o lugar de Felipe na prensa. Esse ato de covardia ainda permanece vivo na consciência de Jacinto, por vezes, provocando angústias e arrependimentos. Como uma espécie de visão, surge a imagem de Felipe, incendiando seus pensamentos. Pesam a culpa o remorso e o arrependimento. Jacinto começa a fugir do sujeito no qual havia se transformado, entrando em um processo de extensas elucubrações: “Ficou pensando, a cabeça caída como um bêbado. Sentia-se arrasado” (JATOBÁ, 2015, p. 92). Isso teria implicações do ponto de vista ético e moral na reconstituição de uma nova identidade social de Jacinto.

Desse modo, após o retorno de Emília Emiliano para Bananeiras e o recuo de participar do movimento grevista, lampejos de consciência começam invadir a vida de Jacinto. “A consciência é um universo em movimento contínuo na medida em que funciona sob a batuta da dialogia” (FARACO,2007, p.47). Sob Jacinto pesa o sentimento de culpa, as lembranças do ato covarde contra Felipe, a fragmentação das amizades na fábrica, as palavras de Emília carregadas de senso de justiça e amor invadem o universo de suas noites que se tornam espaço de intensos conflitos. O encontro de vozes.

Por conseguinte, os capítulos *Pesadelo noturno*, *Noite agitada* e *Conflitos do lar* podem ser tomadas como uma metamorfose comportamental de Jacinto. Este diálogo de João com Elvira demonstra a insatisfação com as atitudes de Jacinto: “[...] Criar caso com firma boa. Que pode te levar para um futuro bom, quem sabe virar feitor? Você esqueceu tudo isso sua besta? - disse João” (JATOBÁ, 2015, p.97). Notamos nessa postura raivosa de João o receio do filho abandonar o emprego. Tudo se inicia com sonho/pesadelo que sempre vem em uma noite agitada. A angústia de uma mente entre paredes, um choque de consciência, resultando em tensões discursivas no lar. Para João, era inaceitável a nova conduta do filho. Jacinto apresentava fortes sintomas de que abandonaria o projeto do pai de torná-lo feitor.

Acordei suando. Descobri o rosto do cobertor e ainda vi a figura de Emília Emiliano passar sobre a ponte, depois ir sumindo. Desaparecendo como uma nuvenzinha de fumaça que é levada pela força do vento.

E fui me acordando mais, mas ainda reinava aquele sonho que me penetrava pelo corpo e parecia explodir na cabeça, querendo chegar mais dentro, como uma dor. Suava como se estivesse com a mesma febre que me pegou em novembro, e agora ela viesse de volta mais forte, trazendo mais ranço para o meu corpo. Mas não, agora sinto que findou o medo

Penso em você, Emília Emiliano. Com mais saudades nas tardes de domingo (JATOBÁ, 2015, p. 95).

As imagens da dor, da febre, do ranço no corpo sinalizam temperatura alta, ardente fisicamente e atuando profundamente na alma, na medida em que interfere na dignidade do personagem. Corpo e alma de Jacinto, respectivamente, tomados por perturbações físicas e psíquicas que, com efeito, emancipam-no, conduzindo à redescoberta de si, iniciando um novo ciclo de vida: o renascimento. Após o fogo ardente do amor, renasce um novo Jacinto. O protagonista se redime da deslealdade, da mesquinhez, da falta de caráter e da quebra de princípios, obstinando-se na busca do seu grande amor Emília Emiliano.

Nessa perspectiva, subjacentes a esse processo de mudança, há a voz de justiça e sensibilidade amorosa de Emília Emiliano. Jacinto, aos poucos, atinge um estágio de inquietude, move-se e sepulta o medo do pai, da falta de trabalho formal e da vida. O desejo de se tornar livre passa a ser algo constante. Em devaneios noturnos, sonha com a morte de coronel Gercílio. A voz de Emília ressoa em seus pensamentos. Os trechos a seguir ilustram essas considerações:

Sobressaía-se uma velha mulher, rosto enrugado de cima a baixo, rugas de tristeza – Maria Emiliano -, como se fosse uma manga murchando no calor de um fogão a lenha. Os olhos brilhavam no clarão da lua. Logo, iniciaram uma reza estranha para Jacinto. Depois, uma outra mulher abriu caminho e depositou entre elas a cabeça de um homem – Gercílio Batista. A cabeça dele ainda sangrava (JATOBÁ, 2015, p.93).

Não ia ao trabalho[...]
 -Por quê?-repetiu João perplexo.
 Jacinto espichou as pernas e murmurou:
 -Pessoal da fábrica está em greve,-Ninguém hoje trabalha.
 João se aproximou da porta e voltou desinquieto.
 -Deixa de presepada, menino. Vai trabalhar, sim. Levanta logo.
 [...] Não. Não vou (JATOBÁ, 2015, p. 96-97).

A consequência desse processo interlocutivo é a tomada de posição verbo-valorativa de Jacinto no meio social de convívio, sobretudo, em seu núcleo familiar. Em uma nova fase, conforme expresso no último fragmento de texto da sequência precedente, o protagonista assume um discurso de combate à posição antigrevista do pai, colocando em crise a relação pai e filho. “A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação sógnica de uma coletividade” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 98). O desdobramento dessa postura ativa da personagem diante dos acontecimentos de sua vida e do outro assinala um novo contexto na obra.

Assim, a nova postura de Jacinto começa a ser notada. As relações de amizade com alguns colegas são recuperadas. A fábrica não é mais pretexto de suas preocupações, o que passa a dar sentido a sua existência é a presença simbólica de Emília. “Emília Emiliano tinha dito:- Não se conhece um caminho a tomar quando nunca se passou por ele. Aqui como estivesse renascendo. Agora já vi as ruas enlameadas de São Miguel” (JATOBÁ, 2015, p.103). A palavra renascer traz a ideia de algo novo que brota, que se transforma. Jacinto já esboçava sua capacidade de autodeterminar-se, libertar-se.

Os capítulos seguintes, *Na mesa de um bar*, *Fechado para o mundo*, *Uma música na manhã*, *O amor bate mais forte*, *Máquinas paradas* e *Época de demissões*,

dão continuidade ao descolamento verbo-valorativo de Jacinto frente a uma nova vida que se apresentava, conforme mencionado anteriormente. A relação de Jacinto e João, seu pai, continua truncada. De um lado, Jacinto contrapondo-se a qualquer possibilidade de recuar das suas posições, de outro, o pai, relutando para que o filho retornasse à sua vida de sempre, casa, trabalho/ fábrica e que se mantivesse de modo passivo quanto ao assunto desses conflitos. Emília emerge no discurso de João como a responsável pelo “desvio do futuro” do filho. Transcrevemos a seguir um diálogo entre Elvira e João, em que percebemos claramente o discurso raivoso de João contra Emília e Jacinto: “Fala pra ele que sei quem é o culpado disso tudo. É aquela mulher. Abriu a janela. - Fala pra ele que amanhã é segunda. Olhou o relógio e saiu exaltado do quarto. Se for mandado embora não vou sustentar vagabundo” (JATOBÁ, 2015, p.102).

Enquanto isso, na voz de Jacinto, Emília ressignificou sua vida pessoal e coletiva, mostrando-lhe que é possível viver com respeito, dignidade e amor. Era isso que João não aceitava. Em suma, dois discursos plenamente opostos sobre Emília. João não concebia a ideia de Jacinto estar passivamente aceitando o movimento grevista. Enquanto a fábrica funcionava com um número mínimo de funcionários, Jacinto se recolheu em casa mergulhado nas lembranças de Emília Emiliano: a interlocução a seguir se refere ao encontro de Jacinto com um velho amigo: -“Compare as coisas: as palavras, o mundo dela, o mundo seu – diz o homem. – As histórias dela devem estar fazendo sentido, descobrindo-se nela as coisas miúdas”. (JATOBÁ, 2015, p.99).

A voz social de Emília está em profundo movimento com os pensamentos de Jacinto. Nas conceitualizações bakhtiniana voz nenhuma se pronuncia sozinha. Estão sempre em relações dialógicas. Nos excertos que seguem, retirados dos capítulos supracitados, é possível observar um Jacinto de fato já convertido.

No domingo, passei o dia inteiro no quarto. De porta trancada. Tudo me dizia que restava pouco medo, estava me conhecendo melhor. Pode ser que minto (JATOBÁ, 2015, p.100).

-Com salário de fome ninguém trabalha.
Lembrou-se dos gritos de um operário em frente à fábrica na semana passada (JATOBÁ, 2015, p.105).

Parou em frente a Jacinto.
- Andou doente?
Jacinto retirou as luvas das mãos e colocou-as sobre a mesa da prensa. Calmamente, desligou a máquina (JATOBÁ, 2015, p.106).

No final da tarde, a prensa comandada por Jacinto teve a produção de peças reduzida à metade, o que o deixou satisfeito (JATOBÁ, 2015, p.108).

[...]- volta quando acabar o dinheiro-brincou. -Quinta feira da semana que vem é um bom dia (JATOBÁ, 2015, p. 110).

Quando Jacinto saiu no portão da fábrica estava chovendo. Gostou de ver a chuva, a enxurrada que enfrentava forte nos bueiros da rua. Esperou a chuva diminuir. Logo depois, pulou na rua e correu pela calçada molhada (JATOBÁ, 2015, p.110).

Nesse último excerto, o autor relata a saída de Jacinto, agora demitido da fábrica, no final da tarde coroada com uma chuva. É possível imaginar a cena do pulo na rua, do correr na calçada molhada como uma imagem simbólica da esperança e liberdade. Portanto, da mesma forma que houve uma educação severa para o universo do trabalho, provocado pelas exigências do seio familiar, houve também uma educação sentimental libertária, implicando transformação moral e eticamente na vida de Jacinto. A passagem a seguir retirada do capítulo *O amor bateu mais forte* revela o alcance da dialogia do amor entre Jacinto e Emília Emiliano.

Levantei e acendi a luz. Escutei o baque forte do portão se fechando. Andei um pouco pelo quarto, depois apaguei a luz. Deitei e parece que vi as ruas de São Miguel mudas, como se o pensamento de Emília Emiliano e o meu, juntos, fossem se transformando (JATOBÁ, 2015, p.103).

Aquele universo de estafa e servidão do contexto do mundo do trabalho que limitou a evolução humana de Jacinto foi tensamente combatido pelos efeitos do amor.

Os capítulos finais: *Nuvens escuras*, *Rua Cavalheiro sempre cheia de gente*, *Grafos de pontas afiadas* e *Imagens do futuro*, narram o distanciamento simbólico de Jacinto do seu núcleo familiar, mostrando que embora Jacinto ainda ocupasse materialmente a casa dos pais, sua alma, seu espírito libertário já se situava em um outro plano psíquico/material. O protagonista vive nesses capítulos a autonomia discursiva, as fraturas de caráter parecem curadas. O trabalho não deixou de ser algo indispensável para sua existência, também não perdeu as características valoradas pela sociedade do consumo. O que mudou foi o seu comportamento e a sua sensibilidade humana, o seu valor e o do outro. Os trechos seguintes foram retirados de *Emília Emiliano*:

[...]
Lembrou-se de Felipe. Sentiu-se magoado por este passado. Nuvens escuras caminhavam no lado esquerdo do horizonte (JATOBÁ, 2015, p.111).

Fiquei de pé sobre muitas calçadas olhando o mundo, a beleza das pessoas. Fui percorrendo as ruas do Brás no principiar da noite. As feições de Emília Emiliano se confundindo com gentes na rua. Era a mesma coisa quando subia correndo as ruas de São Miguel no começo da manhã ou correndo pelas ruas daqui no fim da tarde (JATOBÁ, 2015, p.113).

[...] Como visagem, sopraria as palavras dela no meu ouvido[...] seus lábios, seu colo macio. Emília Emiliano! O calor das vozes dela me penetrando como garfos de ponta afiada, aquele vibrar de gente amada, crescendo, a voz aumentando[...] (JATOBÁ, 2015, p.113).

Depois, as imagens cresceram e pareciam reviver as longas caminhadas nas tarefas de domingo; a madrugada chegando ao quarto de Emília Emiliano; o carinho; a busca de alguém para amar a vida inteira (JATOBÁ, 2015, p.116).

Como podemos perceber, a imagem de Felipe é renitente no imaginário de Jacinto. Havia ali toda carga semântica de culpa e arrependimentos, indicando a retidão de caráter do protagonista. Jatobá mostra uma esperança para o cotidiano inóspito do trabalhador. Essa totalidade da vida operária, em que afloram a sociabilidade do trabalho e da família, é recorrente na estética literária jatobiana, aproximando o leitor de um mundo periférico pouco servido de tema literário a muitos ficcionistas brasileiros.

Desse modo, a leitura atenta da obra *Alguém para amar a vida inteira*, movimentando nosso olhar entorno das relações de trabalho e das relações afetivas como veículo de sociabilidade do indivíduo, permitiu-nos observar que Jatobá, do ponto de vista formal, apresenta um pensamento estético-discursivo bem elaborado, domina com muita clareza os elementos que compõem e estruturam sua forma narrativa, comprovando que sua ficção tem um padrão literário inovador. Há no seu texto uma valorização dos elementos que constituem a forma narrativa contemporânea sem abdicar dos recursos utilizados nas formas tradicionais. Com uma linguagem literária sutil, o escritor vai dando refinamento a forma e estrutura da obra, encarnando um estilo próprio: “para mim, a linguagem brota quase que inconsciente, na hora que escrevo não tenho preocupação em elaborar uma linguagem. Gosto de deixar a linguagem parecida com que os nordestinos conversam” (JATOBÁ, 2008, p. 432-433).

São esses predicados do escritor que particularizam e fazem de *Alguém para amar a vida inteira* uma experiência estética-discursiva exitosa.

A experiência dos artistas e o seu testemunho dizem, em geral, que a arte não é uma atividade que nasça da força de vontade. Esta vem depois. A arte teria a ver primariamente com as potências do conhecimento: a intuição, a imaginação, a percepção e a memória (BOSI, 1996, p. 11).

Sob essa perspectiva, reafirmamos que em Jatobá, a sua vivência, enquanto operário e sua itinerância migrante se incluem vigorosamente como uma das formas de conhecimento mediadoras do seu ofício de escritor. Como ele próprio mencionou: “Acredito que estou numa fase de crescimento literário, com novas buscas. A única coisa que não mudou foram as minhas raízes. No próximo trabalho vou continuar refletindo sobre minha experiência e minha vivência (JATOBÁ, 2009, p. 431). Tomar o mundo de suas vivências como lugar sacramental, ponto de reflexão, a ser assiduamente revisitado é pressuposto essencial e força motriz nas articulações das ideias e identidade literária de Jatobá.

Em se tratando dos conteúdos estruturados na cadeia enunciativa dessa narrativa, vimos que alguns temas, como a mudança, itinerário migrante, a chegada no grande centro industrial, no bairro São Miguel Paulista, as labutas na rotina da fábrica, os efeitos perversos da poluição emitida pelo feroz processo de industrialização, a morte, as fragmentações das amizades e o amor, muito mais que temas comuns na escrita literária jatobiana, constituem espaços discursivos que ultrapassam o plano do simples diálogo. Um grande diálogo é engendrado nessa cadeia elocutiva que Jatobá, com responsabilidade socioestética, aproxima dos discursos da vida.

Assumo que a minha literatura tem um tom confessional, uma vez que revisito sempre os lugares em que vivi, tentando mapear as minhas andanças. Toda a minha literatura vem da reconstrução literária da vivência e da experiência nas constantes migrações entre Campanário (onde nasci), Campo Formoso e Bananeiras (onde vivi) e São Paulo (onde moro) (JATOBÁ, 2012, p. 12).

Convém reafirmar que, para esse autor, os conteúdos da obra e suas funcionalidades discursivas, em hipótese alguma, devem se posicionar divorciados da criação estética, da situação e momento no qual a obra se encontra inserida no ato de sua criação, bem como da imagem ideológica do público leitor a que se destina. Essa interação é apontada por Volochínov (2013), ao passo que o linguista é bastante enfático em suas considerações:

Uma obra artística, tomada fora desta comunicação e independentemente dela, representa somente um objeto físico ou um exercício linguístico, se faz artística somente no processo de interação do criador com o ouvinte como situação essencial no acontecimento desta interação. No material de uma obra de arte, tudo aquilo que não pode ser integrado à comunicação entre criador e o ouvinte, tudo aquilo que não pode ser “meio” desta comunicação,

nem se quer pode adquirir um significado artístico (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 76).

Esse Pressuposto é corroborado por Candido (2006), que entende que a esfera da criação do discurso estético-literário não deve se dar apartada dos aspectos sociológicos da obra. Para ele, há uma relação inextricável entre autor, contexto social de produção obra e público, pois a arte literária enquanto “um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, que formam uma tríade indissolúvel” (CANDIDO, 2006, p.47).

Em suma, neste cenário, as relações de trabalho são vias de mão dupla: de um lado, trafegam os laços sociais e afetivos, do outro, transitam a materialização do convívio nas fábricas e, nesse ínterim, é possível reconhecer que muitos trabalhadores imbuídos pelo espírito severo da concorrência, pelo desejo de ocupar o lugar do outro, guiados pela lógica do capitalismo, fazem ultrapassagens arriscadas, por vezes, fatais, colocando sempre a vida do outro em perigo iminente, como foi o caso de Felipe, que teve sua essência humana dissipada pela ambição de Jacinto. Por fim, coexiste e interagem um conjunto de vozes simultâneas que, dialogicamente, por um prisma, alinham-se, confrontam-se, contrapõem-se, e, por outro, silenciam-se, reverberam os sentidos das reticências. Portanto, é por meio desse universo de vozes sociais, entorno das relações de trabalho e das relações afetivas, em particular, as amorosas, que focamos nossos olhares, intencionando buscar as vias da sociabilidade do indivíduo.

Por fim, nesse contexto, ganha relevo a educação sentimental das personagens, implicando, em certos momentos, a redenção do caráter e ressignificação da existência, como foi o caso do protagonista Jacinto, que mesmo imerso no amargo mundo do trabalho espoliado e alienado, como uma espécie de metamorfose, foi habilmente capaz de se envolver por um sentimento singelo e bonito, como o amor. Esse sentimento fez com que Jacinto recuperasse seu senso de caráter e reconstruísse sua identidade, resultando no enaltecimento de espírito. Jacinto se fortalece e se resgata na sua convivência com o outro, em especial, Emília Emiliano. O rompimento das amarras e os emparedamentos, vivenciados nas atividades laborais no *locus* de trabalho e no ambiente familiar, permitiram que Jacinto recomeçasse sua narrativa de vida, tantas vezes, fragmentada. Em suma, rendendo-se aos encantos de Emília Emiliano, isto é, alguém para amar a vida inteira, Jacinto, guiado pelo princípio do amor, é reconduzido a iniciar uma nova narrativa. O ônibus

partiu e deixou atrás de si uma nuvem grossa e amarela de poeira. Jacinto limpou o suor do rosto e pensou que, um dia falaria de sua história para seu filho” (JATOBÁ, 2015, p. 11-12). Assim, uma nova vida se impunha.

6 ENTRELAÇANDO DISCURSOS: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se é verdade que não somos mais que contos ambulantes, contos feitos de contos, e que vamos pelo mundo contando o conto que somos e os contos que aprendemos, parece-me igualmente claro que nunca poderemos chegar a ser mais que isso, esses seres feitos de palavras, herdeiros das palavras, que vão deixando, ao longo dos tempos e do tempo, um testamento de palavras, o que têm e o que são. Tudo (SARAMAGO, 2010, p. 105).

O estudo que realizamos teve como objetivo principal analisar as relações de trabalho e as relações afetivas como veículo de sociabilidade do indivíduo na obra *Alguém para amar a vida inteira*. Em uma perspectiva estético-sociológica, nossos olhares, em todo percurso dessa investigação, pendularmente, movimentaram-se em pontos estratégicos sobre os quais pudéssemos dialogar — no sentido bakhtiano — como o discurso literário, teia dialógica de múltiplas e heterogêneas linguagens, de autoria jatobiana, retrata e refrata as vozes nordestinas migrantes que verberam no universo do trabalho no contexto industrial da cidade de São Paulo, no Brasil urbano do século XX.

Nossas leituras e releituras sobre a escrita literária jatobiana e dos demais aportes teóricos que com ela dialogou, foram orientadas pela base conceitual teórica, filosófica e metodológicas presente na ADD, de perspectiva bakhtiniana. Para tanto, utilizando-se do corpo de conceitos, noções e categorias analíticas da ADD, buscamos investigar a relação entre a vida (a realidade social, cultural, econômica e histórica) e o mundo da arte, em particular da literatura (as várias linguagens do discurso literário), tendo como campo de estudo, por excelência, as relações de trabalho e as relações afetivas como veículos de sociabilidade do indivíduo. Neste sentido, a análise empreendida sobre a obra nos permitiu fazer algumas considerações importantes.

Jatobá, a partir de suas percepções dos múltiplos horizontes interpretativos da realidade, literariamente, constrói discursos críticos sobre o universo do trabalho, a narrativa produz uma identidade para o trabalhador brasileiro, que é configurada em um cenário de luta pela sobrevivência, em que, por um lado, manifestam-se as severas relações de submissão e autoritarismo no mundo do trabalho e, por outro, simultaneamente, revela que mesmo nessa atmosfera de muita peleja e disputas as relações afetivas brotam e se edificam. Dessa forma, o universo laboral, embora funesto, precário e árduo, também propicia sociabilidade, fraternidade e amor entre os trabalhadores.

A obra jatobiana não é gratuita, mas responde a certo contexto histórico, recriando, sobremodo, a saga de homens e mulheres, advindos de locais muito inóspitos do país, estabelecendo-se na cidade de São Paulo, no afã de buscar trabalho e sobreviver. A promessa de trabalho e as condições subumanas os fazem migrar. Jatobá recria literariamente esse cenário, dando voz e narrativa a cada um. Transformam-se em personagens, cujas vidas são a um tempo específicas e genéricas, pois tanto emergem como sujeitos particularizados quanto representam uma classe social, a dos menos favorecidos economicamente.

Obviamente que a obra não é um documento social neutro, mas se institui a partir da visão de mundo do autor sobre o universo recriado. Neste sentido, reflete a realidade, ou seja, parte dela, interrogando-a, respondendo a ela, mas, simultaneamente, refrata-a, pois a transforma em matéria-prima de sua escrita e, nesse processo, formaliza-a mediante certo mirante ideológico. Na obra, encontramos formalização não maniqueísta, pois as personagens operárias são ora bem intencionadas, ora agem por interesse, traindo os companheiros. Há os corajosos, os sindicalistas, os alienados, os conformados, os ambiciosos, os traiçoeiros, os vingativos, os amorosos, ou seja, a personagem operária é plasmada em toda a humanidade, com contradições referentes à ética e à moral.

Jatobá detém-se, na formalização da vida material e afetiva, ou seja, do trabalho e dos respectivos sentidos. Cabe enfatizar que não fizemos a leitura e análise orientando-nos somente pelo do ponto de vista econômico. Em constante diálogo com o pensamento bakhtiniano, amparamos em seus postulados que são claros no sentido de que: mesmo dentro da tradição marxista que enfatiza a ontologia do trabalho, separa-se dessa visão e aposta no âmbito cultural-discursivo. O pensador russo não segue uma visão marxista determinista que se baseia na influência exclusiva do econômico sobre o cultural, antes, refuta esse determinismo e fortalece um marxismo cultural, em que múltiplos fatores agem sobre o discurso literário, ou seja, o histórico, o social, o filosófico, o cultural e, também, o econômico.

Assim, percebemos que o trabalho opera como um meio a partir do qual o sujeito se constrói social e historicamente no cotidiano laboral, em conflito, tensões e em encontro com seus pares. Andam a pari passo, tanto a atividade laboral quanto a reflexão discursiva sobre o trabalho, demonstrando que as personagens não apenas trabalham, mas empreendem uma reflexão sobre a vida material e afetiva. Linguagem e trabalho se inter-relacionam no universo literário jatobiana. Também, demonstra-se

na narrativa que as relações sociais focadas na solidariedade, amor, compreensão se justapõem ao universo do trabalho, onde impera um cenário degradante e nefasto, de ontologia negativa para o sujeito trabalhador.

Na narrativa *Alguém para amar a vida inteira*, Jatobá investe, de modo mais enfático, no universo afetivo e relacional. A obra conta a história de Jacinto e Emília Emiliano e de como essas personagens são também genéricas, visto que retratam homens e mulheres do cotidiano nacional. A relação dos dois ocorre de modo a fortalecê-los para enfrentar as agruras da vida. Essa afetividade, em um contexto de vida bruta de trabalho degradado nas fábricas e condições de existência precárias, é também marca da obra jatobiana. O escritor formaliza a vida operária em totalidade, trazendo os conflitos, os acertos, os encontros e desencontros. O universo é trágico, mas há espaço para relações amorosas. O universo do trabalho é árduo e alienado, mas ali, também, brotam amizades. Dali, constituem-se famílias e operários sindicalizados.

A dialogia que se estabelece entre o amor e o trabalho, possibilitando que este seja menos degradante e inóspito, compõe certamente a forma arquitetônica de Jatobá, cuja visão de mundo credita ao amor a sobrevivência do trabalhador em situação que o degrada. O operário suporta o trabalho, amparado no outro que lhe é solidário. As formas composicionais, ou seja, os diálogos tensos entre os operários e os superiores, o léxico utilizado para a crítica ao trabalho degradante, as descrições do meio insalubre, miserável, autoritário da fábrica, as situações laborais humilhantes e perigosas, a labuta estafante, a venda das férias, o trabalho intensificado vai construindo uma arquitetura de crítica às condições de trabalho. No entanto, dentro desse universo, o trabalhador também vivencia a amizade, os folguedos, a diversão aos domingos à tarde, as narrativas comuns, a solidariedade e experimenta o encontro amoroso. Desse universo amistoso, Jatobá plasma no plano estético uma visão arquitetônica positiva da vida. A visão de Jatobá, ou seja, a forma arquitetônica, sinaliza para a difícil vida do trabalhador, mas que, mesmo em ambiente difícil e desafiador, o amor pode surgir e dar sentido ao trabalho e à vida.

Em grande parte da obra jatobiana, a vida do operário assume importante contexto enunciativo. Na obra *Alguém para amar a vida inteira*, narra-se, novamente, a saga da vida proletária em migração para cidade de São Paulo, *leitmotiv* da obra jatobiana. Todavia, aqui, o próprio título da obra contrasta com outras obras. São dele, *Sabor de Química* e *No chão da fábrica*. Percebemos pelos títulos, que a vida laboral

difícil e penosa dá o tom das narrativas. Em contraste, na obra *Alguém para amar a vida inteira*, Jatobá investe, de modo mais enfático, no universo afetivo e relacional. A obra conta a história de Jacinto e Emília Emiliano e de como essas personagens são também genéricas, visto que retratam homens e mulheres do cotidiano.

Portanto, ler *Alguém para amar a vida inteira*, apoiada nas contribuições teórico-metodológicas da ADD, de pensamento bakhtiniano, permitiu a seguinte clareza de pensamento: uma investigação ancorada pelo viés estético-sociológico, presente na filosofia da linguagem e da literatura, postulado pelo pensamento bakhtiniano, assume importante valor, no sentido de trazer olhar ético e estético para a realidade, recriando-a. Não cabe nenhuma dúvida de que a relação entre arte e vida é um contexto de leitura interdisciplinar que confere conhecimento vasto, tornando a análise do discurso literário uma forma mais relacional e integrativa.

Em Jatobá, encontramos discursos que vinculam vida e arte. Logo, para ele, a condição humana não deve se situar desvinculada, do ponto de vista social e político, na literatura. Vida e arte estão em constantes relações dialógicas. A fortuna crítica sobre o primado literário desse escritor não está concentrada especificamente em uma única obra. O conjunto da produção ficcional de Jatobá é todo contemplado pela apreciação crítica, intuindo que sua literatura frequenta todos os horizontes da nossa humana condição.

Por fim, conceber o discurso literário como posição axiológica frente a um mundo pluralmente valorado é assumir um lugar de embates e tensões, é ser responsivamente ativo em uma realidade heterogênea e pluridiscursiva. Por isso, a nosso ver, fica claro que o enunciado literário- uma obra- constitui um discurso legítimo e fértil para se pensar a lógica do mundo capitalista e as relações de trabalho por ele regidas. O discurso literário não é estranho aos eventos do mundo. Há entre a arte e vida uma corrente comunicativa, uma interlocução viva, mediada por posições axiológicas.

Esperamos que esta tese possibilite outras leituras e aproximações do discurso literário jatobiano, à medida que indica alguns caminhos e horizontes interpretativos sobre a vida e obra do escritor, ao singularizar e fixar a análise na narrativa *Alguém para amar a vida inteira*.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio. Prefácio do livro *Paragens de Roniwalter Jatobá*. In: JATOBÁ, Roniwalter. **Paragens**. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGUILERA, Fernando Gómez. In: Saramago, José. **As palavras de Saramago**: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. São Paulo: Companhias das Letras, 2010.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez/Edunicamp, 1995.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

ANTUNES, Ricardo. **A dialética do trabalho**: Escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.

ARANTES, Noel. **Pássaro inquieto**. In: JATOBÁ, R. **No chão da fábrica**: contos e novelas. São Paulo: Nova Alexandria, 2016a. p.255-261

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3. ed. Tradução: Maria Ermanlina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000a.

BAKHTIN, Mikhail. Estudos literários hoje. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3 ed. Tradução: Maria Ermalina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000b. p. 366.

BAKHTIN, Mikhail. **O freudismo**: um esboço crítico. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. Tradução Aurora Fornoni Bernardini. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 2014a.

BAKHTIN, Mikhail. Discurso no romance. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**. São Paulo: Hucitec Editora, 2014b. p. 88.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Bocharov. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **Discurso na vida e discurso na arte**: sobre poética sociológica. Tradução: Carlos Alberto Faraco & Cristovão Tezza. New York: Academic Press, 1926.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico em ciência da linguagem [1929]. Tradução de Michel Lauhud e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARROS, Diana L. P. (Org.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 1996.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. *In*: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. Rio de Janeiro: Contexto, 2016.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha, a metáfora da condição humana**. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. **Itinerários - Revista de Literatura**, Araraquara, n. 10, 1996.

BOSI, Alfredo. Caminhos entre a literatura e a história. **Estudos Avançados**, vol.19, n.55, p.315-334, 2000a.

BOSI, Alfredo. Caminhos entre a Literatura e a História. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 55, 2000b. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n55/23.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2017.

BRASIL. Lei nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação (2001-2010). **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1, 10 jan. 2001, Página 1, 2001.

CANDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

CANDIDO, Antônio. Direitos humanos e literatura. *In*: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 1995.

CANDIDO, Antônio. **A formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda, 2000.

CANDIDO, Antônio. A literatura e formação do homem. *In*: XXIV REUNIÃO ANUAL DA SBPC. São Paulo, 1972. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. p. 180.

DISCINI, Norma. Carnavalização. *In*: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 53-93.

ENGELS, Friederich. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. 1876. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm>. Acesso em: 02 nov. 2017.

FANINI, Angela Maria Rubel. O trabalho como fonte de sociabilidade, subjetividade e identidade na obra eles eram muitos cavalos de Luiz Ruffato. **IPOTESI**, v. 16, n. 1, p. 47-54, 2012.

FANINI, Angela Maria Rubel. Representações da tecnologia em alguns poemas da literatura brasileira. **Anuário de Literatura**, vol. 15, n. 1, p. 96-99, 2010.

FANINI, Angela Maria Rubel. O romance: uma forma ético-política na perspectiva bakhtiniana. **Bakhtiniana**, v.8, n.1, p.21-39, 2013.

FARACO, Carlos Alberto. O Matador de Patrícia Melo: uma Abordagem Bakhtiniana. **Itinerários**, n.12, p.21-31, 1998.

FARACO, Carlos Alberto. O estatuto da análise e interpretação dos textos no quadro do Círculo de Bakhtin. *In*: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Ana Raquel; COUTINHO, Antônia (Orgs.). **O interacionismo sociodiscursivo**: questões epistemológicas e metodológicas. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. **Letras de Hoje**, v. 46, n. 1, p. 21-26, 2011.

FIORIN, José Luís. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

FREDERICO, Enid Yatsuda. Trabalho e mais trabalho. *In*: JATOBÁ, Roniwalter. **No chão da fábrica**: contos e novelas. Nova Alexandria. São Paulo, 2016a. p.9-13.

FREDERICO, Celso. Prefácio do livro Crônicas da vida operária de Roniwalter Jatobá. *In*: JATOBÁ, Roniwalter. **Crônicas da vida operária**. São Paulo: Global, 2016b. p.193-197.

GERALDI, João Wanderley. O mundo não nos é dado, mas construído. *In*: GERALDI, João Wanderley (Org.). **Volochinov**: a construção da enunciação e outros ensaios. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013. p.7-27

GORZ, André. **As metamorfoses do trabalho**: crítica da razão econômica. São Paulo: Annablume, 2007.

GRILLO, Sheila V. de Camargo. Esfera e campo. *In*: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008. p.133-160.

GRILLO, S. C.; AMÉRICO, E. V. Glossário. *In*: VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Volkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 357-358.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios 2009**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/07/nordeste-e-regiao-com-maior-retorno-de-migrantes-segundo-ibge.htm>. Acesso em: 17 abr. 2018.

JATOBÁ, Roniwalter. **Sabor de química**: crônicas nordestinas. São Paulo: Oficina de Livros, 1977.

JATOBÁ, Roniwalter. **Crônicas da vida operária**. São Paulo: Global, 1978.

JATOBÁ, Roniwalter. De frente para o Brasil: Roniwalter Jatobá. **Revista Princípios**, p. 62-65, 1995. Disponível em: <http://revistaprincipios.com.br/artigos/36/cat/1738/de-frente-para-o-brasil.html>. Acesso em: 05 abr. 2018.

JATOBÁ, Roniwalter. **Tiziu**. São Paulo: Scritta, 2004a.

JATOBÁ, Roniwalter. **Paragens**. São Paulo: Boitempo, 2004b.

JATOBÁ, Roniwalter. Entrevista. *In*: RICCIARDI, Giovanni. **Entrevistas com escritores de Minas Gerais**. Dulce Mindlin (Org.). Ouro Preto: UFOP, 2008, v. 3, p.486.

JATOBÁ, Roniwalter; RUFFATO Luiz. **Contos ontológicos de Roniwalter Jatobá**. São Paulo: Nova Alexandria, 2009.

JATOBÁ, Roniwalter. **Roniwalter Jatobá**: escrevo sobre o que sou. [14 de setembro de 2012]. Site Vermelho. Entrevista concedida a Carlos Herculano Lopes. Disponível

em: http://www.vermelho.org.br/noticia_print.php?id_noticia=193766&id_secao=11. Acesso em: 05 abr. 2018.

JATOBÁ, Roniwalter. **Leituras**: Roniwalter Jatobá. [26 de dezembro de 2012]. TV Senado. Entrevista concedida a Maurício Melo Junior. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/noticias/TV/Video.asp?v=195612>. Acesso em: 05 abr. 2018.

JATOBÁ, Roniwalter. **Sina**. Curitiba: Positivo, 2014.

JATOBÁ, Roniwalter. **Alguém para amar a vida inteira**. Curitiba: Positivo, 2015a.

JATOBÁ, Roniwalter. Epígrafe. *In*: JATOBÁ, Roniwalter. **Alguém para amar a vida inteira**. Curitiba: Positivo, 2015b. p.2 da epígrafe.

JATOBÁ, Roniwalter. **No chão da fábrica**. São Paulo: Nova Alexandria, 2016.

JATOBÁ, Roniwalter. **Continua em construção um prédio na rua [...]**. Rio de Janeiro, 20 maio de 2020. Facebook: roniwalter.jatoba. Disponível em: https://www.facebook.com/roniwalter.jatoba/?ref=br_rs.Postado. Acesso em: 20 maio 2018.

JATOBÁ, Roniwalter. **Já estou prestes a completar cinco mil “amgos” [...]**. Rio de Janeiro, 12 maio de 2020. Facebook: roniwalter.jatoba. Disponível em: https://www.facebook.com/roniwalter.jatoba/?ref=br_rs.Postado. Acesso em: 20 maio 2018.

JATOBÁ, Roniwalter. **Como escreve Roniwalter Jatobá**. [14 de agosto, 2018]. Site Como eu escrevo. Entrevista concedida a José Nunes. Disponível em: <https://comoeuescrevo.com/roniwalter-jatoba/>. Acesso em: 15 ago. 2018.

LISPECTOR, Clarice. **Crônicas no jornal do Brasil**, 1968.

LISPECTOR, Clarice. Crônica de 14 de setembro de 1968. *In*: LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

LUKÁCS, György. **Por uma ontologia do ser social II**. Tradução: Nélío Scheneider et al. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUKÁCS, György. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978. Disponível em: http://www.giovannialves.org/Bases_Luk%E1cs.pdf. Acesso em: 1 out. 2018.

LUCAS, Fábio. Prefácio. *In*: RONIWALTER, Jatobá. **Sabor de química**: crônicas nordestinas. São Paulo: Oficina de Livros, 2016. p.185-189.

MASSUD, Moisés. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 1974.

MEDINA, Ettore Dias. Narrativa e testemunho como forma de elabora a violência policial: sobre Marildo, Martiniano e outros trabalhadores. **REDD –Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, v. 7, n. 1, 2013a. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/redd/article/view/6380/5090>. Acesso em: 20 jan. 2019.

MEDINA, Ettore Dias. Um acidente de trabalho na fábrica: testemunho e trauma na narrativa “A mão esquerda”. **Revista Espaço Acadêmico da UEM**, v. 143, p. 23-30, 2013b.

MEDINA, Ettore Dias. Família operária, memória e subjetividade em uma narrativa de Roniwalter Jatobá. **Cadernos de Campo** (UNESP), v. 18, p. 131-145, 2014.

MEDINA, Ettore Dias. **Vozes de trabalhadores na ditadura civil-militar**: ensaios sobre literatura, memória e testemunho. 2015. 142f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2015.

MONTEIRO, Ana Lúcia Barbosa. **Histórias de leitura de professoras-leitoras como subsídio à formação continuada**: memória em movimento. 2013. 154f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

MONTEIRO, Ana Lúcia Barbosa; FANINI, Angela Maria Rubel. As vozes em torno da obra de Roniwalter Jatobá: um contexto contemporâneo de leitura. **Revista Trama (Unioeste Online)**, v. 16, p. 61-74, 2020.

MONTEIRO, Ana Lúcia Barbosa; FANINI, Angela Maria Rubel. Trabalho e afeto na obra alguém para amar a vida inteira, de Roniwalter Jatobá. **Form@re - Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica**, v. 7, p. 128-141, 2019.

MONTEIRO, Ana Lúcia Barbosa; FANINI, Angela Maria Rubel. **Alguém para amar a vida inteira de Roniwalter Jatobá**. In: Seminário Internacional de Leitura, Literatura e Linguagens: Novas Topografias Textuais, 2017, Passo Fundo: UPF-Passo Fundo (RS) (Comunicação Oral).

MORAIS, Fernando. Operários. Prefácio de Crônicas da vida operária de Roniwalter Jatobá, 2016. In: JATOBÁ, Roniwalter. **Crônicas da vida operária**. São Paulo: Global, 1978. p.246-251.

NOGUEIRA, Lacerda. **A mais antiga escola normal do Brasil (1835-1935)**: esboço de história administrativa e episódica. Niterói: Oficinas Gráficas do Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1938.

POMPEU, Renato. Prefácio do livro Sabor de Química de Roniwalter Jatobá. In: JATOBÁ, Roniwalter. **Sabor de química**: crônicas nordestinas. São Paulo: Oficina de Livros, 2016. p.183-185

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
 PORTAL G1. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, 2004/2009**, divulgadas em 15/07/2011, às 10h14min, pelo Portal G1, em São Paulo. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/07/nordeste-e-regiao-com-maior-retorno-de-migrantes-segundo-ibge.html>. Acesso em: 05 abr. 2018.

RIBEIRO, Vanessa Lopes. **Discursos sobre o universo do trabalho e da tecnologia no romance Usina, de José Lins do Rego**. 2015. 144f. Tese (Doutorado)- Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Tecnologia, Curitiba, 2015.

RICCIARDI, Giovanni. **Entrevistas com escritores de Minas Gerais**. Dulce Mindlin (Org.). Ouro Preto: UFOP, 2008.

RICCIARDI, Giovanni. **Entrevistas com escritores de mineiros**. In: MINDLIN, Dulce (Org.). Ouro Preto: UFOP, 2008. p.444.

RUFFATO, Luiz. Roniwalter Jatobá e a literatura proletária. In: RUFFATO, Luiz. **Contos antológicos de Roniwalter Jatobá**. São Paulo: Nova Alexandria, 2009. p.13-17.

RUFFATO, Luiz. Roniwalter Jatobá e a literatura proletária. In: JATOBÁ, Roniwalter; RUFFATO, Luiz. **Contos antológicos de Roniwalter Jatobá**. São Paulo: Nova Alexandria, 2009. p.176.

FANINI, Angela Maria Rubel; SANTOS, Adriana Cabral. Trabalho artesanal e trabalho industrial como elementos de sociabilidade, subjetividade e tragédia em “a mão esquerda” de Roniwalter Jatobá. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 42, p. 197-208, 2013.

SANCHES NETO, Miguel. [Primeira orelha do livro, texto sem título]. In: JATOBÁ, Roniwalter. **Alguém para amar a vida inteira**. Curitiba: Positivo, 2015. p.1.

SARAMAGO, José. **As palavras de Saramago**: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SARAMAGO, José. **El deber de ser portugués**. [23 de abril de 1989]. El País (Suplemento El País Semanal), Madri. Entrevista a Sol Alameda, 1989.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

SONGO, Sepotina. Entrevista com o escritor Luiz Ruffato. **Revista Signótica**, Goiânia, v. 29, n. 1, p. 259-268, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/viewFile/44867/23243>. Acesso em: 3 abr. 2018.

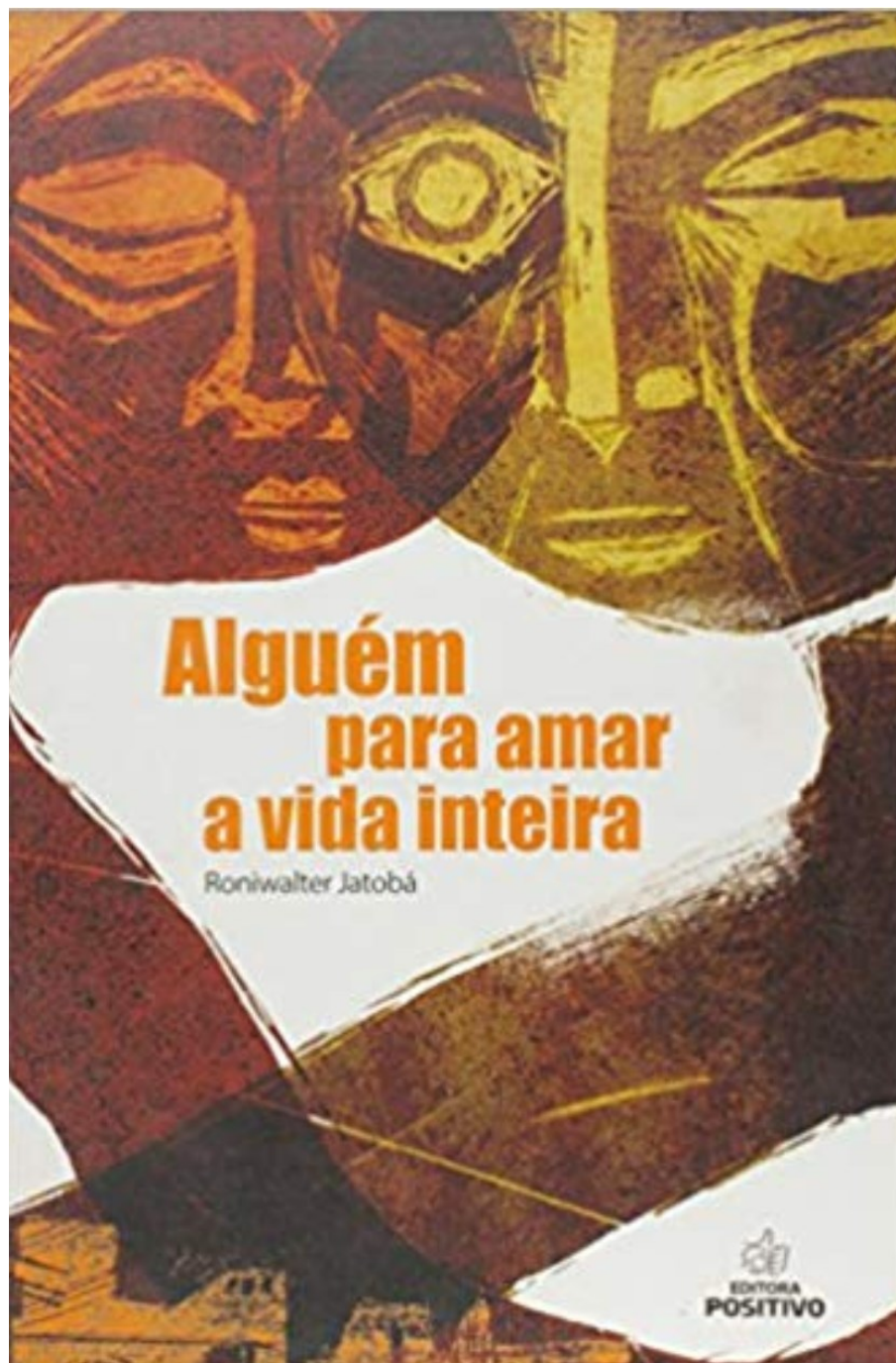
TAZINAFFO, Lúcio Fellini. **Violência e ditadura militar**: uma análise a partir das obras de Plínio Marques e Roniwalter Jatobá. 2016.105f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2016.

TRAVAGLIA, Luiz. Carlos. Da infância à ciência: língua e literatura. *In*: BRAIT, Beth (Org.). **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 36-38.

TODOROV, Tzvetan. Prefácio. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3. ed. Tradução: Maria Ermalina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.1-21.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **A Construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico nas ciências da linguagem**. Tradução: Sheila Grillo & Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ANEXO A – CAPA DE ALGUÉM PARA AMAR A VIDA INTEIRA, 1ª EDIÇÃO

ANEXO B - FOLHA DE ROSTO DE *ALGUÉM PARA AMAR A VIDA INTEIRA*, 1ª EDIÇÃO



**ANEXO C - ENTREVISTA COM RONIWALTER JATOBÁ, PUBLICADA NO
COMOEUESCREVO.COM (@COMOEUESCREVO) EM 18/8/2018**

Como Escreve Roniwalter Jatobá 14 de agosto de 2018 by José Nunes

Roniwalter Jatobá é jornalista e escritor.

Como você começa o seu dia? Você tem uma rotina matinal?

As manhãs para mim são as mais comuns e rotineiras. Durante anos atrás, tomava o café matinal e ia trabalhar. O dia todo me ocupava em escrever textos jornalísticos para as revistas que fazia ou colaborações para outras editoras. Mais recentemente, agora já aposentado, a rotina mudou muito pouco: tomo o café da manhã, respondo e-mails, parabeno os amigos que aniversariam no Facebook e, ali pelas 10h30, vou para a academia cuidar do corpo. Durante toda a minha fase adulta, sempre sobrevivi de outra profissão, seja como operário no ABC ou jornalista na Editora Abril. Só me sobravam, portanto, as noites e os finais de semana. Horas sagradas para a leitura e a escrita.

Em que hora do dia você sente que trabalha melhor?

Escrevo geralmente à noite, em horas tardias. Gosto do silêncio e da solidão.

Você escreve um pouco todos os dias ou em períodos concentrados? Você tem uma meta de escrita diária?

Escrevo devagar. Sigo sempre o conselho do crítico Otto Maria Carpeaux, que dizia que o estilo é a escolha do que deve ficar na página escrita e o que deve ser omitido. É a escolha entre o que deve perecer e o que deve sobreviver. Na literatura é preciso muita paciência até encontrar o tom e o ritmo certos.

Como é o seu processo de escrita? Uma vez que você compilou notas suficientes, é difícil começar? Como você se move da pesquisa para a escrita?

Nunca escolho o assunto dos meus trabalhos, às vezes tenho uma vaga intuição. Deixo rolar. São as personagens, no momento da criação, que delineiam o ritmo e o prosseguimento da história. A vida de Ciriaco Martins, um conto que está no livro Sabor de química, é um exemplo. Numa viagem à Bahia, descobri que, em Bananeiras, onde viviam meus pais, não havia cães nas ruas, um fato incomum. Perguntei a meu pai por quê. Ele disse que alguém, durante as madrugadas, havia matado todos os cachorros vadios. Pesquisei, então, tudo sobre o assunto, até as diversas formas de sacrificar o animal. Conheci as ervas que matavam instantaneamente, a técnica, a sutil aproximação com os bichos. Voltei a São Paulo com aquilo na cabeça. Uma noite, despejei tudo no papel. Ao alvorecer, tinha escrito vinte páginas. Levei para um amigo na Abril e pedi para ele fazer uma leitura. Desde que foi publicado, não mexi em nenhuma linha. É uma história cruel. É uma crítica dura à situação do país, uma análise que é obrigação do escritor fazer. Por que amaciar ou maquiagem a realidade do país? Isso seria uma desonestidade intelectual. Os personagens dos meus livros são pessoas que vagam num mundo próprio e recriado artisticamente. Ou seja, eles são criados para gerar um comentário emocionado sobre as condições do ser humano na face da Terra. São personagens que, como eu, estão preocupados, num mundo difícil de viver e conviver, em realizar-se plenamente como seres humanos, em assumir sua própria humanidade. Na novela

Tiziu, presente no volume *No chão da fábrica*, fiz assim. Agostinho foi criado como um personagem que, no final da vida, sabe que está voltando para uma desolação, para uma cidade natal que não existe mais. Acho que a saída dele de São Paulo, de ônibus, é cinematográfica. Quando a máquina do tempo se movimenta, acentua-se o pathos (no sentido grego, paixão que faz sofrer) do personagem. Está voltando para morrer, ele sabe. Por isso a revelação que São Paulo é uma ilusão, uma miragem. Agostinho e Ciriaco, portanto, refletem apenas o outro lado do sonho de desenvolvimento industrial do país. Gostaria que eles, às vezes patéticos, desesperados, mas humanos, iluminassem um pouco a miséria da nossa condição humana.

Como você lida com as travas da escrita, como a procrastinação, o medo de não corresponder às expectativas e a ansiedade de trabalhar em projetos longos?

Lido bem. Não fico angustiado se a inspiração não vem. Não tenho interesse em publicar um livro atrás do outro. Assim, enquanto a literatura não vem, tenho me dedicado a breves biografias para a Editora Nova Alexandria. A coleção “Jovens sem fronteiras”, da qual fazem parte cinco livros que escrevi, tem como objetivo contar a infância e a adolescência de pessoas interessantes da história num caldeirão em que se misturam experiências de vida, fatos, reconstituição histórica e, para torná-lo de agradável leitura, uma pitada de ficção. As obras mostram o papel apaixonante de autênticos pioneiros e transformadores, cada um a seu modo, de respectivas sociedades de seu tempo. Para dizer a verdade, nunca tinha pensado em escrever um livro sobre Ernesto Guevara, o Che. Mas, a Editora Nova Alexandria me convidou para escrevê-lo para a coleção que já havia focado o mesmo período de vida de John Lennon e Noel Rosa, ambos recriados com um toque ficcional. Foi o que fiz. Assim, a história do rapaz atormentado pela asma, que o deixava prostrado na cama, mas cheio de garra nos estudos e nos esportes, ganhou um toque de ficção e acho que vem agradando bastante aos jovens, sobretudo para aqueles que usam uma camiseta com a imagem do Che e não sabem nada ou apenas que ele foi um herói em Cuba. Há escassez de bons textos para o público jovem. Num limbo entre o leitor adulto e o infantil, os jovens sentem falta de bons textos, aqueles que deveriam mostrar como é viver num momento de formação da sua personalidade. Até acho que os bons escritores deveriam dedicar um pouco de seu tempo para escrever para jovens. Numa crônica na Folha de S. Paulo, o poeta Nelson Ascher comentou sobre uma das responsabilidades sociais do escritor, que é a de também formar novas gerações de leitores. “A qualidade dos livros infantis e juvenis publicados no Brasil durante os decênios recentes não nos leva a nos ufarmos de nosso País”, diz Ascher. “Romancistas, contistas e poetas que desejem assegurar a existência de leitores futuros não estariam perdendo tempo caso se empenhassem em escrever, de quando em quando, bons livros para as crianças e adolescentes”.

Quantas vezes você revisa seus textos antes de sentir que eles estão prontos? Você mostra seus trabalhos para outras pessoas antes de publicá-los?

Cito novamente a novela *Tiziu*. O título é simbólico. Conta a vida de Agostinho, que depois de 25 anos em São Paulo volta à sua terra de origem. É a história de um homem que vive a dura e descarnada história vivida por milhões de brasileiros, aqueles que nascem e vivem bem longe até mesmo dos mínimos direitos de um cidadão, lutando duramente pela sobrevivência e sonhando sonhos que, embora pequenos, não têm qualquer chance de realização. O enredo, no entanto, é a volta. A volta para encontrar a si mesmo em um lugar que não é mais o mesmo. Veja o que acontece quando Édipo volta a Tebas, quando Orestes volta a Argos. Nos gregos, em

toda literatura de ficção, o ser humano não quer voltar, mas volta. É empurrado para trás, para buscar a si mesmo, e o que encontra? O nada. É um dos meus textos mais elaborados. Trabalhei quase oito anos para terminar 134 páginas de um romance denso, mas agradável de ler. A versão final, depois de muitas mudanças, foi publicada na primeira pessoa, com o personagem Agostinho narrando suas aventuras. Cortei muito. Fugi da pieguice, até mesmo das armadilhas ideológicas e do risco da defesa de tese em detrimento da ficção. É bom saber que, ao lidar com esse assunto, o perigo dos estereótipos espreita a cada página. Cortei, assim, muita coisa. Exigiu muita paciência até encontrar o tom e o ritmo certos. Ah, sempre busco a leitura de amigos que escrevem e que me ajudam muito com as suas preciosas leituras. Devo muito a Valdomiro Santana, Luiz Guedes e Ruy Espinheira Filho.

Como é sua relação com a tecnologia? Você escreve seus primeiros rascunhos à mão ou no computador?

Venho acompanhando a tecnologia. No princípio escrevia à mão, depois passei para a máquina de escrever e, hoje em dia, uso o computador em todo o processo. Sou favorável à tecnologia, claro, mas gosto de ter em mãos o livro em papel. Me sinto gratificado em ter em mãos aquele objeto transformador. O ato de ler poesia e prosa é uma das ocupações mais estimulantes e enriquecedoras do espírito humano. Para o escritor Mario Vargas Llosa, a literatura é uma atividade insubstituível para a formação de cidadãos na sociedade moderna e democrática. “Por essa razão, ela deveria ser semeada nas famílias desde a infância e fazer parte de todos os programas educacionais”, diz o escritor peruano. “Nada nos protege melhor da estupidez do preconceito, do racismo, da xenofobia, do sectarismo religioso ou político e do nacionalismo excludente do que esta verdade que sempre surge na grande literatura: todos são essencialmente iguais.” Hoje, acredito, foi esse o legado de Campo Formoso, e tudo o que a cidade e o Colégio Presbiteriano Augusto Galvão representaram, na minha adolescência.

De onde vêm suas ideias? Há um conjunto de hábitos que você cultiva para se manter criativo?

Acho que dois fatores importantes me fizeram arriscar na literatura: muita leitura e vivência. Nasci em Campanário, Minas, em 1949. Meus pais eram baianos, estavam ali desde o final da Segunda Grande Guerra, quando buscaram o norte mineiro para tentar a sobrevivência. Eram tempos difíceis, época de desbravamento de uma inóspita região. No início da década de 1960, minha família resolveu voltar para o sertão baiano, indo morar nas proximidades da cidade de Campo Formoso. E essa volta foi importante para mim. Vivendo na casa de um tio, entrei no então Ginásio Augusto Galvão, uma escola presbiteriana, onde fiz a descoberta da literatura. Na pequena e agradável cidade, por sinal, havia um oásis cultural. Cinema e teatro. Nunca me esqueço: os jovens, na grande maioria, brigavam para ver quem ia ler primeiro as novidades literárias que chegavam de Salvador. Havia ali um advogado e professor de geografia, Dr. Domingo Dantas, que colecionava livros autografados de autores brasileiros. Tinha todo mundo. Ele mandava buscar no Rio de Janeiro. Naquela época, e durante quatro anos, nos esbaldamos de ler Graciliano Ramos, José Lins do Rego e muita prosa americana. Em 1964, terminei o ginásio, mas meu pai não tinha condições de me enviar para Salvador para continuar os estudos. Com quinze anos, a minha perspectiva era trabalhar na roça ou ajudar meu pai, que possuía um velho caminhão. Naquele período da nossa vida, o Ford amarelo servia para meu pai comercializar produtos industrializados (açúcar, bebidas) e também permutá-los por

feijão, farinha etc. na caatinga. Fui, então, ajudá-lo no caminhão. Fiquei, assim, nessas andanças por quase três anos. O trabalho era bacana e me sobrava muito tempo. Enquanto meu pai cuidava dos negócios nos pequenos lugarejos, eu lia. Foi aí que conheci quase todos os títulos da pequena biblioteca de Campo Formoso e travei conhecimento com os textos de Dostoiévski, Gogol, Kafka e muitos outros. Depois de servir o Exército em Salvador, vim para São Paulo, em 1970. Aqui fui morar em São Miguel, na casa de uma família baiana, um exemplo de solidariedade. Casa, comida, roupa lavada e amizade. Era fevereiro. Até abril bati muita perna em busca de trabalho. Na Nitroquímica, a maior fábrica de São Miguel Paulista, e que empregava quase todo mundo que chegava da Bahia, não tinha vaga. Rodei a cidade inteira até que, um dia, consegui uma vaga de ajudante de almoxarifado na Karmann-Ghia, no ABC. Fiquei três anos empurrando carrinho cheio de peças para a produção. Em 1973, saí e entrei na Abril, como apontador de produção na gráfica. A partir daí, auxiliado pela empresa, fiz supletivo colegial e, depois, pude me formar em jornalismo. Foi na escola que comecei a escrever os primeiros trabalhos. Eram contos e, em todos eles, o cenário era a periferia paulistana ou os dramas dos migrantes na sua vinda. Virei, então, escritor e jornalista. Enquanto trabalhava em Versus Movimento e Publicações da Abril, continuei a escrever. Aí, um dia, mandei um conto para a revista Ficção, no Rio, e outro para a Escrita, em São Paulo. Ganhei os dois prêmios e não parei mais.

O que você acha que mudou no seu processo de escrita ao longo dos anos? O que você diria a si mesmo se pudesse voltar à escrita de seus primeiros textos?

Sou um dos poucos autores que escrevem sobre o migrante nordestino. Não tenho intenção de mudar de assunto ou mesmo buscar modismos, o que é comum em grande parte dos escritores brasileiros. Sou um escritor obcecado com o trabalho que me propus a fazer no começo dos anos 1970, que é dar voz ao trabalhador em São Paulo, principalmente o migrante mineiro e nordestino que vive na metrópole. Um exemplo disso está presente no meu último livro, lançado pela Editora Positivo, o romance juvenil Alguém para amar a vida inteira. Dois operários, Emília e Jacinto, vivem uma grande e difícil história de amor. Quanto a voltar à escrita dos primeiros textos, estou sempre voltando. Estou sempre reescrevendo meus escritos antigos.

Que projeto você gostaria de fazer, mas ainda não começou? Que livro você gostaria de ler e ele ainda não existe?

Há anos, pesquiso um assunto para um possível romance histórico. A história se passa em 1926, na Chapada Diamantina, Bahia, durante a grande saga da Coluna Prestes na região. Ainda não o escrevi e por isso ainda não me acho amadurecido para mergulhar nessa fascinante aventura. Quero unir nesse livro o jornalismo e a literatura, uma solução antiga, mas sempre de difícil realização.

Nesse caso, gosto do exemplo do escritor norte-americano Ernest Hemingway. Ele dizia que fazer jornalismo leva o escritor a escrever com clareza e simplicidade. Mas é bom lembrar que a literatura exige algo a mais, pois nela é essencial entrar na consciência dos personagens, inclusive em suas idealizações. O profissional da notícia precisa da capacidade de se concentrar em meio ao imediatismo das ocorrências diárias. O escritor precisa de tempo para observar, analisar, compreender e se aprofundar. É esse livro, sem título, que gostaria de ler um dia, mas ele não existe ainda.

José Nunes é doutorando em direito na Universidade de Brasília.

ANEXO D – CARTA A SÃO PAULO, POR JATOBÁ

CARTA A SÃO PAULO

Cheguei aqui numa manhã do começo de 1970. Vinha da Bahia. A colorida rodoviária no centro, num entra-e-sai ligeiro de ônibus, também fervilhava de gente. Logo, o trem na estação da Luz e, depois, o vagão cheio da composição da Central do Brasil rumo a São Miguel. Dinheiro minguado no bolso. Era carnaval. Nas ruas passavam foliões e o som de cantigas animava um pouco o bairro nordestino. Domingo: Mesmo assim, operários vestidos de azul desciam a rua da fábrica e, ao longe, três chaminés lançavam nas várzeas do Tietê uma lenta e amarelada fumaça de química.

Tudo ali era pobre. Nas calçadas dormiam famílias inteiras e nos becos mendigos madornavam ao lado de borralhos ainda quentes. Esgotos corriam abertos em ruas descalças. As casas, pequenas e abafadas. Nos quintais espremidos e enlameados, poços forneciam água pura mas salobra, bem diferente do líquido doce das corredeiras do rio Aipim.

N a primeira semana, percorri as firmas de São Miguel e Brás: “Não há vagas”. Jornal de classificados à mão, os escritórios do centro: “Só com experiência”. Voltava à tarde de trem, nariz colado no vidro da porta, vendo a escuridão descer sobre bairros ribeirinhos e as luzes da Light piscando como árvores de Natal. Finalmente, a primeira ocupação no ABC e, toda manhã, olhos na cidade que se perdia de vista e estava sempre aberta ao sonho.

De repente, os anos se passaram, amada São Paulo, e quase sempre penso que sou seu filho. Digo quase porque aí me vêm à lembrança rebeldia egoísta e preconceitos que você é mãe. Assim, Exo! No centro, de onde você nasceu e arrancada para ser a maior metrópole da América do Sul, e vejo você em retratos amarelados. Ano a ano, acompanho seus passos, reconhecendo em cada esquina sinais de progresso — e nós, de Minas para cima, estamos presentes, mesmo nos cantos de antigas fotografias.

Durante séculos você foi pequena e provinciana. Em 1891, quando inauguravam a avenida Paulista, estávamos junto aos pioneiros na abertura das primeiras picadas. Em 1900, chegava às ruas o primeiro bonde elétrico, que aposentava as “diligências” puxadas por burro, e estivemos, entre espanhóis, portugueses e italianos, “destruindo” vias estreitas e assentando trilhos. Em 1920, você já era o maior



centro fabril do país, desbancando o Rio de Janeiro, e de prontidão aprendemos a lidar com teares, usinas e metalúrgicas. Em 1926, a Light a ia a usina de Cubatão, a maior do país, e lá ficamos na chuvosa serra do Mar abrindo reservatórios e perfurando túneis subterrâneos. Em 1929, foi inaugurado o Martinelli, seu maior arranha-céu, 30 andares que moldamos em concreto e argamassa. É verdade: em 1940, chegamos em maior número, procurando a “fatura e a riqueza” que o pobre e miserável meio rural não tinha condições de proporcionar. Empregos multiplicavam-se, ganhava-se pouco, mas havia esperança. Lá nada disso tinha — e a notícia se espalhava.

Nos anos 50, quando em suas ruas murmurava mais intensamente o tráfego de veículos, chegamos nós, cerca de 500 mil por ano, nas estações de trem e rodoviárias. Novas fábricas nos aceitavam para trabalho duro. Erguemos prédios nos seus vales, charcos e espigões. Abrimos buracos para a passagem rápida do metrô. Limpamos seu lixo dia e noite e, depois, cansados, voltamos para lugares insalubres e distantes.

Buscamos ainda hoje, sem outro alento, seu seio já não tão farto, amada São Paulo. Você sabe, o país inteiro continua na pior, mais empobrecemos todos. Você sabe, vamos invadindo as praças centrais e ocupando o arrabalde. Vendemos bugigangas porque há desemprego e ganharíamos melhor se se picasse cartão. Ocupamos seus viadutos e jardins porque não temos teto. Imploramos cruzeiros nos cruzamentos porque muitas vezes a fome corrói a dignidade. Até quando? E continuaremos a chegar aqui enquanto poucos ganharem muito — e muitos quase nada.

Pinowalter Jatobá

**ANEXO E – ENTREVISTA COM RONIWALTER JATOBÁ, PUBLICADA NO
JORNAL O ESTADO DE MINAS, EM PUBLICADO 14/09/2012**



Roniwalter Jatobá: “Escrevo sobre o que sou”

Mineiro de Campanário, no Vale do Rio Doce, Roniwalter Jatobá chegou com a cara e a coragem a São Paulo há 40 anos, depois de ter vivido uns tempos no sertão da Bahia e em Salvador.

Por Carlos Herculano Lopes



Roniwalter Jatobá

Na capital paulista, para sobreviver, fez de tudo: trabalhou como ajudante de almoxarifado, apontador gráfico e operário metalúrgico, até conseguir se formar em jornalismo. Foi a partir daí que a literatura entrou na sua vida. Isso aconteceu na década de 1970 e, desde então, Roniwalter já escreveu muitos livros: a maioria retratando o que acontece conhece de perto: a dura realidade dos migrantes mineiros e nordestinos em busca de uma vida mais digna em São Paulo. Atualmente está às voltas com uma história que se passa na Chapada Diamantina, na Bahia. “Pertencço à ala dos ficcionistas brasileiros ligados à realidade”, confessa o escritor, que também se dedica a produzir literatura para jovens. “Há um limbo entre a produção literária para jovens e adultos”, avalia Roniwalter.

Pergunta: Você acaba de lançar três livros: *O jovem Monteiro Lobato*, a novela *Alguém para amar a vida inteira* e *Cheiro de chocolate e outras histórias*. Em que circunstâncias estes livros nasceram, dá para falar um pouco de cada um?

Roniwalter Jatobá: O ano de 2012 foi realmente produtivo em relação a lançamentos. Mas, embora os três livros tenham sido editados ao mesmo tempo, em cada um deles houve um trabalho individual, cada um à sua maneira. *O jovem Monteiro Lobato*, que faz parte da coleção “Jovens sem fronteiras” da Editora Nova Alexandria, por exemplo, foi objeto de uma longa pesquisa que durou mais de um ano. Além de buscar informações em livros, revistas e jornais antigos, estive duas vezes na região de Taubaté, no interior paulista, para visitar os lugares percorridos pelo criador do Sítio do Pica-pau Amarelo, um pioneiro e mestre da literatura infanto-juvenil no País. Já *Alguém para amar a vida inteira*, editado pela Editora Positivo, é um romance que escrevo e reescrevo há mais de cinco anos, e conta uma história de amor na periferia fabril de São Paulo. Quanto a *Cheiro de chocolate e outras histórias*, este é um livro que revela o meu sentimento de amor e ódio por São Paulo. Afinal, faz quarenta anos que vivo na metrópole e, por isso, os contos mostram a minha relação com a cidade. No primeiro texto, por exemplo, trato com delicadeza a história de antigos namorados que se reencontram na Avenida Paulista, e que recordam de momentos vividos em Paris e dos projetos que tinham juntos. Sobre este livro, o jornalista, escritor e crítico literário Renato Pompeu escreveu que “a literatura sempre avança em relação à mais requintada teoria literária. O principal teórico do realismo crítico, o húngaro György Lukács, julgava que não era possível fazer arte a partir do singular, por não ser universal. Somente a partir do singular-universal, ou seja, a partir do particular, é que seria possível fazer arte. Mas Roniwalter Jatobá, neste livro *Cheiro de chocolate e outras histórias*, prova o contrário. Ele chega a estesias melancólicas e encantadoras, a puros enlevos, a partir de uma féerica feira de singularidades; o conjunto se torna universal.”

P: Você é considerado um dos grandes cronistas da vida operária brasileira, que já retratou em vários livros. Você concorda com isto? Por quê?

RJ: Assumo que a minha literatura tem um tom confessional, uma vez que revisito sempre os lugares em que vivi, tentando mapear as minhas andanças. Toda a minha literatura vem da reconstrução literária da vivência e da experiência nas constantes migrações entre Campanário (onde nasci), Campo Formoso e Bananeiras (onde vivi) e São Paulo (onde moro). Quanto ao pioneirismo ao retratar a vida operária e a importância de alguns livros meus, como *Sabor de química* (Prêmio Escrita de Literatura, 1976), *Crônicas da vida operária* (Finalista do Prêmio Casa das Américas 1978, em Cuba) e *Paragens* (Finalista do Prêmio Jabuti 2005, São Paulo), quem fala sempre sobre isso é o escritor mineiro Luiz Ruffato. Ao defender sua tese, Ruffato mostra que o operário, como personagem, foi pouco retratado na literatura brasileira. Segundo ele, antes dos meus textos, o trabalhador urbano só podia ser entrevistado em um que outro romance – *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, de 1890, *Os corumbas*, de Amando Fontes, de 1933, *O moleque Ricardo*, de José Lins do Rego, de 1935 – ou em um que outro conto – de autores como Mário de Andrade e Alcântara Machado.

P: Foi a partir de sua própria vivência como operário metalúrgico e gráfico que você partiu para explorar este universo?

RJ: Sou um dos poucos autores que escrevem sobre o migrante nordestino. Não tenho intenção de mudar de assunto ou mesmo buscar modismos, o que é comum em grande parte dos escritores brasileiros. De certa forma, busco devolver ao leitor aquele Brasil que já esteve presente em nossa literatura de ficção, sobretudo a partir

dos anos 30, que tanto ajudou na formação de uma consciência nacional. Escrevo sobre a vida que conheci como nordestino migrante, motorista de caminhão, trabalhador de construção civil e fábrica, buscando condições melhores em São Paulo. Não tive nenhuma intenção de tratar cientificamente fatos e personagens, não levantei teses sociais. Minha partida, claro, foi a experiência real, porém não escrevi como historiador, antropólogo ou sociólogo, muito menos cultivando correções políticas – e sim como escritor.

P: Como é para você dar voz a esta grande massa de invisíveis pela sociedade brasileira?

RJ: Desde o começo da década de 1970 venho escrevendo sobre o trabalhador em São Paulo, principalmente o migrante mineiro e nordestino que vive na metrópole. Pertencço à ala dos ficcionistas brasileiros ligados à realidade, e com o fito de comprovar a existência de uma temática nossa, brasileira, longe de esgotar-se. Escrevo com o que sou. Sou o que há de mim, apenas.

P: O que ficou na sua literatura da sua vivência no interior de Minas e no sertão da Bahia?

RJ: A minha vivência desse período é marcante na minha literatura. A infância e a adolescência são momentos ricos para o escritor e para a sua obra. Nasci em Campanário, norte mineiro, em 1949. Meus pais eram baianos, estavam ali desde o final da 2ª Grande Guerra, quando buscaram Minas para tentar a sobrevivência. Em 1960, minha família voltou para o sertão baiano nas proximidades da cidade de Campo Formoso. E essa volta foi importante para mim. Vivendo na casa de um tio, entrei num colégio protestante para fazer o ginásio e, ali, descobri a literatura. Em 1964, terminei o ginásio, mas meu pai não tinha condições de me enviar para Salvador para continuar os estudos. Com quinze anos, a minha perspectiva era trabalhar na roça ou ajudar meu pai, que possuía um velho caminhão. Virei, então caminhoneiro. Depois de servir o Exército em Salvador, vim para São Paulo, em 1970, e fui morar no bairro de São Miguel Paulista. Era fevereiro. Até abril bati muita perna em busca de trabalho. Na Nitroquímica, a maior fábrica de São Miguel, e que empregava quase todo mundo que chegava da Bahia, não tinha vaga. Rodei a cidade inteira até que, um dia, consegui uma vaga de ajudante de almoxarifado na Karmann-Ghia, em São Bernardo do Campo. Fiquei três anos empurrando carrinho cheio de peças para a produção. Em 1973, saí e entrei na Abril, como apontador de produção na gráfica. A partir daí, auxiliado pela empresa, fiz supletivo colegial e, depois, pude me formar em jornalismo. Foi na escola que comecei a escrever os primeiros trabalhos. Eram contos e, em todos eles, o cenário era a periferia paulistana ou os dramas dos migrantes na sua vinda. Virei, então, escritor e jornalista. Enquanto trabalhava em *Versus*, *Movimento* e publicações da Abril, continuei a escrever. Aí, um dia, mandei um conto para a revista *Ficção*, no Rio, e outro para a *Escrita*, em São Paulo. Ganhei os dois prêmios e não parei mais.

P: Por falar nisto, parece que de uns tempos para cá tem havido uma tendência muito grande de urbanizar a literatura brasileira. Como você vê isto?

RJ: É um processo natural. Ao contrário de décadas atrás, a maioria da população mora hoje nas cidades, que, violentas e brutais, se tornaram fonte de inspiração para quem escreve e vive nelas.

P: Você também fez suas incursões na literatura infanto-juvenil. Fale um pouco sobre esta experiência.

RJ: Há escassez de bons textos para o público jovem. Num limbo entre o leitor adulto e o infantil, os jovens sentem falta de uma literatura que aponte rumos num momento de formação da sua personalidade. Por isso, tenho escrito bastante para jovens. *Viagem ao outro lado do mundo*, publicado em 2009 pela Editora Positivo e que conta a história de um menino interiorano perdido em São Paulo, é um grande sucesso. Outro sucesso é *O jovem JK*, a biografia de um grande político e rica de aventuras e exemplos de vida. Nesta obra narro a infância e a adolescência de uma pessoa interessante da história num caldeirão em que se misturam experiências de vida, fatos e, para torná-lo de agradável leitura, uma pitada de ficção.

P: E a experiência como jornalista, ajudou na literatura? O que anda fazendo atualmente?

RJ: Gosto do exemplo do norte-americano Ernest Hemingway. Ele dizia que fazer jornalismo leva o escritor a escrever com clareza e simplicidade. Mas é bom lembrar que a literatura exige algo a mais, pois nela é essencial entrar na consciência dos personagens, inclusive em suas idealizações. O profissional da notícia precisa da capacidade de se concentrar em meio ao imediatismo das ocorrências diárias. O escritor precisa de tempo para observar, analisar, compreender e se aprofundar. Atualmente, escrevo um romance histórico, cuja história se passa em 1926, na Chapada Diamantina, Bahia, durante a grande saga da Coluna Prestes na região. Pesquiso o assunto há anos e acho que já estou amadurecido para mergulhar nessa fascinante aventura.

Fonte: O Estado de Minas

Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/>